

REIS MAIA

DOCTOR EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE DE LOUVAIN

libra

HONRA DE MULHER

Inglaterra

(HISTORIA DE GENTE BURGUEZA)

O maior risco da vida,
e mais perigoso, he amar.
Gil Vicente — Obras.



EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO AUCTOR

Depositário: LIVRARIA CRUZ — BRAGA

1918



0070

HONRA DE MULHER

TYP. DA EMPR. LITER. E TYPOGRAPHICA

♣ (Officinas movidas a electricidade) ♣

RUA DA BOAVISTA, 321 * PORTO * 1918



REIS MAIA

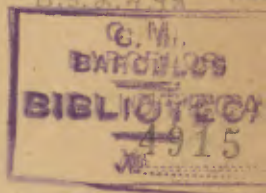
DOUTOR EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE DE LOUVAIN

HONRA DE MULHER

(HISTORIA DE GENTE BURGUEZA)

O maior risco da vida,
E mais perigoso, he amar.

GIL VICENTE — Obras.



Barcelona
Paris

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO AUCTOR

1918

C.M.B.
Biblioteca

Esta obra é propriedade exclusiva do
auctor, e foi registada conformemente
à lei.



0070

PRIMEIRA PARTE

Acabavam de bater as onze da manhã, muito compassadas e sonoras, no grande relógio de pendulo, com caixa antiga de pau preto, esculpulosamente conservado como reliquia amovel de familia. Ao ouvi-las repercutir, a criadita Arminda, muito risosna e satisfeita, trepou com passos saltitantes a escada do segundo andar, e foi direita ao quarto onde ainda dormia, envolto numa penumbra convidativa, Fernando Correia. Abriu muito levida as portadas de madeira das janéllas, e, sem mais attensões nem demoras, chamou pelo dorminte, em voz alta e bem timbrada:

— Senhor doutor! Senhor doutor!

E como elle lhe não respondesse nem dêsse signaes de vida, Arminda, autorisada a tal por um habito de todos os dias, poisou a sua mão direita sôbre o hombro d'elle, e sacudiu-o ligeiramente umas duas vezes. Depois de resmungar uns sons inintelligiveis, Fernando Correia deu uma volta, abriu levemente os olhos, e fitando-os, ainda a custo, no rosto prazenteiro da rapariga, perguntou-lhe quantas horas eram.

— E' já meio-dia, seu preguiçoso! — exclamou ella, com uns olhinhos muito maliciosos e tentadores. Sem a contradizer, Fernando tomou do relógio que tinha sobre a meza da cabeceira, e verificou as horas.

Ainda só eram onze.

Arminda conhecia-lhe o feitio vagaroso e somno-lento; e por isso, sempre que o ia despertar e elle lhe perguntava quantas horas eram, adeantava por sua conta e risco a hora verdadeira, para vêr se, com tal estratagemas, o obrigava a levantar-se mais rapidamente. Mas elle, que também já lhe comprehendia as maneiras, não se fiava na Arminda, a não ser quando ella, com semblante propositadamente serio, lhe dizia victoriosa:

— Pode vêr o relógio... pode vêr! Olhe que hoje não o engano!

E era verdade. Quando Arminda protestava assim, com aquelles modos muito solemnes, era certo que o não enganava.

Examinado o relógio, Fernando aconchegou de novo a si a roupa que o cobria, como para voltar a dormir. Arminda ficou-se quietamente a contempla-lo, cingindo-o com aquelle ar de meiguice amavel que todas as mulheres teem para com o homem que as domina e que, todavia, lhes não pertence. Decorridos, porém, uns momentos, averiguou que de nada servira o tê-lo acordado; pelo que, approximando-se cautelosamente do leito, e inclinando-se um pouco, depoz, quasi a medo, um beijo affectuoso sobre a testa de Fernando, que nem sequer teve ensejo para lhe agradecer, como

costumava, aquella caricia tão simples e ingenua, porque Arminda fugira precipitadamente do quarto, entre arrependida e envergonhada.

—Pobre rapariga! —murmurou elle, a meia voz, emquanto se espreguiçava langorosamente, para afugentar os ultimos torpores, que ainda lhe prendiam os musculos.

Levantou-se e vestiu-se. E ao mesmo tempo que procedia aos primeiros cuidados da manhã, Fernando Correia pensava na desvelada noite que tivera, por causa de uma mulher que ainda nem conhecia. Na verdade, a sua physionomia denunciava todos os effeitos causados ordinariamente por uma insomnia persistente e arreliadora! Os olhos, normalmente muito vivos, emmolduravam-se em umas orbitas escavadas e ensombrecidas, que lhes attenuavam aquella viveza. E as faces accusavam uma pallidez indiciosa, que tanto poderia denotar a serenidade profundamente reflexiva do seu temperamento, como a passagem de mais uma aventura feminina.

Fernando Correia era, de feito, um homem a quem o outro sexo privilegiava. E como não desconhecia tal prerogativa, tinha certo brio em pensar que se saía bem de quasi todas as proezas em que se envolvesse, inclusivé naquellas que, apparentemente, se mostravam mais difficultosas. Era um destes individuos que nascem para os successos mais arduos, e experimentam certo prazer em desmanchar os successos dos outros.

A' primeira vista, não era facil descobrir os mo-

tivos de tal superioridade. E' certo que se vestia bem, embora sem luxo; mas, com um tal ou qual esmero, que revelava um cuidado rigoroso da sua pessoa; e, se não é licito dizer-se que o seu aspecto physico era em absoluto irreprehensivel, contudo a sua figura não era de todo desagradavel. Havia, porém, nelle uma coisa que valia mais do que tudo isto: era a sua ousadia, a sua tenacidade, e, principalmente, a impressão de ironia exquisita que lhe transparecia do rosto altivo — uma destas caras limpidas e serenas que poucas vezes riem, e pertinazmente observam.

Contava vinte e oito annos.

Nessa idade, posto que geralmente não exista ainda a reflexão completa, que surge da experiencia dura, o homem já tem, contudo, adquirido uma somma de conhecimentos, que o habilitam a encarar, de um modo positivo, os flancos reaes da vida. E Fernando Correia possuia, sobre quasi todos os homens d'aquella idade, uma vantagem muito peculiar: era o haver estudado e reflectido por si só, aprendendo á sua custa, e desenvolvendo-se, quasi isolado, no meio da multidão banal. Tinha já concluido, com muito aproveitamento, o curso de Lettras, que frequentára em Lisboa; não com o intuito de exercer uma profissão lucrativa, que lhe aplanasse os rigores economicos da vida, pois dispunha de recursos sufficientes para levar uma existencia calma e sem trabalho, como legitimo herdeiro, que era, de uma familia abastada do Minho; mas porque, apesar de rico, sempre lhe repugnara o ficar sendo ignorante.

Durante os estudos, o seu espirito comprazia-se sobremaneira na leitura de muitos e variados auctores, particularidade esta que dera á sua pessoa uma cultura geral e bastante perfeita, que o sobrelevava facilmente á vulgar maioria dos outros collegas.

Terminado o curso na capital, regressou á sua casa da provincia, onde vivia ainda sua mãe D. Emilia Correia, uma santa creatura que punha naquelle filho o melhor e mais orgulhoso consolo dos seus annos. Eram essas as unicas pessoas que restavam da familia do honrado medico Antonio de Freitas Correia, fallecido havia tres annos, e que então viviam com a criada Arminda, empregada nos serviços de sala, e com uma outra criada, já idosa, que desempenhava os trabalhos de cozinha.

No meio d'este ambiente familiar tão restricto, Fernando era quem dirigia e administrava a economia domestica, superintendendo em todas as occupações habituaes, incluindo aquellas que, em outras circumstancias, pertenceriam a uma dona de casa. Assim, era elle quem escolhia as criadas, quem transmittia as ordens para ellas executarem, e quem era ouvido em tudo quanto dissesse respeito á organização interior da familia. Tudo isto, porque D. Emilia Correia já se encontrava bastante gasta, e, por conseguinte, relativamente impossibilitada de gerir por si os negocios que, havia uns dois anos, confiara ao filho. E a boa senhora não tinha razão de queixa, porque este, intelligente como era, tirava-se menos mal d'aquella

engrenagem em que o acaso o enredara, depois da morte, algum tanto prematura; de seu pae.

Mas Fernando tinha um defeito; um defeito proprio da sua idade e do seu temperamento. Extremamente galante para com o outro sexo, era raro que não procurasse travar uns amores, aliás escondidos, com as modestas e inexperientes raparigas que o acaso lhe deparava. Também não duravam muito esses amores; porque elle, mais do que a uma certa e determinada criatura, amava instinctivamente o sexo feminino, era fervoroso adepto do culto da Mulher.

Arminda não conseguiu subtrahir-se a essa regra geral. Nova ainda, mas com uns dezoito annos muito bem empregados, igualmente caíra nas garras d'aquelle conquistador insaciavel, que se divertia com ella.

Fernando Correia, sujeito no principio a impressões violentas, era d'estes homens em quem depressa se estilhaçam as arestas vivas da paixão, que, depois, se convertia num ameno sentimento de terna amisade para com aquellas que se lhe entregavam. E ellas bem o sabiam; ellas adivinhavam logo, passado algum tempo, que o «senhor doutor» lhes não pertencia, e não lhes podia pertencer. Mas, ainda assim, perdoavam-lhe indulgentemente as traições de que, uma ou outra vez, eram victimas, visto como elle, apesar de tudo, quasi as tratava como se fossem suas irmãs.

II

Quando, naquella dia, o foi acordar, e o viu, áquella hora, ainda tão adormecido, Arminda suspeitou immediatamente de qualquer deslealdade, commettida de noite, como por vezes succedia. Em tacs occasiões, Fernando levantava-se mais tarde do que o costume, que era, segundo a regra geral, pelas nove da manhã. Se, proximo a esta hora, elle não apparecesse em baixo, na sala de jantar, ou na varanda envidrada onde, por habito, lia os jornaes, Arminda ficava sabendo, desde logo, que um novo delicto se tinha perpetrado contra o seu affecto.

Então, permanecia nervosa, arreliada, e dava-lhe vontade de subir logo ao quarto d'elle, para o obrigar a levantar-se. Mas, dominada pelo respeito, lá se continha, lá roia, dentro de si mesma, a offensa infligida ao seu amor-proprio, e esperava, mal resignada, que, conforme o uso, soassem as onze horas, para o ir despertar.

E ella até se habituara a prever, de vespera, aquellas irregularidades do amante. Não porque este

a avisasse, ou tratasse com mais desdém, mas porque já lhe não eram extranhas as maneiras d'elle, anteriores a qualquer d'aquelles acontecimentos. Quando Fernando estivesse preocupado durante o dia, quando se mostrasse mais serio e absorto, era indiscutivel que «andava mouro na costa», como dizia Arminda á moça de cozinha.

Estes indícios significavam que elle estava a curtir uma nova aventura feminina, de que não queria ser estorvado. E, o que é certo, é que Fernando revestia propositadamente aquelle aspecto algo severo, com o fim de afastar de si as caricias que, por casualidade, Arminda lhe quizesse dispensar. Depois, extinta a crise, a physionomia de Fernando retomava a apparencia habitual, e voltavam as caricias. Era tambem este o unico allivio da pobre criada que, por experiencia propria, sabia que, atraz de uma traição, surgiam para ella novos momentos afervorados de amor. E fôra por isso que ella lhe dera, havia pouco, aquelle osculo conciliador e envergonhado, que era uma especie de symbolo de paz, depois de uma perfidia ligeira, e talvez infundada.

Porém, contra todas as expectativas da ingenua rapariga, o seu amante continuou, em todo aquelle dia, de austera catadura. Descendo do seu quarto, e encontrando-a, na varanda, a regar uns vasos de begonias, não lhe disse nada, e passou ávante.

— Aqui ha coisa! — pensou ella.

E, muito nervosa, arrebellava-se de o ter beijado momentos antes, quando o fôra acordar.

— Nunca mais me importarei com elle — protestava consigo mesma. — Pode rir-se para mim, que eu nunca mais quero saber d'elle para nada!

E a simples não se recordava de que já mil vezes havia formulado taes protestos, que nunca lhe davam resultado.

Os homens como Fernando têm sorte em tudo; as proprias mulheres lhes perdoam facilmente qualquer affronta, bastando, para as reconciliar, um sorriso ou um beijo.

Mas, a verdade era que, naquella conjunctura, Fernando Correia estava possuido de um capricho novo. Arminda não se enganava.

— Elle tem coisa.

E finha. Apesar de ser uma singela criada de provincia, sem outra instrucção que não fosse a de saber ler e escrever regularmente, Arminda dispunha, em alto grau, d'aquelle criterio profundamente psychologico, que permite, a quem o possui, adivinhar nos outros os sentimentos mais intimos, depois de umas ligeiras observações.

E Fernando era propicio a tal exame. Elle era d'estas pessoas que, embora reservadas e pouco falladoras, não podem, comtudo, occultar por completo o que lhes vac na alma, e traduzem involuntariamente, nas mais modestas particularidades, nas mais insignificantes minudencias, as ideias fixas que as agitam. Concentrado como era, as suas revelações de prazer ou de dor nunca se manifestavam muito vivas, e isto por uma disposição especial do seu temperamento. Os indivi-

duos, como elle, vivem, por assim dizer, internamente, dentro de si mesmos, embora se apresentem affaveis e communicativos no meio da sociedade. Acontece de estarem, muitas vezes, torturados por uma agrura intima, e, tanto no semblante, como nas palavras, exhibem, por principio ou por educação, signaes da maior indifferença, e até do mais franco bem-estar. Mas, quando a sós ou em familia, deixam estampar na fronte as linhas do mysterio que fóra de casa pretendem encobrir, e, isoladamente, deixam surprehender, tornando-se taciturnos, preoccupados e meditativos, alheios a tudo quanto se passa em redor, quasi não vendo nem ouvindo. Era por semelhantes symptomas que Arminda desconfiava do seu amante, que era tambem o seu amo, concluindo, em taes occasiões, que alguma coisa se entretecia no espirito d'aquelle a quem ella amava, embora com certo respeito e temor.

De facto, posteriormente á scena que se passara no quarto, Fernando Correia mostrou-se o mais reservado possivel. Sorria-se a espaços, mas esses sorrisos desapareciam rapidamente, immobilisando-se-lhe a seguir os musculos das faces, como por um encanto. E Arminda desejava adivinhar a origem de tudo aquillo.

—Deve de ser qualquer ideia de mulher, que anda por aquella cabeça. . . — cogitava ella, mordendo os labios.

E, acto continuo, impaciente e inquieta, interrogava-se a si mesma, pretendendo descobrir á força o motivo exacto d'aquella crise.

—Se eu lh'o perguntasse. . . — pensava.

Mas, evidentemente, não se atrevia a tal. A pergunta vingaria desgostá-lo, e até, acaso, enfurecê-lo. Elle podia objectar-lhe que ella não tinha nada que ver com a sua vida, podia até não lhe responder, ou dizer-lhe qualquer coisa que a magoasse. E se, pelo contrario, Fernando quizesse proceder de outra forma, mostrando-se attencioso para com ella, porventura não lhe seria facil inventar uma desculpa, pretextando quaesquer negocios da administração da casa? Incontestavelmente que sim; e, por conseguinte, nada lucraria em affrontar-se com elle. O melhor e mais prudente seria esperar, a ver se elle lhe fazia, por iniciativa propria, qualquer revelação, ou, pelo menos, alguma caricia que a tranquilizasse. Mas, com toda a certeza, o seu amante não era homem capaz de lhe dispensar revelações que o empenhassem, sobretudo quando dissessem respeito a aventuras femininas.

Arminda sabia bem que não tinha direitos a exercer sobre elle, e que, por isso, lhe não podia prohibir as noites amorosas dispendidas na companhia de outras mulheres, de outras mais lindas do que ella, e, principalmente, mais bem vestidas do que ella. E quando, uma ou outra vez, ella tivera a coragem de alludir a taes circumstancias, elle negava sempre, cortando cerce a arguição, obrigando-a assim, e indirectamente, a calar-se. E a rapariga calava-se, não proseguia mais, afogando, num mal contido despeito, o seu brio e o seu amor-proprio.

Que não era feia, sabia-o ella por demais. Faltava-lhe, porém, uma qualidade que não pudera dar ao seu amante, porque, infelizmente, a havia já perdido,

antes de o conhecer. E a particularidade de tal desvirtude, que era um factor de valia, não lhe facultava o direito de ser mais exigente do que o que era, obrigando-a a resignar-se com a sua sorte, e com o tratamento que o segundo homem lhe impunha. Portanto, o melhor era conformar-se caladamente, porque aquillo não podia ser coisa de maior.

Depois de elaborar semelhantes reflexões, Arminda dirigiu-se para a sala de jantar, a fim de servir o almoço. Mas, observando que devia primeiramente ir arranjar-se, entrou no seu quarto, para cuidar do vestuario. E então pensou em fazer-se, n'aquelle dia, mais bonita. Escolheu o fato preto mais novo, e poz o avental branco mais rendilhado. Ageitou o cabello (que o tinha volumoso e assetinado), e atou nelle uma fita de seda escura. E, finalmente, olhou-se ao espelho, para o qual sorriu com certo ar de satisfação.

Na verdade, como ainda havia pouco pensara, Arminda não era nada desgraciosa. Posto que não fosse de uma belleza artistica, era d'estas mulheres que seduzem e attrahem, tanto pelos encantos naturaes que lhes ressumbram do rosto cheio de frescor, como pelo conjuncto bem proporcionado da estatura. Possuia, emfim, aquillo a que se pode chamar a graça feminina, que é uma coisa rebelde a quaesquer descrições imaginativas. E naquelle dia, pela forma como se vestira e ataviara, Arminda conseguiu realçar extraordinariamente a sua graciosa apparencia. Dir-se-hia que os seus lindos olhos pretos se haviam tornado mais scintillantes, e que o colorido leve das faces era mais

velludoso. Um tenue doairo de tristeza se accentuava nas contracções dos labios que, quando riam, patenteavam uns dentes deliciosos de alvura. E muito senhora de si, conscia de que valia qualquer coisa, punha no seu todo uma ligeira nota de arrogancia que, por não exaggerada, a fazia mais appetecivel e elegante.

Assim se encaminhou para a sala de jantar. Já lá estavam, sentados á meza, Fernando Correia e sua mãe D. Emilia, que conversavam distrahidamente sobre assumptos caseiros. Começou o almoço. Arminda, propositadamente, collocava-se, como por acaso, em frente de Fernando, para lhe attrahir a attenção, mas sem o fixar. E quando este a observou, assim vestida e adornada, com aquelle pequeno ar de vaidade offendida, que lhe exalçava a gentileza, não pôde deixar de lhe sorrir. Mas ella, fazendo de conta que nada percebera, apressou-se a sair da sala, procurando exteriorisar uma seriedade grave, que, no fundo, não era senão um arrufo de mulher que ama.

E Fernando Correia, ao vê-la assim a fugir do seu sorriso e do seu olhar, logo assentou, de si para si, muito satisfeito e altivo, em que, afinal e apesar de tudo, ella era a vencida e elle o vencedor. Elle sabia bem, o vaidoso, do poder secreto de que dispunha.

Ha bastantes homens como elle — que (diga-se com reserva) não são, positivamente, os melhores que podem apparecer a uma mulher.

III

Sem embargo de tudo isso, não obstante ser provido de um temperamento naturalmente propenso ás aventuras de amor, Fernando Correia, aos vinte e oito anos, ainda se conservava solteiro. E, o que é mais, não tencionava casar-se.

Como todos os homens que se embrenham em luctas d'aquella especie, elle receava perder a liberdade ampla que tal estado lhe garantia, e que a sociedade legisladora costuma reconhecer aos individuos solteiros. Mas, decerto que esse receio não devia de ser o unico, nem o principal motivo, que o afastava dos complicados laços matrimoniaes. Havia de existir outro, mais forte e explicativo, que justificasse cabalmente aquella situação. Na verdade, os homens que affirmam que nunca se casam, e publicamente affixam o seu horror, ou melhor, a sua antipathia perante a ideia do casamento, são, na mór parte dos casos, aquelles que mais depressa se desmentem, e, muitas vezes, pela forma mais cruel. Por muito firme que seja a vontade, por muito deliberadas que sejam as resolu-

ções a respeito de tal assumpto, de nada valem essa firmeza e deliberação, num problema em que predomina mais o sentimento do que a ideia, em que as circumstancias ou o acaso são tudo, e o raciocinio é pouco ou nada. A verdadeira explicação do facto está quasi sempre na urdidura d'aquellas circumstancias; na exhumação imprevista d'aquelle acaso.

Tal era a hypothese de Fernando Correia, que, se naquella idade ainda se não encontrava casado, era apenas porque as circumstancias ou o acaso lhe não tinham posto no caminho o elemento preciso que o coagisse a desviar-se da linha sinuosa do celibatario. Era, emfim, porque ainda lhe não tinha surgido na frente a primeira figura extranha do mulher, que é capaz de mover o homem ás mais loucas das resoluções.

Como bem pode deprehender-se, a sua vida, até aquella época, tinha sido uma vida agitada e plena de surpresas, uma vida de superflua familiaridade com todas as gradações da complacencia feminina. Vivera na capital, por largo espaço, emquanto fizera o seu curso academico: e, durante esse periodo, o seu coração abrira-se para o amor e para o prazer, como todos os corações dos rapazes de vinte annos. Conhecera, nêsse enviezado percurso, que farte de mulheres formosas, e gosara a honra de ser distinguido por ellas, com mostras de uma preferencia captivante. Mas, em todas e em cada uma d'ellas, não lhe apparecera, nem era facil ter apparecido, aquella que devia de ser o seu ideal, ou melhor e mais precisamente, o seu destino.

Regressando depois a casa, para junto de sua mãe, numa villa modesta da provincia do Minho, Fernando Correia fruiu, a principio, de uns momentos de repouso e de anesthesia, que, a breve trecho, começaram a ser-lhe torturantes. Naquella terra, cujos habitantes apparentavam, pelo menos, uma moralidade rude, faltava a Fernando Correia o primordial elemento, aquelle pelo qual o seu coração continuamente batia, e com o qual a sua viva imaginação constantemente sonhava. E os dias principiavam a deslisar, tristes como os de um torpente outomno, para aquelle espirito que amava a luz e a variedade, o embate dos sentimentos e as alegrias do que se chama a civilização das grandes cidades.

Para se resarcir d'este isolamento forçado, Fernando comprehendia frequentes viagens ao Porto, onde então aspirava, a largos haustos, o ar talvez impuro dos meios barulhentos. Essas viagens eram como que umas clareiras na densidade das sombras, como que uma tentadora miragem na escampada aridez da vida provinciana. Recolhia a casa; e, durante alguns dias, o seu espirito tranquillizava-se, amoldava-se, afazia-se. Realisava-se nelle, a pouco e pouco, a grande lei da adaptação ao ambiente, fatal e necessaria na vida de todos os homens, ainda os mais rebeldes.

E, neste em meio, Fernando habituou-se. Para isso concorreram o melhor conhecimento do burgo em que vivia, a criação de relações na esphera restricta d'esse burgo, e, acima de tudo isso, algumas despretenciosas aventuras feminis, d'entre as quaes sobressahia a sua

ligação com Arminda, que, por uma casualidade, se installara em sua casa.

A principio, Fernando sympathisou logo com o semblante e ademanes da nova creada; e, como um homem que previa os acontecimentos banaes da existencia, immediatamente gizou no seu espirito o plano strategico da empreza, que tão pouco difficullosa se lhe antolhava. Não havia nisso escrúpulos de consciencia a salvaguardar, ou responsabilidades graves a medir, a não ser as que virtualmente promanam de todos os vinculos semelhantes, entre um homem que é, por instincto, conquistador, e uma mulher que é bastante ingenua para se deixar subjugar. Não vá comtudo imaginar-se que Arminda fosse uma creatura com uma base moral tão abalada, que a sua conquista pudesse considerar-se como uma empreza futil. Não!

Apesar de ter largado as primicias da sua pureza nas mãos de um homem que a não soubera ou não quizera honrar, ella era ainda bastantemente crédula para confiar na segunda visão de amor, que a sua juventude lhe encarecia, e para, conseguintemente, se deixar embellecar pelas palavras doiradas, de que um individuo como Fernando sabia haurir vantajoso partido. Assim se iniciou aquelle idyllio, embebido de candura e simpleza por parte d'ella, e impregnado de utilitarismo e piedade por parte d'elle.

E tudo isso devia durar até um dia, até aquella hora em que Fernando, impellido pela sorte, topasse com a mulher que afinal o enfeitçasse. Emquanto isto não acontecesse, as suas relações com a modesta

criada constituiriam para elle o melhor passa-tempo que lhe fôra dado descobrir, não fallando nas curtas infidelidades, que praticava um pouco, aqui e além, e que, momentos depois, lhe eivavam a alma com uma tristeza caracteristica, impossivel de definir.

Finalmente, a eventualidade bateu um dia á sua porta; e Fernando, ou por bem ou por mal, teve de lh'a franquear. O homem que se ria das paixões atormentadoras, e que, com um scepticismo intellectual, não acreditava na ansia immensa que, em corações masculinos, pode produzir uma figura de mulher, acordou enfim da sua já gasta indifferença, e nasceu, por assim dizer, para as crises infernaes do amor.

— Devia ser alguma ideia de mulher — dissera Arminda consigo mesma, ao notar a frieza invulgar do seu amante.

Mal imaginava ella que, sob aquella frieza apparente, uma outra mulher conseguira, na verdade, aticar um incendio devorador.

IV

Estava-se quasi nos fins do verão; naquella epoca em que os excessos da estação calmosa principiam brandamente a quebrantar-se, e é mais suave e subtil a atmosphera.

Em uma d'essas noites, Fernando Correia foi ao theatro, para assistir á representação de uma peça dramatica, que ia ser desempenhada por um grupo escolhido de amadores da terra.

A plateia estava compacta; os camarotes repletos. Fernando occupava uma das cadeiras do centro, rodeado de uns patricios, seus conhecidos. Antes de começar o espectáculo, poz-se a contemplar o aspecto da sala, que, de verdade, era encantador.

Quem, por acaso, já entrou em algum d'esses pequenos theatros de provincia, pode bem calcular o que seja a sua assistencia, em dia de representação, toda geralmente composta de pessoas e de familias que, necessariamente, se conhecem. Os cavalheiros, muito amaveis, como se estivessem num baile familiar, cumprimentam da plateia as senhoras que se debruçam

nos camarotes, e, nos intervallos, conversam, aqui e além, uns com os outros, aos grupos. Retrata-se bem ali a singeleza da vida provinciana, despida de grandes sensações, e alheia a encontros inesperados. Não ha a notar-se a passagem, embora rapida, de uma cara desconhecida, o deslizamento gracil de um vulto feminino, que nos faça olhar para traz, de um perfil seductor, que agite e incommode.

Mas, naquella noite, Fernando Correia encontrou lá uma d'essas figuras; divisou a fortuitamente, apoiada sobre o parapeito de um camarote, a olhar de um modo vago para a plateia. E essa visão, que era uma realidade, fê-lo estremecer. Curioso e inquieto, deu-se pressa em interrogar o visinho da direita, a fim de se elucidar sobre a personalidade da formosa desconhecida, que tanto e tão fortemente o impressionára.

— E' uma filha de um sujeito do Porto, que ha uns dias está a morar com a familia na «quinta da Pena» — respondeu o interpellado.

— E quem é esse sujeito que veio viver para aqui? — insistiu Fernando.

— Não veio para residir definitivamente; creio que apenas fica ali uma temporada, por causa da mulher, que está doente. Não sei se o doutor já ouviu fallar no Telles da Silveira, que teve um grande negocio, e que, segundo me parece, ainda é socio com-manditario da casa?

— Não tenho ideia — respondeu Fernando, ansioso por obter ainda mais explicações.

— Pois aquella senhora é a filha d'elle... olhe:

lá está o pae, aquelle sujeito gordo, com bigode grisalho...; e aquelle rapaz, julgo eu que é um irmão d'ella...

— Ah! — articulou Fernando, esperando que o seu visinho continuasse.

E depois de relancear os olhos para o camarote, proseguiu o cavalheiro:

— E' uma creatura bonita, não acha?

— E' interessante — disse Fernando. E inquiriu, com certo medo: — Decerto ainda é solteira?

— Creio que sim.

Ao ouvir esta resposta, meramente suppositiva, Fernando Correia sentiu-se como alliviado de uma oppressão que o atochava. Afigurava-se-lhe que a sua alma se inundava de luz, como se lhe tivessem rasgado um veu que lhe ensombrava a existencia. O raio luminoso de uma carinhosa esperanza jorrava a flux, sobre o seu espirito, toda a luzerna do mais bello e seductor porvir. Mas de repente, como uma corrente electrica, com a velocidade de um relampago, uma duvida lhe assaltou o cerebro. Não teria querido o destino cruel que elle já houvesse chegado demasiado tarde? Porventura, não seria provavel que aquella mulher já tivesse encontrado alguém, a quem dedicasse o seu affecto? E sendo assim, que lucrava elle em que ella ainda fosse solteira? De que lhe valia o ter-se deixado impressionar pela gentileza da sua figura? — Mas isso pouco importaria — commentou elle, dentro de si mesmo, resolvido a destruir todos os obstaculos que acabavam de lhe occorrer. — Por seu

lado, havia de fazer tudo quanto em si coubesse, para que ella lhe pertencesse ! Tudo !

E ao jurar, no mais recondito do seu ser, que trataria de pôr em jogo todos os elementos que conduzem á victoria, Fernando Correia experimentava em si toda a energia de que pode servir-se um homem, quando, a valer, deseja effectuar um projecto audacioso. Teria talvez de lutar: e luctaria ! Teria de arcar com difficuldades imprevistas: e arrostaria com ellas ! Ver-se-hia constrangido a empregar meios de escabrosa realisação: e executá-los-hia, para sahir vencedor !

Entretanto, no palco, proseguia a representação começada. E Fernando Correia não descobria nesta o mais pequeno interesse, o mais insignificante attractivo. A luz dos olhos d'aquella mulher cegára-o para o exterior, como succede com todas as grandes commoções, que desorientam e extraviam. De vez em quando, olhava para o camarote; mas, como este ficava á retaguarda da cadeira em que estava sentado, a sua vista perscrutadora deparava com os bustos impassiveis dos espectadores que, detraz d'elle, presenciavam o desempenho da peça. E, por isso, sacrificava-se a não se voltar a miude, só com o receio de que alguém lograsse descobrir a sua inquietação, e, assim, pudesse tolher, logo á nascença, o seu risonho plano.

E, durante o espectáculo, o seu espirito continuou sempre intranquillo: ora impaciente e irritado, por lhe ser impossivel satisfazer immediatamente um ideal ainda longinquo; ora sonhador e romanesco, delineando phantasias, no vôo alado da sua imaginação ardente. E,

de cada vez que alcançava contemplar a mulher que, tão improvisadamente, o ferira em pleno coração, de cada vez ella lhe apparecia mais bella, mais formosa, mais arrebatadora.

A filha do Telles da Silveira, provavelmente desconhecedora do que se desenrolava no animo d'aquelle espectador da plateia, parecia assistir, mais ou menos distrahida, a tudo o que se passava em redor; e, se momentaneamente chegou a encaral-o, acontecera isso talvez casualmente, sem haver lido, naquelles olhos luminosos de um moço, os primeiros prodromos de uma paixão que requieima.

Terminou, finalmente, o espectaculo. E enquanto as palmas, estrugindo com sonoridade, applaudiam os amadores, que se enfileiravam em scena, Fernando relanceava para a filha dos Silveiras uns olhares furtivos.

Tanto que a viu retirar-se do camarote, saiu tambem apressadamente da sala, com o fim de a esperar na rua, para a fixar melhor, para a acotovelar, se pudesse.

Avistou-a no atrio, juntamente com o pae e o irmão, a despedirem-se de um negociante da terra, que devia ser conhecido d'elles; depois, viu-a passar quasi a seu lado, e entrar, com a familia, na carruagem que os aguardava.

E então, quando o cocheiro fustigou os cavallos, e Fernando ouviu a seguir o barulho das rodas a girar sobre o pavimento calcetado da rua, deu-lhe uma vontade desatinada de correr atraz d'ella, de lhe sair ao

encontro, de fazer parar o carro, e de lhe dizer, sem mais rodeios, que a amava loucamente.

— Mas como eu sou doido! — pensou.

E entrou a reflectir mais friamente; e, de novo, senhor de si, dominando os zigue-zagues da sua phantasia impetuosa, deliberou esperar e ter fé — que é ainda o melhor remedio que resta áquelles que, com vehemencia, nutrem um desejo ambicioso.

Lá ao fundo, na encosta da calçada, a carruagem estava quasi a desaparecer. Ella levava dentro a illusão de um homem de vinte e oito annos, devaneador e energico, desassocegado mas crente.

V

Cerca de dois annos atraz do que acaba de narrar-se, a familia Telles da Silveira vivia no Porto, installada em um magnifico palacete da Avenida da Boavista.

Todo o fasto de que podiam gozar, atendendo á avultante fortuna que possuiam, circunscrevia-se a uma existencia farta de commodidades, dentro d'aquelle palacete, arranjado com elegancia, e até com certo luxo.

O senhor Antonio Telles da Silveira resarcia-se assim do modo de viver bastante modesto, que levava em casa de seus paes, negociantes como elle, mas que não tinham conseguido imita-lo na acquisição de tão subida riqueza. A esposa, D. Maria do Carmo Telles da Silveira, senhora de compleição bastante delicada, e muito sujeita a achaques intermittentes, comprazia-se immenso em um viver intimo e caseiro, ao lado do marido, a quem respeitava, e da filha, sympathica creatura de dezenove annos, havia pouco sahida do collegio, que, mais de perto, lhe amenisava as horas

da doença e da solidão. Um filho, mais novo do que a irmã (pois apenas contava uns doze annos), estava ainda no internato, d'onde só aos domingos e dias feriados vinha a casa dos paes. Chamava-se Alberto o juvenil estudante, que era sobremancira estimado de seu pae, o qual só ambicionava que elle crescesse e se instruisse, para lhe succeder, o mais depressa possível, na importante empreza commercial de que era socio commanditario. Mas o rapaz, assazmente rachitico e aminado, não parecia afadigar-se em satisfazer as ambições do pae, que o desejava ver homem.

Nesta ordem de ideias, o Telles da Silveira visitava frequentemente o collegio, onde o Albertinho se encontrava, recommendando-o com insistencia aos professores, para que estes o ensinassem convenientemente e puxassem por elle, eximindo-o, bem entendido, das penas disciplinares correspondentes. Apesar de taes recommendações, Alberto não progredia muito nos seus estudos, porque já tinha ouvido dizer aos companheiros de collegio que o pae era extraordinariamente rico e que, por isso, lhe não era preciso estudar. E certo é que o escolar conformava-se de boa mente com o que lhe diziam os collegas, ou fosse porque accetava como verdadeira a doutrina que lhe pré-gavam, ou porque o seu espirito, ainda pouco desenvolvido, se não preoccupava muito com as fervorosas aspirações paternas.

A's vezes, posto que raras, o Telles da Silveira fazia-se acompanhar da filha, para irem ambos ao collegio, a visitar Alberto; e, quasi sempre, era isso um

pretexto para que Maria Josina — assim se chamava a filha do Telles — pudesse dar um passeio, e distrahir-se um pouco.

O Albertinho ficava todo satisfeito quando recebia taes visitas, não só por estas o libertarem, uns momentos, das regras da disciplina collegial, mas ainda porque era muito amigo do pae e da irmã, que lhe levavam sempre pacotinhos de chocolate de leite.

Quando o Telles e Maria Josina appareciam no edificio escolar, eram logo conduzidos para uma sala de visitas, cujas janellas davam para um amplo terraço, que servia, no inverno, de logar de folga para os alumnos.

Acontecia, por vezes, serem horas de recreio; e, então, quando Maria Josina se punha a olhar, atravez das largas vidraças, para aquelle terraço, os estudantes, que já a conheciam de a ter visto em outras occasiões, chamavam ordinariamente a attenção de Alberto que, a pular de contente, corria á sala a fallar com o pae e com a irmã, depois de obtida a licença regulamentar. Entretanto, ella continuava a observar ociosamente o terraço, attrahida pelo bulicio dos meços que brincavam; e, encarando com uns ou outros olhos mais atrevidos que a fitavam, corava ligeiramente, e abaixava, por um instante, as palpebras voluveis, pormenor este que passava despercebido ao pae, o qual se entretinha a contemplar, com curiosidade apparentemente mercantil, uns exemplares zoologicos embalsamados, que estavam encerrados numa vitrina da sala.

No meio d'aquelles collegiaes, havia alguns, já

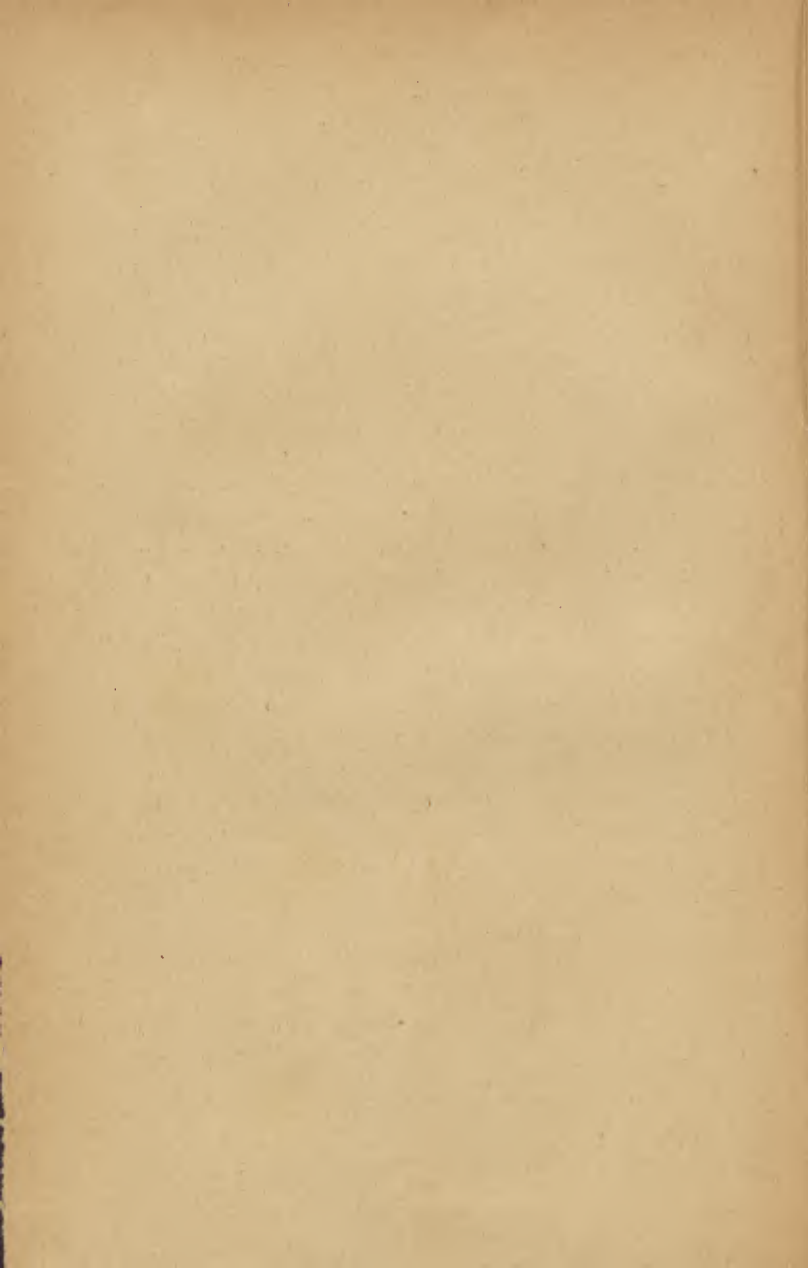
bastante crescidos, que gostavam, a valer, da irmã do seu collega; e que inteiramente se regosijavam quando alli a viam, — o que, aliás, succedia normalmente, todas as occasiões em que, na sala de visitas do internato, divisavam o vulto tentador de qualquer rapariga, pertencente á familia de um ou outro collegial. Esses rapazes, já entre os quinze e os dezoito annos, manifestavam, desse modo, a attracção natural que sentiam pelo outro sexo, a qual era tanto mais forte, quanto mais afastados viviam do elemento mulheril, de harmonia com o isolamento classico de tal especie de institutos. Na sua imaginação de moços, elles reproduziam e comparavam as imagens de todas aquellas irmãs dos companheiros que, por acaso, appareciam no Collegio, e discutiam, uns com os outros, os predica-dos que, em seu entender, realçavam mais a esta ou áquella. Claro é que, a tais contendias, nunca assistiam os irmãos das alvejadas, visto como, pela sua situação e pelo melindroso do problema, estavam inhabilitados de votar sobre tão delicados e interessantes assumptos.

Havia, porém, um, entre todos aquelles rostos bissonhos de estudantes, que afagava uma sympathia especial e muito accentuada pela irmã do Albertinho Silveira. Depois de intencionalmente a ter encarado umas duas ou tres vezes, planeou frequentar e abeirar-se do pequeno Silveira, a fim de conquistar, a pouco e pouco, e sagazmente, a sua amizade. Isto lhe propiciaria motivo para conseguir ser admittido, mais tarde ou mais cedo, na casa de Maria Josina, e poder

então manifestar-lhe os sentimentos, que por ella nutria.

Começou, pois, Julio de Moraes a approximar-se e a privar mais de perto com o irmão da filha do Silveira, por forma tal que, em uma occasião em que ella voltou ao collegio com o pae, já o astuto moço levava por bom caminho o projecto que tinha delineado. Nêsse dia, estando a brincar com outros no terraço, foi elle quem primeiramente preveniu o Alberto de que estava alli a irmã; e, afim de ser observado por esta, acompanhou o pequeno Silveira, com toda a naturalidade possivel, até á porta da escada, que dava accesso á sala de visitas. Depois, disfarçando, tanto quanto lhe era possivel, os seus intuitos, não desapegou os olhos da janella onde ainda se conservava Maria Josina, obtendo assim que esta o fitasse, com uma bem augurada demora.

Mas, a esse tempo, já Alberto havia chegado á sala a encontrar-se com o pae e com a irmã, a quem elle, por abreviatura, chamava «Zizi»; e, exactamente nessa altura, desaparecia tambem da janella o busto já assaz flexivel da visitante que, durante uns momentos, prendera e enleara o coração do amigo de Alberto Silveira.



VI

Acabada a visita, que durou cerca de meia hora, o Telles da Silveira e a filha despediram-se do collegial, que logo correu ao recreio, que ainda durava, com os bolsos atapalhados de chocolate e biscoitos.

Em antes de abandonar a sala, Maria Josina não pôde conter-se sem que, instinctivamente, se acercasse da janella, e olhasse rapidamente para o local em que, havia pouco, vira Julio de Moraes. De facto, este encontrava-se a postos, na paciente esperança de a vêr reapparecer, como realmente succedeu. E os olhos de ambos entrechocaram-se de novo, mas de uma forma mais significativa, como são os olhares de duas creaturas, que se dizem muitas coisas pela primeira vez. Tambem foi repentino esse olhar; mas foi o sufficiente para fazer estremecer os corações de um e de outro, que, desde então, e sem sequer se terem falado, principiaram a amar-se.

Maria Josina saiu bastante perturbada, porque não tinha ideia de que jamais alguem a tivesse fixado por aquella forma. E o seu corpo vibrava inteiro, quando

a imaginação lhe retratava as pupillas intensas d'aquelle collegial, que tamanha impressão lhe produzira. Ella nunca havia sentido coisa semelhante. Parecia-lhe até que a atormentava uma pontinha de febre.

Calada e scismadora, como alheada de si mesma, desceu machinalmente, com o pae, a escadaria do collegio.

E ao pisar a rua, representou-se-lhe na ideia que era mais fresca a atmosphaera.

Como continuasse silenciosa e taciturna, o pae, julgando que aquillo fossem saudades do irmão, disse-lhe a rir:

— Parece que trazes saudades do Alberto, Zizi! Deixa que no domingo já o tornas a ver; e se quiseses vir cá em antes, é só dize-lo; eu virei contigo.

A filha córou. Não sabia que responder. E, após uns segundos de hesitação nervosa, com medo de trahir a origem dos seus sentimentos, limitou-se a redarguir:

— Não, papá; não é preciso!

— Está bem: é como quizeres.

E, logo a seguir, o Telles da Silveira propoz á filha para não regressarem immediatamente a casa, e irem, de preferencia, passear, durante uma hora, no automovel que os havia conduzido ao collegio.

O carro entrou a voltar pelas ruas mais centrais da cidade. Maria Josina quasi não via os transeuntes, agglomerados sobre os passeios, deante das exposições enfeitadas dos armazens. O seu espirito, a principio, dir-se-hia dissipado no meio de uma neblina diaphana,

que lhe não permittia distinguir claro o horisonte dos dias vindouros. Gradualmente, com a velocidade do auto, a nevoa ia-se desaggregando; as pulsações do coração tornavam-se menos intercidentes; todo o seu systema nervoso recuperava a serenidade e a consciencia meio perdidas; e, quando a carruagem estacou afinal, em frente ao palacete da Boavista, já ella se julgava bastante senhora de si mesma, resolvida a não deixar atraçoar, pelos seus olhos ou pela sua attitude, o quer que fosse do que se havia passado.

Entrando em casa, Maria Josina percebia um certo ardor, que talvez pudesse attribuir á quentura do ambiente; e, de animo prazenteiro, correu pressurosa ao jardim, a encontrar-se com a mamã. Sentou-se ao pé d'ella, e beijou-a enternecidamente, com enthusiasmo. Purpurearam-se-lhe levemente as faces, ao pensar que aquelles beijos constituíam para ella um allivio, e resultavam de uma necessidade phisica, que a constrangia a beijar alguem.

E ao seu espirito galgou, muito rapidamente, uma ideia que a deliciou.

Osculou de novo a mãe, num transporte tão febricitante, que não pôde evitar um pensamento desmaliçoso:

— Se fosse elle!

Movida por aquella expansão tão doce, D. Maria Telles experimentou a necessidade de acariciar a filha:

— Vens hoje muito contente, Zizi!

— E' verdade, mamã! — respondeu ella.

E Maria Josina principiou a contar á mãe a visita

feita ao collegio, e o passeio que depois dera com o pae, e que a dispuzera admiravelmente; e que, por certo, antes de domingo, volveria a visitar o irmão que — explicava ella — ficava sempre todo satisfeito quando o iam vêr...

Seguidamente, fallou das suas cousas femininas, das suas roupas; que tinha vontade de comprar outro vestido: um vestido mais leve e mais claro, proprio da estação que ia entrar, porque já começavam os dias de sol.

— Para vestido de verão, ainda é cedo — objectou a mãe.

— Mas não; ella não queria vestido de verão; mas desejava um do ultimo modelo, embora de fazenda que fosse ainda um tanto encorpada. E se, por acaso, estivesse frio, cobriria o casaco de agasalho, a malha que o papá havia trazido de Lisboa. Demais, os mostruarios já estavam cheios de padrões novos, destinados a dias primaveris. E se a mamã quizesse, ainda podiam ir naquella tarde á officina da modista d'onde se sortiam. Era só prevenir o conductor do automovel, porque ainda havia tempo de se concluir tudo, antes do jantar.

Mas D. Maria Telles sentia-se um tanto fatigada, para acompanhar a filha naquella tarde:

— E' melhor irmos amanhã, pelo meio-dia... — atalhou ella.

E Maria Josina resignou-se, ponderando que, de facto, a demora não era grande. Sem duvida que ardia em desejos de possuir já alli, se possível fôsse, o

seu vestido novo: mas enfim, ainda havia tempo de o trabalhar até meados da semana proxima, occasião em que poderia voltar ao collegio.

Por fim, até achou isso mais conveniente. E naquella cabecinha amorosa desdobravam-se incendidamente os primeiros planos. O irmão viria a casa no domingo; e, nessa altura, ella iniciaria as pesquisas, perguntando-lhe, muito naturalmente, quem era aquelle estudante que o fôra chamar, quando ella e o pae estavam na sala de visitas do collegio. Para que Alberto nada suspeitasse, saberia dirigir-lhe as perguntas, estudaria a melhor forma de as propôr, do que — pensava — se tiraria sem embaraço.

E como, naquelle dia, lhe appetcesse variar continuamente de sensações, disse á D. Maria Telles que ia estudar um pouco ao piano.

Retirou-se do jardim, e subiu ao salão. Ao atravessar em frente de um espelho, quedou-se, embevecida, a apreciar a flexuosidade das linhas, que lhe vincavam a já donairoza estatura. Depois, sentada ao piano, arrancou do teclado umas notas vibrantes e harmoniosas, como os primeiros gorgeios das aves canoras ao despontar da primavera.

Deteve-se subitamente.

E, reflexionando uns momentos, pegou de um papel, que escolheu d'entre uma pasta de marroquim, e excentou um trecho de musica muito harmoniosa, muito suave.

Era o côro derradeiro do primeiro acto da *Lakmé*.

No fim, levantou-se com os nervos tremulantes; e,

relembrando-se do olhar carinhoso do collegial, que a imaginação activa lhe reproduzia fielmente, Maria Josina experimentou em si um desassocego indefinido, vago, torturante, e, pela vez primeira, comprehendeu que estava preza de amor.

VII

Julio de Moraes, logo que viu desaparecer, da janella da sala de visitas do Collegio, a esbelta estatura da irmã do seu companheiro, caiu naquella especie de somnolencia do espirito, que sóe atacar os homens mais indifferentes, quando internamente os espicaça a suave esperanza de um amor ainda longinquo.

Por emquanto, apenas uma ideia lhe perpassava no cerebro: e vinha a ser a ideia de que gostava extraordinariamente d'aquella rapariga. De feito, em tal idade, a filha unica dos Telles da Silveira era dona de um corpo bem desenhado e elegante, apto a estontejar um rapaz como elle.

Para um homem conhecedor e experimentado, não podia dizer-se, em verdade, que Maria Josina correspondesse então a um ideal completo; a tal fim, escasseava-lhe ainda o quer que é que existe nas mulheres perfeitamente desenvolvidas, e que tem o condão de as tornar altaneiramente invejaveis aos olhos cupidos do sexo feio. Mas para Julio de Moraes, que era um simples collegial, nada avezado a feitos amo-

rosos, a filha do Silveira encerrava qualidades de sobra para o attrahir e enlear.

Era certo que Julio tinha já um namoro; um d'estes namoros de creanças, que as proprias familias protegem, e até, em muitos casos, fomentam e encaminham. A namorada de Julio era uma sua prima, a Alice, com quem elle brincava frequentes vezes durante as ferias, quando ia a casa d'ella, quasi todas as tardes. Os paes de Julio e de Alice viam com bons olhos aquellas relações infantis, e tinham o projecto bem formado de que os dois primos seriam, mais tarde, noivos um do outro. Tratava-se, além d'isso, de um casamento de interesse, porque as fortunas de ambos, opportunamente reunidas, permittiriam que o futuro casal vivesse bem, ficando tudo em familia.

E o estudante, a bem dizer, não desgostava da prima. Achava-a talvez bastante nova, porque Alice só tinha então uns quatorze annos; mas quando elle viesse a formar-se, com certeza já ella seria uma mulher, e nada se poderia oppôr á realisacão do enlace. Por isso, Julio adheria tacitamente e de bom grado áquelles planos, perfeitamente harmonicos com o passado e com o futuro.

Depois da scena que se dera com Maria Josina, Julio de Moraes, reflectindo a sós, lembrou-se da sua terra, dos dias de ferias e de Alice, e dos projectos que com ella se relacionavam.

Essa lembrança resfriou-o bastante, e até, para dizer a verdade, contrariou-o.

O seu temperamento, porém, não era o de um

sentimental; o seu espirito, posto que um tanto volátil nas primeiras impressões, seguidamente fazia-se reflexivo e ponderado, encarando a vida pela sua face mais prosaica, olhando, bem de frente, as asperas realidades e seus alternados revezes. Era uma especie de homem do Norte, interesseiro e frio, inseduzivel quando calculista. Mas, por isso mesmo, sobremaneira apprehendedor.

— Que perderia elle em fazer a côrte á irmã do Alberto Silveira?

E respondia a si mesmo:

— Nada! Aquillo, afinal, não excederia os limites de uma brincadeira sem consequencias. E, em todo caso, se viesse a lucrar qualquer coisa, o tempo não poderia dizer-se esbanjado.

E enfiando por nova corrente de ideias, discorria:

— E qual poderia ser o lucro? Provavelmente, nenhum. Casar com ella, era impossivel, porque o destino se encarregara de lhe designar outra mulher. Mas esta difficuldade não era razão sufficiente para elle desprezar uma occasião que se lhe deparava. Além de que, Maria Josina parecia tambem sympathisar com elle, visto que o tinha fitado uma segunda vez, antes de se retirar, e por uma forma especial.

E Julio, depois de atirar assim com as culpas para Maria Josina, concluia:

— Por conseguinte, o melhor é andar para deante, e vêr as feições que as coisas tomam...

Entretanto, no momento em que Julio de Moraes

acabava de construir no seu espirito estas criminosas reflexões, chegava Alberto á beira d'elle.

Inexperiente, incapaz de adivinhar a trama que se urdia na cabeça do seu amigo, e de lhe perscrutar os ruins sentimentos que a acompanhavam, o filho do Silveira foi o primeiro a fallar ao outro, a respeito da irmã:

— Viste a Zizi? — perguntou.

— Vi! — E afagando o hombro do pequeno Silveira, Julio accrescentou com doblez: — Tu é que tens sorte, Alberto! Quasi todas as semanas recibes aqui a visita de tua familia; e depois, ainda vaes a casa passar os domingos...

E após uma pausa:

— Quem me dera ser tambem aqui do Porto, para poder sair, ao menos uma vez por semana!

Pelo que, Alberto, penalizado, suggeriu:

— Deixa que ainda has-de ir a nossa casa. Hei-de dizer ao papá, e elle, com toda a certeza, até estimará que tu vás lá...

Ao ouvir estas palavras, que intencionalmente provocára, Julio de Moraes não pôde deixar de se felicitar intimamente. O seu plano ia talvez correr bem melhor do que era possível suppôr. Entrando uma vez em casa dos Silveiras, a aventura devia caminhar á desfilada.

Não obstante, Julio accitou, com uma calculada frieza, o offerecimento de Alberto, e até lhe oppoz algumas ligeiras difficuldades, que o irmão de Maria Josina se incumbiu de desfazer

A esse tempo, finalisavam já as horas de recreio, o que era annuciado pelo toque habitual da sineta do collegio, que, em taes circumstancias, resoava aos ouvidos dos rapazes, como o aviso importuno de um policia boçal, que intercepta uma diversão iniciada.

Alberto e Julio tiveram de se separar.

Mal este sabia que, áquella mesma hora, Maria Josina o revolteava no pensamento, inteiramente absorvida pelas commoções violentas do seu amor nascente.

VIII

Passaram dez dias.

E neste curto espaço de tempo, quantos sonhos traiçoeiros fecundou a imaginativa estonteada de Maria Josina, e quantos projectos audaciosos atravessaram o cerebro preventivo de Julio de Moraes!

Amanhecera finalmente o domingo em que, obtido o beneplacito do Senhor Antonio Telles da Silveira, Julio devia ir, pela primeira vez, á moradia da Boa Vista, na companhia de Alberto.

Maria Josina, que já o esperava, porque o irmão a tinha inteirado do convite que fizera a um companheiro do collegio, e que era, — explicou elle á Zizi — precisamente aquelle que o avisara no terraço, quando ella, na outra semana, o fôra visitar, — Maria Josina, dizíamos, havia passado mal a noite. A ideia de que ia ter perto de si o rapaz que a fizera estremecer, o pensamento de que lhe ia fallar e, d'alli a algumas horas, apertar-lhe a mão, desorientava-a por completo.

E por isso, naquelle domingo de manhã, acordou e levantou-se muito cedo. As nove horas, já ella es-

tava preparada, envergando o vestido que a costureira havia trazido no sabbado á noite.

O seu quarto entremostrava bem o desalinho que se segue a um movimento febril: fitas de seda, plumas, coraes, avellórios de crystal, listões, joias de brilhantes, velilhos, pentes, luvas, pós de arroz, pomadas, frascos de perfume, tudo se encontrava fóra do seu logar, tudo havia girado como numa roda viva.

Nunca ella dispendera tantos cuidados com o enfeite do seu traje!

E quando se viu prompta, ataviada, meticulosamente apercebida, deixou-se cahir, pensativa e enervada, sobre uma poltrona do seu quarto de vestir. Mas o coração, que lhe pulava lá dentro, não a deixava reflexionar. Um unico sentimento levava a palma a todos os outros: era o da impaciencia.

Ella quereria ter ouvido já o retintim da campainha, annunciando a chegada do irmão, ou melhor, do seu namorado. E olhava nervosamente para o relógio, enquadrado num estojo de louça, com desenhos a azul. Por vezes, aproximava-se da janella, e relanceava a vista para a rua. Em frente, as grandes arvores da Avenida, já com algumas folhas, poetisavam-lhe um pouco aquelle estado de alma.

Nisto, percebeu o ruido caracteristico de um automovel que parava, da porta que a seguir se abriu, e distinguiram-se já os passos abafados sobre a passadeira de tapete da escadaria.

— E se elle não viesse? — pensou, num sobresalto de inquietação. Poz-se á escuta, e ouviu o eco de uma

voz estranha, a conversar com o Alberto e com o pae.

— Deve ser elle! — exclamou.

Tranquillisada, não sabendo o que fazer, a fim de encurtar aquelles momentos de espera, fingiu que arrumava uns adereços, espalhados sobre o toucador.

Pouco tempo era volvido, e já Alberto surgia ao pé d'ella, convidando-a a ir até á sala de visitas, para cumprimentar o hospede, que chegara. De feito, Julio de Moraes tinha ficado no salão a conversar com o Telles da Silveira, fallando a este em coisas muito graves e serias, como na carestia da vida, nas difficuldades actuaes do commercio, enfim, em todos esses vulgarissimos assumptos em que o Silveira era forte, apparentando assim uns ares de sujeito pratico e reflexivo, para conquistar as sympathias do interlocutor.

Maria Josina entrou, precedida pelo irmão. Vinha um tanto pallida, com a cabeça ligeiramente pendida, e um sorriso discreto a baloiçar-se nos labios. Beijou filialmente o pae; e, depois da apresentação muito simples que este lhe fez, dizendo: «o senhor Julio de Moraes, companheiro do Alberto no collegio», Maria Josina estendeu ao visitante a mão delicada e tremula, murmurando umas palavras inintelligiveis, e esboçando melhor o sorriso com que entrara. Ao sentir aquella mão de homem a apertar-lhe a sua, as faces purpurearam-se-lhe um tudo nada, denunciando uma commoção verdadeira. E, a seguir, todos se sentaram.

O colloquio principiou, variado e fertil, sobre themas de nulla importancia, resvalando dentro de pouco

sobre a vida de collegio. E Julio teve azo de explicar que, para elle, o internato tocava quasi o seu termo. Naquelle mesmo anno devia fazer o ultimo exame do lyceu, e, no anno immediato, iria para Coimbra, a frequentar a Universidade. E, depois, fallou-se da terra de Julio, de sua familia, dos costumes da provincia do Douro, d'onde era natural.

Maria Josina escutava-o attentamente, com real interesse, e fazia commentarios breves, interrogações curiosas, a que Julio respondia.

O Albertinho pouca importancia concedia á conversação: levantava-se, tornava a sentar-se, e ia mexer nos cartões, que se amontoavam sobre uma salva de prata, ou no album de retratos, ou nos papeis de musica. O Telles da Silveira, após uma meia hora de palestra, sahia da sala, dizendo que ia ver se o almoço estaria prompto. E Alberto, muito inquieto e piegas, interrompia disparatadamente as narrativas de Julio, e, com uma familiaridade de creança mimalha, virava-lhe e revirava-lhe o bordo da lapella do casaco, punha-lhe a mão na gravata, tirava-lhe o lenço de seda para fóra do bolso. A irmã, condescendente a principio, reprehendia-o depois:

— Está quieto, Alberto. És um buliçoso. . .

Mas Julio protestava logo:

— Ora essa, minha senhora! Somos muito amigos!

E o irmão de Zizi, para justificar e confirmar o que Julio dissera, repetia e insistia nas suas traquinices e travessuras.

Entretanto, appareceu na sala D. Maria Telles.

Julio, erguendo-se, cumprimentou-a ceremoniosa e respeitosa, depois de uma curta apresentação. Ella vinha saudar o hospede, dizendo ao mesmo tempo que a mesa estava posta, que eram horas de almoçar, e que o senhor Julio de Moraes já devia ter apetite...

Em vista do que, lá se dirigiram todos para a sala de jantar.

A' mesa já estava sentado o Telles, a lêr os jornaes da manhã, para matar o tempo.

E sua esposa indicou os logares.

Na cabeceira da meza ficava, como de costume, o marido; á direita, ella D. Maria; do outro lado a Zizi. Alberto tinha o logar á direita da mamã: e Julio, á esquerda de Maria Josina.

Apesar de não estar mal ao lado da filha do Telles, Julio de Moraes antes desejaria ter ficado mesmo na sua frente, para se afirmar bem nella, para poder dominá-la com o olhar. E mal elle sabia que foi Maria Josina quem suggeriu á mãe o logar onde lhe parecia que devia ficar o hospede, «que devia ser, dizia, em face do Alberto», posto que, de verdade, não fosse esse o motivo exacto da sua insinuação. E' que a mulher, em regra geral, é muito mais astuciosa que o homem, qualidade que aliás lhe é necessaria, porque, embora normalmente collocada numa situação defensiva, cabe-lhe assim mesmo o papel de proporcionar, facilitar ou dificultar os planos de ataque.

O almoço estava já em meio, e principiava a animar-se a conversação entre todos. O Telles da Silveira palrava muito, era o que fallava mais; sua es-

posa D. Maria, a que fallava menos; Julio e Maria Josina mantinham o meio termo, interromperdo, ora aqui, ora acolá, a conversa do Silveira, que, muitas mais vezes, era interrompida pelos disparates e ninharias do filho.

Julio, no entanto, conservava-se álferta. Como se fosse casualmente, e quando dispunha de meio para tal, afoitava-se a roçar com o cotovêllo na mão ou no braço de Maria Josina, prolongando adrede o intencional contacto. Verificou, com prazer, que ella se não desviava, e antes parecia buscar também aquelle delicioso cambio de fluidos, que é um dos phenomenos mais vulgares na psychologia dos namorados.

Instigado pelo successo, Julio de Moraes porfiava e proseguia, cada vez mais accentuadamente, de uma forma mais significativa.

E quando se levantaram da mesa, já um e outro, sem se fallarem, tinham dito quanto era preciso dizerem-se: elle havia-lhe feito notar que gostava della, que a admirava, que se comprazia em permanecer a seu lado e em sentir o seu calor; e ella, que accitava de bom grado aquella admiração e aquelle comprazimento. E assim se explica o motivo que determinou Maria Josina a marcar junto d'ella o logar de Julio de Moraes.

Ella tinha, pois, as suas razões, como, aliás, as teem todas as mulheres que principiam a amar como ella.

Parece estar comprovado pela experiencia que, em todas as relações de amor, existe para a mulher uma phase de declive, escorregadia e fatal, que a pode arrastar ás peores consequencias, se o homem em quem confia fôr tão perspicaz e tão egoista que saiba e queira aproveitar-se da oportunidade. O ser feminino, que, ordinariamente, dificulta, tanto quanto possível, as liberdades de quem o requesta, procede, durante aquelle periodo, exactamente de maneira contraria, fornecendo pretextos, e multiplicando as occasiões. Acontece assim, mórmente quando, em seus primeiros amores, innocentes e simples, a mulher desconhece os precipicios que se lhe cavam debaixo de um sentimento apparentemente tão inoffensivo, como é aquelle que a impelle, com uma força constante, para o objecto de todas as suas ideias — que então não são muitas —, e de todas as suas palpações — que, em troca, são muito maiores, quer em profundidade, quer em superficie...

Maria Josina estava ainda, por assim dizer, no primeiro dia das suas manifestações amorativas, e, infelizmente para ella, já havia topetado aquella phase.

Era ella quem ardentemente desejava que Julio de Moraes lhe fallasse, lhe dissesse aquillo que ella entendia que um homem enamorado tem obrigação de dizer. Era ella quem mais ambicionava por ficar a sós com elle, dando-lhe ensejo ás necessarias revelações, á confissão terna dos seus sentimentos. Julio, de seu lado, aguardava serenamente o momento proprio. Mas o

acaso não lh'o permittia, visto que a familia Telles, como era bem natural, e quiçá por mera polidez, não desacompanhava jamais o seu hospede.

Findo o almoço, o Telles da Silveira alvitrou ao Moraes uma partida de bilhar, até porque tinha vontade de mostrar ao visitante a unica habilidade desportiva que possuia, e de que era ufano. Julio, embora desculpando-se modestamente com uma exaggerada impericia, não recusou o convite, e seguiram todos para a sala do bilhar.

— Ora escolha lá um taco! — disse o Telles, com um entono de magnifica disposição physiologica.

— Para o que eu jogo, serve um qualquer — respondeu o Moraes, agradecendo com um gesto.

E começaram a partida.

Julio, que era um jogador regular, e podia bem competir com o antagonista, deixava propositadamente de acertar as carambolas, para que o Telles lhe levasse vantagem, e ganhasse.

E Maria Josina adivinhava tudo aquillo, absolutamente convencida de que Julio não fazia mais jogo, porque não queria. Esta superioridade delicada, que se deixava vencer, representava, para a filha do Telles, mais uma das altas qualidades que continuamente descobria no astuto estudante. E por isso, os olhos d'ella, muito meigos e ternos, quando topavam com os de Julio, exprimiam coisas que só os dois percebiam, e que não raro a faziam córar.

D'alli, resolveram ir ao jardim. Mas a tarde pintava-se agreste, batida de um vento norte, que fazia

encrespar a epiderme. Então Alberto teve, afinal, uma ideia, lembrando para irem até o salão, e ouvirem um pouco de musica.

Julio, concordando, approvou logo:

— Bem lembrado! Vamos ter o prazer de ouvir a senhora D. Maria Josina. . .

E ella, fazendo-se rogada, esclarecia que tocava muito pouco.

O Albertinho teimava:

— Ora, ora! Has-de tocar como souberes!

— Muito bem! E' assim mesmo — confirmou o Moraes.

E lá foram todos para a sala de visitas, á excepção de D. Maria Telles, que se ausentou por uns momentos. O Telles da Silveira repotrecou-se num divan e accendeu um charuto. Julio sentou-se ao pé d'elle. E Alberto achava-se perto da irmã, junto ao piano, pedindo-lhe para que ella executasse um fado de uma revista idiota, que trauteava, e de que gostava muito.

Maria Josina, sem prestar ouvidos ao irmão, recordou-se do trecho que alli estivera a tocar, uns dias antes, pensando no Julio de Moraes. E electrizada, suggestionada por tal lembrança, voltou a repetir a referida musica, com um capricho de execução inexcedivel. Ao terminar, encarou em Julio, que tinha os olhos fitos n'ella, e que sublinhava amaneiradamente:

— Muito bem! Magnifico! V. Ex.^a é uma pianista eximia!

O Telles, muito recostado e importante, arrancava uma fumaça bojuda. E a Zizi, muito penhorada, agra-

decia sorridente, correndo as mãos pelo teclado de marfim.

Como a tarde começou a cair, um creado accendeu os bicos de gaz do lustre. E este facto veio recordar a Julio que se approximava a hora de regresso ao collegio, conforme a licença obtida do Director, pelo que alludiu a essa circumstancia, como preambulo á despedida.

Mas o Telles revoltou-se contra as prescripções directoriaes:

— Ora! Se não fôr hoje, vae amanhã com o Alberto. Agora, já que está aqui, o melhor é ficar, e jantar connosco. Vou telephonar para o Collegio e arranjar isso...

Julio, por dever de cortezia, objectava:

— Que não era preciso; que dava muito trabalho, e não queria que o senhor Telles se incommodasse por causa d'elle...

— Qual incommodo!— respondeu o Telles, que se levantou, para ir ao telephone.

Na sala ficaram sós Julio, Alberto e Zizi. O Alberto, a pular de contente, por o seu amigo demorar alli até o dia seguinte, disse que ia dar a noticia á mamã. E sem mais, retirou da sala, atabalhoadamente, pregando um encontrão numa cadeira.

Principiaram uns momentos de embaraçado silencio. Ouvia-se apenas o sibilar habitual das luzes, e o eco rumorejante dos carros que passavam na Avenida.

Maria Josina, para conjurar aquella quietação excessiva, remexia os papeis de musica, que se agglom-

meravam sobre a estante do piano. E Julio de Moraes, sentia-se tão atrapalhado e fóra de si que, rebuscando no cerebro uma ideia, para compor uma phrase, não a descobriu.

Foi Maria Josina, com a cabeça inclinada sobre o teclado do piano, para se esquivar ao esplendor da luz, quem se atreveu a dizer:

—Então vae ficar aqui hoje?

—E' verdade, minha senhora — replicou elle.

E Julio, querendo dizer mais qualquer coisa, não o pôde conseguir.

No corredor proximo, percebia-se já a voz de Alberto, que gritava desaforadamente:

—Zizi! Zizi!

—Que foi? indagou a irmã.

—O Senhor Director disse que sim; que o Julio pode ficar até amanhã.

E Alberto, visivelmente satisfeito, esfregava as mãos. Pouco depois, apparecia o Telles da Silveira, a confirmar a noticia.

E Julio de Moraes, muito absorto, quasi envergonhado da sorte que o protegia, dizia consigo mesmo que não podia ser mais agradavel a feição das coisas...

IX

A's oito e meia da noite, foi annunciado o jantar.

Por um sentimento peculiar a certa gente rica, os Telles da Silveira honravam-se em mostrar ao hospede, que pela primeira vez acolhiam em sua casa, a magnificencia e bizzarria do seu viver intimo.

A sala de jantar, repleta de louças e crystaes magnificos, sobre os quaes se diffundia prodigamente a claridade algo esverdeada das mangas incandescentes, offerecia á vista um aspecto verdadeiramente deslumbrante. E a luminosidade viva, que cahia sobre a mesa, contrastava aprazivelmente com a meia luz que se esbatia nos artezões e molduras do tecto, um tanto ensombrecido pelos quebra-luzes dos candieiros.

Para condizer com esse apparatus elegante, D. Maria Telles apresentara-se á mesa, com um luxuoso vestido de seda preta, guarnecido de vidrilhos, que lhe dava um tom solemne de senhora antiga; Maria Josina vestia uma blusa côr de creme, com grandes rendas pendentes, que ainda lhe deixavam um pouco a nu os braços muito brancos, num dos quais faiscava

um chuveiro de brilhantes, amarrado a uma pulseira de fios d'ouro; e a figura rubicunda do Telles da Silveira indicava uma satisfação íntima, capaz de causar inveja a qualquer negociante rico, porém não tão abastado como elle. Alberto era sempre o mesmo, encostando-se pouco ceremoniosamente ao busto da mamã, que o acariciava, passando-lhe as mãos pelos cabellos.

A principio, a conversação reduzia-se a frases ligeiras, entrecortada pelo tilintar especial dos talheres; mas depois, foi-se progressivamente ampliando e desenvolvendo, por forma que, como acontecera ao almoço, o Telles da Silveira desempenhava o papel preponderante. E a Julio de Moraes convinha sobremaneira aquella loquacidade do Telles: visto como todas as attentões se concentravam neste, podia elle, de vez em quando, olhar furtivamente para o corpo esbelto de Maria Josina, apreciando-lhe o relevo, já muito correcto, das formas. Esses olhares turvavam-lhe bastantemente o espirito; e, reeditando com successo os emprehendimentos do almoço, reeriminava-se a si proprio por lhe não ter declarado, quando na sala de visitas estivera a sós com ella, qualquer coisa que tivesse definido, logo de entrada, a sua situação. Julio estava convencido de que a filha do Silveira corresponderia ás suas intenções; mas era preciso que elle tomasse a iniciativa, e rompesse com aquelle estado de sortilegio, em que ambos se encontravam.

Então, deliberou terminantemente fallar-lhe na primeira occasião possível, e dizer-lhe que a amava doi-

damente, embora não tivesse a certeza da realidade do sentimento que taes palavras traduzem.

Era necessario não perder a monção propicia; urgia activar, tanto quanto possivel, os acontecimentos. E, como preludio da declaração que tencionava fazer, aproveitando um momento em que o Telles contava, enthusiasmado, umas peripecias da sua antiga vida de negociante, Julio teve artes de apertar a mão esquerda de Maria Josina, que a tinha repoisada, naturalmente, sobre os joelhos. Zizi, ao contacto d'aquella mão resoluta, que lhe tomava a sua, estremeceu ligeiramente; mas a seguir, enlanguescida por uma sensação mais forte do que ella propria, permaneceu immovel e tranquilla, quasi sem vontade, deixando-se acariciar sem constrangimento, pelo homem a quem fatalmente havia de amar.

Julio reconheceu então que nada podia já obstar áquella conquista, que tão facilmente alcançara; e, embriagado pela victoria, entrou de acompanhar na tagarellice o Telles da Silveira, para dominar, pelo espirito da sua conversa saltitante e variada, aquella a quem já tinha subjugado pela influencia physica.

No fim do jantar, serviram-se, com a sobremesa, os vinhos finos. E o Telles, aproveitando o ensejo, caprichou em dar a conhecer ao Moraes a fecundidade da sua eloquencia, já então grandiosa. Tossiu duas vezes, como todo o bom orador que se preza; e, muito refocillado na cadeira, começou por dizer que «brindava ao senhor Julio de Moraes, para que elle, no futuro, viesse a ser um dos homens mais importantes da

nossa terra»; e, impellido pela corrente de vaporosas ideias, que lhe referviam nos miolos, ejaculou um simulacro de discurso, impregnado de politica, pelo qual se vinha a concluir que este nosso paiz só podia salvar-se, uma vez que todos os ministros fossem tão bons negociantes como elle tinha sido.

Julio teve de agradecer. El fê-lo em termos habeis, elogian lo altamente a familia em que tivera a honra de ser recebido, e que era nobremente presidida pelo senhor Antonio Telles da Silveira, a quem, além de muitas outras coisas, chamou «um dos espiritos mais claros da cidade do Porto». Que tambem não podia esquecer a senhora D. Maria Telles, modelo de esposa virtuosa e distinctissima; a senhora D. Maria Josina, filha muito extremosa da familia Silveira; e, por ultimo, brindeu ao Albertinho, a quem alcunhou de «seu maior amigo de collegio», fazendo votos para que elle fossé, mais tarde, o continuador das tradições gloriosas de seu illustre pae. Referindo-se á parte politica do brinde do Telles, affirmou, batendo com a mão no peito, que abundava nas mesmas ideias: e que, se era certo que a nossa patria já havia tido alguns ministros negociantes, tambem era certo que nunca elles tinham chegado aos tarsos do senhor Telles da Silveira.

Este brinde produziu o effeito desejado por Julio de Moraes: insinuar-se habilmente na familia em que entrara, para melhor, e sem grandes difficuldades, alcançar os seus fins. D. Maria Telles e marido requiebravam-se em trejeitos de gratidão, pelos elogios que o hospede lhes endereçara; Alberto revelava o

seu contentamento, por haver sido lembrado num discurso; e Maria Josina estava sinceramente envaidecida, por vêr que o homem, a quem amava, já parecia um bacharel.

Não era possível, com um só tiro, matar mais peças de caça.

No fim de jantar, voltaram para o salão. Maria Josina, que foi a primeira a entrar, atirou-se negligentemente para cima de um sofá, conversando consigo mesma coisas phantasticas, para ella quasi intelligiveis. O nervosismo de todo aquelle dia fatigara-lhe os musculos, e dava-lhe ao corpo aquelle aspecto de lassitude voluptuosa, que facilmente accommette as creaturas demasiado sensiveis.

O irmão entrou após ella, enlaçando, pela cintura, Julio de Moraes; e, cheios de intimidade, foram ambos sentar-se defronte de Maria Josina. O Telles e a esposa vinham atraz, fallando gravemente, como donos da casa.

A physiologia nedia do Telles pedia diversões, movimento, barulho.

— Zizi: um bocado de musica, vá!— lembrou elle.

Mas a filha não tinha nenhuma vontade de se sentar ao piano. Ella preferiria ir para o terraço, fóra da sala de jantar, e ficar alli, ao pé de Julio, illuminados pelo froixo luar d'aquella noite. Isto parecia-lhe mais romantico, mais apropriado á situação em que se encontrava; porém, já que assim não podia ser, almejava por que a deixassem repousar um pouco naquelle

sofá, propicio aos devaneios que, todavia, lhe perpassavam pela mente, a fim de retemperar a morbidez exhaustiva de que se tomara.

Apesar d'isso, Maria Josina não era mulher para contrariar o pae; pelo que, reagindo contra si mesma, levantou-se resignadamente, e foi direita ao piano.

Começou a tocar.

Escolheu uns trechos melodiosos e suaves, que condiziam admiravelmente com o estado da sua alma. Ás vezes perdia-se, no emmaranhado da execução, e interrompia-se subitamente; e então, sorrindo, explicava que já se encontrava um tanto fatigada, e corria vertiginosamente os dedos translúcidos por sobre o teclado, fazendo vibrar, como num crescendo de desejos, a escala musical.

Em certa altura, D. Maria Telles, que estava habituada a recolher cedo, mostrou designios de se retirar. E como a filha, consoante o habito, tinha de a acompanhar, trocaram-se as despedidas. Julio, premindo tenazmente a mão direita de Maria Josina, cumprimentou-a algo impressionado:

— Boa noite, minha senhora! — disse elle.

E fitava-a perplexo, com uma pena manifesta de vêr terminado aquelle dia, por tantos titulos recordativo.

Maria Josina, com um sorriso esperançoso, retribuiu o cumprimento:

— Boa noite! até amanhã!

Apartaram-se. E d'alli a pouco, os restantes abandonavam tambem a sala, dando-se as boas noites, e demandando os seus aposentos.

Julio de Moraes, desde que se introduziu no quarto que, previamente, lhe havia sido indicado, fechou a porta, e, olhando em redor, sentiu dentro de si um vazio arreliante.

Sentou-se pensativo sobre a borda do leito, e alli ficou, como immobilizado, durante uns momentos. Pela sua mente deslisavam, como num calidoscopio, todos os acontecimentos d'aquelle dia, aos quaes elle, calculista como sempre, fez uma especie de balanco, medindo-lhes a importancia e o significado. E principiou a reflectir. Lembrou-se da forma como a filha do Silveira o recebera, da purpura que lhe acudira ás faces, quando trocaram as primeiras palavras, da scena do almoço, dos instantes sollemnes que, a sós, tiveram no salão, e, sobretudo, dos preciosos momentos em que, ao jantar, lhe comprimira a mão nervosa e delicada.

E monologando, de si para si, concluiu com orgulho, e mais uma vez, que era amado por ella, e que, d'ora avante, o resto dependeria da sua coragem e do seu modo de proceder.

A primeira coisa que tinha a fazer era confessar-lhe o seu amor, porque sabia bem que, sem esta formalidade estúpida, se não pode iniciar o mais perfeito dos idylls. Mas como? De que maneira, se lhe não era facil obter uma occasião, para lhe traduzir em palavras aquillo que lhe manifestara com os olhos e com o gesto? Ao fazerem as despedidas da noite, ella tinha-lhe dito: «até amanhã»; e esta pequena phrase revelava, evidentemente, uma esperanza. Era certo que ás nove horas da manhã do dia seguinte, elle teria de voltar para o collegio; mas, em antes d'isso, era de suppor que Maria Josina lhe reaparecesse, e talvez então se lhe proporcionasse uma oportunidade para lhe dizer alguma coisa. E se lhe não pudesse fallar, poderia deixar-lhe uma carta, em que expuzesse tudo quanto era necessario expor. Esta resolução seria até a melhor. Pelo que, encontrando papel e sobrescriptos na commoda-secretaria do seu quarto, apercebeu-se para escrever.

Quando já tinha o papel deante de si, meditou uns instantes. Que escrever? Que deveria elle dizer-lhe? Não bastava confessar-lhe que a amava. Era preciso ser mais pratico do que isso; era necessario concluir outra coisa: um systema efficaz de correspondencia e, sobretudo, a maneira de poderem conversar a sós.

—Principalmente isto!—repetia elle, a meia voz, como se estivesse fallando a alguém.

Influenciado por esta ideia, deu começo á amaviosa missiva. Ao fim do primeiro periodo, interrompeu-se;

e, relendo o que já tinha escripto, não lhe pareceu bem, e rasgou pacientemente a folha de papel. Pegou de outra; e então, quasi automaticamente, lucubrou o seguinte:

«Excellentissima Senhora: Sou o homem mais feliz do mundo por ter gosado a dita de a poder amar. Oxalá que V. Ex.^a me não desfaça tal felicidade! Eu quereria dizer-lhe mil coisas, que neste momento sinto e que não posso exprimir nesta folha de papel. Mas não sei se terei um meio para isso. Não sei até se poderei tornar a esta casa, que não é minha, e á qual não posso vir, senão depois de convidado. Mas se V. Ex.^a se dignar attender-me, achará com certeza remédio para tudo. Por isso, entrego-me nas suas preciosas mãos, esperando ser merecedor d'uma resposta. Será bom não me escrever directamente para o collegio; mas pode fazê-lo por intermedio de um meu intimo amigo, que me entregará a carta que vier de V. Ex.^a Basta que, no sobrescripto, por baixo do endereço, escreva as iniciaes J. M. Eu prevenirei o meu amigo do significado d'essas letras, e a resposta chegará ás minhas mãos. Se por acaso, (o que não espero), V. Ex.^a não tiver piedade de mim, nunca mais voltarei a esta casa, porque não quero vir aqui infligir a mim mesmo uma tortura. Desculpe, minha senhora, esta ousadia, e creia no affecto enorme que lhe dedica o que é: De V. Ex.^a, muito humilde e respeitador: J. de M. *Post-scriptum*: o nome do meu amigo é João Lucio dos Santos. Rua do Almada, n.º...».

Terminada a escripta, Julio releu a epistola e

metteu-a dentro de um sobrescripto, que fechou e deixou sobre a secretaria.

E, nesta congeminencia, deitou-se. Porém, não conseguia adormecer. Aquella aventura irritara-lhe por tal modo os nervos, que lhe provocava insomnias. E, machinalmente, Julio pensava em Maria Josina. Que faria ella áquella hora? Estaria já a dormir, ou, porventura, cogitaria, como elle? E, cheio de impaciencia, revirando-se no leito, desejava ardentemente que fossem já as 8 horas da manhã, para se levantar.

Bateram as duas no relógio de porphiro, que encimava a chaminé. E Julio continuava sem dormir, espicaçado por mil ideias em tropel.

Mas, por fim, o cansaço physico venceu a actividade febril do cerebro exaltado. E, consequentemente, adormeceu.

Acontecera quasi a mesma coisa com Maria Josina.

Depois de ter acompanhado a mãe até o quarto, e de lhe ter dado o beijo do costume, encerrou-se na sua camara. Estendeu-se sobre o leito, debellada por um mal-estar exquisito, que nem lhe deixava forças para se despir. Tambem ella pensava em Julio de Moraes. E, innocentemente, era sitiada por uma ideia semelhante á que o perseguia a elle: conversarem a sós, numa conversa entremcada de carinho e ternura.

Mas esta ambição, apparentemente igual em ambos, tinha em cada um d'elles significações differentes, quiçá oppostas. Para Julio, representava uma aspiração material e prestadia, que fosse capaz de lhe facul-

tar uma felicidade tangivel; para ella, era o anhelô puro de uma mulher ingenua e virgem, que não sabe ainda que no amor possa existir qualquer espinho, que o transverta em arma envenenada.

E Maria Josina interrogava-se como é que poderia realisar-se o encontro, que se lhe afigurava naturalissimo. Ella via bem, por um natural instincto, que elle não competia reclamar essa entrevista; mas, se elle lh'a exigisse, com certeza que lh'a concederia. E de sonho em sonho, de fantasia em fantasia, o seu espirito alheava-se, esquecia-se, emmaranhava-se num dedalo de projectos que, momentos após, lhe pareciam fundados sobre areia.

Ao cabo de certo tempo, principiou a tomar-se de frio; e só então é que notou que se encontrava estendida sobre o leito, sem se despir. Ergueu-se vagorosamente, como quem reflexiona para adoptar uma decisão. E pensando em que a creada de quarto estava ainda á sua espera, apressou-se a chamar por ella, carregando no botão da campainha electrica. Entretanto, começou a desatar os cabellos; e, mal que a creada entrou, não pôde deixar de lhe dizer, com certo ar de desculpa:

— Esperou muito, não é assim?

— Oh! minha senhora! — respondeu a moça, agradecida.

E, immediatamente, Maria Josina pôz-se a fazer os preparativos da noite, vagarosa, apprehensiva. Uma vez aprestada para dormir, dispensou a creada, meteu-se no leito e apagou a luz. O quarto ficou mergu-

lhado em uma relativa escuridade, que pouco a pouco se ia clarejando, á medida que as pupillas d'ella se dilatavam e fixavam nos objectos.

Atravez do estore da janella, que dava para o jardim, coava-se uma restea de luar, baço e triste, que se esbatia em tonalidades na colcha azul da cama. A sua sensibilidade intima arreceou-se d'aquella luz que betava o ambiente, e, cobrindo a cabeça, dispunha-se finalmente a repousar. Mas regressava-lhe á imaginação a figura de Julio de Moraes, e uma vaga ansiedade lhe opprimia o peito:

— E se elle não voltasse alli? — pensava.

Porém, de repente, encarando as coisas por um prisma favoravel, accrescentou:

— Ha de voltar. Não ha motivo nenhum para que não volte; e, por isso, em qualquer outra occasião, teremos ensejo de fallar.

Esta ideia teve o dom de lhe apaziguar o espirito; e, por via della adormeceu, como se tal somno fosse o proseguimento do sonho de todo aquelle dia...

Pelas oito da manhã, Julio de Moraes levantou-se. E, d'alli a meia hora, já elle estava fora do quarto, depois de primeiramente haver mettido no bolso a carta que escrevera á noite.

Sopesando bem o embaraçoso da situação, a energia fraqueceu-lhe um pouco, com receio de não obter um lance favoravel para entregar aquelle sobrescripto á

filha do Silveira. Se tal acontecesse, o unico remedio seria esperar até o proximo domingo. Mas a sua impaciencia revoltava-se contra essa dilacão de uma semana. Tornava-se mister que, naquella dia, fosse resolvida a «questão», como elle chamava áquillo que, para Maria Josina, era, essencialmente, um suave idyllio de amor.

E a sorte favoreceu o. Sahindo do quarto, desceu em direcção ao terraço, que ficava ao lado da sala de jantar, com o intuito de explorar terreno. E, ao atravessar a sala, já lá encontrou Maria Josina, que parecia entreter-se em compor e renovar as floreiras.

A filha do Telles conservava ainda os cabellos, atados num molho, atraz da nuca, e cobria-se com um grande casaco de agasalho. Dir-se-hia que um e outro tinham buscado aquelle sitio, e aquella hora, para uma entrevista.

Julio de Moraes, ao vê-la, sentiu uma especie de refluxo no sangue que lhe circulava nas arterias; e, diligenciando por se reserenar, como alguem que se vê obrigado a cumprir uma espinhosa missão, saudou-a meio indecrido, tomando-lhe a mão que lhe era offerecida, e que, naquella contingencia, não conseguiu estreitar tão significativamente, como o fizera na vespera. Enfiado, bastante tremulo, manifestamente confuso, murmurou em voz submissa:

—Minha senhora... tenho aqui uma carta que lhe desejo entregar...

E, reparando naquella attitude medrosa de Julio, Maria Josina empallideceu tambem, e teve uma im-

pressão vaga de remorso, porque só então lhe pareceu que naquillo tudo havia qualquer coisa de criminoso. Uma dôr de alma, muito imprecisa mas real, a subjuguava e opprimia. Julio de Moraes, vendo-a assim tão pallida, sem aquella côr viva do dia anterior, estava quasi arrependido da communicacão que acabava de lhe fazer, aliás tão banal, e mil vezes repetida por tantos outros como elle. Mas não podia voltar atraz. E, determinado a ir até o fim, sem aguardar qualquer resposta, tirou do bolso a carta a que alludira, apresentando-o á filha do Silveira, com todas as apparencias de um vencido. Maria Josina, sem dizer uma palavra, não se atreveu a contrariá-lo, e pegou comovidamente d'aquelle sobrescripto mysterioso, que arrecadou na algibeira do casaco de malha que vestia.

— Muito obrigado! — articulou Julio, como refeito de um susto. E retirou se, voltando de novo ao seu quarto, enquanto ella ficava, absorta e attonita, no meio da sala de jantar.

Maria Josina persistiu immovel, durante uns instantes. No seu rosto, transpareciam evidentes signaes de um intimo constrangimento. E, não podendo comprehender bem tudo o que acabava de se passar, porque nunca se vira em semelhante conjunctura, extranhou que aquillo, que ella desejara tanto, se convertesse agora num motivo de soffrimento. Não obstante, reflectindo melhor, não se julgava infeliz. Era certo que alguma coisa a torturava; mas recebia a impressão de que aquelle padecimento lhe acabara com outro, libertando-a de um peso, que anterior-

mente a suffocava. Mais havia ella soffrido no dia antecedente, quando pensara na hypothese de Julio de Moraes não voltar áquella casa. E, animada por estas reflexões, dirigiu se para os seus aposentos. Uma vez alli, tomou o sobrescripto entre as mãos, e poz-se a fixa-lo, como se quizesse lêr, por transparencia, o seu conteúdo. Ia para o abrir. Mas lembrando-se de que, dentro de alguns minutos, devia apparecer para se despedir do irmão e de Julio, recatou-o de novo, com o proposito de o abrir e ler com mais vagar.

Olhando-se ao espelho, verificou, um tanto admirada, que todas aquellas commoções se marcavam num tal ou qual descórimento do rosto, e, principalmente, dos labios. Por um ingenito estimulo de mulher, quiz apagar os vestigios que o espelho lhe retratava. Applicou um pouco de carmin nas faces empallidecidas e nos labios sêccos, e polvilhou a cutis com pó de arroz córado. E, achando-se então mais conforme com a sua habitual physionomia, sahiu do quarto, como se nada tivesse acontecido.

Como todas as mulheres que principiam a amar, Maria Josina tambem entrou logo no conhecimento que o amor é uma coisa mysteriosa, que é de toda a conveniencia encobrir.

E, algum tempo depois, permutados os cumprimentos do estylo, o Telles da Silveira, o Albertinho e Julio de Moraes entravam para o automovel, que os devia conduzir ao collegio. Mal suspeitavam os primeiros que ia com elles o homem que, em sua casa, machinara as primeiras scenas de um drama occulto.

XI

No momento em que o Alberto Silveira e Julio de Moraes chegaram ao collegio, estavam a ser horas de começar as aulas. Por esse motivo, não tinham occasião de trocar impressões mutuas sobre o domingo passado na Avenida da Boa-Vista, a não ser durante as horas de recreio, que se deviam seguir ao jantar, o qual, de harmonia com o horario collegial, se realisava ao meio dia.

Logo ao principio d'esse recreio, o filho do Silveira procurou Julio de Moraes, não só para fallarem como bons amigos que, pela força das coisas, deviam ser, mas tambem para, desde esse momento, combinarem novas visitas ao palacete da Boa-Vista.

Julio de Moraes, porém, tinha desaparecido como por encanto; pelo menos, o Alberto não logrou avistá-lo no local do recreio — aquelle conhecido terraço em que Maria Josina vira o seu namorado, pela primeira vez.

Ignorando o motivo de tal desaparecimento, Alberto perguntou a alguns collegas se tinham visto

Julio; e, como esses não tivessem podido esclarecê-lo sobre o caso, o pequeno Silveira, embora um tanto despeitado por aquella ausencia que o amigo lhe não explicara, tratou de ir divertir-se com outros compa-nheiros da sua idade, que folgavam ao jogo da cebra-gega.

Ora, convem dizer que a primeira coisa em que Julio de Moraes pensou, ao reentrar no collegio, foi em conferenciar com o seu amigo João Lucio dos Santos, a fim de lhe referir o succedido, e o prevenir da nova correspondencia que, de ora avante, deveria receber. Para tal intento, e visto como eram condiscipu-los, logo na primeira aula Julio fez saber a João Lucio que, no recreio da tarde, necessitava de lhe fallar a sós, acordando ambos em se encontrarem numa sala, que ficava no primeiro andar do edificio.

Conforme o tratado, os dois amigos encaminha-ram-se para o local da entrevista, apenas terminou o jantar; e, mettidos lá dentro, fecharam cautelosamente o porta, a fim de que ninguém se atrevesse a incom-modá-los.

João Lucio sentou-se em um banco, numa espe-ctativa curiosa, avido de escrutar o motivo ou o objecto da recatada conferencia. E, sem mais pream-bulos, botou-se logo a adivinhar:

— Então que ha? Já sei! Sabiste hontem a pas-seio, e, como só entraste hoje, arranjaste qualquer his-toria com o director...

— Não é nada d'isso! — respondeu Julio.

— Homem! então conta lá o que é!...

— Socega, que não é coisa grave — E depois de uma pausa, Julio indagou: — Tu conheces a irmã do Alberto Silveira?

— Aquella rapariguita interessante, que, ás vezes, apparece ahi com o pae?

— Exactamente.

— Oh! se conheço! E' d'aqui! .. — fez Lucio, sacudindo e apertando entre os dedos a parte inferior do pavilhão auditivo. — E é por causa d'ella que me de-sejas fallar?

— E' mesmo por causa d'ella...

— Hum! Então sempre ha coisa! — resmungou João Lucio.

— O que ha... é o seguinte!

E Julio de Moraes entrou a fazer o relato fiel e pormenorizado de tudo quanto se havia passado entre elle e Maria Josina, desde os olhares trocados no collegio, até os successos do dia anterior. Como intimos amigos que eram, tinham plena confiança um no outro; e por isso, Julio, referindo a historia, não guardou a mais insignificante reserva. Reproduziu, por assim dizer, tudo, á excepção de um ou outro ponto, que não tinha importancia, ou que, na occasião, lhe não acudia.

João Lucio escutava aquillo, com manifesto bom humor, e satisfeito por averiguar que, de facto, se não tratava de qualquer caso grave. E, quando Julio lhe fallou nas cartas que elle deveria receber, por, na sua qualidade de semi-interno, ter certa facilidade em lhe

prestar semelhante obsequio, João Lucio achou a combinação maravilhosa:

— A's tuas ordens, menino... — respondeu elle. — Logo que receba a primeira, trago-ta immediatamente...

E, como habil psychologista, que pretendia ser, a respeito de coisas femininas, acrescentava:

— E se ella se portou como dizes, podes ter a certeza de que, amanhã a esta hora, já cá tens uma carta...

— É possível que não escreva assim tão depressa como julgas...

— Estás enganado, meu velho! Cartas, são coisas que as mulheres escrevem num instante. Convince-te d'isto! — E piscando maliciosamente o olho direito, dizia: — O peor é o resto... — Mas, emendando a ideia, ajuntou, com intenções investigadoras: — Que eu entendo que isso não é para casares com ella mas sim para te divertires um pouco...

— Pois decerto! — confirmou Julio.

— Sim! Eu mesmo não tenho nada com isso... Mas, como sei que tens lá na terra a prima...

Julio concordava; os seus intuitos eram os que o amigo lhe attribuia. Pelo que, João Lucio, mais á vontade, confessava:

— Pois declaro-te que já estou com curiosidade de saber o que ella te responderá!... — E dando aos hombros, dizia: — Que eu já faço ideia! E' sempre a mesma coisa! Tu has-de vêr...

E ria-se, como bom estroina que era. E, a proposito, João Lucio narrou algumas peripécias de um

namoro que tinha tido, deduzindo conclusões, e tirando exemplos, que adequava ao caso de Julio.

Proximamente apoz uma hora, a entrevista foi dada por terminada, indo os dois amigos aproveitar ainda o restante tempo de recreio.

Julio de Moraes, apenas chegou ao terraço, chamou pelo Alberto da Silveira, e explicou-lhe que havia estado a concluir uns trabalhos escolares urgentes, inadivéis — «uma imbecil maçadoria que o professor de Literatura mandara fazer: escrever em prosa um episodio de Camões!» E o Albertinho, completamente lisongeado com aquella attenção, principiou a conversar com o amigo, e não se apartou d'elle, sem que ficasse bem assente que, no proximo domingo, iriam outra vez gastar o dia na Avenida da Boa Vista.

Às nove horas da manhã do dia immediato, Julio de Moraes foi para a aula, ansioso por se avistar com João Lucio, que chegava de fóra. Mal deu com os olhos n'elle, inquiriu-o de chofre:

— Então, Lucio?

— Então... por emquanto... nada! Neste cor-reio da manhã, não chegou nada! — respondeu o outro.

— Diacho! Haverá coisa?

— Qual? Ainda não é tarde! — disse Lucio, tranquillizador — Às vezes uma insignificancia... Sabe-se lá!

E, dito isto, entraram para a sala da aula, onde o professor, sentado á meza, pegava da caderneta, para fazer a chamada.

Durante a lição, Julio de Moraes esteve sempre de animo inquieto e arreliado. Interrogava-se intimamente, mas não sabia responder. E enxergando as coisas com uma feição pessimista, chegou a conjecturar que Maria Josina tivesse deliberado acabar repentinamente com tudo.

— Se assim fôr — cogitava elle — não posso lá voltar.

E como refrigerio, murmurava por entre os dentes :

— Paciencia ! Também aquillo... poderia ainda vir a incommodar-me. Acabou se ! — « Aquillo », em tal lance, era a filha do Silveira.

Mas, successivamente, revoleava-se num instante a torrente das suas ideias, e, então, inclinava-se a crêr que, de feito, Lucio podia ter razão. Era possível que Maria Josina não tivesse tido occasião de lhe responder tão depressa. E com o espirito baseado sobre esta hypothese, acalmava-se, e concluia dizendo :

— Veremos amanhã !

Porém, esse dia de amanhã veio, e, contra o que os dois amigos esperavam, nem a mais pequena noticia da parte de Maria Josina.

— Absolutamente nada ! — disse Lucio.

E esta falta de resposta exasperava Julio, remordendo-lhe profundamente o amor proprio. João Lucio suggeria :

— Não ha que vêr... Tu mostraste-te atrevido de mais, logo no principio, e espantaste a caça...

E, desejando dispor bem o animo do seu amigo Julio de Moraes, acrescentava :

— Deixa lá! Não faltam mulheres. Não vale a pena ralares-te!

— Pois sim! mas... -- ia a dizer o outro.

João Lucio atalhou logo:

— Olha! Sabes que mais? São todas a mesma coisa!

E Julio convinha em que, de verdade, era assim. Mas, em todo caso, não podia deixar de parafrasear sobre os acontecimentos, cujo curso se lhe afigurava desnatural, e, por isso mesmo, o intrigava. Não porque o seu coração estivesse a ponto de soffrer a magua que resulta de um amor não correspondido, visto que elle não estava amoroso de Maria Josina, no rigoroso senti-lo da palavra; mas affligia o a vergonha de se julgar desprezado, esquecido, ridicularizado talvez. O brio e a vaidade podiam nelle muito mais do que o amor.

Não obstante, Julio ainda não desanimava por completo, e esperava até o outro dia. Mas, cada dia de esperança era seguido de um desengano cruel que, para o fim, já lhe determinava uma irritação estupefactiva.

João Lucio não trouxera carta nenhuma em toda a semana, inclusivé n'aquelle sabbado, que era vespéra de o Alberto Silveira ir a casa da familia.

— É o cumulo! — dizia Julio de Moraes, com intimo rancor.

E, indisposto, agitado, sanguineo, protestava não tornar a pôr os pés em casa do Telles da Silveira. Era até possível que ella (nem sequer se atrevia já a

pronunciar o nome de Maria Josina) tivesse mostrado a carta d'elle ao pae. E, ao occorrer-lhe esta ideia, Julio de Moraes sentia subir-lhe ás faces um rubor quente, e olhava, meio desconfiado, em redor de si mesmo, como se receasse que algum companheiro pudesse adivinhar a origem do seu desespero.

Mas a crise passava; o sangue voltava a girar normalmente nas veias; e Julio reconsiderava.

— Não! Ella pode não querer importar-se de mim...; mas, com certeza que não se atreveria a contar a mais pequena coisa ás pessoas de familia. Do contrario, seria...

E suspendia repentinamente a injuria, procurando tranquillizar-se com uma falsa indiferença.

No recreio da tarde d'esse dia de sabbado, o Alberto Silveira appareceu-lhe muito radiante. Até alli, Julio de Moraes não deixara de fallar com elle, esforçando-se por sondar, em taes conversas, qualquer phrase que o esclarecesse; todavia, Alberto nada dizia sobre o ponto de maior interesse, porque se limitava a aludir ás sahidas dos futuros domingos, esboçando projectos, planizando diversões.

Por isso, aquella apparencia alegre do irmão de Maria Josina deixou-o suspenso:

— Que será? — perguntou Julio a si mesmo.

E Alberto, com aquella franqueza de collegial novato, apressou-se a desfazer todas as duvidas. Contou-lhe que tinha recebido uma carta do pae, em que este lhe pedia para «dizer ao senhor Julio de Moraes» que no dia seguinte, ás nove da manhã, esti-

vesse prevenido para ir lá a casa. E, muito naturalmente, mostrava a carta a Julio, para que este a lêsse.

Era verdade. O Telles da Silveira convidava-novamente a passar o segundo domingo no palacete da Boa-Vista.

— De modo que — deduzia elle — Maria Josina não tinha revelado nada á familia.

E esta conclusão deixou-o bem disposto, socegado. Procurou immediatamente João Lucio, para lhe dar conhecimento do convite recebido. Desejava ouvir a opinião do confidente, a ver o que este alvitrava.

— Porque afinal — dizia comsigo mesmo — eu não sei se deva apresentar-me deante d'ella, sem que primeiro obtenha uma resposta á carta que lhe entreguei. . .

Expoz o caso ao Lucio, que não tergiversou em responder:

— Pois é claro que deves ir. Ao menos, ficas a saber as linhas com que te coses! E depois. . . verêmos o que será!

— Tens razão — confirmou Julio. --- Irei.

E sem pensar mais tempo, foi ter com Alberto, a quem falou, como se a segunda visita á Avenida da Boa-Vista fosse coisa tão assente, que jamais pudera admittir duvidas.

XII

Maria Josina, algum tempo depois de Julio de Moraes se haver retirado para o collegio, subiu ao seu quarto, e encerrou-se lá dentro. Rasgou o sobrescripto que lhe fôra entregue, e tirou para fora a carta que elle continha. E muito depressa, percorrendo velozmente as linhas, exaradas em caracteres firmes e bem traçados, leu-as como de um trago. Repetiu a leitura, segunda e terceira vez, mais vagarosamente, detendo-se no final de cada periodo, a fim de melhor concentrar a attenção, que se transviava na mescla dos diversos sentimentos que então a agitavam.

Ella possuia alli, entre os seus dedos, a primeira confissão amorosa de Julio de Moraes, ansiada em fremitos convulsos de vagos desejos. E, agora, aquella declaração escripta perturbava-a, porque lhe abria o espirito á nua realidade de um problema que, até então, não passara de mera possibilidade.

Julio pedia-lhe uma resposta, e esperava-a, talvez, com assomos de impaciencia; mas a filha do Silveira receava tomar uma decisão prompta. Naquelle mo-

mento, parecia-lhe que o amor, que em si nascera, era uma coisa muito mais seria do que o que havia imaginado, e que, por conseguinte, era preciso meditar, em antes de se abalar a uma resolução definitiva. E este vago receio a fez cahir em um estado de quasi-lethargia, prostrando-se sobre uma cadeira, com a cabeça immovel, os olhos abertos sem fixarem um objecto determinado, sem reagir, sem se estimular, não tendo energia sufficiente para reflectir e para querer.

Depois, lembrou-se dos paes e do irmão, que ignoravam tudo aquillo, e que, por certo, não suppunham nella, na sua Zizi, um acto de tal ligeireza. Porque, na verdade, Maria Josina chegou a pensar, de si para si, que tudo quanto havia feito não era bem, não era uma coisa muito correcta; a prova estava em que, ao recordar-se dos paes e do irmão, o sangue affluia-lhe ás faces, á testa, ao cerebro, como se todas estas partes superiores do seu corpo a estivessem recriminando, numa censura violenta ao seu proceder. E tal ideia affligiu-a, incommodou-a. Principiou a não se sentir bem. A cabeça tornava-se pesada, os ouvidos zumbiam-lhe, como quando ás vezes a assaltava um pequeno trato de febre. A inquietação moral, que apenas a commovia, transmudava-se numa excitação physica, que a molestava e indispunha. Debalde procurou defender-se, desviando o pensamento, absorvendo-se em outras ideias. Era necessario enfileirar em um partido; aquillo tinha de se resolver; ella precisava de se decidir. E apoquentava-se ainda mais, considerando

que Julio estava á espera de uma resposta, e que, se lh'a não enviasse, elle soffreria tambem, tanto como ella, ou talvez mais do que ella.

Tudo isto concorreu para lhe aggravar o estado febril, produzido pela fadiga e intranquillidade do espirito. Conheceu que necessitava de repouso. E, num impulso instinctivo de bem estar, de defesa pessoal, começou a preparar-se para se metter no leito.

Deitou se; e, aconchegando bem a roupa ao corpo que se arripiava em calefrios, sentiu-se um pouco mais alliviada, um tanto mais quieta. Mandou chamar a mamã, que appareceu logo, e que ficou muito surpresa ao vê-la no leito, com o semblante afogueado, apprehensivo.

— Que foi, minha filha, que tens tu? — perguntou D. Maria Telles, evidentemente preoccupada.

E Maria Josina, com um sorriso forçado, para desannuiar o rosto timorato da mãe, obrigou-se a mentir:

— Não foi nada, mamã. Nada de importancia. Como não passei muito bem a noite, creio que estou com um bocado de febre. Provavelmente, foi por não ter dormido bem...

Eram perto das onze horas; e, como D. Maria Telles lhe perguntasse se ella não tinha vontade de almoçar:

— Não, mamã; não me appetitece... — respondeu.

— Mas então tu estás doente, Zizi?! — insistiu a mãe.

— Não estou doente, não... Isto passa em dormindo; vae vêr que não é nada...

Pouco depois, comparecia no quarto o pae, que fazia as mesmas perguntas, inquietando-se pela saude da filha, e lembrando que seria bom chamar o medico.

Maria Josina protestava, de novo, que não tinha nada, que não estava doente, que não era preciso medico nenhum.

E a verdade é que aquellas interrogações do pae e da mãe lhe faziam ainda mais mal, porque, contra sua vontade, lhe recordavam a origem do seu desasosiego. Continuando a afirmar que o motivo da sua indisposição era resultante de um pouco de fadiga, e que tinha vontade de dormir, os paes, mais tranquillos, sahiram do quarto, e deixaram na sózinha, para descansar.

De facto, passado algum tempo, aquelle cansaço physico, que a debilitara, produziu o seu effeito natural: Maria Josina, adormecendo, entrou num somno reparador.

Proclama a sabedoria popular que a noite é boa conselheira. E toda a philosophia deste proverbio, entendido habilmente, se reduz a significar que o repouso do corpo, após uma agitação nervosa, prepara melhor o espirito para interpretar, como deve ser, a situação especial que originou aquella agitação.

Assim aconteceu com Maria Josina. Eram tres horas da tarde quando acordou; e, mal que abriu os olhos, sentindo-se novamente chamada para a realidade da vida, notou que a febre se tinha esvaído, que o cerebro funcionava magnificamente, e que uma ener-

gia reanimadora lhe desentorpecia os musculos. Levantou-se; e, apenas vestida, correu logo ao encontro de D. Maria Telles e do marido, que ficaram todos satisfeitos ao vê-la, com razoavel aspecto, e com as suas maneiras costumadas.

— Deves ter vontade de comer qualquer coisa! Não almoçaste nada... — disse-lhe a mãe.

— Lá isso tenho, mamã!

E D. Maria foi logo dar ordens para servirem a filha, visto que ainda faltava muito tempo para o jantar.

Maria Josina, depois de reconfortado o estomago, foi para o jardim, levando consigo um livro que tomara ao acaso, de sobre uma meza da varanda. Escolheu um recanto ainda batido de sol, de um sol macio e acariciador, que estava prestes a escoar-se por detraz da silhueta asymetrica do palacete em que vivia. E sentou se em um banco de cortiça, coberto de um docel de trepadeiras sem folhas.

Na sua frente, uma palmeira esguia elevava-se no espaço; e, alli perto, á esquerda, uns patos barulhentos banhavam-se agitadoamente na agua amarellenta de um lago que, no verão, amenisava a paisagem quente dos alegretes floridos, e, no inverno, retratava o verde sombrio das plantas vivazes. Mais adeante, estava aquell'outro banco em que ella se encontrara com a mamã, uns quinze dias antes, quando regressára do collegio. E esta circumstancia levou-a a pensar em Julio de Moraes, nos olhares insinuantes que elle lhe atirára, por occasião da sua visita ao mesmo col'egio.

Poz-se então a meditar em todas as scenas que posteriormente se segairam, reproduzindo-as mentalmente, com um prazer indefinido, que lhe acogulava o coração. De subito, lembrou-se da carta que recebera naquella manhã, e que até guardava alli, no bolso do casaco côr de creme.

E admirou-se do que lhe tinha succedido quando a leu, do pequeno accesso de febre que a assaltou, da perturbação em que, havia poucas horas, se tinha visto envolvida. Imaginou-se até um pouco ridicula, em virtude de haver sido perseguida de uns escrúpulos que agora não sabia explicar, e que, naquelle momento, attribuiu a um estupefaciente desvario.

Tonificou-se; sentiu-se cheia de inebriantes affagos; e, dando largas ao coração irrequieto, decidiu-se immediatamente a escrever a resposta, que Julio de Moraes aguardava, e tão gentilmente requeria na sua carta.

Mas — pensou — havia um pequeno obstaculo. Sem duvida, desejava escrever-lhe, e, nas linhas que confiaria ao papel, queria tambem manifestar a expressão muito approximada dos seus affectos. Porém, a fim de tal resposta lhe chegar ás mãos, era mistér soccorrer-se de um intermediario — aquelle João Lucio dos Santos, que lhe tinha sido indigitado. E este pormenor contrariava-a um pouco. Ella preferiria que não houvesse ninguem, que se mettesse de permeio entre elles; que Julio recebesse a resposta directamente, sem que um terceiro, a quem não conhecia, pudesse vir a adivinhar aquillo que ella tanto desejava occultar.

Porquê escrever para o tal João Lucio? Este individuo devia de ser um amigo de Julio; mas tal facto não lhe assegurava que não viesse a descobrir-se, por uma indiscreção do intermediario, o segredo dos seus amores. Quando ella conversava com as amigas, no collegio que frequentára, bastantes vezes ouvia d'ellas confissões muito intimas; e, por essas revelações, ficava a conhecer pessoas, que nem sequer de longe imaginavam que viriam a ser d'ella conhecidas. Com os homens devia de acontecer o mesmo. Por certo que Julio teria de fornecer uma explicação a João Lucio; e, quando ella voltasse ao collegio, com o pretexto de visitar o irmão, esse João Lucio havia de remirá-la, e diria lá para comsigo: «aquella é a namorada do Julio de Moraes. . . » E, depois, o mesmo João Lucio seria capaz de repetir isso a outros amigos, resultando assim que, dentro de pouco, a maioria dos collegiacs ficaria a saber da existencia dos seus amores, e, o que era peor, a conhecê-la. Pelo menos, era assim que succedia com as suas companheiras de collegio, a respeito dos namoros que ellas tinham.

Estas reflexões lograram atemorizá-la, e, por conseguinte, dissuadiram-na de escrever por intermedio de João Lucio. Podia até acontecer que Alberto viesse um dia a ser sabedor de tudo, e que, depois, commettesse a leviandade de descahir em o revelar, lá em casa.

— Meu Deus! Que seria se uma tal coisa succedesse?! — murmurava ella, transida de medo. Em tal caso, o seu namorado não poderia tornar alli, ao pala-

cete da Avenida da Boa-Vista. E depois? Como se haveriam de fallar, de permutar os effluvios do seu reciproco affecto? Não! O melhor era não responder! Que Julio tivesse paciencia e esperasse até domingo. Neste dia, ella lhe entregaria pessoalmente a resposta, e, depois, ajustariam uma fórma mais pratica de se corresponderem no futuro. Porque, inquestionavelmente, Julio de Moraes voltaria a casa d'ella no domingo; sobre isso, não havia duvidas; o papá já lhe tinha dito a elle proprio que a casa estava ás ordens; e, se tanto fosse necessario, ella saberia inspirar ao pae um convite a proposito. Entretanto, poderia até ir ao collegio, allegando que ia vêr o irmão; sendo tambem certo que, embora lá fosse, não lhe seria possivel entregar a Julio a resposta á carta d'elle.

Após todos estes raciocinios, Maria Josina acabou por se decidir, assentando em não ir ao collegio, e em não responder a Julio de Moraes, com o auxilio de João Lucio. E, assim, seria ella propria quem, no proximo domingo, liquidaria todas as difficuldades.

Pela semana adeante, permaneceu neste proposito. Quando se chegou ao sabbado, Maria Josina sentia-se talvez feliz, porque até já havia escripto a carta para Julio de Moraes.

E que carta! Para a levar a fim, inutilisara uma porção de folhas de pape!. Uma vez, as phrases escriptas pareciam-lhe excessivamente carinhosas, demais para principiar; outras vezes, afiguravam-se-lhe bastantes frias, improprias do amor que lhe refer-via no peito. E rasgava, umas após outras, as folhas

de papel violáceo, subtilmente perfumadas com heliotropo, e salpicadas de uma lettra miudinha, que traduzia bem as exquisites do seu temperamento. Mas, afinal, não houve remedio senão dar ás suas ideias uma redacção definitiva. Conseguiu isso na sexta feira á noite, já muito tarde, escrevendo a resposta de um folego, sob a excitação de um nervosismo benefico, que a libertava de um grande embaraço.

E quando escrevia aquellas phrases tão gentis e tão ternas, estava bem longe de suspeitar que, naquelle dia e nos anteriores, Julio de Moraes alimentara contra ella um despeito enraivecido, acalentando, no seu cerebro, ideias de um pessimismo atroz, que de certo a magoariam, se Maria Josina gozasse do privilegio de as adivinhar. Ainda bem que tais ideias constituiam o producto de um mal entendido muito banal, como, aliás, e na maior parte das vezes, o são as coisas mais tragicas deste mundo.

XIII

O Telles da Silveira, o Albertinho, e Julio de Moraes apearam-se do automovel, junto da residencia da Boa-Vista, pouco depois das nove horas da manhã d'aquelle ultimo domingo d'abril.

Julio, sobremaneira apprehensivo, deixava resurtir na fronte a timidez e o acanhamento que o avassallavam, provenientes da falsa situação em que se julgava collocado, relativamente aos seus amores com Maria Josina. Elle ia defrontar-se com ella, exteriorizando o aspecto dubio e preocupado de um reu que entra no tribunal, ignorando qual a sentença do juiz. E esta ideia punha-o receoso e abstracto, e fazia esmorecer, dentro de si, a energia habitual do seu temperamento audaz.

Quando Alberto carregou sobre o botão da campainha electrica, a fim de que viessem abrir a porta envidraçada do atrio, incrustada de metaes reluzentes, Julio chegou a arrepender-se de ter voltado alli, á casa onde vivia uma mulher que julgava ter

dominado, mas que, ao invéz, o dominava a elle. Na impossibilidade de tornar atraz, resignou-se, como todo aquelle que já não consegue evitar os embarços de uma situação difficil; e para attenuar, ou, melhor, para espaçar esses embarços, deixou que o Telles da Silveira subisse adeante a escadaria, illuminada pela ampla claraboia, enquanto elle o seguia vagarosamente, a conversar com Alberto, retardando, tanto quanto possivel, a ascensão dos degraus.

Logo que attingiu o pateo, onde se abriam as portas que davam para o interior, Julio experimentou em si todo o ridiculo a que pode estar sujeito um homem, quando, por culpa sua, apparece na frente da mulher que, com um desprezo cruel, o feriu na corda mais sensivel do amor-proprio.

Arreliado e aborrecido, entrou para a sala de espera, onde os dois companheiros o deixaram a sós, por uns instantes. E nesse momento, olhando vagamente para as paredes e para os moveis, teve vontade de fugir, de desaparecer. Em cima de uma meza, e resguardada por um porta-retratos de seda côr de rosa, estava a photographia de Maria Josina, toda vestida de branco, com dois cysanthemos nos cabellos, e com um sorriso mysterioso nos labios. Ao divisá-la, Julio de Moraes agorou-se; naquelle sorrir do retrato, elle julgou descortinar uma ironia contundente, um sarcasmo humilhante, que lhe era endereçado. Levou a mão direita á fronte, num gesto de quem deseja reunir duas ideias, ou concentrar uma energia. Mas nisto, percebeu o ruido de uns passos que se approximavam. Era Al-

berto, que vinha ter com elle, a fim de o introduzir na sala de visitas.

Nesta sala, tinha-a elle visto, no domingo anterior, sentada no divan adamascado, olhando-o com uma ternura significativa. O piano estava descoberto, com os papeis de musica dispersos sobre a estante; os moveis conservavam-se pacientes nos seus logares; a luz coava-se alegremente, atravez dos cortinados de renda; emfim, tudo parecia indicar que nada havia mudado alli dentro, onde, provavelmente, ella viera frequentes vezes, naquello intervallo de oito dias. E, não obstante, Julio não se sentia o mesmo!

Acordou sacudidamente destas reflexões, quando Alberto, muito affectuoso, lhe fallou na irmã:

— A Zizi já está a pé; não tarda ahi...

E esta phrase, aliás tão simples, transmudou-lhe, por completo, o curso das ideias.

— «Ella não tardaria a vir!» Por conseguinte, não devia estar zangada com elle, pois que, de outra forma, não se apressaria tanto em apparecer. — E bastou este raciocinio, para o collocar mais á vontade.

Tendo de dizer qualquer coisa, perguntou ao Alberto pela mamã:

— Ainda está recolhida — respondeu aquelle.

E a fim de passar o tempo, foram ambos para junto do piano, a examinar os papeis de musica.

Subitamente, appareceu no salão a filha do Silveira.

Julio de Moraes, um pouco desorientado, encarou-a com ar submettido, e notou que ella se abeirava d'elle com modos acolhedores, satisfeitos, hospitaleiros.

Reserenou. E, quando ella lhe estendeu a mão, cumprimentando-o affavelmente, e perguntando-lhe como tinha passado desde domingo, Julio de Moraes julgou-se outra vez no dia da primeira visita, afoitamente senhor de si, e animado das melhores esperanças.

Agradeceu-lhe, muito attencioso, os cumprimentos; e, sentando-se em seguida a uma indicação d'ella, iniciaram uma conversação muito franca e pacifica, que denotava a melhor harmonia entre ambos.

D'ahi a pouco, Alberto dizia que ia ver se a mamã já tinha sahido do quarto, concedendo-lhes, assim, a inesperada occasião de ficarem sós. E, quando elle se sumiu por detraz do longo reposteiro de damasco esverdeado, os dois calaram-se como por encanto. Maria Josina cravou os olhos no chão; e Julio, ao contemplar aquella apparencia de compromettida, teve coragem de lhe dizer a meia voz, pronunciando demoradamente as palavras, como quem recrimina, e, simultaneamente, implora:

— Então não me quiz responder... — E, depois de uma curta pausa: — Como eu tenho soffrido!

Maria Josina, abalada por estas phrases, e, ainda mais, pelo tom supplicante em que foram proferidas, soergueu vagarosamente os olhos lindos, e fixou-os n'elle, com uma expressão de meiguice, que o devia envaidecer. E, sem dizer palavra, tirou da cintura um sobrescripto dobrado, que lhe entregou.

O Moraes, ao receber aquelle papel, cujo conteúdo evidentemente lhe devia ser favoravel, encheu-se de um contentamento intimo, que lhe redobrou a sua

energia de homem; e, tomando religiosamente a mão d'ella, muito fina e branca, approximou-a dos labios, depondo, sobre aquelles dedos esculpturaes, um beijo apaixonado e ardente.

Maria Josina vibrou toda, ao contacto calido da bocca d'elle, humida de desejos; e, sem romper aquelle silencio solenne, levantou-se rapidamente, como para esconjurar uma vertigem. Julio ergueu-se tambem; e, ambos de pé, proximos um do outro, saboreavam docemente aquelles minutos de felicidade fugitiva, como talvez outros se não repetissem, em toda a sua vida de namorados.

Pouco depois, voltava Alberto, a participar que a mamã não tardaria a apparecer; e que, entretanto, era melhor irem para a varanda, onde o papá os aguardava.

Sahiram. Preguiceiramente recostado numa cadeira de palha das Ilhas, gosando os raios de sol que, áquella hora, doiravam as begonias e os cactos, o Telles da Silveira estava a fazer horas para o almoço.

Julio pediu venia para se retirar um instante, a fim de anumar o sobretudo no cabide do corredor; e o Telles lembrou-lhe familiarmente:

—E' melhor ir ao seu quarto, onde pernitou na semana passada. Como já sabe onde é, não é preciso que o acompanhem...

—Muito obrigado!— respondeu cortezmente o visitante, que se ausentou, devorado por uma ansiedade crescente: poder lêr, sem detença, a carta que Maria Josina acabara de lhe entregar.

Mal poz os pés dentro do quarto, Julio sacou immediatamente da carteira o sobrescripto de Maria Josina. E, abrindo-o, leu o seguinte: «Senhor Julio de Moraes: Não sei se procedo mal em lhe escrever, mas parece-me que ficaria incommodada se o não fizesse. Por mim, estaria prompta a ouvi-lo, como diz na carta que me escreveu. Mas ignoro como isso poderá ser, visto que, como comprehende, não sei se terei occasião de lhe fallar. Entretanto, veja se arranja um meio, que eu farei o possivel para lhe ser agradavel. Não respondi para o collegio, porque tive medo de dirigir esta carta ás mãos de uma pessoa extranha; pois bem pode calcular que, se o meu papá viesse a saber d'isto, não sei o que succederia, mas palpita-me que eu teria de soffrer muito. Se, porém, entender que não ha inconveniente, queira dar parte do que resolver, que eu farei conforme me indicar. Sua amiga, Zizi».

Acabando a leitura, Julio convenceu-se de que estava absolutamente senhor da situação. E, não lhe convindo demorar-alli, porque o esperavam na varanda, encaminhou-se para junto dos Silveiras, depois de se desquitar do sobretudo, e de ter ajustado ao collarinho o nó da gravata de seda cinzenta.

D'alli a momentos, principiou o almoço, occupando cada um os logares designados no domingo precedente; e, no fim, Julio buscou a oportunidade de ficar só durante algum tempo, a fim de escrever nova carta, em resposta á de Maria Josina. Metteu-se dentro do seu quarto de hospede; e, sózinho, concordou em que as coisas se apropinquavam maravilhosamente. Ella estava

prompta a ouvi-lo, e a proceder consoante elle indicasse. Por conseguinte, tudo dependeria d'elle, e de mais ninguem. E, astucioso como era, resolveu caminhar lentamente, para não comprometter o plano que trazia na cabeça.

Começou a escrever. E, nesta segunda carta, teve o cuidado de se não mostrar excessivamente satisfeito pela resposta que obtivera. Agradecia a attenção recebida, mas não a exaltava como uma concessão extraordinaria. Quanto a fallar com Maria Josina, dizia que ia meditar no melhor meio de tal desejo se tornar effectivo; e, relativamente á forma de correspondencia, insistia em que não havia duvida alguma sobre as cartas d'ella serem endereçadas para o João Lucio, que era «de toda a confiança». Para concluir, fechava a carta com umas banalidades de uso vulgar, alludindo ao seu extremado affecto, e á felicidade que d'ahi resultaria para ambos. Deparou-se-lhe occasião de a entregar a Maria Josina, num momento em que, estando com o Alberto a conversar na varanda, este olhava distrahidamente para o jardim.

Ao entardecer, o Telles voltou a propôr para que o hospede ficasse lá até á segunda feira. Mas Julio allegou que, em virtude de uns trabalhos academicos, necessitava de recolher, naquella noite, ao collegio. A verdade era que o Moraes não queria abusar do bom acolhimento do Silveira, porque fazia tenções de se aproveitar d'elle, em maré de mais felizes resultados.

Previdente e astuto, botava de longe os calculos para os acontecimentos futuros.

XIV

Maria Josina leu com ineffavel prazer a carta de Julio. Inebriada por um sentimento tão forte como jamais havia experimentado, d'alli em deante ella não vivia senão para esse sentimento, e não idealisava na sua phantasia outra imagem de pessoa extranha que não fosse a de Julio de Moraes. Pertencia-lhe com todas as veras da sua alma candida, que, de improvisto, sentia brotar em si os mais vigorosos e loucos effeitos do amor.

E progressivamente, insensivelmente, esse amor lhe ia transfigurando os habitos e as ideias. Maria Josina, que até alli vestia com gosto, mas com uma delicada simplicidade, principiou a dispensar maiores cuidados ao seu traje, complicando-o ao sabor de um temperamento vivo e imaginativo. Nessa evolução do vestuario, procurava delinear cada vez melhor as formas já graciosas do seu corpo, inculcando-se definitivamente mulher.

Quando ella iniciára com Julio aquelles amores tão estonteantes, possuia ainda o quer que fosse de

menina e de collegial, e que eram, por assim dizer, os rastos de candura infantil que todas as mulheres, já mulheres, teem, e quasi sempre conservam, enquanto ignoram verdadeiramente o que seja amar. Mas a pouco e pouco, as apparencias de tal candura foram-se diluindo nos sonhos e exaltados devaneios que a aco-mettiam, todas vezes que pensava no namorado.

E, por um processo commum ás creaturas do seu sexo, com o desenvolvimento e melhor consciencia dos seus actos, foi-se tambem criando e amplificando em si a poderosa arma da astucia feminina, essencialmente inventiva, e fertil em expedientes. Assim, ella, que, até alli, muito raras vezes ia ao collegio para visitar o irmão, começou a respigar e aproveitar todas as occasiões favoraveis para lá ir, na companhia do pae, escolhendo de preferencia as horas do recreio, a fim de poder contemplar, embora de fugida, Julio de Moraes. As cartas, que ella lhe escrevia, preveniam-no de taes visitas, por forma que elle já estava preparado para a divisar, primeiro do que ninguem, na janella da sala de visitas do collegio.

Além d'isso, em todos os domingos se repetiam as idas de Julio a casa dos Silveiras, logrando Maria Josina, em taes oportunidades, trocar com elle phrases ligeiras, que já a contentavam, posto que a não satisfaziam.

Julio, de seu lado, ambicionava conversar com ella demoradamente, como já lh'o declarara na primeira carta que lhe escrevera. Mas essa ambição tornava-se sobremodo difficil, porque, em casa do Silveira, pouco

tempo se encontravam ambos a sós, até para não esquivarem as atenções da familia, e não correrem o perigo de se denunciarem.

D'esta forma, viam-se obrigados a sacrificar os seus desejos á correspondencia escripta, morosa e insufficiente, e á linguagem mystica dos seus olhos.

Apesar de tudo isso, o tempo fugia veloz para aquellas duas criaturas, que, incontestavelmente, se amavam, embora com sentimentos differentes.

Ella amava Julio a serio, exclusivamente, com a inteireza de todas suas faculdades animicas, pondo nelle todas as esperanças do seu futuro. Julio amava-a tambem, era certo; mas tal amor era para elle uma coisa indefinida, sem um escopo preciso que bastasse a saciar-lhe o coração, de maneira a afastar qualquer outro sentimento semelhante.

De uma vez, no collegio, espertado por um vago remorso, Julio pensou mais uma vez sobre o assumpto. E, perguntando novamente a si mesmo qual o intuito que, nessa epoca, presidia ás suas relações com Maria Josina, viu se ainda embaraçado para responder. Como d'antes, o casamento com ella afigurava-se-lhe difficil, despropositado, irrealisavel, principalmente em virtude do compromisso com Alice, a quem elle afinal tambem amava, quicá com um affecto mais puro e sentimental. Portanto, para quê proseguir com Maria Josina? Não seria mais digno romper de vez com ella? E a consciencia, com uma rigidez implacavel, segredava-lhe que sim. Mas o interesse, disfarçado em vaidade, oppunha-se á resolução da consciencia, e

dizia-lhe que, em tal hypothese, a filha do Silveira teria direito a formar d'elle um conceito vil, que lhe repugnava.

Seguintemente, o mais acertado seria continuar; e, regressando á sua philosophia primitiva, concluia covardemente:

— O que fôr, vêr-se-ha!

Julio de Moraes tinha de se submeter á prova final do ultimo anno do lyceu nos primeiros dias de julho. Oito dias antes, foi a casa dos Silveiras, conforme o costumado. E, nesse dia, viu elle bem o quanto valia Maria Josina, que já não era aquella criatura, um pouco acanhada, que conhecera no mez de abril. Appreciou-lhe voluptuosamente as formas salientes e bastante correctas do seu corpo; e, dominado por um desejo atrevido, estonteava-se-lhe o cerebro, quando a fitava com olhos cubicosos, d'onde chispavam faiscas de um appetite que, dia a dia, se tornava mais intenso.

Á noite, depois de regressar ao collegio, deitado no seu leito de ferro, não pôde attrahir o somno, por causa das recordações do dia; e, com os sentidos aguilhoados, tinha sensações extravagantes que lhe apraziam, e, ao mesmo tempo, o mortificavam. Depois, já bastante tarde, sempre conseguiu adormecer. Mas, pela manhã, quando acordou á hora regulamentar, ergueu-se a custo, porque o seu organismo exausto reclamava um repouso mais duradoiro. E assim foram decorrendo as noites, umas após outras, até ao dia em que elle devia fazer o exame final.

Durante esse tempo, incommodava-o tambem a ideia de que, feito o exame, teria de abandonar o Porto e regressar á sua terra. Depois, findas as ferias grandes, deveria partir para Coimbra, para bem longe de Maria Josina, a frequentar a Universidade. E, então, lá se iriam aquelles passeios a casa dos Silveiras, e bem assim as visitas de Maria Josina ao collegio. Apenas lhes seria possivel continuarem a escrever-se, o que bem pouco era.

Maria Josina tambem já lhe havia feito referencias a essas circumstancias; tambem ella se enristecia, com ideia de que, em breve, muito breve, elle tinha de partir, e era forçoso separarem-se. Julio confortava-a, dizendo-lhe que, apesar de tudo, viria visitá-la ao Porto, não só quando estivesse em goso de ferias, como quando vivesse em Coimbra. E ella acquiescia forçadamente a taes razões, posto que, ás vezes, se lhe marejavam os olhos de agua, que chegava a extravasar-se em perolas crystallinas, que escorriam dos cantos das orbitas.

Uma coisa contribuia para a tornar sombria e deprimida: era o facto de não poder ouvir da bocca de Julio aquellas phrases, que elle agora lhe escrevia, com o fim de a tranquillizar. Pelo que, chegava a estudar a forma de poder fallar com elle, muito á vontade, e por tanto tempo quanto fosse necessario. Mas não descortinava meio, não era capaz de o descobrir.

Mais sagaz do que ella, Julio tinha boas esperanças de se não retirar para Coimbra, sem obter a rea-

lisação d'esse proveitoso ideal. Elle conhecia um meio de poder fallar com Maria Josina; mas, nas condições em que tal entrevista se devia dar, era prudente agir com reserva, não lhe revelando desde logo as suas intenções. Por isso, quando lhe escrevia a respeito de tal assumpto, encarecia as difficuldades, a fim de melhor mercantear com a ingenuidade d'ella.

Era assim que Julio, ensimesmando-se, fazia e refazia projectos, sem, comtudo, os exteriorizar. E esses projectos, afinal, irritavam-no, porque tambem, ás vezes, se lhe apresentavam como irrealisaveis.

A quatorze de julho, Julio de Moraes terminou, com bom exito, o curso dos lyceus. E nesse dia, á tarde, apresentou-se em casa do Telles da Silveira, que o tinha convidado para jantar, a fim de commemorar a approvação obtida.

Maria Josina, embora contente e satisfeita por vêr em sua casa Julio de Moraes, de antemão avolumava no seu intimo as consequencias d'aquella festa, que era, por assim dizer, o prologo da despedida. O jantar correu muito animado e entusiasta; mas a Zizi comeu pouco, porque a magoa interior lhe fez quasi perder o appetite. Os paes nem deram por isso, distrahidos com a conversa penetrante que Julio sustentou á meza, propositadamente, para incutir animo e coragem no espirito da namorada.

D'essa vez, Julio desejava de boa mente pernoitar

em casa dos Telles; mas, por acaso, Alberto devia regressar no mesmo dia ao collegio, por uma questão de aproveitamento escolar.

Ao despedir-se de Maria Josina, que a custo se continha, Julio estreitou com energia a mão della, agora debil e froixa, lançando-lhe tambem um olhar acariciador. E, pouco antes, havia-lhe entregado um bilhete, no qual lhe participava que, dalli a dois dias, tinha de seguir para a sua terra, aonde a familia o esperava. Essa circumstancia, posto que já conhecida della, concorreu sobremaneira para que Maria Josina, ao vê-lo retirar-se, ficasse presa de uma melancolia, que difficilmente pôde dissimular.

De facto, umas quarenta e oito horas depois, em uma quarta-feira do mez de julho, pela manhã, Julio de Moraes embarcava na estação central do Porto, com bilhete de segunda classe, até á estação da Regoa. Em antes, foi até junto do palacete da Avenida da Boa-Vista, onde não entrou, porque já formalmente se tinha despedido dos Telles da Silveira, no dia em que lá estivera a jantar. Mas, como havia prevenido Maria Josina, esta aguardava-o, á hora determinada por elle, a uma janella do salão, para de longe lhe poder transmitir um adeus, talvez saudoso, e, comtudo, imprescindivel.

Julio divisou-a logo, a afastar as bambinellas bordadas das vidraças, com a cabeça collada á janella, numa attitude pesquisadora. E rapidamente, porque o tempo lhe não dava margem para demoras, acenou-lhe de longe, do passeio opposto, com um gesto significa-

tivo; e tocando com os dedos nos labios, enviou-lhe um beijo — o primeiro! —, que ella agradeceu commovida, enxugando com um lenço as lagrimas que lhe assomaram aos olhos.

E quando, d'alli a uns segundos, Maria Josina olhou para o local onde acabava de o ver, presenciou que já elle se retirava, volvendo-se furtivamente para traz; e que, finalmente, o seu busto desaparecia ao longe, meio encoberto pelos troncos das arvores da Avenida, que se elevavam hirtas, impiedosas e soberbas, com as suas ramarias espalhafatosas, a arremediar enormes cabelleiras estopetadas. . .

XV

Quando a filha do Telles da Silveira se viu só, sabendo que Julio estava já muito distante de si, começou a experimentar verdadeiramente a dolorosa nostalgia dos namorados. E então, para espairecer, na impossibilidade de communicar a alguém as magoas que lhe exulceravam a alma, procurava isolar-se de todos, quedando-se, horas e horas, a cogitar no seu Julio ausente. Durante essas visões solitarias, perpassavam-lhe pela mente inumeros projectos, por vezes contradictorios, mas todos elles tendentes a minorar a agra separação, em que o acaso a collocara.

— Ainda ao menos, quando elle estava no collegio, podia eu ir vê-lo... Mas agora!... — proferia ella baixinho, com um gesto de desconforto.

E cahia num abatimento moral, que lhe imprimia ao semblante um aspecto desanimado e taciturno.

Depois, lembrando-se de que, nem uma unica vez, tivera occasião de fallar demoradamente com elle, arrebellava-se toda, e recriminava-se, por não ter descoberto um meio que lhe houvesse permittido realizar esse desejo :

—Podia ter fallado com elle, mesmo de noite, quando elle dormisse aqui. . . — dizia.

E acrimoniava-se, por não lhe haver proposto este plano.

— A culpa foi só minha! — accrescentava.

E, architectando planos futuros, protestava que, apenas Julio viesse ao Porto, e á falta de outro meio para conversar com elle, seria ella a primeira a suggerir-lhe aquelle projecto, que acabava de imaginar, e que lhe parecia simples, facil e até commodo.

— Pois de certo! De noite não ha o perigo de alguém nos vêr. O papá e a mamã não podem ouvir nada. . .; o Alberto fica lá em baixo, no primeiro andar. . .

Com effeito, os quartos de Maria Josina ficavam separados dos aposentos do Telles, havendo entre estes e aquelles um vestiario, e um pequeno escriptorio. Quasi em frente do quarto d'ella, ficava aquelle em que dormia a criada de sala; mas esta costumava ter um somno tão pesado, que difficilmente se perturbaria, ainda que houvesse qualquer ruido. E, meditando sobre todas estas circumstancias, Maria Josina achava deveras praticavel aquella ideia de fallar com Julio, que dormiria no primeiro andar, ao pé de Alberto.

Emquanto acariciava este projecto, uma objecção lhe saltou ao espirito: se era certo que, em taes condições, podia ter uma entrevista com Julio de Moraes, a verdade era tambem que faltava um local apropriado e satisfatorio. Na sala de jantar? Na sala de jogo ou na de visitas? Mas, em todas estas dependen-

cias, e nas dem^{ais} que, successivamente, lhe foram accudindo á imaginação, ella antevia uma difficuldade: teriam de accender a luz, e tal incidente podia, por uma fatalidade, dar nas vistas.

D'ahi, surgia o perigo de ser encontrada sósinha com elle, sem poder explicar a sua estada em taes sitios, a uma hora adeantada da noite.

E esta ideia arrepiava-a, fazia-a estremecer:

— E' impossivel! — terminava ella, desalentada.

Concentrando-se um pouco, como quem procura, a todo o transe, a solução de um grave problema, murmurou:

— E no meu quarto? Lá, embora estivesse a luz accesa, ninguem poderia ter uma desconfiança. Se ouvissem ruido, julgariam ser eu; e, se presenciassem o reflexo da luz, eu desculpar-me-ia, dizendo que estava a lêr ou a trabalhar...

De repente, porém, ponderando que não lhe ficaria bem, a ella, convidá-lo para uma entrevista em tal sitio, sentiu-se desanimar, como se lhe tivesse fugido a ultima esperanza.

— Mas então... como ha-de ser? — inquiria-se, impaciente. E desesperava-se, por não saber responder a esta pergunta, por vêr que era impossivel satisfazer o grande desejo que a obsediava.

Depois, como por um motivo qualquer tivesse de findar as suas reflexões, lá voltava á vida normal, aos pequenos trabalhos da casa, confiando que o tempo havia de deslindar aquillo que, agora, era incapaz de decidir. Á noite, passava o tempo mettida no quarto,

a escrever para Julio, respondendo ás cartas que d'elle recebia. Como tinha o habito de se levantar cedo, era ella mesma quem descia ao atrio, para ir, á caixa do correio, buscar a correspondencia; e assim, obtinha que passassem despercebidas as suas assiduas communicações epistolares, quasi diarias.

Em uma das cartas que havia recebido, Julio de Moraes participava-lhe que brevemente iria ao Porto, com demora de uns dias, e que não deixaria de ir á Boa-Vista, para a visitar. Logo ella lhe mandou dizer que viesse, que não demorasse muito, porque já tinha saudades d'elle; e, tocando levemente no assumpto da entrevista que Julio pedia, e que ella tambem cubicava, dizia-lhe que «ia vêr se, na occasião em que elle chegasse, encontraria meio de se fallarem á vontade; mas que, no entanto, pensasse elle no caso, e expusesse a sua opinião.»

Julio, recebendo esta carta, não pôde deixar de sorrir. Percebeu immediatamente que tambem ella ansiava por estar com elle, a sós; e, ruminando consigo mesmo uma ideia, exclamou:

— Vamos a experimentar!

Apressou-se em responder á carta della, sem se esquecer de alludir á historia da entrevista. E, a tal respeito, discorria assim:

«Que lhe não parecia facil descobrir uma forma de fallar com ella a sós, como tanto desejava; que, lá em casa do pae d'ella, de dia, era isso impossivel; e, de noite, não sabia bem como pudesse ser».

D'alli a dois dias, já elle estava senhor de uma resposta: Maria Josina concordava com elle:

« Que, na verdade, durante o dia, era impraticavel; mas que, á noite, talvez não fosse tão difficil; que procurasse elle a maneira mais facil, e, em seguida, a avisasse ».

Julio, ao ler estas phrases, que bem mostravam estar a filha do Telles resolvida a tudo, acenou affirmativamente com a cabeça, e comprimiu exaggeradamente os labios, como quem já sabia o que havia de fazer. E, muito reservado, repetia:

— Prudencia! muita prudencia!

E poz-se a escrever para Maria Josina.

Respondia-lhe:

« Que se julgava feliz por ella ter concordado com elle, sobre a necessidade de se fallarem; que, se assim não fosse, bem elle teria de ir para Coimbra, sem poder gosar a ventura de lhe mostrar o quanto a amava, discorrendo sobre coisas, que deviam interessar a ambos; e que, por isso, e á mingua de outro meio, ficava assente que fallariam de noite, quando elle lá ficasse em casa d'ella. »

« Quanto á forma pratica da nova entrevista — escrevia — eu vou pensar no caso, e, no mesmo dia em que ali chegar, te entregarei uma carta, a explicar o necessario ».

E concluia: « Descansa, que tudo se arranjará pelo melhor ».

Maria Josina, lendo esta carta, ficou um tanto perplexa. Como Julio nada indicava sobre a hora e

local da entrevista, não conseguia atinar com o plano d'elle sobre taes circumstancias.

— Emfim, visto que me explicará tudo quando vier, não tenho de pensar mais no assumpto!—E esta reflexão tranquillizou-a, fazendo-lhe desviar d'alli o objecto das suas ideias. Maria Josina confiava em Julio; e, ingenua como era, essa confiança era cega, quasi illimitada, exorbitante.

Áparte isso, o que mais lhe prendia as atenções era o dia da chegada do seu namorado. Figurava-se-lhe que, então, seria o dia de maior felicidade da sua vida, tanta era a urgencia que sentia em o voltar a vêr ao pé de si.

Áfinal, em dezoito de agosto, recebia ella uma communicação do Moraes, na qual este a tornava sciente de que, no domingo, vinte do mesmo mez, appareceria na Boa-Vista, cerca da uma hora da tarde.

Semelhante noticia rejubilou-a immenso, e quasi lhe fez recobrar a primitiva alegria dos tempos em que elle ainda estava no collegio.

XVI

Chegando ao Porto, Julio de Moraes foi ter com o seu collega João Lucio que acabava de almoçar. Como bons amigos, os cumprimentos redundaram em exclamações alegres, acompanhadas de gargalhadas sonoras.

— Estás magnifico! — disse João Lucio — Os ares da tua aldeia fazem-te bem á pelle. Eu, cá por mim, sou sempre o mesmo, porque tambem respiro sempre esta atmosphaera que vês...

— E' porque me tenho portado bem! — respondeu Julio, gracejando.

— Ah! lá isso acredito! A provincia não deve de ser grande coisa para um homem se portar mal! Que, apesar d'isso, tambem has-de ter feito das tuas, hein?

E os dois amigos desferiam, quasi em unisono, umas risadas joviaes, que cada um, bem conhecedor do outro, interpretava a seu modo.

— E a proposito: como é que vão aquelles teus idyllios com a filha do Telles da Silveira? Acabou tudo, decerto? — indagou João Lucio.

Julio, em resposta, poisou o dedo indicador da mão direita sobre os labios, que se afunilavam, e expellindo um sibillar caracteristico, n'aquella mimica vulgar de quem impõe silencio, explicou a meia voz:

— Venho cá hoje por causa d'ella . . .

— Bravo! então já vejo que isso continua . . .

— Continua, e . . .

Julio completou a phrase com um assobio prolongado.

— C'os diabos! que queres tu dizer com essas reticencias? — inquiriu João Lucio.

O interpellado sentou-se, fez, com a mão direita estendida, um gesto de quem vae contar grandes coisas, e abriu a cigarreira de prata:

— Pega lá um cigarro!

— Venha de lá elle! — exclamou João Lucio, tomando do cigarro e mettendo-o na bocca, á espera que o seu amigo lh'o accendesse. E, depois de tirar a primeira fumaça, amezendou-se na cadeira de braços, já bastante surrada, traçando familiarmente uma perna sobre a outra, disposto a escutar interessantes confidencias.

Julio começou:

— Pois é verdade! vim cá por causa d'ella. Como sabes, andei sempre atraz da primeira occasião que me permittisse fallar-lhe sem testemunhas. Mas nunca me foi possivel; por mais estudos que fizesse, não pude conseguir tal coisa. Hoje, porém, creio bem que vae ser o dia . . .

— Hum! — fez João Lucio, piscando garotamente

o olho esquerdo.— Visto isso, os paes já sabem d'essa historia! . . .

— Absolutamente nada.

— Mas então . . . onde é que vocês vão realizar essa sensacional entrevista?

— Em casa d'ella!

— Como? — perguntou Lucio.

— De noite! — esclareceu emphaticamente Julio de Moraes.

João Lucio, ao ouvir estas palavras, esboçou um tregeito de enfado, e commentou:

— Ora adeus! Não sei como tens paciencia para te pôres, ahi durante uma porção de tempo, a olhar para uma janella, e a dizer coisas que toda a gente pode ouvir . . .

— Mas tu estás tolo! A entrevista é mesmo em casa d'ella!

E frizando bem as syllabas, accrescentou: — Dentro da casa d'ella!

— E como arranjas tu isso? — perguntou Lucio, arregalando muito os olhos.

— Ora, é precisamente sobre esse ponto que eu desejo ouvir a tua opinião. Sabes que dormi uma vez em casa do Telles da Silveira, e não dormi mais vezes, porque não quiz. Como hoje vou visitá-lo, e lhe direi que demoro aqui no Porto dois dias, é tambem natural que me offereça hospedagem. Claro é que acceito. E de noite, aproveitarei a oportunidade, para fallar com a filha.

— Pelo que vejo, não necessitas da minha opinião para nada! — objectou João Lucio.

— Perdão! Vaes ouvir o resto. Ella está prompta a encontrar-se commigo, e incumbiu-me até de estudar a melhor forma de se realisar a entrevista. Mas, francamente, não sei se isso me será assim facil. Não me darás, por acaso, uma ideia?

— Co'a breca! Uma ideia?! Mas como queres tu que t'a eu dê, se não conheço a casa por dentro?!

— Effectivamente, tens razão! — disse Julio. — E se fosse no proprio quarto d'ella?

João Lucio escancarou as maxillas, cerrou-as em seguida, sorveu uma fumaga profunda, e lançou ao chão a ponta do cigarro;

— Era obra! — exclamou.

E, depois de uma pausa, em que acenava com a cabeça, e franzia os beiços, como quem fantasia coisas admiraveis, confirmava:

— Lá isso era! A questão é que ella te queira receber...

— Talvez... Em todo caso, não devo perder nada com a experiencia ..

E Julio principiou a expôr o plano ao seu amigo.

Maria Josina havia-lhe outorgado plenos poderes; e elle lembrára-se logo de escolher aquelle local, que era mais seguro e, emfim, o melhor, por todas as razões. Não convinha, no entanto, preveni-la de tal projecto, antecipadamente; e, por isso, tinha-lhe escripto, a dizer que, no proprio dia em que chegasse, lhe entregaria uma carta, explicando tudo.

— Tu comprehendes! — dizia elle para João Lucio.
— Nessa carta, que ainda não escrevi, tratarei de advogar a ideia que acabo de te expôr, dando-lhe parte de que, a uma certa hora da noite, me apresentarei á porta do seu quarto. Por conseguinte, admitto a hypothese de que ella está de accordo com o que eu resolver. Ora, não lhe dando tempo para reflectir, será forçada, embora contra vontade, a esperar por mim á hora prescripta, a fim de me não comprometter e de se não comprometter tambem. Que te parece?

— Magnifico! — respondeu Lucio. — Não ha duvida de que é bem ingendrado. O que deves é entregar-lhe a carta o mais tarde possivel, para ella não ter occasião de te dizer que não pode acceitar o teu diabolico projecto...

— Exactamente! Isso é commigo! E agora vamos a escrever a carta. Deves ter aqui papel e tinta.

— Tenho. — E procurando, sobre a escrivaninha de cerejeira, uma caixa de papel de cartas, João Lucio offereceu-a ao companheiro: — Aqui está!

Julio de Moraes, abancando á meza cheia de livros, principiou a escripta, emquanto Lucio, de pernas traçadas, fumava outro cigarro. A' medida que ia escrevendo, lia em voz alta os periodos que compunha, e que eram sublinhados por ironicos commentarios que João Lucio fazia. Nessa carta, Julio expunha traiçoeiramente a Maria Josina o plano concebido:

«Que tinha estudado bem, e chegára á conclusão de que a entrevista se não podia realisar em qualquer dependencia da casa, a não ser no quarto d'ella, mais

proprio para estarem á vontade; que, por isso, o aguardasse ás duas da manhã, e deixasse a porta do quarto apenas encostada, sem a fechar; que, se ella não quizesse acceitar este alvitre, elle se veria obrigado a ausentar-se para Coimbra, sem fallar detidamente com ella, como precisava, visto ser necessario combinar coisas que, por carta, era impossivel combinar; mas que elle, em todo caso, se conformaria sempre com o parecer d'ella, pois que, por ella, estava disposto a todos os sacrificios».

Apenas acabou, leu novamente, e a meia voz, o que havia escripto, após o que olhou significativamente para João Lucio :

— Então ?

— Então... creio que dará resultado. Não deve falhar! — confirmou Lucio. — E a verdade é que não perdes nada com a experiencia, como dizias...

E, rindo-se muito, commentava com brejeirice:

— Olha: tenho pena de não estar hoje em teu lugar...

Julio, consultando o relógio, verificou que se approximavam as horas, porque, em antes de ir á Boa-Vista, ainda devia almoçar.

— Como tu já almoçaste, não te convidado — disse para Lucio.

— Obrigado. Dá cá um abraço... e, muitas felicidades. E amanhã não te esqueças de vir por aqui...

— Sem falta! — rematou Julio.

E sahiu. Quando já descia a escada bastante ennegrecida, João Lucio, muito repimpado na sua cadeira

de braços, e fumando com voluptuosidade outra cigar-
rilha, resmoneava velhacamente consigo mesmo:

— Este diabo tem sorte.

O «diabo» era, na hypothese versada, o seu in-
timo amigo Julio de Moraes.

XVII

Perto das duas da tarde, Julio de Moraes fazia resoar o timbre da campainha electrica, em casa do Telles da Silveira.

Veio abrir a porta a criada de meio, a Cecilia, moça rosada e abundante em carnes, que o saudou respeitosa-mente.

— Eu vou prevenir o senhor Telles — disse ella.

E, d'alli a instantes, Cecilia voltava dizer a Julio que tivesse a bondade de subir, acompanhando-o até á sala de espera. Pouco depois, appareceu o Albertinho Silveira que, já em goso de ferias, andava a brincar no jardim, com a irmã. E, successivamente, appareceu o Telles da Silveira, que se mostrou muito amavel e dispensou muitas festas ao visitante, como a uma pessoa que já se não vê ha bastante tempo.

— Então por cá? — dizia o Telles — Seja bemvindo!

E Julio explicava: que tinha vindo ao Porto, onde demoraria até o dia seguinte, para tratar de uns negocios, e não pudéra deixar de o visitar.

— Pois é claro! — continuou o Telles. — E visto que demora, tem de ficar aqui.

Julio, agradecendo muito o convite, objectava que tinha a mala no hotel. Mas o Telles insistia:

— Qual hotel?! Aqui é que o senhor ha-de ficar... Quanto á mala, isso é o menos. Se precisa d'ella, dê as suas ordens para que a tragam ainda hoje.

E Julio, ceremoniosamente, com modos muito cortezes, não se fez rogar mais, e teve aparentemente de se resignar.

Logo que Maria Josina appareceu, Julio cumprimentou-a hypocritamente, com um excesso de melindroso respeito, que bastaria a destruir as mais pequenas supeitas, se as houvesse. E ella, embora um pouco commovida, respondeu tambem ceremoniaticamente aos cumprimentos, como se fosse a uma pessoa estranha...

Alberto, além d'aquelle ar contente de estudante em ferias, era o mesmo irrequieto de sempre, com o seu feitio estouvado de collegial, que faria arreliar qualquer criatura que não estivesse nas condições de Julio de Moraes.

Maria Josina, ao vêr, de novo, deante de si, o seu namorado, parecia que o devorava com o olhar; e, no seu intimo, ardia em desejos de receber logo, n'aquelles primeiros momentos, a carta que Julio lhe promettera, a respeito da projectada entrevista.

Contemplando-o alli, após uma ausencia que lhe parecera tão longa, afigurava-se-lhe que Julio era mais homem, e, por isso mesmo, mais digno do seu

amor e da sua admiração. Já não era o estudante de collegio, que vinha áquella casa aos domingos, e que, como qualquer rapaz, devia regressar ao internato, para se sujeitar a uma disciplina depressiva. Ella via-o agora sob outro aspecto mais seductor, considerando-o como homem livre, emancipado, manumittido da tutela alheia.

Havia de jurar até que a voz d'elle engrossára, ganhára mais corpo; e reparou em que o bigode apontava mais espesso, dando-lhe á cara um aspeito viril, que a subjugava. Por isso, ella o admirava em todos os pormenores, examinando-lhe attentamente a elegancia da bota de verniz, o corte muito ajustado do fato, o brilho inexcedivel dos punhos e do collarinho, e o gosto chique da gravata.

Julio, por sua vez, observava tudo aquillo, não lhe escapando a investigação minuciosa que recahia sobre a sua pessoa; e, conhecedor das boas maneiras, tomava posições galanteadoras, imprimindo á linguagem uma entoação grave e emphatica.

Em certa altura, o Telles propoz para irem dar um passeio á cidade, no automovel, visto que ainda era cedo, e o tempo se apresentava magnifico. E voltava-se para Julio:

—E' para fazer horas para o jantar. Se quizer, podemos ir, por exemplo, até o Palacio.

— V. Ex.^a ordena—respondeu o Moraes.

E o Albertinho, cheio de mimo, batendo palmas, dizia á irmã:

— Vou vestir o outro fato, sim, Zizi?

— Vae, vae... — respondia ella, em attitudo absor-ta. E, como permanecesse sentada, sem tomar uma decisão, o pae chamou-a á realidade:

— Zizi!

— Papá! — acudiu a filha:

— Então não te vaes preparar?

— Vou, papá: vou já!

E Maria Josina abandonou a sala, enquanto lá ficavam, a conversar muito amigavelmente, o Telles da Silveira e Julio de Moraes. A verdade era que a ideia d'aquelle passeio contrariava-a um tanto, visto que preferia estar alli á beira de Julio, toda a tarde, porque assim lhe parecia que elle era mais seu, e porque, além d'isso, esperava a primeira occasião para receber d'elle as indicações escriptas, que lhe deviam ser entregues. Mas, enfim, estava decidido, não se podia oppôr á vontade do pae.

Pouco depois, entrou na sala D. Maria Telles, a quem Julio saudou muito affavelmente, inquirindo do seu estado de saude. D. Maria respondeu:

— Que agora, no verão, passava melhor; não tinha tantos ataques...

E Julio, com requintada urbanidade, lembrava:

— Devem fazer-lhe bem os passeios. V. Ex.^a não vem tambem connosco?

— Não, não vou. — disse D. Maria — Sempre tenho alguma coisa que fazer em casa.

E com ares pretenciosos, accrescentava:

— Além d'isso, só pelo trabalho de me vestir...

Ao que o marido, para revelar espirito, observou:

— Não que, se ainda te fosses vestir, também era o que nos faltava! Só poderíamos sahir á hora do jantar...

E riu-se, muito á vontade, como se tivesse preferido um dito gracioso e subtil.

Julio, bastante intrigado, esboçou um sorriso conciliador, a fim de não melindrar a esposa do Telles, e para contentar a ambos. Mas D. Maria ria-se também, e, sem se dar por vencida, retrucava ao Telles:

— Ora! Tu, se fosses mulher, ainda havias de ser peor do que eu...

E o Telles, descortinando nesta phrase uma resposta espirituosa, ficou satisfeito, muito contente, por sua mulher haver mostrado, deante de Julio de Moraes, que era uma senhora absolutamente digna da perspicacia de tal esposo. Pelo que, confirmava o dito d'ella:

— Pode ser, pode ser...

E, então, Julio ria-se de novo, com um d'estes risos complacentes, que satisfazem plenamente aquelles que os desejam provocar.

Pouco depois, voltavam á sala Maria Josina e o irmão. E, estando todos preparados, desceram a escada, e entraram no auto que os esperava á porta.

O Telles, virando-se para o conductor, que se conservava perfilado, com o boné na mão, disse-lhe seccamente:

— Para o Palacio.

E o automovel começou a galgar a Avenida, na direcção prescripta, indo, nos logares da retaguarda,

Maria Josina e o pae, e, adiante, Julio de Moraes e Alberto. Quando o carro parou, junto da entrada do Palacio, Julio foi o primeiro a apear-se, para ajudar os outros a descer. Uma vez dentro do jardim, tomaram á direita, encaminhando-se para a Avenida das Tílias. Ao meio ia o Telles da Silveira; ao lado direito a filha; e á esquerda o Moraes. Alberto não tinha lugar certo; e, mal ultrapassou o terreno ajardinado, fronteiro ao edificio, desatou a correr para a beira dos poucos exemplares simiescos que, fazendo momices esquipaticas, saltavam nos gradis das jaulas.

A meio da alameda, o Telles e Julio abancaram, começando o primeiro a discorrer sobre o que deveria ser o Palacio de Crystal, expondo os seus projectos a respeito de tal assumpto. Julio de Moraes escutava-o, como convinha, e apoiava, aqui e alli, as considerações do preopinante interlocutor, sobretudo quando este fazia subentender que, se acaso pertencesse á direcção administrativa do Palacio, «aquillo havia de levar outras voltas». E Julio, solerte e versutamente, bordava commentarios:

— Mas é sempre assim, senhor Telles. Os homens que deviam pertencer a estas coisas, infelizmente não pertencem; ficam afastados...

E o Telles, com empáfia, rejeitando um cargo que nunca lhe fôra offerecido, concluía:

— Olhe, meu caro amigo: antes assim! Escusa a gente de perder o seu tempo, e de soffrer desgostos...

— Isso é verdade — sancionava Julio.

Neste ponto do colloquio, Maria Josina havia-se retirado. Logo que ouviu que o pae entrava a desfardelar planos administrativos, houve por bem afastar-se um pouco, e, indo ter com o irmão, arrastou-o a passear com ella pela Alameda, desfilando continuamente por deante do banco em que estavam sentados o pae e o namorado. E este, disfarçadamente, media-a de alto a baixo, á espera que os olhos d'ella o fitassem de longe, embora não deixando nunca de approvar, ao menos com o gesto, as judiciosas reflexões do Telles da Silveira.

Cerca das seis horas, o Telles lembrou que era tempo de regressarem a casa, porque o jantar, n'aquella epoca de verão, era mais cedo. E, levantando-se, seguiram todos para o automovel, em que se acomodaram, occupando cada um o lugar que lhe pertencera na ida.

E, d'alli a algum tempo, em redor da meza da sala de jantar do palacete da Boa-Vista, todos faziam as costumadas honras a uma lista de iguarias habilmente condimentadas, como aliás era tradição da casa, de harmonia com as exigencias estomacaeas e protocolares do importante commerciante e abastado capitalista, senhor Antonio Telles da Silveira.

Quando o jantar terminou, eram perto das oito e meia. E aproveitando os ultimos reflexos do sol, prestes a atufar-se no horisonte, foram todos fazer a digestão para o jardim.

O ar estava sereno; a temperatura deliciosa, quasi

tepida. As plantas dos canteiros exhalavam um perfume subtil, que se volatilizava e expandia na atmosphera, embeberando-a de suavidades inebriantes.

Mais tarde, a ultima luz crepuscular foi desapparecendo progressivamente; e, a pouco e pouco, as estrellas multiplicavam-se á maravilha, tremendo, como brilhantes suspensos, no ceu caprichosamente adereçado d'aquella noite de verão.

Maria Josina sentia que uma voluptuosidade macia lhe penetrava os póros, entorpecendo-lhe os membros, e olhava, scismadora, para aquelles astros luctilantes, como se quizesse confiar ao grande mysterio do infinito os segredos palpitantes do seu deleitoso amor. Por um lado, ella desejava que aquellas horas se prolongassem indefinidamente, e que a sua vida fosse aquelle sonhar continuo que, naquelles momentos, a empolgava e absorvia; mas, por outro lado, dançava lhe na mente a entrevista com Julio, o qual ainda lhe não havia dado uma palavra sobre tal assumpto, e, sobretudo, ainda lhe não tinha entregado o mais insignificante bilhete. E isto amofinava-a bastante, levando-a a fazer votos para que aquellas mesmas horas fugissem velozes, como quem aguarda acontecimento, a que muito se aspira, e de cuja realidade, no entanto, se duvida.

A sensibilidade d'ella era, assim, posta á prova de uma diversidade de ideias, todas bastante vagas e confusas, como vagas e confusas deviam de ser tambem as inclinações imprecisas da sua vontade. Se, naquelles momentos, a interrogassem sobre o que

mais desejaria, Maria Josina ver-se-hia em serias dificuldades para responder. Era mais facil, talvez, explicar, approximadamente, a natureza das suas impressões: uma sensação mixta de prazer e de tristeza que, apesar de tudo, a captivava, e lhe fazia suppor alegrias desconhecidas.

Entretanto, Julio de Moraes, negligentemente sentado em uma cadeira de jardim, desfiava algumas anedoctas, que o Telles e sua esposa escutavam com a melhor bonomia, e a que Alberto achava pilhas de graça, a avaliar pelas manifestações exaggeradas de uma jovialidade esfuziante.

Maria Josina ouvia tambem, com ostensivo agrado, as palavras de Julio; e o que nellas melhor apreciava, não eram os factos a que se referiam, mas sim o timbre da voz, o gesto, a especie de musica celestial que, segundo a sua sensibilidade, ellas continham. E os seus olhos, excessivamente voluveis, brilhando como dois carbunculos numa quasi escuridão, manifestavam, a quem intencionalmente os observasse, a doce magia que, naquella occasião, lhe afagava todo o ser. A subitamente com uma rapidez vertiginosa, faiscou-lhe no cerebro uma ideia que, a principio algo incerta, em breve lição tomou corpo, se desenvolveu, e se particularizou. E correu-lhe que, naquella noite, talvez poucas horas depois, havia de conversar sózinha com Julio de Moraes. Onde seria? E que iria elle declarar-lhe, quando ella, reflectindo bem, tinha tantas coisas a dizer? E este sonho assumia até as proporções de uma chimera, visto que Maria Josina receava ainda que o tão alme-

jado encontro não pudesse, por qualquer motivo, realisar-se. Mas, sobrepen-sando, vinha á conclusão de que Julio não deixaria de aproveitar a oportunidade excellente que se lhes offerecia, e que, decerto, não voltariam a gosar tão cedo.

Contudo, objectava a si mesma:

— Porque me não terá elle entregado a carta que ficou de me dar?

E, meditando melhor, redarguia á objecção:

— A verdade é que ainda lhe não foi possível. Ainda não pudemos estar sós um momento...

E achando boa esta resposta, socegava um pouco, tranquillamente confiada na sua boa estrella.

Cerca das onze da noite, o Telles, levantando-se, deu o signal de recolher:

— Vamos, meninos — dizia elle para todos, exprimindo assim a sua familiaridade — são horas! Vamos ao chá!

E todos o secundaram, sem a minima opposição. Só o Albertinho, que estava a gostar de ouvir contar historias, é que se permittiu observar:

— Ainda é cedo, papá...

Mas o Telles, um tanto severo, mais por luxo do que por temperamento, respondeu:

— Para um rapaz como tu, já é tarde de mais. Vamos!

E pronunciou esta ultima palavra em tom imperativo, similhante áquelle que, d'antes, empregava com os caixeiros na loja. Em seguida, o grupo tomou a alameda principal do jardim, bordada a um e outro

lado de roseiras e densos arbustos, que projectavam no solo umas sombras irregulares e asymetricas, focando muito accentuadamente o trajecto a percorrer. Valendo-se de tal circumstancia, Julio de Moraes, que caminhava ao lado de Maria Josina, conseguiu, em um dado momento, escorregar para a mão d'esta a carta que escrevera em casa de João Lucio, e que ella, muito habilmente, se apressou a receber. E, quando todos entravam em casa, já Maria Josina havia guardado preciosamente, como a melhor das suas joias, aquelle pedaço de papel, em que lhe parecia estar concretisada toda a felicidade que lhe era licito ambicionar.

Enigma tão extranho é esse, a que vulgarmente se chama felicidade, que ás vezes está, ou apparenta estar, nas coisas mais pequenas e insignificantes!

XVIII

Depois de servido o chá, e trocadas as boas-noites do estylo, Maria Josina subiu aos seus aposentos, para se recolher. Antes de mais nada, porém, chamou a creada para a ajudar a despir; e, ansiosa como estava por lêr a carta recebida, dispensou-lhe os serviços o mais depressa que pôde, permittindo-lhe que se fosse deitar.

Ficando só, abriu febrilmente o sobrescripto, como quem vae desvendar um mysterio exagitante; e, rapidamente, leu, se é que não devorou, todas as palavras até o fim.

Quando viu que Julio de Moraes lhe annunciava que iria, nessa mesma noite, ter com ella, áquelle quarto, — Maria Josina não conseguiu refrear um estremecimento subito, ditado, talvez, pelo seu natural instincto de mulher. A outra qualquer criatura que não fosse ella, uma proposta identica a teria, sem duvida, indisposto contra o homem que ousasse apresentá-la. Mas ella amava intensamente Julio de Moraes, para se decidir a repudiar o quer que fosse

que viesse d'elle, ainda que houvesse de ser grande o sacrificio que lhe fosse exigido.

Pesando bem as coisas, o local da entrevista não era, em realidade, apropriado. Ella, que jamais admitira a mais pequena liberdade a qualquer homem, ia agora conceder áquelle a faculdade de entrar nos seus aposentos! Mas, relendo a carta, o muito affecto, que d'ella transpirava, justificava-os a ambos.

— Elle tem razão... — dizia consigo mesma. — De facto, se não fosse aqui, onde havia de ser?

E Maria Josina respondia assim a si propria com as razões de Julio, conformando-se cegamente com o modo de vêr que este lhe expressára.

Resolveu-se, pois, a aguardá-lo. E, como não estivesse longe da hora designada, principiou a entranhar-se, cuidadosamente, com certa galantaria. Embrulhou-se em uma larga bata japoneza de ramagens caprichosas, que apertou á cintura com uma corda de seda, e que lhe ficava artisticamente encruzada sobre o peito, deixando a nu o pescoço muito branco e a parte superior do collo; ageitou e compoz melhor os cabellos, castanhos claros, tufados sobre a fronte, e presos aos lados com dois pentes de tartaruga, adornados com pedras; e, desfazendo-se das botas de camurça cinzenta, calçou uns escarpins de seda branca, com topos de fitas amarellas. Contemplando-se no alto espelho, de bordos lapidados, do guarda-roupa, não pôde deixar de reconhecer que estava bonita; e, empouando ligeiramente as faces e o pescoço, sentou-se á pequena secretaria, que tinha no quarto, e sobre a

HONRA DE MULHER

qual jaziam alguns jornaes de modas, e caixas de papel de phantasia.

Ouviu bater fóra, no relógio de um corredor, as duas horas da manhã; e, nesse momento, o coração tumultuava-lhe lá dentro, pulsando com tal violencia, que os ouvidos lhe percebiam distinctamente as pancadas.

Nas circumvisinhanças do seu quarto pairava um silencio profundo, quasi mysterioso. E, perante um tal socego, Maria Josina immobilisava-se ainda mais, com o fim de o não interromper, e de, assim, melhor distinguir qualquer ruido que a puzesse de sobre-aviso. O ouvido á escuta, ella olhava, com as pupillas dilatadas, para o reposteiro verde que lhe ficava em frente, e que escondia a porta do quarto, por onde Julio devia entrar. Cuidou perceber uns passos abafados e cautelosos, a subirem a escada; e, calculando que seria elle, tomou de sobre a secretaria uma revista de modas, como para de alguma forma justificar a si mesma, e até a elle, o facto de alli se conservar vigilante, áquella hora. Mas, uns minutos passaram sem apparecer viv'alma; e cada um d'esses minutos semelhante a duração de um seculo. Então, Maria Josina chegou a curtir o receio de que Julio não viesse, por qualquer obstaculo imprevisto, devido a qualquer empecilho da ultima hora. Esta ideia já a contrariava, já a entristecia; e, desorientada, frenetica, pensou até em descer ao primeiro andar, a fim de sondar o que poderia ter sobrevindo. Tal era o estado de espirito d'aquella criatura, pouco antes reccriminando-se por se ayenturar a acolher no seu quarto um homem a

quem amava, e, momentos depois, sentindo-se pezarosa, se esse mesmo homem, por um motivo de força maior, não pudesse comparecer.

Julio de Moraes não era, porém, individuo que deixasse escapar aquelle lance. E, por isso, logo que observou que o silencio era seguro indicio de que todos dormiam, sabiu do seu quarto, e, pé ante pé, subiu a escada que conduzia ao segundo andar, escassamente alumada por uns descorados reflexos da lua, que se enfiavam pelos vidros grandes da claraboia.

Para evitar o menor rumor, caminhava em peúgas de seda, por cima dos tapetes, que lhe afogavam completamente as passadas. E, chegado que foi á porta dos aposentos de Maria Josina, impelliu-a lentamente, contendo ao mesmo tempo a respiração, que se queria tornar offegante.

A filha do Silveira, vendo-o entrar, sentiu-se tomada de uma commoção violenta, que lhe embargava a falla, mas sempre conseguiu apenas esboçar um sorriso apparentemente contrangido, enquanto arrumava um jornal, que tinha entre mãos. E Julio, depois de cautelosamente haver dado uma volta á chave da porta, saudou-a francamente, com ar de estudada naturalidade, a fim de imprimir a tudo aquillo o character de uma coisa banal e vulgar.

— Boa noite! — disse elle, numa voz muito baixa, e pausada.

E Maria Josina, automaticamente, murmurou tambem:

— Boa noite!

Seguiram-se uns curtos momentos de pesado silencio. Mas Julio, para dar a entender que tal estado não era proveniente do embaraço do seu espirito, fingia que applicava os ouvidos á escuta, como a certificar-se de que não havia o mais pequeno inconveniente. E depois, decidido a acabar com a gravidade do caso, explicava:

— Não ha perigo nenhum. Vim com tamanho cuidado, que ninguem me poderia ouvir...

Como observasse que Maria Josina tinha uma certa inquietação desenhada no rosto, abeirou se d'ella, e tomando-lhe cariciosamente a mão direita, que afagava entre as suas, repetia-lhe:

— Não tenhas receio. Podemos estar á vontade...

E, incitado pela expressão meiga do seu olhar veludineo, assentou se em frente, muito perto d'ella, podendo quasi respirar-lhe o halito fresco e perfumado. Depois, continuando a acariciar voluptuosamente a sua mão fina e rosada, dizia-lhe com ardor, subitamente impressionado pela sua belleza juvenil:

— Como estás linda, minha Zizi! E como eu te amo! Quero-te tanto que, se fosse preciso, daria a minha vida por estes momentos, só para ter o prazer de estar aqui á tua beira, mostrando te como é profunda a affeição que te dedico, e dedicarei sempre... Acredita-me, Zizi! Quantas vezes não sonhei eu com esta ventura, quantas vezes não passei horas torturadas a imaginar que tinha de ir para Coimbra sem te falar! E agora, que estou ao pé de ti, sinto-me verda-

deiramente feliz, conheço que nada mais posso ambicionar...

Interrompendo-se, fitava-a com os olhos coruscantes, cheios de fogo e de virilidade. E Maria Josina, ao encarar naquelles olhos ardentes, baixava a cabeça gentil, como dominada e vencida pelas palavras calorosas d'aquelle homem.

— Mas tu não dizes nada? — continuava Julio, com um simil de estudada censura. — Confessa-me que tambem te sentes contente, por estares junto de mim...

— Sinto... — murmurava ella, com uma sinceridade tão pura, que lhe realçava a belleza.

— Ah! eu bem sei — proseguiu elle com enthusiasmo — eu bem sei quanto és boa, quanto és minha amiga! Por isso, tambem eu estou resolvido a soffrer tudo por ti... E que importa, se não ha nada que se possa oppor á nossa felicidade?!

E, levando a mão de Maria Josina aos labios, beijava-a soffregamente, com uma avidez que o deliciava. Depois, avizinhandose mais d'ella, enlaçava-a brandamente pela cinta, numa caricia subtil, que ella não repudiava. E para attenuar o effeito de taes afagos, Julio exprimia-lhe coisas estonteantes, fazia-lhe protestos muito solemnes do seu amor.

Maria Josina, ao escutá-lo, já não via a seu lado um homem, um ser differente do seu sexo, ambicioso por natureza, fallaz por necesssidade physica; via apenas o namorado com quem tantas noites sonhára, e a quem, de ha muito, consagrava todas as sympathias. Os carinhos, que elle lhe prodigalisava, não a atemorisa-

vam, porque eram precisamente aquelles que ella idealisára, nos seus momentos de devaneio, ao lembrar-se da figura de Julio de Moraes. Por isso os acolhia com prazer, como se taes afagos constituíssem para si uma fatalidade imperiosa, uma satisfação proporcionada aos seus anhelos de mulher.

E Julio, aguilhoado por um desejo insaciavel, e pelo vago receio de o vêr insatisfeito, avançava gradualmente nos seus intentos, aculado por uma febre embriagadora, que o transviava, que o seduzia, como num delirio. Com a mão direita, que tinha circumrevoluta na cintura de Maria Josina, elle attrahia docemente o busto d'ella contra o seu, quasi sem fallar, pronunciando apenas num murmúrio:

— Zizi, minha Zizi!

Neste momento, as faces de um e de outro tocaram-se levemente; e Julio conseguiu então aspirar, com vehemencia, o perfume suave que se desprendia do corpo d'ella, cujo peito offegante dava a impressão de não caber dentro d'aquella bata de seda amarella que o escondia.

Numa allucinação apaixonada, Julio cobria-lhe o rosto e os cabellos de beijos humidos, repletos de um prazer doido; e, ao sentir como que um gesto de defeza esboçado por Maria Josina, ou, antes, pela sua natureza intranquilla e medrosa de virgem, apertou-a mais contra o seu busto másculo, prendendo-a nos laços vigorosos de um deleite contagioso. Averiguou assim que aquelle corpo innocente, renunciando a tudo, se amoldava a pouco e pouco ás suas caricias, pare-

cendo ter perdido as ultimas energias de uma resistencia inefficaz.

Enfurecido de volúpia, impetuoso e excitado, Julio beijava-lhe ardentemente os olhos negros, quasi cegos de amor; e, finalmente, repleto de sensações turbulentas, perdendo a noção de si mesmo, segredava-lhe, junto ás faces enrubescidas e calidas, as tresvariadas phrases, que o mais louco dos arrebatamentos lhe suggeria:

— Zizi! minha querida Zizi, como eu te adoro! —
volvia elle.

E Maria Josina, fóra de si, em desalinho, collocada, pela sua ingenuidade, num estado de abdicação inconsciente, e soffrendo, meio indecisa, a bruteza d'aquelle amor, não tinha outro remedio senão esconder nos cabellos desfeitos o pudor natural que lhe assomava ao rosto, cerrando lentamente os olhos que elle osculava... e que tão depressa deixaram de brilhar...

Momentos depois, esses mesmos olhos humedeciam-se de lagrimas marejadas silenciosamente, com uma espontaneidade nervosa, ao mesmo tempo que a sua cabeça, ainda desatinada, pendia, languida e froixa, contra o seio orgulhoso e altivo de Julio de Moraes.

Elle fitava-a attentamente, sem proferir uma palavra, acarinhando-a apenas com os dedos, talvez para a consolar de uma perda irreparavel. E, impressionado por aquella postura entristecida da que já era sua amante, Julio quiz tranquillisar-se a si proprio, de-

pondo prodigamente sobre ella um sem numero de beijos — a unica coisa que lhe podia restituir! —, como se fosse possivel diluir nelles o remorso do mal que fizera!

D'alli a pouco, as lagrimas timidas de Maria Josina transformavam-se n'um choro convulso, que assustou Julio de Moraes. E então, desejando acalmar-lhe os nervos, para lhe fazer estancar um pranto que o molestava, elle pedia lhe caridosamente que não chorasse, que se não affligisse:

— Mas eu amo-te tanto, Zizi, que tu não podes duvidar do meu amor. Que importa? Para mim, tu és a mesma que eras hontem, que foste sempre, desde o dia em que gosei a ventura de te conhecer. Vá! Não chores mais! Bem sabes que estou prompto a fazer tudo quanto quizeres... absolutamente tudo...

Acompanhando estas palavras com a acção, Julio enxugava-lhe os olhos com um lenço, de um modo tão meigo, que a convencia. E, para afugentar o aspecto triste d'aquella scena, dizia-lhe risonho:

— Então? Eu quero que te mostres alegre e contente; que te rias para mim...

E tomando-lhe a cabeça entre as mãos, procurava que ella o olhasse de frente, a fim de fixar os seus olhos nos d'elle. Maria Josina, encarando-o, não pôde deixar de lhe sorrir, momentaneamente esquecida das lagrimas que vertera, e cuja causa nem ao certo saberia explicar.

— Ainda bem! E' assim mesmo que eu gosto de te ver — affirmava Julio. E afagando-lhe o rosto com as mãos, como a uma criança, perguntava-lhe:

— Havemos de ser muito felizes, não é verdade?

E ella, sem responder, continuava a sorrir-lhe, entremostrando os dentes muito brancos, reluzentes. Mas, como elle insistisse na pergunta, Maria Josina declarou:

— Pois sim...

— Mas é evidente! — confirmou Julio; e, dispensando-lhe muitos mimos, accrescentava: — Podia lá ser que eu não fosse feliz com a minha Zizi?

— O peor é tu ires para Coimbra... — objectou então ella, entristecida.

Mas Julio, tecendo projectos, explicou-lhe que, apesar d'isso, havia de vir frequentemente ao Porto para a ver, havia de lhe escrever todos os dias, havia de pensar nella em todos os instantes.

— Ha-de ser como se estivesse sempre ao pé de mim! — concluia elle.

Depois, fallou-lhe do dia em que retiraria para os estudos; que, primeiro, tinha de voltar á sua terra; mas, em antes de partir para a Universidade, ainda viria alli visitá-la; que, porém, desta vez, lhe era impossivel demorar, e até nem isso era conveniente.

— Tu comprehendes, minha Zizi: é preciso que ninguem desconfie absolutamente de nada... E, por isso, convem que eu me ausente quanto antes, além de que já disse a teu pae que devia partir amanhã.

E Julio suggeria-lhe que, para se encontrarem de novo, sem ser por aquella forma, que, afinal, era peri-

gosa, havia de descobrir um meio, mais seguro e praticavel.

— Has-de ver — continuava — has-de ver como eu arranjarei tudo. Confia em mim, e verás como as coisas correrão admiravelmente.

Entretanto, batiam as quatro da manhã.

— Quatro horas! — disse ella. — Como o tempo passa depressa! . . .

E Maria Josina lembrava-lhe que era melhor elle descer, não acontecesse ás vezes qualquer coisa . . .

— Tens razão; são horas de nos separarmos. Tambem já deves precisar de descanso . . . — E, para a contentar: — Vacs vêr como dormirás bem . . .

Julio, ao despedir-se, osculou-a demoradamente, fervorosamente, cingindo-a longo tempo contra si. E, afinal, abrindo com todo o cuidado a porta, sahiu.

Maria Josina, ficando sósinha, foi examinar-se ao espelho, como para verificar se ainda era a mesma. Achou-se apenas um pouco mais pallida, mas figurou-se-lhe que a expressão geral do seu rosto era como d'antes. Comtudo, acudiu-lhe a ideia de que alguma transformação se devia ter realizado em todo o seu ser; e, concentrando-se uns segundos, respirou lenta e pausadamente, sentindo que, ao dilatar-se-lhe o peito, se desopprimia o coração.

E, ao adormecer, a sua ultima ideia foi ainda para o homem que a tinha feito soffrer e chorar, na hora mais desvairada do seu amor.

XIX

Quando Julio de Moraes, sahindo do seu quarto, se dirigiu, pelas duas da manhã, aos aposentos de Maria Josina, nenhuma difficuldade o deteve, nenhum receio o esmoreceu. Enfeitado pela empreza em que se arriscara, não se lembrava sequer de que uma casualidade ou um accidente vulgar pudessem compromettê-lo, de maneira a ser surprehendido, em flagrante, na sua aventura criminosa e ousada. Estimulava-o então a coragem propria do namorado, que nada teme e tudo affronta, só para conseguir e obter o seu fim, por mais escabroso e difficil que este se lhe apresente. Porém, depois de realisado esse objectivo, uma tal ousadia principia a esvair-se, visto como a paixão ou o desejo do prazer, uma vez satisfeitos, decrescem repentinamente em intensidade.

Por isso, Julio de Moraes, ao acordar, admirou-se de si mesmo, pelo atrevimento, que tivera, de se afoitar a um lance, como aquelle queprehendera na mesma noite. E, dominado por um vago receio, concluiu então que não poderia talvez repetir, com segurança e bom exito, aquella aventura:

— Póde ser um perigo — observava elle a si proprio. — Se de uma vez andei com sorte, não quer isso dizer que igualmente aconteça no futuro...

Em vista do que, deliberou não se sujeitar mais ao risco de ir ter com Maria Josina, no proprio quarto d'esta.

— O principal está feito... — ponderou com egoismo. — Agora o resto... é uma questão facil de combinar...

E, firmado nesta resolução, cada vez mais se arreigou á ideia de abandonar a habitação do Telles da Silveira, n'aquelle mesmo dia. Elle poderia, se quizesse, prolongar ali a sua permanencia, visto que isso não prejudicaria em nada o andamento dos seus negocios particulares. Mas, depois do que se havia passado, tambem, em verdade, se não sentia muito bem dentro d'aquella casa.

Quando deu de cara com o Telles, pareceu-lhe que este poderia talvez adivinhar, por qualquer traço mysterioso, o acto incorreto que havia praticado. E, ao enfrentar a esposa do Silveira, Julio não teve coragem para olhar para ella como d'antes, julgando-se deslocado, contrariado, meio aturdido.

O remorso dizia-lhe que elle, um hospede, havia abusado cruelmente da hospitalidade concedida; e, assim como o traidor procura desaparecer da presença do trahido, com medo de que este venha a descobrir o crime da traição, não tanto pela pena que lhe póde ser infligida, como pela vergonha a que póde ser sujeito, assim tambem Julio pretendia abalar d'alli para fóra, a fim de, longe dos Silveiras, aguardar os acon-

tecimentos futuros. Este remorso produzia nelle uma covardia moral indescritivel; e Julio esperava que, fugindo do local do crime, tal covardia se esvaecesse, ou, pelo menos, se attenuasse.

Uma unica pessoa, naquella casa, lhe não fazia gerar a mais pequena impressão de remorso; e, — caso extraordinario! — essa pessoa era aquella que particularmente conhecia o seu crime, e que mais directamente havia sido attingida por elle. Era Maria Josina! Mal a encontrou, cumprimentou-a como de costume, risonho e affavel. Dir-se-hia até que elle, na presença d'ella, se considerava feliz, mais feliz do que nunca. E tudo isto, porque Julio sabia bem que ella era tambem a unica que vehementemente desejaria que elle ficasse á sua beira, já que o acaso havia sentenciado que ella lhe pertencesse, como pertencera.

Julio notou mesmo que Maria Josina não deixava transparecer qualquer pesar intimo, resultante do que lhe tinha succedido, a não ser um ligeiro sentimento de pudor, que elle se esforçava por desfazer, fallando-lhe muito, sobre coisas insignificantes, como se nada tivesse havido entre ambos. E certo é que tal estratagemma produzia bom resultado, visto que ella, pouco depois, recuperava a sua attitudo normal, conversando e rindo como anteriormente.

A' medida que as faces se desenrubesciam, os olhos de Maria Josina brilhavam com uma expressão tão apaixonada, que se não despregavam de Julio. Era porque, agora, ella amava-o ternamente, com muito

mais carinho, desde que por elle sacrificara a melhor das suas prendas femininas.

Tanta é a gratidão das mulheres para com o primeiro homem a quem se entregam, que, depois de espoliadas do que teem de mais precioso na sua existencia, só ambicionariam possuir outra joia muito mais valiosa, para a offerecer, como premio, ao seu espoliador!

Antes de sahir de casa do Telles da Silveira, Julio de Moraes deixou um bilhete, traçado á pressa, que entregou a Maria Josina, no qual lhe promettia enviar pormenorizadas noticias, o mais depressa possivel. As palavras muito amaveis d'esse bilhete acalmaram bastante o espirito perturbado da filha do Telles, que não parecera conformar-se totalmente com aquella despedida, tão rapida, do seu namorado. A' noite, quando recolheu ao seu quarto, Maria Josina inquietou-se excessivamente, ao pensar que já alli não tinha, perto de si, aquelle que, na noite anterior, passara a ser o seu adorado amante. A solidão d'aquelles aposentos entristeceu-a; e, com o fim de se distrahir, porque adivinhava que difficilmente conciliaria o somno, guardou ao pé de si, mais tempo do que o costumado, a creada de quarto, com a qual se poz a conversar, como se fosse com uma amiga. Quanto ella não seria feliz, se pudesse desafogar, com a pobre rapariga que a ouvia, a maior parte dos sentimentos que a exagitavam!

Já tarde, perto da meia noite, despediu a criada

e deitou-se; e, fechando a luz, conseguiu afinal adormecer, depois de mil vezes ter invejado o despertar do dia seguinte.

De facto, quando se levantou, já o correio lhe havia trazido uma carta de Julio, cuja recepção a poz em alvoroço e cuja leitura a satisfez quasi plenamente.

Elle escrevia-lhe coisas amorosas como nunca, fazia-lhe protestos ardentes, de que era impossivel duvidar, attendendo até á pontualidade rigorosa com que lhe mandava noticias. Enlevada por semelhantes phrases de amor, Maria Josina lia e relia aquelle papel, que Julio escrevera, como se, em cada leitura, desvendasse coisas novas, que a felicitavam; e, então, penalisava-se de que as circumstancias, em que ambos se encontravam, não permittissem que o seu amor tivesse um desenlace venturoso, dentro do mais curto praso possivel.

D'alli por deante, quasi todos os dias, passou a receber cartas d'elle, em que se repetiam, por assim dizer, os mesmos protestos; e Julio dizia-lhe sempre que, logo que pudesse, iria novamente ao Porto, para a visitar; e, quanto á forma de voltarem a encontrar-se, affirmava que tinha as melhores esperanças de isso se conseguir, sem grandes inconvenientes.

Estes dizeres alegravam vagamente a filha do Silveira, que, a não poder realizar-se o encontro a que Julio fazia referencia, já se contentaria em o ver perto d'ella, em lhe fallar, em o envolver no seu olhar carinhoso e meigo.

Pelo que, tambem ella, ao escrever-lhe, manifes-

tava o grande desejo que tinha, de se avistar com elle, rogando-lhe que viesse ao Porto, como promettia.

Assim se passaram os ultimos dias de agosto, e a primeira quinzena de setembro. A dezoito deste mez, Maria Josina recebeu uma carta de Julio, na qual este lhe participava que, dentro de uma semana, deveria partir para Coimbra, e, nessa occasião, teria o prazer de, na passagem pelo Porto, gosar uns momentos á beira d'ella. Os termos em que isto era escripto eram tão vagos, que a filha do Silveira não pôde descobrir bem qual a intenção de Julio de Moraes. Por esse motivo, desejaria pedir-lhe explicações, perguntar-lhe qual o plano de que dispunha, para se avis-tarem, e qual o tempo que tencionava demorar no Porto. Mas, no momento em que ia para lhe expôr essas duvidas, sentia um certo pudor que a acanhava, e a demovia dos propositos firmemente tomados horas antes. Por isso, resignou-se a escrever-lhe tambem de modo vago, frisando apenas a ideia de que já não podia aguentar, por mais tempo, as saudades que, a respeito d'elle, lhe molestavam o coração.

XX

Apenas sabiu de casa do Telles da Silveira, Julio de Moraes procurou, na rua do Almada, a João Lucio dos Santos. E, como o não encontrasse, perguntou á D. Estephania — a dona da casa de hospedes, onde João Lucio se aquartelava — se elle já teria sahido desde muito. A respeitavel senhora, que, por signal, era assás fornida, e exteriorisava um aspecto grave de coronel de regimento, inquiriu por sua vez:

— O senhor quer fallar com elle?

— Quero, minha senhora.

— Pois, de certo, hoje não o avistará...

— Então elle não vem cá dormir? — perguntou Julio, para encurtar razões, depois de perceber que a sua interlocutora não estava muito disposta a atural-o.

— Hoje creio que não vem.

— Mas... — ia a objectar Julio...

— Mas já lhe disse, meu caro senhor... — atalhou ella rispidamente. — Hoje não vem cá dormir. Appareceu ahi uma senhora, que julgo ser prima d'elle, e, quando essa pessoa apparece, o costume é o senhor João Lucio ficar fóra de casa...

— Ah! Muito obrigado e queira desculpar-me — concluiu Julio, inteirado.

— Não tem de quê — acabou por dizer D. Estephania, que immediatamente se afastou.

Julio, desapontado por não ter occasião de se abrir com o seu amigo, desceu vagarosamente as escadas, reflexionando sobre o incidente da vespera. Desejaria contar tudo a Lucio, para desabafar. Mas, visto que isso era impossivel, e não querendo esperar até o dia seguinte, resignou-se a abandonar o Porto, sem satisfazer aquella aspiração. Caminhando ao acaso, entrou n'um café; e, como ainda não era tarde, escreveu ali a carta que endereçou a Maria Josina e que, a seguir, lançou em um marco postal. Neste em meio, approximando-se a hora da partida do comboio do Douro, foi para a estação, e embarcou.

Cerca de um mez depois, a vinte e cinco de Setembro, Julio de Moraes subia as ingremes escadas da casa da rua do Almada, entrando muito lesto no quarto de João Lucio.

— E's muito delicado! — disse este, com fingido despeito. — Bem podia eu esperar noticias tuas, quando aqui estiveste da ultima vez...

E Julio, depois de o cumprimentar familiarmente, explicou.

— Olha: vim aqui e não te encontrei. Disse-me a tua patroa que tinhas sahido com uma tua prima... Foi por isso que me retirei, sem te fallar...

— Ah! Sim! Nesse caso estás desculpado! — E,

indicando-lhe uma cadeira: — Senta-te, não faças cerimoniaes!

A seguir, João Lucio inquiriu com um gesto gaiato:

— Então . . . a respeito da pequena? Que se passou?

Julio, retardando um pouco a resposta, disse por fim, com uma continencia algo apprehensiva:

— Está o diabo! — E cerrava fortemente os labios, olhando para o chão.

— Já sei. Não arranjaste nada . . . — aventou Lucio. — Tem paciência, que isso tem succedido a muito boa gente. Deixa lá o demonio da mulher, e vamos d'aqui até ao café . . .

E, acabando a phrase, pegava do chapéu, que estava pendurado de um prego, na face interior da porta.

— Mas não, não é nada d'isso! — esclareceu Julio.

A estas palavras, Lucio coçou a cabeça com a mão esquerda, percebendo que se tinha enganado; e, virando-se para o companheiro, perguntou-lhe:

— Então que foi que te succedeu, que tens mesmo uma cara de quem fica chumbado no exame do setimo anno?

— Vaes ouvir — respondeu Julio, dispondo-se a relatar ao seu amigo o que se dera com Maria Josina.

E começou a narrativa, que expoz em poucas palavras, porque não era homem para romantizar um assumpto que, independentemente d'isso, Lucio escutava com natural curiosidade.

— Mas isso que me contas não encerra nada de extraordinario! — interrompeu João Lucio, referindo-se á scena passada em casa do Telles da Silveira.

— Socega: ouvirás o resto — atalhou Julio, continuando a narrativa. E historiou a sabida rapida que fizera depois d'aquella scena, explicando os motivos que a tal o determinaram. — Desde então até hoje tenho escripto, e sobretudo recebido d'ella um mago espantoso de cartas!

— Faço ideia! A rapariga deve de ter saudades!

— Pois sim; mas o peor é o mais... — disse Julio.

— O mais?! Mas acaba lá com isso... — pediu Lucio, um tanto intrigado.

E Julio passou a referir o ponto critico da historia, aquelle que, em certo modo, o impressionava. Como era do conhecimento de Lucio, as conveniencias de familia exigiam que a sua prima, a Alice, fosse um dia, mais tarde ou mais cedo, sua futura esposa. E agora, desde que concluiu o curso do Lyceu, as familias de um e de outro haviam já fallado directamente a respeito do caso. Já lhe tinham declarado que não era preciso esperar pela formatura d'elle, para se realisar o consorcio, e estavam até na intenção de promover a celebração do casamento, o mais brevemente possivel. Os paes de Alice eram de parecer que tal acto se levasse a effeito ainda antes de Julio ir para Coimbra, e a verdade era que elle tivera de inventar umas suppostas difficuldades, para conseguir o adiamento de tal pretensão. E accrescentava:

— Ora, é evidente que eu não posso casar-me com ella, e proseguir com a filha do Silveira. Tenho de escolher: ou uma coisa ou outra.

E reflexivo, concluia:

— Vê lá tu a minha situação! Está o diabo!

João Lucio, a principio, ficou silencioso, como embaraçado perante aquelle dilemma, quasi a ponto de concordar em que a difficuldade não era pequena; mas, de repente, teve uma sahida das suas:

— Se queres que te diga, entendo que isso não é para affligir. Tu, pelo que me parece, preferes tua prima, não é verdade?

E como Julio encolhesse os hombros, João Lucio rematou logo:

— Não ha duvida que preferes. Pois bem! O que tem de ser, tem muita força, diz cá a minha philosophia. E, nesse caso, trata de te desquitar da filha do Telles da Silveira, pela forma mais pratica e ceremoniosa. — E depois de uma pausa, opinava: — Eu, se fosse em teu lugar, ia a casa do Silveira o menos que pudesse ser. Escreveria á filha, uma vez por outra, a fim de não romper assim muito rapidamente com ella; mas, a pouco e pouco, iria esfriando as coisas.

— Fiquei de lá ir hoje... — objectou Julio.

— Oh! co'a breca! — exclamou Lucio — Lá estás outra vez entalado...

— Pois sim! Mas que querias tu que eu fizesse? Que fosse para Coimbra, sem voltar lá?

— Tens razão! O melhor será ires, e depois, quando estiveres em Coimbra, principiarás a cortar as relações. E' mais facil! E, na verdade, a teres de a abandonar, é preferivel fazer isso quanto antes.

E, com um gesto significativo, accrescentou:

— Isso... lá entre vós... deu-se apenas uma

vez!... Por conseguinte, não é o bastante para ella sentir muito o rompimento... Demais, quando ella perceber que não tem facilidade em se encontrar novamente contigo, aquillo ha-de esquecer-lhe; e, para se esquecer melhor, tratará de arranjar outro namoro. Vaes vêr que é isso o que succederá!

Esta philosophia depravada de João Lucio dos Santos adaptava-se maravilhosamente á situação embaraçosa em que Julio de Moraes se imaginava collocado. Os dois amigos, sufficientemente desmoralizados para não encarar a serio um problema melindroso, como era o que acabavam de examinar, comprehendiam-se estupendamente. Eram ambos os mesmos. Em summa: afinava um pelo outro.

Por isso, Julio decidiu-se a ir a casa do Telles da Silveira, mas sem demorar. Excogitaria um pretexto, para regressar o mais apressadamente possível.

— Dirás que tens de partir hoje mesmo para Coimbra, por causa da matricula... — suggeriu Lucio.

— Não lembras mal — respondeu Julio de Moraes.

E despediram-se um do outro, depois de haverem ajustado passar a noite, no Porto, em grande folga e estroinice.

D'alli a umas tres horas, já volviam a encontrar-se. João Lucio espantou-se de ver Julio reaparecer tão cedo, mais cedo do que o que havia calculado.

— Tanto melhor! — disse para Julio. — Vamos jantar ambos.

E Julio de Moraes principiou a relatar a Lucio o que succedera naquellas tres horas.

— Nem sei como tive coragem para me vir embora... — explicava elle, desfazendo-se do chapéu, e pondo-se á vontade.

— Não ha duvida que depressa liquidaste o negocio! — confirmou João Lucio.

— L'quidei, mas custou-me. Confesso que me custou!

E Julio entrou a dar pormenores. Que, logo de principio, dissera ao Telles da Silveira que era obrigado a partir, naquello mesmo dia, para Coimbra, visto que precisava, impreterivelmente, de estar ao outro dia, de manhã cedo, naquella cidade; que, depois, lhe apparecera Maria Josina; e elle, ao vê-la, tivera uma forte tentação de ficar novamente em casa do Telles; mas a resolução tomada vencera; e, deante d'ella e do pae, conseguira explanar tão claramente a urgencia da viagem a Coimbra, que ella parecera ter ficado convencida. Era certo que Maria Josina ainda arriacara uma pergunta, inquirindo se elle voltaria breve; e elle, muito prompto, respondera que não sabia, mas que regressaria logo que os seus trabalhos lh'o permitissem. Depois, tratára de fazer as despedidas; e, então, havia notado que Maria Josina o cumprimentára bastante ceremoniosamente, friamente até, desaparecendo em seguida.

E accrescentou:

— Por isso, o melhor será eu escrever-lhe ainda hoje uma carta, porque, em todo caso, estou a ter pena da rapariga...

— E que lhe vaes dizer? — perguntou Lucio.

— Eu sei lá! uma coisa qualquer! Uma explicação, que seja capaz de a satisfazer. . .

— Faze como quizeres.

Julio, um tanto impressionado, começou logo a redigir a carta. Poucas linhas, em que repetia o mesmo que lhe havia dito em sua casa, a proposito da viagem a Coimbra, urgente e inadiavel; que, apesar d'isso, esperava fallar detidamente com ella, um dia proximo; e, desejando justificar-se por completo, dizia que, em verdade, antevia bastantes difficuldades para conversar com ella, quando lhe aprouvesse; todavia, confiava abertamente em que tal situação havia de melhorar.

Uma hora depois, Julio e João Lucio dirigiram-se a um restaurante, para jantar. Era o inicio de uma noite de folestria, que redundaria, fatalmente, em uma noite de prazer.

Não recolheram a casa. E quando, no dia seguinte, ao fim da tarde, Julio de Moracs tomava o comboio, com destino á Regoa, apresentava o aspecto inilludivel de quem se divertira fartamente, uma noite inteira.

Apesar d'isso, Julio não se havia esquecido de adquirir um collar de filigrana de oiro para offerecer á sua futura noiva Alice, assim como tambem se não olvidára de fazer seguir, pelo correio, a carta que, na vespera, tinha escripto para a filha do Silveira.

— Bravo! Tu és dos meus!— disse-lhe João Lucio, frizando estas duas circumstancias.

*

Volvidos uns dez dias, os dois excellentes amigos compravam, na estação do Porto, os seus bilhetes de segunda classe para Coimbra.

Durante a primeira hora de viagem, não se fallou de outro assumpto que não fosse o respeitante a Maria Josina. E, a proposito, Julio de Moraes mostrou a João Lucio uma carta cheia de queixumes, que havia recebido, na qual ella lhe dizia que, não tendo obtido resposta a outras cartas que anteriormente escrevera, se achava profundamente admirada com tal silencio; e mais accrescentava que escrevia para casa d'elle, visto que não tinha chegado de Coimbra a mais pequena noticia, e fundada em que, se elle não estivesse em casa, com certeza a familia lhe remetteria a correspondencia para onde se encontrasse.

Julio explicou então a João Lucio que, de facto, não havia respondido ás cartas de Maria Josina, porque, tendo-lhe annuciado que ia para Coimbra na semana anterior, era evidente que lhe não convinha responder senão quando estivesse naquella cidade.

— Agora — ajuntou — logo que chegue a Coimbra, trato de lhe escrever, e sempre arranjarci incio de me desculpar. Entretanto, tambem isto vae esquecendo...

E Julio esboçava com a mão direita um gesto, que denotava a sua já accentuada indifferença para com a filha do Silveira.

Tres dias depois de estar em Coimbra, dispoz-se finalmente a escrever a Maria Josina. E redigiu então uma carta muito resumida, feita á pressa, sobre a meza de um café da Baixa, entre uma chicara de odorifero Mazza e dois ditos galantes ás tricanas que passavam. Dizia-lhe que tinha tido muito que fazer; que ella bem comprehenderia que os estudos lhe tomavam quasi todo o tempo disponivel; mas que, na primeira occasião, lhe escreveria mais longamente. Fechava a carta, intitulando-se seu «muito amigo», evitando propositadamente aquellas palavras apaixonadas, que usava d'antes.

A verdade, porém, era que Julio de Moraes não só estava ainda desprevenido de livros, como nem sequer fazia uma vaga ideia do que eram os estudos que devia encetar.

E ás noites, antes de se metter no leito, escrevia cartas muito gentis para Alice, desenhando nellas os mais ridentes projectos sobre a felicidade futura que os esperava a ambos.

XXI

Ha mulheres que, possuindo todos os elementos para viverem uma vida de intangivel felicidade, são, por um não sei quê do acaso, cruelmente agoitadas pela maré do infortunio. Para cumulo de azar, tal fatalidade, na maior parte das vezes, vae ferir precisamente aquellas que, pelos dotes do coração e de temperamento, mais credoras se tornariam da ventura para que deveriam ter nascido. E o grande livro do destino, que parece não ser apenas uma ficção dos infelizes, continha tambem, inscripto em uma das suas paginas sombrias, o nome fatal de Maria Josina Telles da Silveira.

Quando, no dia vinte e cinco de setembro, Julio de Moraes fôra a sua casa, ausentando-se inopinadamente, com o pretexto, já conhecido, da partida para Coimbra, ella sentiu no coração um como golpe doloroso, que se lhe figurou o prenuncio do advento de muitas horas tristes.

Maria Josina não podia acreditar que um homem, que a amasse devéras, fosse capaz de se despedir tão

imprevistamente, abandonando-a á mais soffredora das incertezas. Com dezenove annos completos, a filha do Silveira já não era, positivamente, uma creança. O raciocinio sahia-lhe limpido e sereno, demais a mais purificado por uma duvida atormentadora. E, por isso, repensando sobre o procedimento de Julio, presentiu desde logo qualquer coisa grave, cuja natureza não podia explicar bem, mas que lhe deixava entrever, como num sonho mau, o resultado final d'aquelles seus innocentes e já infelizes amores.

Apenas Julio de Moraes sahio de sua casa, Maria Josina escondeu-se no quarto, e desatou a chorar. As lagrimas cahiam-lhe aos punhos pelas faces; e só a custo, para não despertar suspeitas, ella retinha a vontade poderosa de chorar alto, muito alto, a fim de dissipar, naquelle ambiente solitario, a dor intima que lhe opprimia o peito. Limitou-se, pois, a soluçar, abafando os soluços na travesseira do leito, em que repousava a cabeça. E o peito arquejava-lhe convulsamente, com violencia tal que, ao fim de alguns minutos, se reconhecia extenuada.

— Já me não ama! — murmurava ella, num calafrio, mixto de raiva e pavor.

A' memoria acudiam-lhe em tropel as recordações passadas, quando, na janella da sala de visitas do collegio, vira Julio pela primeira vez; quando, oito dias depois, o esperara, com tamanha impaciencia, em sua casa e, á hora do almoço, sentira, pelo effeito de um contacto rapido, os primeiros signaes tangiveis do seu affecto; e, sobretudo, quando, mais tarde, dentro

d'aquelles mesmos aposentos, immolára a esse homem tudo o que a sua innocencia lhe permittira immolar, num momento perdido de amor. E todos estes pormenores, que a phantasia lhe coloria, eram outras tantas aggravantes para o seu soffrimento, que mais insupportavel se tornava, em virtude de o não poder comunicar a ninguem.

Após essas recordações de um passado tão proximo, e que tão velozmente se esvaecêra, Maria Josina entrou de novo a raciocinar.

A infelicidade, decorridos que sejam os primeiros momentos de crise que provoca — nos quaes o espirito vagueia, desorientado, como um naufrago á mercê das vagas — cria em nós um simulacro de tregua, propicia á reflexão concentrada de todas as faculdades. Acalmados os nervos, e resfriada a violencia exhaustiva d'aquelles momentos, o espirito começa a funcionar melhor, examinando as coisas debaixo de um aspecto novo. E até acontece que aquella infelicidade, que tanto nos sobresaltou, principia a servir nos de base para deducções que nunca haviamos feito, constituindo, assim, uma especie de ensinamento, que illumina e esclarece muitas duvidas.

Foi, talvez, por isso que Maria Josina, voltando a reflectir, logrou descortinar a explicação de coisas que, até alli, se lhe apresentavam confusas e imprecisas.

Lembrou-se do procedimento de Julio de Moraes, quando, depois de a possuir, se ausentara de sua casa por uma forma estranha, com o ridiculo pretexto de uns negocios a tratar; e dizia consigo:

— Mas, se elle me tivesse muito amor, certamente deixaria todos os negocios, só para ficar mais alguns dias ao pé de mim...

Depois, recordou-se da correspondencia trocada com Julio, após essa ausencia. E só então lhe pareceu que as cartas d'elle encerravam o quer que fosse de mysterioso, de inexplicavel. Naquellas phrases ambiguas, em que Julio não manifestava o desejo ardente de a procurar, ella divisava agora um plano covardemente estudado, com o fim evidente de a ir habituando a uma separação lenta.

E, a par de tudo isso, impressionava-a a circumstancia de, naquello mesmo dia, elle ter vindo alli, áquella casa onde ella ansiosamente o esperava, e de se haver retirado tambem com uma razão futil, quasi desejando fugir a uma entrevista com ella!

Todas estas ideias tiveram o condão de enraivecer Maria Josina contra Julio de Moraes — aquelle por quem, até áquelle instante, apenas sentira amor! E, apertando a fronte entre as mãos, sem querer acreditar nos horriveis presagios que o coração lhe dictava, dizia, num murmúrio:

— E' impossivel... é impossivel!...

Corridos uns minutos, seduzida por uma deliciosa miragem de esperanza, censurava-se a si mesma pelo seu pessimismo, arrependia-se dos maus juizos que acabava de fazer. E, mais serenamente, repetia:

— Pode ser que eu não tenha razão... O meu dever é esperar...

No dia immediato, pelo correio da tarde, recebeu

a carta que Julio escrevera em casa de João Lucio. Leu-a avidamente, como se, naquellas linhas, estivesse consubstanciado todo o enigma do seu futuro; e, no fim da leitura, ficou, em verdade, mais satisfeita, mais resolvida ainda a aguardar os acontecimentos. Nem sequer notou que a data do carimbo do correio era a d'aquelle mesmo dia, particularidade que, por outro lado, lhe não espremitaria a attenção, embora a houvesse observado.

— A estas horas deve de estar em Coimbra... — calculava ella. E, assim, no dia seguinte de manhã, já poderia receber correspondencia d'aquella cidade.

Mas esta conjectura era mais uma illusão que falhava: no dia immediato, não veio carta nenhuma, apesar de Maria Josina contar com ella a todas os instantes, á hora de todas as distribuições postaes. Tal contrariedade voltou a pô-la mal humorada e triste; e á noite, dentro do seu quarto, chegou a sentar-se á secretaria, para escrever a Julio, em termos asperos, energicos.

Porém, como podia ella endereçar-lhe qualquer correspondencia, se não sabia para onde lh'a dirigir, em Coimbra? De feito, este obstaculo tornava inviavel o desabafo das suas amarguras; e, pela força das circumstancias, teve novamente de se conformar, esperando que Julio fosse o primeiro a mandar-lhe quaesquer novas.

Assediada por mil pensamentos que a inquietavam, não teve coragem para se recolher ao leito; e, por isso, abrindo a janella do quarto, quedou-se alli a res-

pirar o ar fresco que vinha do jardim. Assim permaneceu muito tempo, architectando projectos de um afortunado porvir, suggestionada talvez pelo ambiente aprazivel d'aquella noite, que ainda se podia considerar como de verão. E quando, bastante tarde, se deitou, embalava-a a esperanza de que, ao despertar, sempre teria as almeçadas noticias, das quaes parecia depender toda a sua vida presente.

Mas decorreram tres dias, sem que Maria Josina recebesse a mais insignificante informação. Pelo que, muito nervosa, e não tendo força para mais, escreveu uma carta, que endereçou para o Douro, confiada em que a familia de Julio a remetteria para onde elle estivesse. Contava-lhe ahi os momentos inquietos por que passava, devidos ao silencio d'elle, e os quaes ella não merecia; e rogava-lhe que lhe escrevesse ao menos duas palavras, a fim de a socegar um pouco, visto que já muito havia soffrido por elle.

Aguardou afflictamente uma resposta, convencida de que, em chegando a carta ás mãos de Julio, este se atrigaria a responder-lhe. E começou a fazer calculos sobre o tempo que deveriam demorar as noticias, dada a hypothese de lhe ser enviada, sem atrazo, a carta escripta para o Douro. Eram precisos uns quatro dias; e como este praso lhe parecesse demasiado longo, admittiu que, antes d'isso, Julio podia ainda escrever-lhe de Coimbra, remediando tudo.

Todavia, os quatro dias extinguiram-se tambem, como os tres anteriores, sem que Julio de Moraes desse signaes de si; e, por tal motivo, Maria Josina

principiou verdadeiramente a descrêr de todas as phantasias que havia sonhado, e, conseguintemente, a não ter confiança no affecto d'aquelle homem que, por certo, a ludibriára e illudira.

Em virtude d'isso, o seu espirito atravessou uma crise de desanimo, que lhe affectou algum tanto o estado physico, fazendo-lhe diminuir o appetite; e tomou-se de uma tão evidente melancolia, que o caso poderia não passar despercebido aos Telles da Silveira. A fim de que tal coisa não acontecesse, Maria Josina fez um grande esforço sobre si mesma, para encobrir o abatimento total que a dominava.

D'alli a cinco dias, porém, estava-lhe reservada uma surpresa: pela manhã, ainda antes de se levantar, a creada trazia-lhe uma carta, que ella recebeu sobresaltada, depois de reconhecer no envoltorio a letra de Julio de Moraes. Abriu-a, num impeto de impaciencia, e leu então, com espanto, as poucas linhas, tibias e insufficientes, que Julio escrevera em Coimbra, dois dias depois de lá chegar, sentado á meza d'aquelle café da Baixa.

— Pode lá ser que elle, até agora, não tenha tido occasião de me escrever, e que só hoje me envie estas linhas... que não dizem absolutamente nada? — perguntava ella a si mesma, num gesto de não contida ira.

E revoltada, cheia de indignação, fez em pedaços a carta do ingrato namorado, com uma firmeza tal, que ella propria, momentos depois, admirava.

O odio é, muitas vezes, originado pelo soffrimento.

E se Maria Josina ainda não odiava Julio, era porque o seu coração, muito ingenuo, não media por ora, em toda a sua extensão, a vileza de caracter do amante que tanto a fazia padecer.

Em todo caso, deliberou não lhe enviar resposta nenhuma. Já que elle a havia deixado tantos dias sem noticias, e, afinal, só lhe escrevia aquellas banalidades que acabava de ler, tambem era justo que ella procedesse da mesma forma.

Mas não obstante, Maria Josina, tomando tal resolução, forcejava por se illudir a si mesma, fazendo-se mais forte do que na realidade era. Ao fim de dois dias, como não recebesse outra carta de Julio, resolveu se a escrever-lhe.

Manifestava-lhe a extranheza que sentia, pelo seu desconforme procedimento; e chegava a afirmar-lhe que, por tudo quanto se dera, via bem que elle já a não amava.

Escrevendo-lhe assim, Maria Josina procurava excitar a piedade de Julio, para conseguir que este lhe respondesse. E, depois, fechando a carta, monologava:

— Se, desta vez, elle me não responder immediatamente, então está tudo acabado...

Mal eram proferidas estas palavras, reflectia sobre a idéia que ellas exprimiam, e repetia, com tristeza:

— Tudo acabado!

Rompeu a chorar. E nestas lagrimas, que eram de dôr, mesclava-se já uma raiva surda contra o homem a quem ainda amava, raiva que se declararia sem

remedio, se, por acaso, elle viesse definitivamente a desprezá-la.

Cinco dias passaram, sem obter uma resposta. Ao fim d'este periodo, Maria Josina, desesperada, escreveu a Julio um simples bilhete postal, em cujo papel amarelento traçou apenas estas palavras: « Envio tudo ».

« Tudo » — eram as cartas que até alli recebera de Julio, e as quaes emmagou cuidadosamente, remetendo-as para Coimbra.

E, ao desfazer-se d'aquelles ultimos vestigios do seu amor, Maria Josina sentiu que na sua alma estalara o derradeiro fio, que a ligava ao desagradecido amante.

Sobreveiu-lhe uma febre violenta, que a obrigou a recolher ao leito. O medico da casa, ao vê-la, achou-a em tal estado, abatida e debil, que recommendou os mais rigorosos cuidados, ignorando qual a etiologia da doença.

Mas, felizmente, após uma semana, a febre havia desaparecido. A côr das faces voltou a animar-lhe o semblante, indicando o regresso á normalidade. E o medico, verificando que as coisas tomavam melhor rumo, disse ao Telles da Silveira que era de toda a conveniencia, para a saude da filha, a mudança de ares, pois devia restabelecê-la inteiramente.

— Para onde? — inquiriu o Telles, disposto a tudo.

— Para onde quizerem; mas eu aconselharei, de preferencia, os ares de uma terra em que haja algumas diversões... — informou o clinico.

E o Telles, propondo Lisboa, obteve a plena approvação do doutor.

— Lisboa... não... — objectou Maria Josina. — Podemos ir, por exemplo, para a Foz...

— Já talvez esteja frio... — observou o Silveira.

— Não tem duvida... se a *Sr.^a* D. Maria Josina prefere ir para a Foz, não vejo nisso inconveniente algum — respondeu o medico.

E, em face d'isto, logo se assentou na partida, que veio a effectuar-se dois dias depois.

XXII

Recebendo o maço de cartas, que Maria Josina lhe devolvera, Julio de Moraes foi immediatamente procurar o seu collega João Lucio dos Santos, a fim de lhe contar o sucedido.

— Ainda bem que ella soube comprehender as coisas — disse Lucio, depois de o haver escutado. — És um homem de sorte! Dá cá um abraço...

E, erguendo-se de uma beira do leito de ferro do seu quarto de estudante, sobre a qual estava sentado, enlaçou com o braço direito o busto de Julio, com tanta franqueza e alegria, nem que este seu amigo tivesse sido premiado com a sorte grande. Como Julio permanecesse silencioso, deixando apenas entrever um sorriso difficil de interpretar, João Lucio acudiu philosophicamente, enquanto fumava um cigarro de tabaco hollandez:

— Parece que tens pena?! — arriscou elle.

— Pena... não tenho. Mas devo confessar-t'o: dir-se-hia que sinto dentro de mim qualquer coisa que se escangalha, uma nuvem que se desvanece... exacta-

mente como esse fumo espêssso que sahiu do teu cigarro, e já vôa, desfeito, pelo ambiente d'este quarto. . .

— Vejo que estâs um tanto romantico, meu caro Julio, e, de facto, o caso não será para menos. . . Essa historia vulgar de uma namorada devolver a um homem as cartas que a gente lhe escreveu, tem um certo ar de imbecilidade, proprio para levar ao romantismo. Imagina que, se fosse commigo, queimaria eu mesmo as cartas, uma vez que a minha ex-namorada não tivesse querido dar-se ao trabalho de o fazer. . . — disse João Lucio, desfechando uma gargalhada.

— Tens razão —olveu Julio — Eu deixo-me dominar, ás vezes, por sentimentos estupidos. Estava ansioso por me libertar da filha do Silveira, e, ha pouco, sentia-me quasi pezaroso do resultado obtido. Ainda bem que tu sabes pôr as coisas no seu lugar. . .

— Ora venha de lá outro abraço! — exclamou, sorrindo, João Lucio dos Santos — E, para não tornares a ser assaltado por ideias tristes, vamos dar um passeio. Depois, iremos jantar ambos. Faremos saltar a rolha de uma garrafa de vinho espumante; e, no fim, em holocausto á tua prima Alice, queimaremos, em tua casa, o maço de cartas da Maria Silveira. . .

Uma risada unisona, desferida pelos dois amigos, serviu de approvação ás phrases agarotadas de João Lucio; e, sahindo juntos, foram até á Baixa, implicando com as raparigas que passavam, embrulhadas nos chales de grandes frecos pendentes. . .

Ás oito horas, entraram no hotel, acompanhados por duas mundanas elegantes que, nas vesperas, ti-

nham chegado de Lisboa. O jantar decorreu escandeido e folgazão, por entre ditos picantes, que, apesar d'isso, não feriam a moralidade das convivas adventicias. E quando, por volta das dez da noite, deixaram o hotel, vinham todos afogueados pelos vapores do champanhe, que haviam bebido sem conta.

Dirigiram-se para casa de Julio de Moraes, onde começaram a preparar quatro chicharas de café, em uma machina russa. E, enquanto a chamma azulada do alcool aquecia a agua até á ebullição, João Lucio alvitrou que, para aproveitarem o tempo, fosse queimado, alli mesmo, o maço de cartas que viera de Maria Josina.

— Vamos lá a isso ! — respondeu Julio, com certa effervescencia. E, pegando de um embrulho que tinha na gaveta da escrivaninha, entregou-o a João Lucio que o desatou, disseminando, em seguida, o conteúdo por sobre a soleira de pedra do vão de uma janella.

Julio riscou um phosphoro, e incendiou aquelles papeis que, depois de escriptos por elle, haviam sido lidos pelos olhos ingenuos de uma mulher.

Como as companheiras se admirassem de semelhante auto de fé, e da solemnidade que parecia fazer-lhe cortejo, procuraram saber de que se tratava.

— Eram cartas para uma typa ! — respondeu João Lucio, burlescamente, soltando uma gargalhada aphasica, bestial, disparatada, perfeitamente harmonica com o estado mental do seu cerebro esquentado.

E, ao mesmo tempo que o fogo consumia amorti-

çadamente aquelles pedaços de papel, Julio doidejava com as duas creaturas ligeiras, que lhe faziam companhia, buscando nellas contactos de uma sexualidade morbida. . .

Entretanto, Lucio servia o café fumegante, offerecendo uma chicara a cada uma das mulheres e a Julio de Moraes; e, empunhando estouvadamente a sua taça, exclamou com emphase:

— A' saude de todas as mulheres!

— Salvé! — respondeu Julio, sorvendo um trago de café, com a chicara cambaleante.

E enthusiasmados, pervertidos, embriagados mais pelo prazer sordido do momento, do que pelas libações do jantar, decidiram não sabir mais d'alli, passando todos a noite dentro d'aquelles aposentos, aliás soffriavelmente confortaveis, de Julio de Moraes. . .

Desde esse dia em deante, Julio não quiz saber mais da filha do Silveira. Quando conversava com João Lucio, a proposito de amores serios, só fallava na prima Alice, com a qual mantinha então uma correspondencia continua, e cheia de affectos. Das cinzas de um amor extinto renascera outro mais esperançoso, e quiçá mais puro, visto como o coração humano tem a mania ou o sestro de se deixar seduzir por tudo quanto não possue.

A aventura com Maria Josina, a breve trecho, cahiu definitivamente no olvido, apagando-se na mente de Julio de Moraes. Com a familia Silveira desqui-

tou-se elle bem, explicando primeiro a sua ausencia, com o pretexto de trabalhosos estudos academicos, e cortando depois, e de uma vez, com essas explicações, para o que não era mister empregar pretextos de especie alguma.

XXIII

Quando Maria Josina, depois da prescripção medica, optara pela praia da Foz do Douro, preferindo esta á cidade de Lisboa que o pae lembrara, obedeceu isso a uma ideia rapida, quasi instinctiva, que, naquelle momento, a induziu áquella preferencia.

Positivamente, Maria Josina tinha cortado com Julio de Moraes. Pelo menos, quando repensava sobre o caso, assentava em seu espirito a conclusão, bem firme, de que tudo aquillo era assumpto liquidado. E, para se convencer a si mesma da invulnerabilidade de tal conclusão, relembrava mentalmente o procedimento infame do que uma vez fôra seu amante, e a quem ella, em taes occasiões, odiava de uma maneira profunda.

Porém, quando o medico prescreveu a mudança de ares, a fim de tonificar a sua saude um tanto abalada, e quando ouviu da bocca do pae a escolha da capital para a reconstituição das forças quebrantadas, vacillou no seu espirito bem feminino aquella resolução, tantas vezes formulada,

Lisboa ficava assás distante do Porto e d'aquella casa em que Maria Josina conhecera Julio, e onde tambem se consummára a nefanda traição que este havia delineado. E isto mesmo, que era, para ella, em outros momentos, uma fonte de recordações tristes, converteu-se então, e muito repentinamente, num motivo que lhe suscitou o desejo de se não afastar muito d'alli.

Era talvez possível que Julio se arrependesse; que, após um afastamento temporario, voltasse novamente a escrever-lhe, com muitos protestos de amor, como fazia d'antes, e implorando perdão para a falta commettida, perdão que Maria Josina estava disposta a conceder-lhe, subjugada pelo regresso ao aprisco da ovelha transviada, e, depois de alguns ralhinhos carinhosos, que seriam necessarios; era até possível que Julio viesse ao Porto para tal fim, e que a procurasse em sua casa, com a ideia de alli a avistar.

Se, porém, Maria Josina fosse para Lisboa, como o pae propuzera, podia acontecer que Julio desanimasse, não a encontrando no Porto, e que até interpretasse este facto como um symptoma de desprezo, não levando por isso ávante o seu plano de arrependimento. Pelo contrario, retirando-se ella para sitio não afastado do Porto, desde que Julio chegasse á Boa-Vista, seria logo informado da sua estada na Foz; ora, da Boa-Vista á Foz, a distancia era tão pequena que não dava tempo a que se diluisse no desanimo o projecto de reconciliação; e, em tal hypothese, Julio iria fallar-lhe quasi no mesmo ambiente em que

se iniciaram os seus amores, muito proximo da casa que fôra simultaneamente origem das suas tristezas e dos seus mais formosos devaneios de mulher.

Todas estas ideias, que levam algum tempo a reproduzir, lhe trespassaram muito rapidamente pelo cerebro, no momento em que o pae se lembrou da cidade de Lisboa; e foi por taes motivos que Maria Josina deu primazia á Foz, já que se tornava necessario acceitar os preceitos indiscutíveis do medico.

Para a familia Silveira era totalmente indifferente passar uma temporada em uma ou outra terra; e até, por conveniencia propria, o Telles não desgostou da ideia da filha, visto que a estancia na Foz lhe permitia occupar-se ininterruptamente dos seus negocios, sem, por assim dizer, sahir do Porto.

Em virtude d'isto, a familia Telles da Silveira transportou-se para a Foz, sem grandes preparativos, visto que possuia alli uma vivenda magnifica, a qual costumava ficar devoluta, quando decidiam não se retirar da cidade, ou ir passar o verão em outro qualquer ponto. Essa habitação ficava situada mesmo em frente ao mar, podendo distender se a vista pela barra fora, atravez das suas janellas amplas, pelas quaes podia entrar tambem, em grandes hufadas, a aragem fresca do oceano.

Estava-se em mais de meados de outubro. A epoca de maior movimento, determinado pela costunada affluencia de banhistas, havia-se já extinguido. Todavia, não desagradava a Maria Josina aquella tranquillidade das praias, no meio da atmospheria pacata da

sociedade da Foz. Tudo isso parecia estar de harmonia com as sollicitações do seu espirito, que aspirava a reflectir, e a concentrar-se.

Pela manhã, logo que se levantava, Maria Josina abria, de par em par, a janella do seu quarto, frente ao mar, e quedava-se alli momentos esquecidos, a contemplar ao longe as velas acinzentadas das embarcações que se moviam, embebida numa especie de somnolencia fagueira, apenas entrecortada, de vez em quando, pelo rodar cavo e pesado dos carros electricos. Depois, descia ao primeiro andar, e beijava carinhosamente a mãe, que se conservava sentada numa grande cadeira austriaca, perto da cozinha, a fiscalizar os serviços das creadas; e, em seguida, ia tambem oscular o pae, que lia os jornaes da manhã, ou examinava o correio no escriptorio, depois de já ter regressado da praia, onde ia ver um ou outro banhista mais tardio, que aproveitava os ultimos dias da estação. O Albertinho, áquella hora, andava já a brincar no jardim, com alguns rapazes amigos, jogando a bola á ingleza, ou fazendo traquinices proprias da sua indole travessa.

Com o apparecimento de Maria Josina, parecia que toda a casa se punha em movimento, como que retomando uma vida mais agitada e alegre. D. Maria Telles erguia-se da cadeira de balanço e dava ordens ás creadas, como boa dona de casa que se prezava de ser, e cuja qualidade lhe ficara do seu passado bastante laborioso e labutador, no seio da familia em que nascera. Alberto vinha para cima e beijava a irmã,

fazendo-lhe muitas festas e interrogando-a sobre os projectos d'aquelle dia. E o velho Telles da Silveira, arrumando os jornaes, ia sentar-se patriarchalmente á meza da sala de jantar, como se estivesse animado por um appetite devorador, e assobiava uma aria qualquer, enquanto o almoço não apparecia sobre a meza.

Depois de almoçar, Maria Josina sahia um pouco; umas vezes com o irmão, outras vezes com elle e o pae, dirigindo-se normalmente até uma praia de banhos, onde repousavam, ou emprehendendo um passeio hygienico, ao longo da Avenida.

O tempo apresentava-se ainda lindo e sereno, com dias de sol magnificos, como são os da primeira quadra do outomno. Ás tardes, a familia Telles da Silveira ia para a praia, e conversava alli com uma ou outra familia das suas relações, que, por acaso, ainda lá se encontrava em goso dos derradeiros dias de viliatura.

— Não sabiam como o senhor Telles da Silveira viera, naquelle anno, tão tarde para a Foz — diziam ao Telles.

— Foi por causa da Zizi. . . — respondia a esposa.

E D. Maria, muito sollicita, explicava que, primeiramente, nem tinham intenções de vir para alli; mas que, depois, o medico aconselhara a que «a pequena» fosse tomar ares, por se achar um pouco abatida.

— Agora já estou melhor, muito melhor. . . — esclamava Maria Josina, a seu turno, com as faces um tanto carminadas, após uns dias de residencia na Foz.

E certo é que a mudança de ares tinha surtido

optimos effeitos no seu physico convalescente. Os olhos pareciam mais pretos e vivos; a tez denotava haver perdido aquella descoloração propria das donzellas enfermiças, e tomava já um aspecto mais sadio, com uma côr muito approximada do natural; e até os cabellos se apresentavam de um castanho mais escuro, realçando-lhe a fronte muito branca e lisa.

Apesar de tudo, Maria Josina ainda soffria. Era sobretudo á noite, quando se encontrava a sós no seu leito, que ella curtia, por vezes, momentos atrozes, de uma desillusão cruel. O somno, que é o magico filtro dos que padecem, vinha-lhe tarde, muito tarde, depois de muito scismar e de muito sentir; e, então, para combater e arredar aquellas insomnias terriveis, ella fazia interminaveis leituras, distrahindo-se com o desenrolar das acções de soporiferos romances, graças aos quaes conseguia por fim adormecer. Era esse até o unico merito de grande parte d'essas novellas, quasi todas traduzidas do francez, em versões que seriam capazes de fazer arrepiar os cabellos de um ministro da instrucção publica, se a um tal cavalheiro impendesse a obrigação de saber escrever em portuguez, ou de fiscalizar a pureza da lingua.

Mas, até durante o somno, a pobre Maria Josina experimentava as repercursões do seu mal intimo; era quando acordava em sobresalto, estremunhada, e então esbogallhava muito os olhos, como a certificar-se de que estava alli sózinha, no quarto de uma casa da Foz, longe do que fôra seu amante; o que succedia, ordinariamente, de todas as vezes em que acabava de

sonhar coisas maravilhosas, nas quaes se lhe figurava estar á beira de Julio de Moraes, quasi como naquella noite em que praticara a tolice de o receber nos seus aposentos da casa do Porto. E, nestas occasiões, lá perdia ella uma hora de somno, a cogitar naquelles disparates que, bem contra sua vontade e contra seu proprio interesse, ideslisara dormindo, até que, por fim, um pouco exhausta e alquebrada, se adormentava de novo, insensivelmente, paulatinamente.

Já passavam perto de quinze dias desde que estava na Foz, e nem a mais ligeira e vaga noticia de Julio de Moraes. A sua creada do quarto, a Cecilia, que era de toda sua confiança, ia quasi diariamente ao Porto, com recommendação expressa para vêr se, por ventura, haveria lá qualquer carta para ella. Mas nunca chegava uma carta de Julio, e, por isso, a Cecilia astringia-se a trazer-lhe alguns jornaes e revistas, que, na peor das hypotheses, a ajudavam a supportar o tempo.

Uma coisa havia que devéras a entediava: era o não ter uma amiga, pelo menos uma, a quem pudesse confiar os seus segredos, contar as suas maguas, relatar as suas desillusões, numa palavra, historiar toda a sua vida. Mas essa amiga e confidente não existia. Conhecia, era certo, muitas meninas como ella, já senhoras, que haviam sido suas companheiras de collegio; e bem assim outras que, não tendo sido camaradas de estudo, iam ás vezes por sua casa, devido a ceremoniosas relações de familia. Porém, com nenhuma d'essas Maria Josina queria abrir-se, não só porque

sempre fôra uma reservada — motivo por que já no collegio a julgavam impenetravel —, mas, sobretudo porque tinha uma immensa vergonha da sua desgraça, e as proprias faces se lhe ruborisavam, quando, sózinha, pensava no que lhe havia acontecido.

Em um dia, de tarde, Maria Josina foi, como tantas outras vezes, passar algum tempo na praia, em companhia da familia. Levou consigo um romance qualquer, o primeiro que se lhe deparou na sua pequena bibliotheca, no lote dos volumes que ainda não havia principiado a lêr. E, quando o pae e a mãe se sentaram a conversar, e depois de o irmão se ter afastado para brincar com uns collegas, Maria Josina levantou-se caladamente, com o livro debaixo do braço, e seguiu pelo areal adeante, em direcção ao molhe da barra do Douro. Além, a meio do escampado, estava armada uma barraca de lona, de que se aproveitou, sentando-se dentro d'ella, virada para o mar.

Abriu o livro com o intuito de se distrahir um pouco, e começou a ler; mas bem depressa se aborrecceu do que lêra, ou, talvez, das muitas paginas que se seguiam, porque, volvidos uns minutos, cerrou o volume com um gesto de enfado, desistindo da leitura.

Poz-se a fitar as aguas immensas que se remexiam deante d'ella; e, com as pupillas muito dilatadas, num destes olhares vagos que nada vêem para o exterior, principiou a reconstituir as ruinas passadas. Lembrou-se dos tempos de collegio, quando andava com os cabellos estendidos em madeixas sobre as costas, e

vestia saias muito curtas, que lhe davam pelos joelhos. Na sua imaginação fecunda, Maria Josina revia as professoras de aspecto estrangeirado, com narizes vermelhos em que se acavallavam oculos redondos, muito empertigadas dentro da sua auctoridade de educadoras de meninas; ideava os dormitorios atulhados de camas muito brancas, com lençoes bordados, onde tantas noites dormira somnos infantis, sem o auxilio adormecente das novellas que agora lia; rememorava-se das companheiras de aula e de brinquedo, com as quaes passava as horas de recreio, e por cuja causa tambem ás vezes supportara alguns castigos, sujeitando-se á mitra de papel, encaixada na cabeça, ou a conservar, pregado nas costas, o distico deshonoroso, onde se lia, em caracteres negros, a legenda «Preguiçosa».

Ella reproduzia tudo isto, com um prazer tão vago como o seu olhar, tão mysterioso como o seu estado de alma.

Depois, recordava-se do dia em que sahira do collegio, quando se despedira das professoras, que a beijavam solememente, das companheiras que choravam por ella, e enxugavam, nos finos lençoes de cambráia, os olhos marejados de ingenuas lagrimas.

E, ao relembrar tudo isto, os olhos de Maria Josina tambem se velaram de tristeza, e se humedeceram a pouco e pouco, como se, naquelle momento, em frente ás aguas da Foz, ella estivesse a repetir as mesmas despedidas, impregnadas de doce saudade. Reteve as bagadas imminentes, e continuou a meditar, refazendo

na phantasia outros pormenores da sua vida preterita, alguns dos quaes alegres, que deveriam incitá-la ao riso, e comprazendo-se tacitamente naquella exhumação, a que estava procedendo, de coisas já vividas.

Mas, apesar de tudo, Maria Josina conservava no rosto o ven de uma ternura melancolica, e os olhos não perdiam aquelle aspecto nebuloso, que denunciava uma alma torturada. E' que, no meio de tudo aquillo, por entre todas as recordações de infancia, ella sentia-se agora muito differente do que havia sido, acudindo-lhe teimosamente á imaginação um phantasma, que em vão desejaria afastar, e que era, em summa, a lembrança da sua deshonor, que a desalentava.

E, remordida por esta ideia, julgou-se indigna de ter sido o que foi, indigna até de ser uma mulher. Não era só a magua moral que a perturbava; era mais e peor do que isso: a depreciação da sua personalidade physica, que, naquelle momento, considerava como uma realidade brutal, aspera e selvagem. Os olhos já se lhe não molhavam de tristeza; coruscavam-lhe com raiva. A excitação nervosa que tal sorte de raciocinio lhe produziu, prostrou-a um pouco; e, como para se refazer, poz-se de novo a olhar para deante de si, para o mar que se dilatava em frente.

As vagas vinham de longe, alterosas e soberbas, correndo vertiginosamente em direcção á praia, succedendo-se umas após outras, em movimentos sacudidos, como os de um grande esquadrão de cavallaria. Umas vinham espedaçar-se, com fragor, contra a can-

taria negra do molhe que ficava á esquerda, e, furiosas, rebelles, irritadas talvez por acabarem alli a sua existencia, subiam ao ar, esfaceladas, desfazendo-se em borbotões de desespero, como se fossem golfadas de sangue de uma vida que se aniquila. Outras, quiçá mais felizes, deslisavam adormecidamente até ás margens, onde se convertiam em espuma, menos impetuosamente, mais resignadas com a sua sorte, que era a de viverem até o fim. E da morte de umas parecia renascer a vida de outras, que surgiam além, numa cadencia incessante, cantando sempre a mesma canção, num reprincipiar permanente e fatal, que é a imagem exacta dos vaivens da vida.

E Maria Josina contemplava, sem cessar, aquellas vagas, aquellas ondas que vinham extinguir-se quasi a seus pés, no meio de um ruido sempre igual, mas falho de monotonia, por ser cheio de magnificencia. E, então, entrou a pensar que, afinal, ella era tambem uma mulher igual a todas as outras, ou, melhormente, que as outras deviam de ser como ella, á semelhança d'aquellas ondas que se multiplicavam, todas com o mesmo destino, obedecendo ás mesmas leis.

— Por certo — reflectia comsigo mesma — devia haver muitas mulheres nas suas condições, que tinham sido illudidas, que haviam sido ludibriadas; talvez menos ricas do que ella, porventura mais modestas, mas com tantos direitos como os seus, nascendo com os mesmos sonhos, e acalentando as mesmas ambições.

E esta reflexão consolava-a, quasi lhe fazia vêr as

coisas por um prisma novo, suggerindo-lhe ideias muito diversas das que até alli tivera.

A desgraça de poucos é o allivio de muitos. Não era ella a unica no mundo, a quem acontecera a infelicidade de deixar a honra nas mãos de quem lh'a não soubera apreciar. E depois, em ultima analyse, que valor tinha essa honra que perdera? Seria assim coisa de tamanho preço, cuja falta bastasse a inutilisar-lhe a existencia? Porventura as mulheres como ella deveriam ficar toda a vida condemnadas a não afagarem uma esperança, a não confiarem no futuro? E porquê?

Pois não tinha ella as mesmas qualidades, os mesmos sentimentos, o mesmo desejo de ser feliz? Seria admissivel que um prejuizo meramente material fosse capaz de transtornar toda a sua vida do espirito e do coração? Certamente que não! O melhor era fazer de conta que nada lhe succedera, e reagir activamente contra a depressão vaga, que até então havia sentido. Julio de Moraes desprezara-a. Mas que importava isso? A fraqueza da mulher consiste precisamente em não desprezar tambem aquelle que uma vez a desprezou. Por conseguinte, repelliria de ora avante a memoria d'aquelle homem, e viveria como se nunca jamais o tivesse conhecido. O tempo, que tudo destróe, extinguiria tambem aquellas cinzas mal apagadas, que lhe removiam o intimo. E com força de vontade, de que se julgava capaz, conseguiria infallivelmente esta grande aspiração da sua alma: começar de novo a

viver, olvidando por completo o passado, e depositando a maxima confiança no futuro!

Enthusiasmada por estas derradeiras considerações, Maria Josina reconheceu, com alvoroço, que os seus nervos pareciam adquirir uma energia nova. E, quando reapareceu junto do local onde os Telles ainda conversavam, levava um aspecto distraído, desanuviado, quasi varonil.

Principiou a cahir a tarde; e, quando o sol estava prestes a desaparecer no horisonte vasto, irradiando sobre o mar os mais variados cambiantes de luz, D. Maria Telles lembrou que eram horas de regressar a casa, para jantar.

— Vamos a isso! — apoiou o Telles. Hoje estou com extraordinario appetite...

E a filha, satisfeita e alegre, confirmava:

— Tambem eu, papá...

Maria Josina tomou o braço do pae, pedindo-lhe para irem á noite ao theatro, ao Porto, a fim de se distrahirem, de passarem o tempo...

E o Telles, muito contente por ver a filha risonha, prometteu logo que sim, que iriam onde ella quizesse, contanto que o ar da noite lhe não fizesse mal...

— Mas não fará mal nenhum... — respondeu Maria Josina.

E com uma convicção muito firme, que não dava logar a duvidas, accrescentou:

— Creia, papá, que me sinto magnificamente. Pelo menos, não soffro de nada, absolutamente de nada...

E accentuou, talvez propositadamente, as ultimas palavras que acabava de proferir, e que causaram enorme satisfação ao Telles da Silveira, e á D. Maria Telles, que caminhava ao pé do marido, com o Albertinho.

No dia seguinte, Maria Josina já não parecia a mesma. A ida ao theatro, na vespera, em vez de a prejudicar, dispuzera-a admiravelmente, esplendidamente. E os paes, observando aquella mudança rapida no animo da filha, não sabiam a que attribuir tal effeito, mas regosijavam-se intimamente com o facto.

— Os ares do mar fizeram-lhe bem... — dizia o Telles para a esposa. E ajuntava, com modos de entendedor :

— Bem me quiz parecer que aquillo não era coisa de maior... Ainda bem !...

D. Maria concordava com o marido, como aliás era costume, visto que o seu espirito, docil e simples, considerava o Telles como um dos homens mais intelligentes que por acaso conhecera.

As melhoras de Maria Josina accentuavam-se de momento a momento ; e, por isso, d'alli a dois dias, manifestou aos paes a vontade que tinha de se retirar da Foz, pedindo-lhes para irem passar algum tempo em Lisboa.

— Será melhor ouvir primeiro a opinião do doutor... — objectou o Telles da Silveira.

— Se o papá quizer... — annuiu Maria Josina.

— Sempre é mais seguro !...

E o Silveira, pelo telephonio, foi avisar o medico, que ficou de ir á Foz naquella mesma tarde.

Quando Maria Josina appareceu deante d'elle, sorridente, com maneiras muito affaveis, o doutor notou immediatamente que a crise havia passado, e que a sua cliente já não ostentava os apprehensivos symptomas do anterior mal estar physico.

— Bravo, senhora D. Maria Josina! Já nem parece a mesma! — exclamou o medico, com certo orgulho profissional.

— Estou muito melhor, não é verdade? — confirmava ella.

— Por certo; está magnifica!

— As apparencias são boas... Não é assim, senhor doutor? — repetia D. Maria Telles.

— Sem duvida alguma, minha senhora! — asseverou o medico.

E o Telles explicou ao doutor qual o desejo da filha, que insistia em se retirar da Foz, para ir viver uma temporada em Lisboa.

— Optimamente, senhor Telles, optimamente! A senhora D. Maria Josina lembra muito bem; a temperatura, em Lisboa, é agora muito mais suave, e, uma vez lá, acabará definitivamente por se restabelecer...

— Visto isso, podemos ir sem receio? — inquiriu D. Maria.

— Quando V. Ex.^{as} quiserem — concluiu o doutor.

Maria Josina, vendo que lhe não haviam opposto difficuldades, não cabia em si de contente; tinha

quasi vontade de abraçar o medico, por verificar que elle estava sempre de accordo com os seus desejos, não os contrariando imprudentemente, como ás vezes procedem aquelles que estão pouco relacionados com o espirito feminino. . .

Em Lisboa, Maria Josina fazia intenção de se divertir muito, distrahindo o espirito, em passeios de automovel pela Avenida, e frequentando, á noite, os theatros da capital. A vida sorria-lhe em devaneios côr de rosa, liberta de pensamentos tristes, de preocupações torturantes. A sua força de vontade estava a corresponder, por uma forma admiravel, aos projectos que havia traçado, depois das reflexões decisivas do seu espirito, quando, pela primeira vez, encarára com energia a verdadeira solução do problema.

Assim decorreram quatro mezes de vida movimentada na capital. Estava quasi transposto o mais rigoroso do inverno, pois que havia começado o mez de Março. E a saude de Maria Josina não podia ser melhor. Os planos que ella formara haviam-se realiado quasi integralmente, com uma coragem maravilhosa.

Não quere isto dizer que ás vezes, posto que raras, se não recordasse de Julio de Moraes. Mas tal lembrança galgava rapida pela memoria, porque Maria Josina a afastava premeditadamente, como a uma coisa ruim. A principio, quando a imagem d'elle se demonstrava, contra sua vontade, na phantasia, Maria Josina ainda se revoltava contra essa imagem, e maldizia-a, porque profundamente a odiava; porem, depois, com o

tempo, nem sequer lhe votava odio: rechaçava-a com uma indiferença gelida, calculadamente desprezadora. E, por entre dentes, murmurava uma ou outra palavra que definia o seu estado de alma, os sentimentos que a animavam contra Julio.

— Imbecil! — resmoneava ella, sobretudo quando se revia ao espelho, e se apreciava a si mesma, contemplando-se, e achando-se, de dia para dia, mais mulher.

De facto, Julio de Moraes havia sido um imbecil ou um imprevidente. Se elle houvesse suspeitado que aquella creatura, a quem conhecera algo franzina, no inicio do seu desenvolvimento feminino, viria mais tarde a ser o que então era, com certeza que a não teria repudiado tão levianamente. E esta é ainda a melhor vingança que a mulher pode tirar do homem que um dia a postergou, se depois d'isso consegue tornar-se mais bella, obtendo da natureza a reduplicação dos seus primitivos encantos! O aperfeiçoamento futuro das linhas, desabrochando-se em curvas admiraveis, e em modelações soberbas de elegancia, — como tudo isto causa torturas ao homem que anteriormente conheceu apenas um esboço de mulher!

E, por tal motivo, Maria Josina desejava que Julio voltasse a vê-la, só para ella ter o prazer infinito de o desprezar, olhando-o com um ar de suprema indiferença, que mortifica incomparavelmente mais do que todos os olhares de odio! Se tal acontecesse, como o seu coração se vingaria d'elle! Como a sua alma cas-

quinaria altiva, affixando externamente um riso cruel, sarcástico, affrontoso!

Mas não! Julio de Moraes não tornara a apparecer. Elle não sabia da perola escondida que, em tempos, tivera nas suas mãos, e que depois se abrira, radiante, graciosa, arrogante, desafogando-se á luz plena de um sol meridional.

XXIV

Em meados de Marco, os Telles da Silveira deliberaram ir de passeio até o estrangeiro. Dirigir-se-hiam á Italia, regressando depois pela Suissa e pela França.

Já de ha muito que o Telles programmatizava essa excursão por terras extranhas, por isso que, como dizia á espoza, tinha até vergonha de nunca ter sahido de Portugal, quando tantos outros, que eram muito menos do que elle, se não cansavam de fallar de Paris e das cidades italianas.

A occasião era propicia, e a viagem tornava-se até necessaria, visto que Maria Josina ia completar vinte annos em Abril, estava portanto uma senhora feita, e, por conseguinte, precisava de concluir a sua educação elegante, como convinha a uma filha do Snr. Antonio Telles da Silveira.

Além d'isso, tal passeio seria ainda, na ideia do pae, o prolongamento da estação de cura que tanto havia beneficiado a Zizi, porque o Telles, que timbrava em saber de tudo, descobrira, na sua bossa

medicinal, que os males femininos se debellavam radicalmente com as distrações vivas e divertimentos variados, como á evidencia estava provado pelo exemplo da propria filha.

A deliberação do Telles encontrou excellente acolhimento no animo de Maria Josina, que logo começou a antegozar a delicia de ir visitar Paris e as demais terras a que o pae alludia, quando este, á noite, auxiliado por um guia de turismo, explanava, deante da esposa boquiaberta e da filha sonhadora, as diferentes curiosidades das cidades que projectava percorrer.

Fizeram os preparativos indispensaveis, e partiram nos ultimos dias de Março, após uma curta demora no Porto, onde o Telles quizera ir, para deixar em ordem os seus negocios.

Remodelando o primitivo plano, o Telles resolveu ir directamente a Paris, na ansia vulgar de conhecer, antes de qualquer outra cidade, a capital franceza, pois que lhe não parecia bem dirigir-se a outra parte, sem poder jactar-se de que já tinha visto Paris.

E na verdade, o meio e a vida parisienses deixou-os completamente deslumbrados: ao Telles da Silveira, á esposa e á filha.

O Telles confessava-se encantado, achava aquillo magnifico, e gostava sobretudo de apreciar, á noite, os theatros ligeiros e os cafés-concertos, logares em que a sua já depauperada sensibilidade encontrava materia que farte para o fazer reagir. Só tinha pena de uma coisa: e vinha a ser, que a sua personalidade

portugueza se eclipsasse no grande bulicio de Paris, e não soubessem todos os parisienses que elle era o Telles da Silveira, do Porto, possuidor de um rico palacete na Avenida da Boa-Vista, e de uma fortuna que comportava umas boas centenas de contos, cujo numero exacto nem elle, afinal, conhecia.

D. Maria Telles extasiava-se perante os grandes estabelecimentos dos bulevares, com as suas vitrinas opulentas e sumptuosas, e admirava tambem, posto que em menor grau, os soberbos edificios de architectura monumental, e os jardins extensos, polvilhados de autos e de carruagens, que percorriam, num movimento cadenciado e constante, as alamedas longas, e cheias de transeuntes. Um dos seus maiores prazeres era gastar horas e horas dentro dos grandes armazens, comprando coisas exquisitas para depois trazer para Portugal, podendo dizer a toda a gente que haviam sido adquiridas em Paris.

Maria Josina, como authentica e legitima descendente dos Telles da Silveira, compartilhava dos gostos do pae e da mamã, apreciando muito os theatros e os terraços dos cafés, e bem assim os mostruarios maravilhosos dos estabelecimentos de modas das avenidas. Mas havia principalmente uma coisa que lhe prendia a attenção, que lhe esparzia sobre o corpo sensações novas, e que, por assim dizer, a metamorphoseava: era a agitação incessante, a ligeireza gentil, a graça seductora das mulheres parisienses. Aquelle meio civilisava-a, ou talvez melhormente, desnacionalisava-a. Ella concluia que, por muito senhoril que fosse a

vida da sociedade lisboeta, não podia comparar-se á grandeza surprehendente d'aquella atmospherá de offuscante luxuosidade. Em Lisboa, os costumes nacionaes não permittiriam que ella se sentasse, como fazia em Paris, no terraço de um café, observando a seu lado os vestidos das madamas elegantes, ou vendo-as a desfilar, deante de si, em carruagens principescas...

Tudo isto lhe suggeria uma nova concepção da vida, de uma vida alegre e perfumada, farta de aventuras excéntricas, de sentimentos ainda desconhecidos. E com os seus vinte annos, loucos e devaneadores, dizia comsigo mesmo:

— Se eu pudesse habitar sempre em Paris!

Mas não podia! E por isso, preparou-se para transportar para Portugal uma synthese das impressões que na grande cidade recebera, e que eram os vestidos mais exquisitos e singularmente enfeitados, as pellicás mais vistosas, tudo emfim que pudesse contribuir para lhe realçar a belleza, excitando ao mesmo tempo a cubiça ou, pelo menos, o pasmo das suas conterraneas. E, quando, á noite, recolhia aos seus aposentos do hotel, onde já se amontoava uma profusão enorme de caixas e involucros, Maria Josina ambicionava regressar o mais depressa possível á sua terra, para aqui poder vestir-se á parisiense, e dizer a uma ou outra conhecida:

— Isto... comprei-o eu em Paris!

Os Telles da Silveira deviam abandonar a capital

franceza em fins de Maio, para depois se dirigirem á Italia. Mas uma contrariedade imprevista obsteu ao complemento do plano de viagem, que havia sido traçado. Foi o caso que D. Maria Telles começou a sentir-se um pouco doente, devido a se haverem aggravado os seus achaques pulmonares. Esta irritação inesperada da molestia assustou-a, bem como ao marido e á filha, que lhe notaram as faces um tanto empallidecidas, com mostras bastante visiveis de um mal estar geral.

Perturbada por taes symptomas, sobreveio á esposa do Telles da Silveira a nostalgia da patria, que costuma atacar todos aquelles que, por acerba infelicidade, se encontram enfermos longe da sua terra.

E por tal motivo, resolveram voltar immediatamente a Portugal, antes que a enfermidade viesse a exacerbar-se, como podia succeder.

— Paciencia! — dizia o marido á esposa — Vamos para o Porto, e ainda este anno, quando estiveres melhor, podemos tornar ao estrangeiro...

Fizeram as ultimas compras, e, dois dias depois, embarcaram no comboio que os trouxe a Portugal.

O Telles da Silveira chegou ao Porto, nedio, satisfeito e altivo, a tal ponto que, logo na mesma noite, compareceu no clube de que era socio, para ter a honra de dizer aos amigos que acabava de regressar de Paris.

D. Maria, com o simples facto de já se encontrar no Porto, dentro da sua casa, parecia achar-se bastan-

te melhor, menos apoquentada dos seus padecimentos chronicos.

E Maria Josina, ao pisar terra portugueza, não era já aquella que, uns mezes atraz, havia ido para a Foz, a retemperar-se de uma crise que bastante a abalára.

O corpo, os ademanes, o andar, o vestuario, a forma de ver as coisas e de conversar com as pessoas, dir-se-hia que tudo isso era differente. A estada em Paris renovára toda a sua vida. Agora era uma creatura completa, requintada, meticulosa, procurando em tudo a elegancia e o bom gosto, tanto nas grandes como nas pequenas coisas proprias do seu sexo. Emfim, era outra !

XXV

Os primeiros dias que se succederam á chegada dos Telles da Silveira ao Porto, foram, para Maria Josina, de um afan desacostumado. Ansiosa por brilhar, por estadeoar no seu meio natal as modificações que havia adquirido, pedia ao pae para sahir quasi todas as tardes, passeando na carruagem descoberta, com um grande ramo de flores sobre a capota, a fim de se exhibir com os vestidos e chapéus parisienses. O Albertinho, que então obtivera uma licença collegial de alguns dias, acompanhava a irmã nessas excursões galantes, em que ambos percorriam as ruas da cidade.

E a actividade que Maria Josina desenvolvia, em antes de taes passeios, não era pequena; ataviava-se cuidadosamente, escolhendo as roupas, mudando os chapéus, compondo-se e adornando-se com minucioso labor. Bella como jamais o havia sido, ella empregava todos os meios para relevar essa belleza, para augmentar, na medida do possivel, as graças naturaes, com que o destino a fadara. E talvez nem ella sou-

besse a que visavam todos esses desvelos e carinhos, que agora dispendia comsigo mesma.

Ha na vida feminina uma epoca, em que as mulheres, guiadas por um instincto fatal e necessario, irreflectida e incalculadamente, levam ao extremo a garridice propria do seu sexo. Todos os seus objectivos consistem em se fazerem bonitas, para agradar, para se distinguir. Muitas vezes, talvez na maior parte dos casos, não procedem assim com o definido intuito de captivarem a certa e determinada pessoa, alliciando-a e attrahindo-a, mas unicamente para darem satisfação áquelle instincto natural, sobresahindo entre as demais.

Tambem parecia ser esta a ideia primacial da filha do Telles da Silveira. Já que não era como outras, que poderiam decerto jactar-se do seu titulo real de donzellas, aspirava a ser mais do que essas, superando-as pela belleza exterior. A sua vaidade era, porém, compensadora, e por isso, até certo ponto, legitima; e satisfazia-lhe mais ou menos o coração, porque a intelligencia, talvez para a contentar, lhe dizia que a belleza physica podia supprir muito bem um defeito occulto.

A verdade era que, durante aquelles passeios, os homens olhavam para ella de uma forma insistente e escrutadora, e a sua passagem despertava nelles attentões distrahidas, provocando conversas muito rapidas, que lhe diziam respeito.

E Maria Josina via e observava tudo isto, chegando a pensar que, em breve, lhe sabiriam ao caminho os adoradores mais entusiastas...

Aconteceu, porém, que taes passeios tiveram de se interromper, sem que, todavia, essa interrupção constituísse para Maria Josina um motivo de tristeza, ou de arrelia. Muito mais a incommodou a causa determinante de tal facto, e que foi devido a ter peorado rapidamente a enfermidade de sua mãe.

O medico, chamado para vêr D. Maria Telles, entendeu que o mais proficuo remedio para atalhar ao mal, seria a atmospheria sadia e pura de uma terra de provincia; e que o inicio d'essa cura devia dar-se quanto antes, porque senão a doença podia caminhar de maneira assustadica. Os ares da aldeia, em uma terra do Minho, concorreriam, pelo menos, para o estacionamento da crise, se é que a tranquillidade da vida provinciana não fosse de per si sufficiente para a conjurar por completo.

E em vista da opinião auctorisada do medico, os Telles da Silveira viram se obrigados a proceder ás necessarias diligencias, para se retirarem do Porto, dentro do mais curto prazo. Por felicidade, o Telles conhecia um amigo seu, que habitava em uma terra do norte — o senhor Ignacio José Coelho, que em tempos fora caixeiro na praça do Porto e agora explorava identico ramo de commercio, mantendo na provincia uma acreditada loja de mercearia, por junto e a retalho; pelo que, tratou logo de lhe escrever, pedindo-lhe informações urgentes sobre se era possível arranjar-se o aluguer de uma vivenda em condições, não muito longe do caminho de ferro, e de preferencia no campo, em sitio aprazível e pittoresco. E

términava por dizer que não fazia questão sobre o prego da renda.

O negociante provinciano respondeu dois dias depois, informando o Telles de que existia, nos arredores da villa, uma casa que talvez lhe servisse, especie de velho solar de fidalgos ricos, que agora pertencia a um brasileiro de Guimarães que, uns mezes antes, a tinha comprado em hasta publica. Opinava o senhor Ignacio que decerto o brasileiro não se utilisaria da casa, porque a adquirira mais como accessorio da quinta de que ella fazia parte; e por isso, ia escrever ao dono sobre a pretensão do Telles, e que, mal obtivesse resposta, daria parte do seu conteúdo. Em *post-scriptum*, explicava que a casa estava mobilada á antiga, tal como fôra arrematada; mas que, se fosse necessario pôr lá qualquer peça avulsa de mobilia, tudo se poderia arranjar, como á vista melhor decidiriam.

O Telles, d'alli a tres dias, em virtude de um telegramma do snr. Ignacio, partiu para a provincia, a fim de examinar a vivenda, e vêr se lhe convinha. E então já o negociante pôde mostrar ao Silveira a resposta do brasileiro, na qual este dizia que a casa «estava ás ordens do senhor Ignacio e dos seus amigos.»

Seguidamente, foram até á quinta, que distava perto de um kilometro. Pelo caminho, o Telles aproveitou a occasião para contar ao seu velho amigo Ignacio algumas anedoctas alegres sobre a sua estada em Paris, com as quaes muito se riu o negociante da provincia, escancarando demesuradamente as maxillas angulosas.

Ao chegarem a um grande portão de ferro, que se abria sobre a estrada de macadame, o cocheiro fez estacar os cavallos esmagriçados, ao mesmo tempo que Ignacio José Coelho dizia:

— E' aqui!

Apeando-se, enfiaram pelo portão que se encontrava apenas encostado, e seguiram por uma sorte de avenida, bordada de esguios eucalyptos, ao fundo da qual se avistava a construção, um tanto ennegrecida, do enorme casario. Perto d'este, appareceu ao encontro dos visitantes o feitor da quinta, a quem o senhor Ignacio conhecia, e ao qual explicou o fim que alli os levára—«a elle e ao Senhor Telles da Silveira, do Porto». O caseiro levantou o chapéu, numa reverencia de muito respeito, e foi immediatamente buscar as chaves, que trouxe d'alli a instantes.

Subiram então pela ampla escadaria de pedra até á varanda ou alpendre, em que desembocavam varias portas que davam accesso ao interior. Aberta a porta principal, que ficava logo em frente da escadaria, entraram os tres em uma especie de sala nobre, bastante extensa, cuja mobilia se compunha de duas arcas antigas de madeira de castanho, enfeitadas com molduras, de uma meza rectangular, collocada ao centro, e de algumas cadeiras com espaldar, dispostas a esmo. A seguir, havia outra sala, menos vasta, com janelas voltadas para um pequeno jardim, onde as plantas cresciam descuidadamente nos alegretes desprezados, e cujas ruas se encontravam cobertas de relva eervas bravas. Depois, uma sala maior, com tecto de

castanho artesonado, que parecia haver sido destinada a casa de jantar, vendo-se ainda, ao centro, a meza muito comprida, e alinhando-se, junto ás paredes, uma duzia de cadeiras de couro, tauxiadas com amarellas, e cobertas de pó. Contigua á sala de jantar, ficava a sala da copa, e, junto a esta, a cozinha, assaz espaçosa, com uma chaminé monumental, e correspondente lareira de pedra, mas quasi desprovida de mobiliario. Do outro lado, ao nascente, e virados para a quinta, estavam os quartos para habitação, providos de camas antigas de catre alto, e de um ou outro contador de castanho. E, afora essas, havia ainda outras dependencias, sem applicação actual, completamente vacias, mas que facilmente poderiam adaptar-se a um fim domestico.

Quando, depois da visita, o caseiro da quinta fechou outra vez todas as portas, o Telles e o senhor Ignacio quedaram-se na varanda a trocar impressões.

— E' o que nos serve—dizia o Telles, resumindo assim a sua opinião a respeito da casa — Não se me dava até de comprar isto, se por acaso o brasileiro quizesse vender a quinta. . .

— Mas para o senhor Telles vir já para aqui — objectou Ignacio — é preciso pôr ainda muitas coisas que faltam. Como viu, a mobilia é insufficiente, creio eu. . .

— Isso remedecia-se depressa, porque nós, para já, contentamo-nos com o indispensavel: quatro quartos, a sala de jantar e a cozinha. O resto fica para mais tarde. Ora, aproveitando-se a mobilia existente, o que

falta não é muito. Como sabe, amigo Ignacio, basta o essencial, porque nós não vamos mobilar a casa para vivermos aqui sempre...

— Lá d'isso que falta, encarrego-me eu facilmente — disse o mercieiro — Amanhã já mando para aqui lavatorios, dois guarda-roupas, louças, e apetrechos de cozinha, porque os tenho de sobra em minha casa. Não será coisa de luxo, mas como decerto o senhor Telles não faz questão...

— Nenhuma, amigo Ignacio! A gente aclima-se sempre! E se minha filha extranhar um pouco esta simplicidade a que não está habituada, que tenha paciência!...

E dizendo isto, principiaram a descer a escadaria, ao fundo da qual já estava o caseiro, de quem se despediram, presenteando-o o Telles com duas moedas de cinco tostões.

Como o Silveira desejava regressar ao Porto no comboio das quatro, deram ordem para que o cocheiro os conduzisse á estação; e no trajecto, o Telles insistia com o seu amigo Ignacio a fim de este tratar de tudo, porque elle pagaria todas as despezas.

— Esteja o senhor Telles descansado, porque, quando vierem, hão-de encontrar a casa em condições. Provavelmente ainda não veem nestes tres dias? — inquiriu o mercieiro.

— Logo que seja possível. Hoje é sabbado; e, se não houvesse inconveniente, viriamos já na segunda feira...

— Não haverá duvida, senhor Telles. Esteja tranquillo. Podem vir na segunda feira, se quizerem...

E os dois amigos despediram-se, com mostras de muita satisfação. O Telles regosijava-se intimamente, por ter encontrado a habitação que procurava, nas condições mais razoaveis; e o senhor Ignacio não se regosijava menos, por se lhe haver proporcionado a occasião de ter sido prestavel ao seu amigo de outros tempos, a quem, além d'isso, poderia impingir o bacalhau, o azeite e o arroz por uma continha calada. Pois se elles haviam sido collegas no negocio!

SEGUNDA PARTE

I

Havia já uma semana que a família Telles da Silveira se tinha installado na casa da quinta da Pena — nome por que era conhecida a propriedade do brasileiro de Guimarães.

E após essa semana, que transformação profunda se não dera na antiga vivenda, tanto tempo deshabitada! Pelas janellas abertas, entrava, a todo o panno, a luz do dia, restituindo áquellas salas o aspecto vivo e alegre que não tinham, quando desertas e silenciosas. Os soalhos haviam sido escrupulosamente lavados, cobertos aqui e além de tapetes berrantes, que contrastavam com a côr escurecida das madeiras. E, por toda a parte, jarros com flôres, plantas ornamentaes, pannos turcos a cobrir as arcas antigas, toalhas muito alvas, resultando de todo este conjuncto uma impressão agradável, interessante.

Por vezes, assomava a uma janella a figura elegante de Maria Josina, que se ficava alli a olhar para a longa alameda dos eucalyptos, ou para os pinheiraes muito verdes, de um verde sombrio, que se descorti-

navam ao longe, ou para os terrenos cultivados da quinta, então cobertos de extensos milheiraes, vicejantes e floridos, com os seus pendões tremulantes.

Toda a transformação interior da casa havia sido produzida pela sua iniciativa, visto que a movia o desejo de tornar o mais prazenteira possível aquella vivenda campestre, pela qual começava a sentir uma certa predilecção. E d'aquelle casarão solitario e triste, que estava reduzido a uma mobilia deficiente, Maria Josina fizera surgir uma habitação aprazivel, dotada dos confortos indispensaveis, e ornamentada até com esmerado gosto. Diga-se, porém, em abono da verdade, que para isso muito contribuiu o aproveitavel esforço do senhor Ignacio Coelho, que, por um capricho muito provinciano, se ufanava de ser util a toda aquella familia, e principalmente á filha do Telles da Silveira, com a qual elle, desde o principio, sympathisara. E assim, do quarto de dormir de Maria Josina haviam desaparecido todas as peças de mobiliario antigo, porque o senhor Ignacio á viva força desejou e obteve que lá fosse collocada uma mobilia completa de nogueira que, pouco tempo antes, havia comprado, para montar em sua casa um quarto de hospedes.

Desde os primeiros dias em que vivia na quinta, Maria Josina começou a levantar-se cedo, porque achava um certo encanto em respirar, logo pela manhã, o ar puro d'aquelle atmospheria cheia de saude. Depois de estar vestida, e de haver tomado o café com leite, acompanhado de fatias de pão torrado, ia com a mãe para aquella jardim que o Telles da Sil-

veira vira ao desprezo, e que agora se encontrava limpo e reverdecido, graças ao cuidado que havia em se regarem diariamente as roseiras dispersas pelos canteiros.

D. Maria Telles gostava immensamente de se sentar alli, numa cadeira de lona, á beira d'aquellas plantas verdes, e debaixo de uma japoneira antiga, muito copada, que parecia um vinculo da casa. Ella sentia-se muito melhor, desde que sahira do Porto, e experimentava um bem estar admiravel, que lhe pacificava o espirito, afugentando-lhe as apprehensões taciturnas que, a principio, tinha sobre a sua doença. Ao pé d'ella, Maria Josina ora se entretinha com pequenos trabalhos de rendas, ora lia os jornaes que pelo correio chegavam do Porto, ao mesmo tempo que fallava com a mãe sobre os diversos assumptos caseiros, que as distrahiam.

O Telles da Silveira, depois do almoço, costumava ir até á villa, a pé, a fim de passar uma ou duas horas, á palestra, no estabellecimento do seu amigo Ignacio; e, em alguns dias da semana, ia ao Porto, no comboio da manhã, para regressar no que chegava por volta das seis horas da tarde.

Uma ou outra vez, o senhor Ignacio vinha até á quinta, a convite do Telles, e então discorriam juntos sobre coisas velhas, quasi sempre attinentes a assumptos mercantis, em que ambos se consideravam entendidos.

Quando D. Maria e a filha precisavam de se dirigir á villa, para effectuar algumas compras, mandavam

chamar uma carruagem, que as levava, e que, depois, as reconduzia a casa. Mas na villa demoravam-se pouco, porque o tempo decorria calmoso, o sol muito forte podia fazer-lhes mal, e ainda porque, demais a mais, não tinham relações com famílias da localidade.

No sabbado da segunda semana de vilegiatura, o Senhor Ignacio appareceu na quinta para lhes levar uma novidade: era que, no dia immediato, se realizava no theatro da villa uma recita de amadores, a qual, segundo corria, promettia ser muito interessante. E o mercieiro dizia para D. Maria Telles:

— Eu, minha senhora, quasi nunca vou a theatros, porque não fui educado nessas coisas. Mas amanhã vou, porque a minha rapariga—referia-se á filha—não me tem largado, e até já lá tem os bilhetes. Vossas Excellencias tambem devem ir. Sempre é uma distracção; e, pelo que minha filha diz, aquillo ha-de ser coisa bonita...

— Que peça vão representar? — perguntou Maria Josina.

— Lá isso... não sei, minha senhora! — respondeu Ignacio, um tanto envergonhado da sua ignorancia.

— Seja o que fôr! — acudiu o Telles — De caminho, tambem veremos com é o theatro de cá da terra...

No comboio da tarde chegou o Alberto, que vinha do collegio, afim de passar o domingo com a familia. O senhor Ignacio, que ainda estava na quinta, dirigiu-lhe os cumprimentos, como a um digno rebento da familia Telles da Silveira:

— Está um homem! E' mesmo o retrato do papá... — commentava o negociante, após as saudações.

E o Alberto, muito lisonjeado, foi sentar-se sobre os joelhos de Maria Josina, fazendo-lhe varias perguntas, e inquirindo se ella se dava bem alli. A irmã, cheia de condescendencia, respondia-lhe a tudo, e dispensava-lhe caricias, que os olhos cubiçosos do senhor Ignacio contemplavam com enlevo, talvez na melhor das intenções...

No domingo á noite, como ficára resolvido na vespéra, a familia Telles da Silveira apeava-se de um landô, á porta do theatro da villa que, naquella occasião e naquelle local, parecia estar em festa. O senhor Ignacio, que os esperava, entregou ao Telles o bilhete que tinha comprado por incumbencia d'este; e, depois, acompanhando-os até á porta do camarote, perguntou ao Silveira se precisava de mais alguma coisa, porque ainda tinha de ir a casa, para trazer a consorte e a filha, que o aguardavam.

— Não, amigo Ignacio, não é preciso nada. Muito obrigado, e até logo...

E, neste em meio, já a esposa do Telles, Maria Josina e o irmão tinham distribuido e occupado os seus logares dentro do camarote, observando a assistencia que, a pouco e pouco, ia abarrotando a casa de espectáculo. Nos demais camarotes estavam as familias importantes da terra, cavaqueando afervoradamente, e olhando de vez em quando para o logar em que estavam os Silveiras. E, successivamente, foram-se en-

chendo as cadeiras da plateia, d'onde alguns cavalheiros, de pé, relanceavam em redor a vista curiosa.

Quando já eram nove horas, lá em baixo, no lugar da orchestra, um individuo executou no piano uma symphonia, não só para indicar que se ia dar começo ao espectáculo, como também para dominar o sussurro impaciente, que se evolava das galerias algo tumultosas. Depois, retiniu gravemente a campainha do palco, primeira e segunda vez; e então elevou-se rapidamente o panno de boca, estabelecendo-se um silencio profundo, apenas interrompido por um ou outro retardatario, que procurava o seu logar.

Desde que findou o primeiro acto, o camarote dos Telles da Silveira começou a ser frequentemente visado pelos olhares investigantes de muitos espectadores, que, a seguir, fallavam uns com os outros, em voz baixa, sem duvida para trocar impressões, ou para colher esclarecimentos.

Maria Josina, ligeiramente debruçada sobre o para-peito do camarote, ao lado do irmão, divagava com a vista pela sala do theatro. Ella notava que os olhares incidiam principalmente sobre a sua pessoa, inquisidores, interrogativos. Mas achava isso tão natural, que não ligava importancia alguma a esse facto. Entre toda aquella gente, a filha do Telles não conhecia ninguém, não tinha uma só pessoa com quem devesse trocar um cumprimento. Observou, no entanto, que, de um logar da plateia, a fitavam, atrevida e insistentemente, os olhares de um homem, a quem nunca tinha visto. Instinctivamente, retirou os seus olhos dos

d'aquelle individuo, num movimento espontaneo, irreflectido. Mas elle continuava a encara-la detidamente, como se estivesse a fazer um estudo; dir-se-hia que procurava attrahir sobre si as attenções d'ella, porque se não cançava de a fixar, com uma propositada teimosia. E Maria Josina presenciava tudo isso disfarçadamente, passeando o olhar, de uma forma indefinida, por sobre coisas que não tinha intenção de vêr. A breve trecho, sem o querer, os olhos d'ella voltaram a encontrar-se com os do desconhecido, que apresentava uma figura impressionante, em certo modo triste. E, importunada por aquella excessiva curiosidade do espectador persistente, Maria Josina apressou-se a desfi-tá-lo, ao mesmo tempo que affixava no rosto uma expressão de severidade, que parecia traduzir uma censura.

— Com certeza trata-se de algum sujeito que está intrigado por me não conhecer...— dizia ella a si mesma.

Mas o referido individuo não deixava de a considerar attentiosamente; e os olhares d'ella, como se fossem attrahidos por um iman, eram impellidos, contra sua vontade, para aquelle observador atrevido, que não estava disposto a abandonar a prêza. Em face de tal ousadia, a filha do Telles da Silveira formou, dentro de si, a resolução de se não importar mais com o indiscreto, que lhe cravava a vista. Sem embargo, tudo quanto se passára havia sido sufficiente para ella estampar na imaginativa as feições d'aquelle homem ainda novo, que já se lhe figurava mais sym-

pathico, como pessoa vista muito tempo antes, e por varias vezes.

Poucos momentos decorridos, iniciava-se a representação do segundo acto; e então Maria Josina, mergulhada na penumbra doce do theatro, pôde verificar que o individuo que tanto a fixava, se voltava a miude para traz, encarando obstinadamente no camarote d'ella.

No intervallo do segundo para o terceiro acto, repetiram-se, por parte d'elle, scenas identicas ás do final do primeiro acto; Maria Josina, porém, conseguira dominar-se a tal ponto, que não mais os seus olhos tornaram a encontrar-se directamente com os d'elle. Apesar d'isso, ella espiava-o, estudava-lhe os movimentos, por meio de uma sorte de refração da vista que, na apparencia, fluctuava indeterminadamente sobre as pessoas que a não interessavam.

Quando estava para principiar a representação do terceiro acto, Maria Josina criticou-se e exprobroou-se a si mesma, em virtude de haver dado importancia a um incidente que, a final de contas, se lhe afigurava de muito pouca monta. Voltou a attribuir aquillo tudo a mera curiosidade de um homem que não estava habituado a vê-la; e, por conseguinte, prestando attenção á peça que se desenrolava na scena, não se lembrou mais do espectador da plateia.

Logo que a representação terminou, e enquanto as palmas ainda estrondeavam, os Silveiras sahiram do camarote, fóra do qual estava o senhor Ignacio, com a esposa e a filha, para lhes apresentar os cumpri-

mentos, seguindo depois todos até ao atrio da entrada, onde se despediram. E, então, Maria Josina estremeceu de subito, porque viu ao pé de si, envolvendo-a num olhar apaixonado, o mysterioso individuo, cujas intenções começava a descobrir. Baixou os olhos, um tanto purpureada; e numa especie de movimento irritado, dirigiu-se prestemente para a carruagem que os aguardava á porta.

De dentro do landô, onde se accommodára, Maria Josina pôde observar mais uma vez o homem que a perseguia, e que, indubitavelmente, a tinha perscrutado com um pensamento decidido.

Esse homem, como se deprehende da primeira parte d'este livro, era Fernando Correia que, naquella noite, tivera a visão mais feliz, ou quiçá mais desgrçada, da sua vida.

O futuro encarregar-se-hia de lh'o dizer.

Ao chegar a casa, de regresso do espectáculo a que assistira, sem contudo lhe prestar attenção, Fernando Correia não pôde conciliar o somno. A imagem da filha do Telles da Silveira imprimira-se-lhe de tal forma na retina, que não havia meio de adormecer. E porque os seus pensamentos apenas convergiam para tal assumpto, Fernando entrou a gizar planos, sobre um terreno que mal, ou quasi nada, conhecia.

Haviam-no informado de que os Silveiras habitavam na quinta da Pena, onde demorariam uma temporada. Ora isto constituia já um elemento importante, visto que estava farto de conhecer a propriedade, actualmente pertencente ao brasileiro de Guimarães, desde os seus tempos de rapaz. Uns mezes antes, sabia até quem era o caseiro da quinta, sendo possível que ainda fosse o mesmo; e, neste caso, seria talvez facil iniciar as investigações, por fórma que produzissem um resultado satisfactorio. O mais arduo era o resto; e esse resto consistia precisamente na obtenção do que principalmente desejava, ou fosse em conseguir chamar

sobre si as atenções da filha dos Silveiras, a ponto de lhe captivar o coração.

Sempre que um homem como Fernando Correia esboça os primeiros propositos a respeito de uma mulher, com intuito de a conquistar e, por intermedio de tal conquista, attingir o seu fim,—nas primeiras impressões, a aventura não parece difficil, porque não acodem logo á ideia todas as difficuldades que ha a vencer, os obstaculos a superar. Não basta ao mais experimentado o desejo muito ardente da victoria, e até o espirito de sacrificio, adquirido, pelo habito, em luctas de semelhante natureza. Na grande maioria dos casos, a mulher é um ponto de interrogação a que é penoso responder, um enigma cuja chave leva tempo a encontrar, mórmente quando se trata de uma creatura que não desconhece, por completo, a indole geral dos processos que o homem põe em jogo para a seduzir.

E' fóra de duvida que o primeiro pretendente é, em regra geral, o mais feliz, posto que, por impericia propria, nem sempre seja aquelle que mais aproveita. Todavia, o segundo e o terceiro, e todos os outros que se lhes seguem, já não encontram, como o primeiro, a praça indefeza e os muros desguarnecidos, visto que o rompimento do primeiro amor, dispondo a mulher para novos e successivos combates, tambem desde logo a habilita a pôr-se em guarda contra a violencia dos futuros assaltos.

E, relativamente á filha do Telles da Silveira, Fernando conjecturava, sem receio de errar, que naquel-

la idade e com o seu porte elegante, ella já deveria haver tergado armas com outros que o tivessem antecedido; e que, por conseguinte, não seria elle o primeiro que iria desvendar, na sua alma feminina, as primeiras sensações do amor. E tal apprehensão torturava o espirito d'aquelle homem que, apesar de energico e persistente, antevia, de mancira reflectida, as difficuldades com que teria de arcar.

Por outro lado, elle sabia bem que, na mais forte organização feminina, existe sempre um ponto fraco que, uma vez conhecido, alhana a resistencia do conjunto. Mas, por experiencia propria, avaliava o quanto custa, na maior parte dos casos, descobrir esse ponto fraco, que todas as mulheres cuidadosamente dissimulam.

Era por isso que Fernando não conseguia adormecer, perante a invasão de tantas ideias, que, mais e mais, lhe faziam resaltar as incertezas do futuro. Por fim, já fatigado da insomnia que o affligia, concluiu que o seu dever estava em empregar os meios; quanto ao mais, era a sorte quem o devia decidir.

Pela manhã, voltaram-lhe as preoccupações. A realidade da luz do dia parecia tornar-lhe cada vez mais difficil a empreza que se propuzera na vespera. Esteve quasi a desanimar de todo, resollvido a não dispendar o minimo esforço, para obter o que antes se lhe afigurava absolutamente necessario. Em frente dos estorvos que presagiava, a razão sobrepunha-se ao sentimento, insinuando-lhe que não valia a pena que

um homem se incommodasse tanto, por causa de uma mulher.

Após o almoço, desceu até o quintal; e, observando as plantas floridas, as ramadas cobertas de folhas verdes, as arvores a desenvolver-se em toda a expansão da vida, experimentou em redor de si o perturbativo silencio das almas amorosas; e então desatou a phantasiar loucuras, imaginando o quanto lhe não seria grato vir a estar ainda alli sozinho com «ella», debaixo do caramanchão de glycinias, absorvendo soffregamente uma felicidade infinda... Lembrou-se das feições d'ella, do traje que vestia, dos cabellos que lhe cahiam em bueres sobre as fontes, das sinuosidades estonteantes do seu busto, e até da energia seductora com que a vira cruzar o portico do theatro. O sangue estuava-lhe no corpo, enthusiasmando-o, fazendo-o sonhar venturas sem par. E, decisivamente, Fernando jurou mais uma vez que aquella mulher, custasse o que custasse, havia de ser sua.

Sahiú, e tomou a estrada que conduzia á quinta da Pena, como se fosse dar um passeio. Em frente ao portão, estendeu a vista pela alameda dos eucalyptos, na esperança de vêr alguém, de divisar ao menos o vulto d'ella. Ninguém! Apenas distinguio, lá ao fundo, as janelas abertas do casario, que deixavam perceber a brancura de uns cortinados de renda. Com receio de que lhe notassem os propositos, Fernando caminhou avante, olhando continuamente para o muro da quinta, marginal com a estrada, como se d'elle pudesse surgir, por um magico encanto, a mulher a quem busca-

va. Na extrema d'esse muro havia uma casa terrea, a uma janella da qual assomou, naquelle momento, a figura sadia de uma rapariga do campo, que Fernando Correia não conheceu. Esteve quasi para lhe fallar, para lhe perguntar qualquer coisa, a ver se a conversa viria a recahir sobre os Telles da Silveira; mas, dominado pelo temor de que a aldeã desconfiasse dos seus intuitos, absteve-se de lhe dirigir a palavra, e continuou mais umas dezenas de passos, pela estrada adiante.

Ao cabo de algum tempo, impaciente e aborrecido, regressou. E, quando se encontrava novamente em face do portão da quinta, viu-se envolvido no mesmo silencio, mergulhado no mesmo isolamento. Quiz demorar-se alli um pouco, á espera de que apparecesse alguém, quem quer que fosse, que lhe franqueasse aquelles gradis de ferro, e o convidasse a entrar. Mas a esse anelo respondia-lhe o mais profundo sossego, o sossego dos dias de verão, quando o sol magnifico dardejia impiedosamente seus raios de fogo, e apenas se ouvem ruidos longinquos de aguas que miarulham nas correntes, ou de gente que trabalha nos campos, a regar as seâras.

Ladeando o portão, e como a cobrir dois mirantes de pedra que alli existiam, havia duas tilias gigantes-cas, monstruosas; e, de repente, nasceu d'entre as suas folhas um rumor ligeiro, que fez estremecer Fernando, inclinado, pelo seu estado de alma, a acreditar em apparições mysteriosas. Haviam sido dois pintasilgos que esvoaçavam, e desappareciam além, na folhagem

sombria dos eucalyptos. Depois do que, tudo voltou á primitiva, com o mesmo silencio pacifico, monotono, enervante.

Fernando Correia lembrou-se de que podia vir alguém, de um ou de outro lado da estrada, que o surpreendesse naquella attitude compromettedora. E desanimado, vexado, lastimando o tempo que perdera, retomou o caminho de sua casa.

Á hora de jantar, conservou-se taciturno, com semblante em certo modo severo. D. Emilia Correia extranhou-lhe os modos, e perguntou-lhe, muito naturalmente, se havia alguma coisa de novo.

— Não ha nada, minha mãe... — respondeu elle, sem a fixar.

— É que te via assim um pouco pensativo...

E Fernando apressou-se a tranquillizá-la, encetando um dialogo que varreu todas as apprehensões.

Decorreram tres dias sem que elle ousasse voltar até á quinta da Pena, dominado pelo medo de que alguém viesse a suspeitar de novo e igual passio, que, além d'isso, e segundo julgava, seria tão esteril como o anterior.

O acanhado meio social em que Fernando Correia vivia, tinha a desvantagem de ser maldizente, linguareiro, murmurador. Ainda as coisas não estavam feitas, e já corriam como certas, garantidas, authenticas. As pessoas mais illustradas não escapavam a esse defeito, porque se viam obrigadas a fazer côro com as outras, que lhes fallavam de tudo, pesquisando minuciosamente as vidas alheias.

Na pharmacia principal da villa, onde se reunia, á noite, um grupo de rapazes, que se jactavam de andar ao par das ultimas novidades, fallava-se dos namoros pendentes e dos casamentos que viriam ou não a realisar-se; e dizia-se mal dos noivos, porque eram uns interesseiros ou peralvilhos; e não se poupavam as noivas, que — diziam — eram «qualquer coisa» e só possuíam a vantagem de ter dinheiro.

No café de melhor reputação juntavam-se os burguezes pacatos, e as pessoas mais gradas da terra: o medico municipal, o director do Clube, o presidente e o secretario da Camara, alguns officiaes reformados, negociantes de respeito, uns tres bachareis, varios proprietarios, — quasi todos pessoas sensatas, muito serias, com os cabellos a embranquecer, e incapazes, pela sua idade ou pelos seus creditos, de aventuras romanticas. Formavam grupos de tres ou quatro, conversando baixinho, reparando nos que entravam e nos que saham; e então, com a sua auctoridade de homens de juizo, mediam os actos dos seus patricios mais novos, pesando-lhes o valor e a intelligencia, apreciando-lhes a conducta moral e politica, fazendo, em summa, considerações muito graves, das quaes, na mór parte das vezes, os alvejados saham feridos.

Nos barbeiros, commentavam-se os ultimos escandalos, reproduziam-se, com minucias, as mais frescas noticias. Havia até um barbeiro da terra, que gosava da fama de ser o mais bem informado, de esmiuçar as derradeiras intrigas; motivo por que a sua loja era a mais frequentada, a preferida pelas creaturas que

se consideravam serias, pois o barbeiro tambem se incluia nessa conta, e tanto assim que se vangloriava de nunca ter conhecido outra mulher que não fosse a sua; e quando, por acaso, não havia escandalos a contar (o que era raro, porque o mais singelo pormenor da vida alheia servia para engendrar uma bisbilhotice), notava-se nos rostos dos freguezes uma certa oppressão, resultante d'aquella calmaria podre da má lingua, que se via privada de assumptos, e condemnada, transitoriamente, a uma inacção enfadonha. A's vezes, no mais caloroso da narrativa, acontecia de entrar na loja a victima inconsciente que era objecto da palestra; e, então, calava-se tudo durante uns minutos, e os freguezes acotovelvavam-se occultamente, depois de terem correspondido, com modos muito amaveis, aos cumprimentos do recém-chegado.

A's janellas das ruas principaes, as meninas cavaqueavam tambem, umas com as outras, e até com as visinhas, tomando por assumpto d'essas conversações os transcutes que desfilavam em baixo, sobre os passeios.

E era toda esta murmuração que Fernando Correia temia, não porque se importasse com a critica do meio, mas porque calculava que essa critica podia prejudicál-o nos seus intentos, intrigando-o talvez, se fosse possivel, para com os Telles da Silveira.

Foi por esse motivo que elle deixou de ir á quinta da Pena durante aquelles tres dias, apezar de se sentir constantemente attrahido para lá, a fim de dar andamento aos seus projectos, para ver florir as suas

illusões. Mas, volvidos os tres dias, esgotava-se-lhe a paciencia, e averiguava que não lograva resistir aos impulsos que o queriam levar alli.

Foi. E, pouco antes de chegar ao portão da quinta, encontrou-se na estrada, com o homem que, alguns mezes antes, lá estivera como caseiro. Entrou de conversar com elle, fallando-lhe de assumptos de relativa importancia, como por exemplo, da proxima colheita do milho e do vinho.

— O anno correu mal — dizia o caseiro — muito mal. Nem sei como hei-de pagar a pensão ao senhorio...

— Então você está a fabricar algumas terras? — perguntava Fernando, fazendo-se desentendido.

— Estou aqui na quinta da Pena! O senhor doutor não sabia?

— Sim! Mas como ouvi dizer que a propriedade mudou de dono...

— Isso é verdade; mas eu fiquei! O senhorio, que é um brasileiro de Guimarães, disse-me que continuasse na mesma, porque não queria conhecer caras novas. Que elle, para dizer a verdade, não ha-de ter rasão de queixa! O senhor doutor bem o sabe: hoje em dia é muito difficil arranjar caseiro em condições. São todos uns desmazelados... não tem amor nenhum á terra dos senhorios...

— Não ha duvida! O senhor João ainda é dos antigos...

E ao dizer isto, Fernando Correia batia com a mão no hombro do lavrador, num gesto de approvação que o lisonjeava.

—Disseram-me que a quinta está agora muito melhorada; que o dono é um homem de gosto e tem feito grandes plantações... —proseguiu Fernando, para alongar a conversa.

—Por enquanto ainda não, porque também ainda não houve tempo para esses melhoramentos. Mas já me disse que, para o anno, ia fazer aqui umas renovações...

—A casa... que tal está? —indagou Fernando, com um pensamento reservado.

E subitamente, o caseiro estendeu a palestra:

—Que a casa agora estava um brinco, desde que lá moravam os senhores Telles da Silveira, uns fidalgos do Porto, que estavam alli a passar uma temporada... Que decerto o senhor doutor já tinha conhecimento d'isso...

—Parece-me que já ouvi fallar... —redarguiu Fernando.

O homem continuou:

—Que era uma familia muito boa, e todos amigos d'elle; sobretudo a senhora D. Maria Josina, a filha, era uma santa creatura, era mesmo um anjo...

E accrescentava, levantando o chapéu:

—E então é bonita a valer... Olhe que não é facil encontrar na villa outra que se lhe avanteje!

—Não a conheço... —interrompeu Fernando, meneando negativamente a cabeça.

E então o lavrador passou a dar copiosas explicações, referindo-se ao Telles da Silveira, á esposa, á filha, desenvolvendo a esse respeito tudo quanto sabia.

— Costuma vir alguém do Porto visita-los? — inquiriu Fernando.

— Que não tinha ainda visto ninguém; que só ás vezes ia lá o senhor Ignacio Coelho, porque era conhecido do senhor Telles, e até fôra elle quem arranjára a casa...; que a senhora D. Maria sahia pouco, por que era assim a modos de adoentada; e que a senhora D. Maria Josina estava quasi sempre com a mãe, no jardim, a fazer rendas, ou a pintar uns quadros muito lindos: enfim, só tinha pena se elles se não demorassem lá muito tempo...

— Está bem, senhor João, não o quero tirar das suas occupaões... — disse Fernando, como quem tambem deseja concluir.

E despedindo-se do caseiro, estendeu-lhe a mão com muita familiaridade, como se fossem amigos.

Em seguida, voltou para casa; e, pelo caminho, entrou a reflectir sobre o facto de o Telles da Silveira ser amigo do senhor Ignacio Coelho, com o qual Fernando tinha umas certas relações, não muito intimas, mas sufficientes para iniciar uma conversa que, afinal, recahisse sobre os moradores da quinta. A tal fim, procuraria fallar com o negociante, e era até possível que depois se offerecesse occasião de este o apresentar aos Telles da Silveira. Pensou, pois, em ir ter com elle ao estabelecimento, no intuito de galgar terreno; mas como, por outro lado, não costumava frequentar a loja do senhor Ignacio, Fernando não sabia como explicar a visita que tanto desejava fazer. Lembrou-se então de repetir os passeios pela estrada da

quinta, na esperança de se encontrar com o amigo Telles; ignorava, porém, a hora a que o senhor Isidoro para lá se dirigia, e assim, só por acaso, é que poderia acertar de o ver. E todas estas difficuldades arrelhiavam deveras, parecendo-lhe que tudo conspirava contra si, difficultando-lhe ou impedindo-lhe a realização das suas aspirações.

Nesse mesmo dia, á noite, Fernando Cordeiro esteve no Clube, onde por vezes demorava até quase da meia noite, quando tinha parceiros com quem jogasse uma partida de voltarete. Ouviu alli falar entre um grupo de socios, num baile que estava projectado para o domingo immediato, e que era provido pelos Directores, a fim de solemnisarem o termo da sua gerencia. E tal circumstancia suggeriu-lhe um novo plano.

Era de presumir que os Telles da Silveira também comparecessem no baile, visto que, não havendo n'essa terra outras distracções, deveriam aproveitar as aquellas que se lhes proporcionassem. Todavia, reflectindo melhor, Fernando previu uma difficuldade: a principio lhe não occorrêra: os Telles da Silveira não eram socios da casa, e por isso, era natural que não fossem convidados.

— Pois sim! — concordava — mas, não obstante eu talvez possa conseguir que lhes seja enviado o convite...

E principiou a desenvolver esta ideia. Fazia lembrar da Direcção do Clube um rapaz seu amigo, extremamente entusiasta pelas festas que alli se effec-

igam. Iria ter com elle, e dir-lhe-hia para convidar a Silveiras, por intermedio do senhor Ignacio, que tambem era socio, embora pertencente ao numero daquelles que se limitavam a pagar em dia a joia e pequenas mensalidades, sem frequentarem a casa.

Tudo dependeria, pois, da boa vontade do negociante, que podia influir decisivamente na acceptação do convite por parte dos Telles da Silveira. A fim de que tal influencia resultasse favoravel, Fernando aconselharia aquelle seu amigo, em nome dos altos interesses do Clube, para que instasse com o senhor Ignacio, exigindo d'este o compromisso de obter que a familia do Porto assistisse ao baile.

E de facto, toda esta combinação, posta em pratica, obteo os melhores resultados. O senhor Ignacio mostrou-se até visivelmente satisfeito pela boa lembrança do Director do Clube, e apressou-se a communicá-la aos Silveiras, que a acceptaram de boa mente e com agrado.

Quando Fernando Correia teve conhecimento do sucesso que alcançara o seu projecto, faltavam apenas dentro dias para o baile, os quaes se lhe afiguravam tantos annos. Desde então, não pensou senão na filha do Telles da Silveira, em dançar com ella, guardando-a, durante uns momentos, junto a si, e abstendo-lhe, talvez, qualquer phrase, reveladora da paixão que sentia por ella. E estes pensamentos contribuíram para lhe annullar o mau humor de que anteriormente se deixara possuir, fazendo-lhe retomar o affecto normal, convicto de que uma fada benfazeja protegia o decurso dos acontecimentos.

III

Chegou ultim o dia do baile, que promettia ser extraordinariamente concorrido, até porque talvez fosse o ultimo da epoca. As meninas da terra preparavam-se afanosamente para elle, havia oito dias, ordenando profundas transformações nos vestidos, e mandando vir do Porto as meias de seda reticuladas, as luvas, e as applicações para os chapcus. Os cavalheiros tambem se não haviam esquecido de enviar os fatos de cerimonia ao alfaiate, para passar a ferro, bem como de examinar as botas de verniz, para vêr se estavam em ordem.

Desde pela manhã que os Directores do Clube andavam embrenhados numa lufá constante, porque ainda faltavam os ultimos enfeites no salão, bastante amplo, e era preciso acabar de compôr o bufete, a sala das senhoras e a escadaria principal. Já estavam collocadas as passadeiras de juta vermelha, com barras pretas, que iam desde a porta de entrada até o salão de baile, e sobre as quais deviam deslizar, quasi saltitantes, os pés muito apertados das senhoras. Gran-

des vasos, com plantas verdes, de folhas muito largas, ornamentavam o atrio. E da parede da escada pendiam, muito solemnes, longos espelhos de molduras douradas, cercados por abraços de folhas de palmeira, atadas com fitas.

No pateo, ao cimo da escada, tinham-se collocado duas oleographias muito interessantes, que foram gentilmente cedidas por um brasileiro, que as trouxera do Rio. A primeira representava uma dama de grande elegancia, com os hombros quasi nús, e muito decotada, com o busto meio envolvido num largo manto de baile de côr carmezim, e descendo uma escadaria monumental; a outra figurava a deusa Flora, vestida de branco, e segurando na mão direita um enorme açafate das mais variadas flôres.

E por toda a parte, vasos de louça vidrada, com hortensias, com jasmins, com fuchsias, abundando sobretudo as dahlias multicôres.

O toucador das senhoras havia sido adereçado a capricho, com mobilia de estylo Imperio, muito alva, orlada de filetes de oiro; e as janellas ostentavam vistosas cortinas de renda, apanhadas de cada lado em grandes tufos, cingidos por laços de seda amarella.

O salão de baile, no dizer do Presidente da Direcção, que era um sujeito de muito boas maneiras e já meio calvo, estava «verdadeiramente feerico» — phrase esta que elle tinha visto impressa em um cartaz annunciador de uns festejos da terra, e que havia sido redigida por um bacharel. Na verdade, os vãos das janellas encontravam-se providos de sanefas quasi

novas, de seda azul, que tinham sido arrematadas em um leilão de casa rica; e por baixo d'ellas, cahiam os cortinados de cassa bordada, presos com braçadeiras também azues. As paredes estavam cobertas de um papel côr de rosa, com grandes ramagens cobreadas; e como, em certos pontos, os desenhos se mostrassem já um tanto descoloridos, resolveu-se esconder taes defeitos com uns quadros de tela, que imitavam os panos de Arrás. A meio do salão suspendia-se um lustre de metal amarello, avivado a purpurina de oiro, com arandelas coalhadas de crystaes facetados, que ondulavam á mais pequena corrente de ar, e tremeluziam em reflexos de mil côres; e pelas paredes, além dos bicos de acetylene que eram do costume, haviam-se profusamente distribuido muitas serpentinas, repletas de velas, que deveriam concorrer para produzir, em conjuncto, uma luz viva e intensa.

O serviço de bufete promettia ser delicioso e variado, de molde a não dar azo a quaesquer reclamações; pois que, sobre este ponto, assaz tinha insistido o Presidente com os seus collegas na gerencia, allegando que um baile devia alliar o luxo ás necessidades da vida, ou seja, dos órgãos de nutrição, e addindo, com toda a experiencia de um requintado gastronomo que, para haver alegria, era necessario que houvesse abundancia. E assim, vieram do Porto os doces de ovos, os bolos á ingleza, as bolachas mais finas, os quèques estrangeiros, o ananaz para servir com Ma-deira, a galantina para as carnes frias e o presunto do York.

Lá em cima, no escriptorio da gerencia, onde tudo estava armazenado e fechado á chave desde a vespera, o Presidente e seus collegas contemplavam com orgulho aquelles manjares, e bem assim outros acepipes que iam chegando, e tinham sido preparados na terra, com a auctorisada e excellente ajuda de uma cozinheira que já tinha prestado serviços em Lisboa.

Ás nove da noite, começaram a chegar os homens que compunham a orchestra que devia de tomar parte no baile: o senhor Raymundo, livreiro e violonista, que nunca faltava nas festas de igreja a mostrar a virtuosidade do seu instrumento, e que tinha a especialidade de musicas fúnebres, d'entre as quaes sobresahia um *Libera-me* que já executava havia uns vinte annos, sempre com grande orgulho de si mesmo e applauso dos seus admiradores; o Sebastião Pires, violoncelista de menos competencia, porém muito entusiasta, e celebre pela forma ousada com que se mettia a improvisar acompanhamentos; e o pianista senhor Macedo, alto e magro, que possuia um variegado repertorio de valsas e polcas, sempre tocadas com calor e vehemencia. Apresentavam-se todos de casaca, com gravatas de laço branco, apesar das innumeras difficuldades que o Pires tivera para desencantar uma casaca que lhe assentasse bem, por ser homem de bastante corpulencia. E para darem signal de si, principiaram a afinar os instrumentos, com muita pachorra e boa disposição, vendo-se o violoncelista obrigado a interromper ás vezes essa tarefa, a fim de re-

puxar as mangas da casaca, que lhe ficavam um tanto curtas.

Nessa altura, principiaram tambem a apparecer os primeiros convidados, que se mostravam seduzidos por aquelle luxo extasiante, e que, por isso, iam dar os parabens ao Presidente, o qual agradecia prazenteiro e commovido, com amavel fartura de salamaleques.

E a pouco e pouco, a seguir uns aos outros, como se estivessem concertados, os socios entravam com suas familias, dirigindo-se as senhoras para o salão, a occupar os seus logares, e reunindo-se os homens na sala de leitura, a fim de conversarem entre si, fumando á vontade um cigarro.

Às dez horas, a assistencia era já numerosa e selecta. Tudo indicava que podia dar-se inicio ao baile. Pelo que, os homens da orchestra, a um signal do pianista, romperam sonoramente com uma valsa, cujos primeiros compassos puzeram logo muita gente em movimento. Alguns pares surgiram no meio da sala, acertando primeiro o passo, com uma certa lentidão, como se estivessem a fazer um treino; depois surdiam outros e outros, já mais resolutos, influenciados pela agitação dos primeiros; e dentro em pouco, tudo rodopiava ao som da musica, que parecia irromper gradualmente mais vibrante e mais intensa.

Fernando Correia, encostado ao humbral da porta do gabinete de leitura, d'onde lhe era facil observar tudo quanto se passava no salão, aguardava, desvelado e inquieto, o apparecimento dos Telles da Silveira, que ainda não tinham chegado.

A' primeira valsa succedeu-se um pequeno intervallo, durante o qual entraram na sala de baile algumas familias retardatarias; e pouco depois, já quando os musicos desferiam algumas notas isoladas, compareciam afinal a esposa e a filha do Silveira, transformando-se momentaneamente o sussurro vivo da assistencia num murmurio prolongado e significativo. O Presidente acompanhava-as risonho e urbano, indo apresentá-las ás senhoras que paravam de fallar e se levantavam das cadeiras, fazendo cumprimentos muito ceremoniosos. Depois, succedeu-se a apresentação aos cavalheiros, que se acercavam das recémchegadas, com maneiras muito cortezes e delambidas. Até que enfim, terminada essa formalidade, D. Maria Telles e a filha tomaram assento ao pé de duas senhoras já idosas, que prestes entabolaram conversação com as novas visinhas.

O senhor Ignacio, ao entrar, chamara de parte o Presidente, e pedira-lhe para este fazer as apresentações das senhoras ás pessoas que estavam na sala, dirigindo-se elle e o Telles da Silveira para o gabinete de leitura, onde o negociante apresentou a alguns seus patricios o capitalista do Porto.

Fernando Correia quiz esquivar-se propositadamente ao fervor das primeiras apresentações, esperando momento mais opportuno. E apenas quando viu que o senhor Ignacio conversava a sós com o Telles, é que elle se approxinou do negociante, cumprimentando-o com muita cordealidade. E naturalmente, o senhor Ignacio encarregou-se de apresentar Fernando

ao Telles da Silveira, trocando-se logo entre os dois as banaes saudações da etiqueta.

A pretexto de não querer perturbar a conversa do negociante e do Telles, Fernando ia para se retirar, num gesto de requintada delicadeza. Mas o senhor Ignacio retorquiu logo:

— Ora essa, senhor doutor! Faça favor de se sentar, que não estamos a fallar em segredo...

E o Silveira, muito attencioso, confirmava os dizeres do senhor Ignacio, com modos expressivos.

Desataram então a conversar sobre coisas de somenos importancia, vindo posteriormente a discutir-se a crise economica do paiz, que o Silveira attribuia á politica vigente.

— Bem anda o senhor doutor, que não quer saber de politica! — dizia o senhor Ignacio, referindo-se a Fernando. — Só quer tratar da administração da casa que, por signal, lhe ha-de dar bastante que fazer...

E accrescentava, virando-se para o Telles:

— Assim é que eu gosto de ver um homem... Este ainda parece dos do nosso tempo...

Fernando, aparentemente contrariado por taes elogios, esboçava um sorriso de modestia, ao mesmo tempo que murmurava umas palavras imperceptiveis... E d'alli a pouco, como se já fossem amigos velhos, cavaqueavam todos vivamente, fumando charutos que o Telles offerecera. Em certa altura, o senhor Ignacio perguntou a Fernando se não preferia ir dançar lá para dentro, em vez de estar alli «a aturá-los».

— Ora essa! Estou muito bem. Tenho muito pra-

zer em estar aqui a conversar com os amigos... — protestou elle.

E a palestra proseguiu, de cada vez mais accêsa e mais intima.

Ao cabo de meia hora, ergueram-se para ir até o salão, a fim de presenciarem o baile. Dançava-se uma quadrilha, em que Maria Josina tambem entrava, emparceirada com um sujeito gordo, de aspecto muito serio e faces afogueadas. E mal a quadrilha terminou, compareceram os criados, para servir os bolos á inglaterra e o ananaz com Madeira.

— Não sei se já lhe apresentaram minha mulher e minha filha... — disse o Telles para Fernando Correia.

E como este respondesse negativamente, o Silveira acercou-se das duas senhoras, que estavam sentadas nos seus logares, para fazer as apresentações.

— Minha mulher... e minha filha Maria Josina... o senhor doutor Fernando Correia — dizia elle, enquanto Fernando as cumprimentava, dirigindo-lhes as amabilidades do costume.

E então, nem o Telles da Silveira, nem sua esposa, nem o senhor Ignacio Coelho repararam em que, naquelle momento, o rosto de Fernando havia empallidescido ligeiramente, ao mesmo tempo que as faces de Maria Josina se coloriam de rubor — tão contrarios são, por vezes, os effeitos que resultam da mesma causa. Porém Fernando, a quem não escapára aquella perturbação da filha do Telles, comprehendeu rapidamente que esta o havia reconhecido como sendo o mesmo que, uns dias antes, a fitára no theatro, com extraordi-

naria insistencia. E ao pensar nisto, Fernando Correia encheu-se de uma satisfação íntima, que lhe fez recobrar todo o sangue-frio. Aquelle rubor constituia para si uma confissão preciosa, a indicação de que os seus olhares, durante o espectáculo, haviam produzido em Maria Josina a impressão que elle buscára. Era a prova de que esta percebera que elle não a fitára apenas com aquella indifferença com que se olha, muitas vezes, para uma mulher.

E enquanto Fernando Correia fazia a si mesmo estas observações, Maria Josina, por seu turno, interrogava-se intimamente, meio surprehendida pelo que acabava de lhe succeder. Reproduziu na mente o que se déra no theatro, quando aquelle homem fixava teimosamente a vista no camarote em que ella se encontrava; e agora, tinha sido o proprio pae d'ella quem lh'o havia apresentado, desconhecendo certamente os antecedentes. E reflectindo bem, Maria Josina suspectou de que as relações de Fernando com seu pae houvessem sido propositadamente entabuladas, e iniciadas por aquelle, no intuito de travar conhecimento com ella. Apesar d'isso, instigava-a uma certa curiosidade, qua a levava a monologar:

— Vamos a vêr o que sahirá d'aqui. . .

E sem esforço acudia-lhe outra ideia:

— E' possível que elle me convide para dançar, e que então se aventure a dizer-me qualquer coisa. Se assim fôr. . .

E Maria Josina interrompeu-se, não sabendo francamente o que havia de concluir. Para se sahir de dif-

ficuldades, não quiz preocupar-se mais com o assumpto; e nem que se tratasse de uma coisa de minima consideração, resolveu aguardar os acontecimentos, confiada em que tudo dependeria de si e de mais ninguém. E este desfecho tranquillizou-a, cortando-lhe rapidamente quaesquer apprehensões sobre o que poderia vir a succeder.

Entrementes, o Telles divagava sobre a temperatura do salão, sobre a frequencia do baile e sobre outras tantas ninharias, que não revestiam importancia. Um criado encasacado veio interpolar a conversa, exhibindo uma grande bandeja com bolos, de que todos se serviram, á excepção de D. Maria Telles. E o senhor Ignacio, não se conformando com a abstinencia da esposa do Silveira, asseverava-lhe, muito convicto, apontando para a bandeja:

—São magnificos, senhora D. Maria! Olhe que são esplendidos!—E mal acabava a phrase, voltava a enterrar os dentes na tenrura do quéque, com mostras de impicante appetite.

Alguns minutos depois, o pianista fazia resoar as notas soltas do costume, indicando que ia recommençar outra valsa. E o senhor Ignacio, largando de comer, acudiu logo:

—Então, senhora D. Maria Josina, não lhe appetee dançar?—E, sem esperar resposta, accrescentava, dirigindo-se a Fernando:

—Vá, senhor doutor... vá dançar agora esta vez com a senhora D. Maria Josina...

—Se V. Ex.^a me quizer conceder essa honra...

—apressou-se a dizer Fernando, fazendo uma mesura á filha do Silveira.

Maria Josina sorriu-se, retribuiu com outra mesura, e respondeu enleada:

—Com muito prazer!

Ergueram-se ambos, como impellidos por uma força mais potente que a sua vontade, e principiam a valsar.

Os primeiros compassos da valsa foram silenciosos, quasi automaticos, sem que os olhos de um se encontrassem intencionalmente com os do outro. Fernando parecia dar-se por satisfeito, alliciando a si o corpo flexuoso de Maria Josina, muito ao de leve, como se fosse num movimento natural.

Na onda dos pares que dançavam e se moviam em redor, elles sentiam-se quasi alheados de tudo, vencidos pela cadencia da musica, que lhes soava aos ouvidos, de uma forma confusa e inconsciente. Por vezes, com o remoinhar vertiginoso, e sem que dessem por tal, o peito de Maria Josina acostava-se ao de Fernando, produzindo-lhes sensações que involuntariamente os deliciavam, procriadoras de uma voluptuosidade languescente. E então, os olhos d'elle, muito brilhantes, em que fluctuavam desejos ambiciosos, encontraram-se com os d'ella, que lhe pareceram humedecidos, cheios de sonhos phantasticos, muito profundos, quasi insondaveis. Nesse momento, Fernando sentiu, atravez da blusa côr de perola cinzenta de Maria Josina, todo o calor de um busto offegante, que pojava uns seios tumidos, incbriantes, capazes de loucuras; e as ideias

evaporavam-se-lhe da cabeça, como substancias volateis, que raro acodem nas circumstancias mais sollemnes da vida. Sem dizer nada, sem encontrar a mais ligeira phrase que servisse a definir o seu estado d'alma, Fernando Correia limitava-se a premir fortemente a mão de Maria Josina, e a estreitar-lhe o busto, cada vez com mais energia, enquanto ella volteava como num extase, sem reluctar.

Quando a valsa acabou, a filha do Telles da Silveira encontrava-se fatigada, abatida, como se tivesse acordado de um deliquio mysterioso; e apoiada no braço d'elle, voltou a occupar o seu lugar, junto de sua mãe, que se entretinha a dialogar com as visinhas. Fernando, sem coragem para ficar mais tempo ao pé de Maria Josina, depois do que entre um e outro se passára, foi ter com o Telles da Silveira, que se havia retirado com o negociante para o gabinete de leitura; todavia, antes de se afastar, encarou intencionalmente em Maria Josina, verificando com orgulho que os olhos d'ella se baixavam, como se pezasse sobre elles o remorso de um crime.

O senhor Ignacio e o Telles, abancados a uma das mezas do gabinete, entretinham-se a tomar refrigerantes com soda. Não haviam podido aturar a atmosphaera quente que se respirava no salão, e por isso tinham-se refugiado alli, perto de uma janella que dava para o exterior.

— Não se póde estar lá dentro... — disse Ignacio, quando Fernando appareceu.

— E' insupportavel! — confirmou o Telles...

— Na realidade, está muito calor... — corroborava Fernando, ao mesmo tempo que o senhor Ignacio enxugava com o lenço as camarinhas de suor que lhe deslisavam pela testa luzidia.

— Sente-se aqui, amigo doutor: tome também um refrigerante... — aconselhava o Telles.

— Não diz mal, senhor Telles da Silveira! Vá lá um refrigerante!

E o Telles, entusiasmado, querendo pôr em relevo a sua importancia, principiou a alludir aos bailes a que assistira em Paris, frequentados por mundanas distinctas. Estimulado por essas recordações, entrou a discretear sobre mulheres, sobre as aventuras que tinha experimentado, relatando pequenos escandalos em que se havia envolvido. E o senhor Ignacio, com os olhos muito pequenos, ria com insofismavel bom humor, e esfregava as mãos em signal de regosijo, interrompendo as narrativas do Telles, com expressões bréjeiras:

— E' boa! E' boa!... Isso é que havia de ser!... Que maganão!...

Fernando Correia, enfastiado da ridicularia de taes historias, mas apparentando o maximo interesse em as ouvir, esboçava de vez em quando alguns commentarios singelos, tendentes sobretudo a lisonjear o espirito do Telles da Silveira.

Lá dentro, no salão, atropellavam-se acaloradamente os compassos de musica, ouvindo-se, no gabinete de leitura, o ruido caracteristico dos pares que bailavam.

— Se quer ir dançar, vá! Não se prenda comnosco... — dizia o Telles para Fernando Correia.

Mas este, agradecendo, explicava que o calor da sala tambem o não dispunha bem, e que, por isso, preferia ficar alli á conversa, porque estava mais á vontade. Mas, em boa verdade, o que elle receava era importunar Maria Josina, calculando que esta poderia interpretar a sua presença como um abuso prematuro da victoria que, havia pouco, elle alcançara.

As grandes impressões, para surtirem effeito, carecem de ser espagadas convenientemente. Era bom proceder com astucia e serenidade. E assim, embora o desejo impellisse Fernando para junto de Maria Josina, a razão aconselhava-o a que usasse de calma, e aguardasse serenamente o futuro.

Perto das duas da manhã, a familia do Telles da Silveira e o senhor Ignacio abandonaram o Clube. Fernando acompanhou-os até á porta, onde já os esperava a carruagem com as lanternas accesas.

O Telles aproveitou a occasião para dizer a Fernando que a casa onde vivia estava ás ordens, e que desde já ficava convidado para ir lá jantar com elle, no dia seguinte, por volta das sete da tarde. E Fernando agradeceu, sensibilizado, o convite, passando logo a cumprimentar as senhoras, que já estavam dentro do carro.

— Minha senhora! — disse elle com voz firme, ao apertar a mão de Maria Josina — Muito boa noite!

— Até breve, senhor doutor! — respondeu ella, bastante emocionada.

E os olhos de ambos fixavam-se mais uma vez,

como se pretendessem reciprocamente adivinhar as ideias que nelles se reflectiam.

Em seguida ao que, a carruagem abalou á desfilada, ficando o senhor Ignacio e Fernando a trocar as despedidas.

No dia immediato, ás seis horas e meia da tarde, Fernando Correia subia a escadaria de pedra da casa em que residiam transitoriamente os Telles da Silveira. Lá em cima, na varanda, o Telles fumava um charuto e lia os jornaes de Lisboa, que acabavam de chegar.

— Seja bemvindo, doutor ! — exclamou elle, ao divisar o Correia.

E depois dos cumprimentos, perguntou :

— Então não viu o nosso amigo Ignacio ?

E como Fernando esclarecesse que o não tinha visto, deu a razão da pergunta :

— É que elle tambem deve vir cá, para jantar connosco. Mandeí-lh'o dizer hoje de manhã — explicou.

E o Telles começou a fallar das suas relações com o negociante da villa, referindo-se ao tempo em que haviam sido collegas no Porto, trabalhando em duas mercearias vizinhas, da rua de S. João. Era d'ahi que províham os laços de amizade que existiam entre ambos, plenamente justificados, em virtude das gratas

reminiscencias que sempre ficam das coisas remotas. Depois, tomou por assumpto o proprio Fernando Correia, fazendo inquirições sobre a sua vida, a proposito das suas intenções:

— Um homem como o senhor, é pena perder-se em uma terra de provincia, como esta!...

E como Fernando protestasse com natural modestia, o Telles proseguia:

— Deixe-se lá de coisas! o amigo Ignacio já me contou que o senhor é um rapaz intelligente e emprehendedor. E eu cá sou assim: pão, pão, queijo, queijo...

Fernando, apparentemente resignado com os encomios que lhe eram feitos, explanou então ao Telles que não podia sahir d'alli emquanto a mãe vivesse, porque lhe queria muito, e não tinha coragem de a abandonar. Depois... mais tarde... era possivel que fosse residir em outro meio...

— Gosto de si — interrompeu o Telles — gosto de si por mostrar esses sentimentos para com sua mãe...

E com certa auctoridade, acrescentava:

— Sim, senhor! É bom filho! Faz muito bem! Os seus filhos lh'o hão-de pagar!

A seguir, o Telles perguntou pelas propriedades do Correia, se ficavam longe, se era elle quem as administrava. E Fernando satisfazia a curiosidade do Silveira, enumerando as quintas que sua mãe possuia, computando os rendimentos que lhe davam, e que deveriam orçar ali por uns trez contos de reis por anno.

— E assim mesmo! Faz muito bem em viver ao

lado de sua mãe! — repetia o Telles, raciocinando commercialmente.

Nessa altura, chegava o senhor Ignacio, que exhibia as botas pretas cobertas de pó, e vinha com uma grossa bengala de castão de prata, que lhe fôra offerecida por um compadre que a trouxera de Africa. E como para se desculpar de tal circumstancia, ao ver as botas de Fernando muito polidas, dizia que tinha vindo a pé, porque os passeios lhe faziam bem, abriam-lhe o appetite; mas as estradas naquelle tempo estavam cheias de poeira, estavam impossiveis...

— Ora essa! — disse com bonomia o Telles da Silveira — Faz você muito bem, amigo Ignacio! Já sabe que nós aqui não somos de ceremonias...

Consultando o relógio, o Telles mandou perguntar para dentro se o jantar ainda demorava. Foi a propria filha quem veio trazer a resposta, cumprimentando primeiramente os dois hospedes:

— Quando o papá quizer... — disse ella.

— Então vamos lá... — concluiu o Telles.

E dirigiram-se para a sala de jantar, que estava muito enfeitada, com a meza repleta de flores e de variedades para os postres.

Maria Josina, ao ver em sua casa Fernando Correia, não se revelou surprehendida nem embarçada, porque, já no regresso do baile, o pae lhe dera conhecimento do convite que havia feito. O que ella admirou foi a rapidez com que tal facto se viera a realisar, a precipitação fatal dos acontecimentos. Depois d'aquella primeira visita, era natural que Fernando vol-

tasse alli frequentemente, se é que, de verdade, albergava dentro de si o proposito firme de a cortejar. E sobre este ponto, Maria Josina entendeu desde logo, mal regressou do Clube, que não podia haver logar a duvidas. Os incidentes do theatro, a attitude tomada no baile e principalmente as revelações tacitas, mas bem expressivas, que elle lhe fizera durante a valsa que dançaram naquella mesma noite, e poucas horas antes — tudo isso denotava uma intenção decidida, uma vontade deliberada e clara.

Mas, apezar de taes circumstancias, deveria ella favorecer ou acccitar a côrte d'aquelle homem que, segundo todas as apparencias, estava disposto a persegui-la?

Quando Maria Josina, dentro dos seus aposentos, e antes de se deitar, fez a si mesma esta interrogação, sentiu-se estremecer. Evidentemente, ella não se considerava prêsa a Fernando Correia por uma d'estas affeições repentinas e fataes. Se na verdade, emquanto durou a valsa, os sentidos lhe exaggeraram algum tanto a situação, tambem era certo que, passada uma hora, ella se julgava reintegrada no estado normal.

Accordou em que Fernando lhe não era desagradavel. Achava-o interessante, amorativo, talvez um pouco romantico, capaz até de um affecto vehemente e sincero; mas não acreditava que estivesse irremissivelmente attrahida para elle, em virtude de uma paixão impetuosa e indomavel. O que ella experimentava semelhava se a uma sympathia ligeira, posto que sua-

ve, mais impregnada de curiosidade do que de enthusiasmo affectivo.

Por consequencia, não foi o impulso violento de um amor novo que a fez estremecer. O que lhe excitou e exacerbou os nervos, foi o confronto da situação actual com o outro amor a que se dedicara, e do qual se sahira tão infeliz. Em virtude d'esse confronto, veloz como um meteoro, cruel como uma desgraça, é que ella perguntou a si mesma se deveria permittir que Fernando Correia a cortejasse. O espirito segredava-lhe que, embora ella tivesse muitos desejos de amar aquelle homem, e de se ligar a elle, lhe estava vedada essa ambição e se tornava impossivel tal affecto.

E já dentro do leito, relembando tudo quanto se passara no baile, havia poucas horas, Maria Josina não conseguia extirpar de si o fel da sua infelicidade, a agtura do seu desespero.

Pela manhã, depois de vestida, poz-se á janella do quarto, respirando a aragem ainda fresca dos campos. Lá ao fundo, perto de um regato, orlado de amieiros, uma lavradeira occupava-se em lavar umas peças de roupa, cantando umas quadras alegres, em voz muito alta, cheia de vida. E Maria Josina, pensando que aquella aldeã era com certeza feliz, revoltava-se contra o capricho da sorte, que lhe negara identica felicidade. A alegria dos outros é, não obstante, communicativa; e por isso, ouvindo os cantares despreoccupados da lavradeira, Maria Josina teve a impressão de que os pulmões se lhe enchiam de um ar mais puro, e de que

os nervos reagiam contra a depressão moral a que parecia estar condemnada.

Resolveu mais uma vez confiar no futuro, entregando-se ao acaso, abandonando-se á sorte. A experiencia dura em que se acrisolava, desde que funestamente conhecera Julio de Moraes, havia-a tornado fatalista, um pouco sceptica. Para que preoccupar-se com o dia de amanhã? Porventura não eram os melhores projectos aquelles que mais habitualmente fracassavam, vindo a realisar-se precisamente os que menos provaveis pareciam? Quem poderia afirmar que o destino a não tivesse reservado para Fernando Correia?

Por conseguinte, o seu procedimento para com este não devia ser, de maneira alguma, hostilizante. As circumstancias de lhe acceitar a côrte, de lhe tolerar a expansão de affectivos sentimentos que elle quizesse manifestar-lhe, não podiam, de verdade, compromettê-la. Em todo tempo era occasião de parar. Possibilitava-se até que um simples amor platónico tivesse o condão de a satisfazer; ou que, por outro lado, a affeição de Fernando não fosse tão grande que viesse a collocá-los a ambos em uma situação perigosa.

Foi assim, por effeito de todos estes raciocinios, que Maria Josina se não mostrou surprehendida nem embaraçada, quando avistou Fernando Correia em sua casa. E como, no principio do jantar, ella exteriorisava uma apparencia algo fria e indifferente, Fernando, desconcertado por essa attitude, apresentava-se triste e reflexivo.

Por isso, falava pouco, e quasi se não atrevia a olhar para ella, que conversava e ria, alludindo ás senhoras que tinha visto no baile, e instando com o senhor Ignacio para que este se reservisse de um ou de outro prato.

Maria Josina percebia bem que Fernando Correia lhe extranhava as maneiras, desatabafadas e apathicas, muito diversas d'aquellas que manifestara no Clube. E quanto mais ella fallava e ria, tanto mais elle se sentia acabrunhado, melancolico, sentimental.

Então, reconhecendo-se vencedora, Maria Josina teve pena d'elle, por o ver assim, roído talvez por um despeito intimo. E em vista d'isso, principiou a dirigir-se-lhe com modos muito benevolos, a fim de conseguir desfazer as impressões, que se desenhavam ao vivo, na cara d'aquelle homem, e que, incontestadamente, eram obra d'ella. Fitou-o docemente, contemplando-lhe os cabellos castanhos, divididos ao meio por uma linha esbranquiçada, e que lhe cahiam abundantemente sobre as fontes; e como elle levantasse a cabeça, sem ella o esperar, os olhos de um e de outro entrebateram-se com singular carinho. Immediatamente, Maria Josina desceu as palpebras, purpureando-se um pouco, como acontece a uma creança a quem os paes surprehendem em acto de flagrante delicto. E isto foi o bastante para que, desde então, Fernando se patenteasse mais bem disposto, com uma apparencia mais satisfeita.

Acabado o jantar, foram tomar o café, que foi servido na varanda, em pequenas mezas, a fim de

melhor gosarem a temperatura deliciosa da noite. O senhor Ignacio, com o estomago abarrotado, dizia que tinha necessidade de passear um pouco, de fazer movimentos; pelo que, desceu com o Telles para um terreiro que ficava ao lado da escada, onde havia alguns bancos de jardim, mais ou menos escondidos por velhos limoeiros e laranjeiras. D. Maria Telles havia-se já retirado para dentro, de sorte que Fernando se encontrava na varanda a sós com Maria Josina.

Reclinada em uma cadeira de lousa, a filha do Telles olhava para as sombras do arvoredo que ao longe recortavam, em contornos caprichosos, o céu claro d'aquella noite de junho; e Fernando, recostado sobre um escabello de forma antiga, entalava nos lábios um cigarro, que lhe servia de revulsivo para as primeiras difficuldades do momento. Em baixo, o Telles e o negociante palravam acaloradamente. E Maria Josina, com o proposito de não deixar estabelecer-se um silencio, porventura embaraçoso, frizou, a meia voz:

— Temos hoje uma noite admiravel!

— Magnifica, minha senhora! — corroborou Fernando. E depois de uma pequena pausa, accrescentou:

— V. Ex.^a gosta da provincia?

— Muiissimo. Creia que me sinto tão bem ou melhor do que no Porto...

— Oh! No Porto sempre ha mais distracções! Aqui... é o que V. Ex.^a vê... — objectou elle.

E com intenção, proseguiu:

— Só de longe a longe é que ha um espectaculo:

e também só muito raramente é que se realisa um baile...

Maria Josina guardou silencio, como intrigada pelo sentido da phrase que acabava de ouvir.

— Parece que tencionam demorar ainda por aqui bastante tempo?... — perguntou Fernando.

— Talvez até meados de julho... Depois, provavelmente, iremos para a praia, a não ser que o medico prohiba á mamã os ares do mar...

— Para que praia vão este anno? — indagou elle.

— Ainda não sei, senhor doutor... — respondeu Maria Josina.

E seguiu-se um novo silencio, até que Fernando se aventurou a dizer:

— E' pena que V. Ex.^a não fique por cá até o fim do verão, até o fim das colheitas, por exemplo...

— E porquê? — investigou ella.

— Porque não imagina o prazer que eu teria em a ver aqui durante esse tempo...

Calaram-se um pouco. E Maria Josina, suspeitando das intencões do interlocutor, cortou rapidamente a conversa, desviando-a do rumo que Fernando lhe havia dado:

— Afinal, eu também gosto muito do Porto. O senhor doutor costuma ir lá muitas vezes?

— Raramente! Apenas quando isso me é absolutamente necessario! Porque eu, minha senhora, agora já estou habituado a esta vida tranquilla da provincia. Ha menos diversões, é certo; mas os sentimentos são mais puros, dir-se-hia que a existencia decorre mais

serena, á sombra das arvores d'estes campos, linitada pelos perfis das nossas montanhas.

E com uma sentimentalidade rustica, Fernando Correia proseguiu:

— De noite, por exemplo, não temos a iluminação viva do gás e da electricidade; mas, em compensação, a natureza delicia-nos com um luar que parece phantastico, de uma luz doce e azulada, que tem o condão de nos penetrar toda a alma. E tudo isto, no meio de um silencio abençoado, reconfortante, sonhador, longe do barulho estúpido das carroças e dos carros electricos, e do ruido monotono e repetido das grandes multidões. E' por isso, minha senhora, que eu amo esta vida simples de provinciano, sonhando por vezes de noite, mas vivendo a plenos pulmões durante o dia; ouvindo as mulheres que cantam e cavam a terra, deleitando-me com as aguas que borbulham pelos ribeiros solitarios, e olhando com afago para os bois que pastam nos prados, e brincam uns com os outros, como grandes creanças innocentes. . .

Maria Josina escutava-o com prazer, um tanto inebriada por aquella descripção romantica, que a seduzia e lhe dava vontade de ficar alli sempre, na aldeia, para consubstanciar a sua vida com a d'aquelle meio. E Fernando, animado pelo silencio d'ella, continuava:

— A's vezes, quando me levanto mais cedo, e vou até o campo, encontro ainda aservas humidas de orvalho, e sinto que uma aragem pura me afaga os nervos. Tudo isso me inspira alento, coragem, um desejo

incommensuravel de viver. Como a senhora gostaria de uma tal existencia, se tivesse o dom de a experimentar! E quem sabe? E' possivel que eu me engane! Talvez aprecie muito mais a vida ruidosa da cidade, no meio da agitação quotidiana d'aquellas ruas, por onde passa a sociedade elegante, que a considera e que a admira!

E apaixonadamente, quasi a medo, murmurava:

— Que a admira... como eu a admiro tambem, como eu a admirei logo, desde a primeira hora em que tive a felicidade de a vêr...

— Senhor doutor... — balbuciou Maria Josina.

— Já agora, minha senhora, perdoe-me... Deixe-me dizer-lhe tudo... para me desopprimir de um pesadello que ha tantos dias me perturba o espirito, e nem sequer me dá tempo para raciocinar...

— Mas, senhor doutor, podem ouvir-nos...

— Ninguém nos ouvirá — atalhou elle, baixando a voz — E se, depois de eu lhe ter dito o que ha muito anseio por lhe dizer, a senhora quizer olvidar-me, detestar-me, impôr-me um perpetuo silencio, eu obedecerei. Mas em antes, ha-de escutar-me, porque eu lhe peço e supplico que me attenda, por tudo quanto lhe é mais caro na vida... Tenho passado noites de uma insomnia cruel, a pensar em si, a phantasiar venturas que me arrebatam a alma, e m'a transformam, e que depois, passados uns momentos, me fazem soffrer muito, com a ideia torturante de as não poder realizar. Permitta-me que lhe diga, minha senhora, aquillo que centenas de vezes tenho dito entre mim mes-

mo, e que nunca me canço de repetir: que a amo, que a amei desde o primeiro instante em que a conheci, como jamais julguei que se pudesse amar na vida... Pungir-me-hiam remorsos se lh'o não declarasse, com esta franqueza rude de um homem que aspira á felicidade e não a quer deixar fugir... E agora, que lhe confiei o segredo mais caro da minha alma, sinto-me desafogado, tranquillo, satisfeito, porque cumpri, embora imperfeitamente, o meu dever. Só espero que me desculpe, e que me não condemne...

Maria Josina estava offegante, sem forças para lhe responder, sem animo para o encarar. Com a cabeça encostada a uma das mãos, ella olhava indefinidamente para o horizonte longinquo, com as pupillas muito dilatadas, como se tivesse cahido num espasmo cataleptico. Os membros tremiam-lhe como de assombro, e uns zumbidos nervosos lhe cruzavam os ouvidos.

Fernando Correia, por seu turno, fitava-a com uma sollicitude crescente, esperando d'ella o menor movimento, a mais pequena phrase que o libertasse d'aquella incerteza, que cada vez se tornava mais intoleravel. Mas ella não se mexia, e continuava taciturna, aferada a um silencio mysterioso, como se houvesse perdido todas as energias, esgotado todas as faculdades moraes e physicas. E aquelles segundos semelhavam para Fernando horas interminaveis, que lhe causavam soffrimentos imaginarios, e lh'os augmentavam, em proporções inauditas.

Em baixo, no terreiro, o Telles acabava de referir ao seu amigo Ignacio mais uma historia alegre que

dizia ter-lhe acontecido em Paris, numa das madrugadas que fôra passar ao Olympia. O desfecho da anedocta provocára, na larynge desafinada do negociante, uma gargalhada secca, muito fina, duradoura e convulsiva, como se fosse por comprazimento, por mera deferencia ceremoniosa. E o Telles, repleto de bom humor, soltava brejeiramente, em dissonancia com o senhor Ignacio, uma outra gargalhada, mais vibrante e mais sonora, proporcional ao seu arcaboço volumoso e forte.

Fernando, ao ouvir aquellas casquinadas, estremeceu de subito, como se houvesse recebido a impressão de que os dois homens se riam d'elle, de tudo o que havia dito, da situação critica em que se encontrava. O coração saltava lhe com violencia, e afigurava-se-lhe que lhe subia ao peito uma qualquer coisa que o constrangia, que o suffocava, e impossibilitava de fallar.

As mesmas risadas originaram, porém, em Maria Josina um effeito diverso, fazendo-a despertar da lethargia em que se amodorrava, estimulando-a. Passou a mão pela fronte, como a recordar-se de um acontecimento afastado, numa especie de concentração intima. E subitamente, lutando contra si mesma, como se tivesse encontrado a solução de um trabalhoso problema:

— Já devem ser dez horas! — disse ella.

Fernando reflectiu uns momentos, com a preocupação de accrescentar qualquer coisa, que lhe permittisse sahir airoosamente da penosa situação em que se mettêra.

— Ainda não é muito tarde... — respondeu afinal, com voz indecisa, quasi tartamuda.

E desorientado, corrido, assediado por uma timidez como jamais se havia apoderado d'elle, sentiu-se uma creança inexperiente ao pé d'aquella mulher que, provavelmente, e segundo julgava, o devia lastimar...

Maria Josina, vendo-o assim, num estado de espirito inferior e subordinado ao seu, ganhou animo para proseguir no dialogo que tinha iniciado:

— Para quem vive na aldeia, são horas de recolher... — disse ella, sorrindo.

E com uma polidez ceremoniosa, num metal de voz que se poderia dizer affectado, accrescentou:

— Se me permite, vou despedir-me do papá e do senhor Ignacio...

— Pois não... minha senhora! — replicou Fernando, muito serio, quasi agastado.

Sem dizer mais nada, Maria Josina desceu a escada, e foi dar as «boas-noites» ao pae e ao negociante. No regresso, encontrou Fernando de pé, com o chapéu na mão, como preparando-se para se retirar.

— Então já ia fugir? — inquiriu ella, com uma entoação mysteriosa.

— Tinha ficado só...

— Ah! perdão! Eu pedi licença para ir fazer as minhas despedidas... Portanto não tem motivo para se zangar...

Mas observando-lhe o aspecto triste e desilludido,

Maria Josina não pôde conter-se, e espontaneamente lhe abriu toda a sua alma de mulher:

—Vá! — disse ella — Não esteja triste por minha causa! Eu não dormiria bem se o visse partir assim...

E como a estas palavras o rosto de Fernando se reanimasse, deixando transparecer uma alegria subita, ella accrescentou, para o impedir de fallar:

—Por hoje... muito boa noite!

—Muito boa noite! — respondeu elle, apertando a mão que Maria Josina lhe estendêra, num gesto de reconciliação.

Ficando sózinho, Fernando desceu a escada e dirigiu-se ao encontro do Telles da Silveira. O senhor Ignacio, que já estava deseioso de voltar para casa, apoquentado por um serio receio dos commentarios que poderia dispensar-lhe a consorte, deu-se pressa em perguntar a Fernando Correia se não seriam horas de se retirarem.

—Como o amigo quizer...

—Será melhor! — insistiu o negociante.

—Então vou mandar arranjar a carruagem...

—disse o Telles.

E d'alli a um quarto de hora, o senhor Ignacio e Fernando Correia sahiram da Quinta da Pena, após os cumprimentos muito sinceros feitos ao Telles da Silveira.

Nem sequer se despediram de D. Maria Telles, porque, conforme o senhor Ignacio dissera, «não valia a pena incommodá-la, e, entre amigos, não era preciso estar com ceremonias».

Quando, tres dias depois, Fernando Correia voltou á residencia dos Telles da Silveira, Maria Josina recebeu-o de uma forma que deveras o captivou. Chegaram até a conversar a sós durante algum tempo, sem que, todavia, quer um quer outro, fizessem a mais pequena referencia ao que se havia passado na primeira visita.

Fernando percebeu que a filha do Telles evitava cuidadosamente qualquer allusão a essa circumstancia, não ousando portanto contrariá-la. E Maria Josina dava mostras de se contentar com a prudencia adoptada por elle, visto que o tratava com a maior e mais effusa amabilidade.

Ao entardecer, quando Fernando ia para se retirar, o Telles perguntou-lhe se elle não queria dar-lhe o prazer de jantar na companhia d'elles; mas Fernando, agradecendo o convite, escusou-se, allegando que não tinha prevenido sua mãe, que o aguardava.

Após esse dia, as visitas de Fernando Correia repetiram-se amiudadas vezes, mas as relações com Ma-

ria Josina semelhavam permanecer quasi invariavelmente as mesmas. Nem progrediam, nem retrogradavam, a avaliar pelas apparencias. Quando confabulavam um com o outro, poderiam comparar-se a dois irmãos, ou a dois amigos de infancia, que desde muito se conhecessem, intimamente. Ella interessava-se pelas coisas d'elle, perguntava-lhe o que fazia, em que occupava o tempo, sujeitando-o, enfim, a interrogatorios, por vezes bastante apertados. E isto dava-se quasi sempre na presença de D. Maria Telles, que, por essas occasiões, até ralhava com a filha, censurando-lhe a curiosidade quicá indiscreta. Mas Fernando, muito açoitado, desculpava-a :

— Ora essa, senhora D. Maria ! Eu não tenho segredos . . .

— Nesse caso, está bem ! — respondia, sorrindo, a esposa do Telles.

Por outro lado, Fernando palestrava com Maria Josina sobre assumptos que a esta pudessem ser agradaveis, distrahindo-a, delectando-a ; e assim, fallava-lhe de litteratura, dos ultimos romances que havia lido, dos mais recentes livros de versos que se tinham publicado ; e contava-lhe, muito por alto, os entrecchos d'aquelles romances, e repetia-lhe, de cór, as quadras mais lindas que lhe haviam ficado de memoria.

D. Maria admirava-se de tanta erudição, e aprazia-se immensamente em lhe ouvir as conversas, que divagavam á rédea solta, por sobre todos aquelles themas, a que elle imprimia um colorido especial. E quando Fernando se ia embora, dizia para a filha :

— Olha que elle, Zizi, é um homem muito intelligente!

De uma vez, D. Maria communicou intencionalmente ao marido estas suas impressões a respeito da intelligencia de Fernando Correia, pois já havia muito que andava com desejos de perquirir, sobre tal ponto, a opinião respeitavel do Telles. E, no momento em que se abeirou do assumpto, poz-se a olhar para o marido com uma attenção muito peculiar, como faz uma pessoa que, estando possuida de uma ideia fixa, quer ver se consegue descortiná-la igualmente nos outros.

O Telles encarou na esposa, afagou o queixo entre os dedos pollegar e index da mão esquerda, contrahiu um pouco o labio inferior, acenou affirmativamente com a cabeça umas trez ou quatro vezes, e por fim opinou:

— Tens razão. E' coisa que já notei ha muito... E' um rapaz muito intelligente, e...

— E... quê? — perguntou D. Maria, com uma fingida ingenuidade.

— E d'ahi... não sei nada... — redarguiu o Telles — Póde ser que me engane...

Mas D. Maria observou, acto continuo, ao marido, que de facto, este se não enganava. Em sua opinião, tambem entendia que Fernando gostava da Zizi, assim como esta denotava não desgotar d'elle. E afinal, os Telles, presagiando acontecimentos vindouros, concordaram em que se «isso» tivesse de se realisar, antes fosse com Fernando Correia do que com qualquer outro.

« Isso » — na linguagem metonymica de D. Maria, equivalia ao casamento da filha.

— Eu, na verdade, sympathiso com elle! — acrescentava a esposa do Telles.

— Tambem acredito que não deve sahir mau rapaz! — confirmava o marido.

E d'est'arte, ficou mais ou menos assente entre ambos que o casamento da filha com Fernando Correia não seria coisa que os viesse a indispôr. Por esse motivo, os Telles da Silveira acolhiam com muito carinho a Fernando, sem jamais lhe entremostrarem o mais ligeiro enfado. Instavam até com elle para que apparecesse muitas vezes na quinta, e convidavam-no frequentemente para jantar.

Em summa, transcorrido o espaço de cerca de mez e meio, contado desde o baile do Clube, Fernando era quasi considerado como fazendo parte integrante da familia dos Silveiras, e não lhe passavam despercebidas as particularidades demonstrativas da muita confiança que os Telles lhe dispensavam. Elle podia dizer, de si para si, que um dos principaes obstaculos — o assentimento dos paes de Maria Josina — estava virtualmente removido. Era certo que ainda não havia trocado com elles a mais innocente phrase sobre a grave cerimonia do casamento; mas da recepção que lhe faziam, do modo affavel como o tratavam, e sobretudo das facilidades que lhe concediam, deixando-o, por vezes, a sós com a filha, — de tudo isso Fernando inferia, sem receio de errar, que na ideia dos Telles,

o acto do consorcio vinha a ser a consequencia logica de taes antecedentes.

Porém, — coisa interessante! — faltava-lhe resolver o problema com Maria Josina, parte directamente interessada. Sem duvida, Fernando estava perfeitamente convencido de que ella nutria por elle uma affeição pronunciada e indiscutivel, embora se não houvesse reeditado entre elles a scena um tanto violenta do baile, e o dialogo romantico da primeira visita.

Os elementos que serviam para formar tal convicção no espirito de Fernando eram muitos e variados: e se alguns d'elles, isoladamente, podiam parecer de pequena importancia, deviam ter-se por infalliveis, quando apreciados em conjuncto. Assim, por exemplo: de todas vezes em que Fernando chegava á quinta, a horas habituaes, Maria Josina apparecia-lhe sempre ao encontro, ora na alameda, ora no jardim, ora naquella terreira a que já se alludiu, fingindo estar occupada em qualquer coisa, mas com o fim evidente de occultar que estava alli á espera d'elle; depois, quando se cumprimentavam, Fernando afrouxava propositadamente a sua mão entre a d'ella, e então percebia que Maria Josina lh'a apertava com certa energia, quasi automaticamente, como impellida por um forte desejo interno. Muitas vezes, advertiu que ella o observava demoradamente, julgando não ser presenciada, posto que desviasse o olhar mal elle se voltava para ella; e quasi sempre, quando Fernando sahia da quinta, Maria Josina offertava-lhe uma flôr colhida no jardim,

e, ultimamente, até lh'a punha na botoeira, com um certo carinho, com mostras de intima satisfação.

Nas conversas, tambem se notava uma ou outra phrase, embora muito vaga, porventura ambigua, que para cada um d'elles podia tender a significar muito, e na realidade significava, pela forma como as respectivas palavras eram ditas e ouvidas. E em algumas occasiões, em que estavam sós, acontecia de não encontrarem vocabulos para se dizerem, ideias para se exprimirem, quedando-se envolvidos num silencio deleitoso e expressivo, como é vulgar entre os amoriscados.

Quando permutavam impressões pessoases sobre os diversos assumptos que discutiam, confundiam-se de tal maneira os proprios sentimentos que, em regra geral, a opinião de um vinha a ser tambem a opinião do outro; e Fernando verificava que ella dizia gostar de tudo o que elle achava bem, e aborrecer tudo quanto elle encontrasse mal.

Uma vez, estando elle sentado no jardim a folhear um livro, Maria Josina embebeu, ás escondidas, na bica de agua do tanque, um pequeno ramo de flôres que havia colhido; e, approximando-se acauteladamente de Fernando, aspergiu-o com o improvisado hyssope, de maneira que a agua foi esparcellar-se sobre elle, que supportou com vivo prazer a partida, enquanto ella, rindo, se occultava, como uma creança, por detraz do velho tronco de uma japoneira. E além d'este, Maria Josina pregava-lhe acintes semelhantes,

com os quaes folgavam mutuamente, tolerando tudo um ao outro.

Mas se assim era, se todas estas pequenas coisas demonstravam á evidencia que Maria Josina não era de modo algum indifferente ao affecto de Fernando, porque não lhe fallava elle em casamento? Porque não definir terminantemente aquella situação indecisa?

E Fernando Correia formulava consigo mesmo o proposito irrevogavel de liquidar o equivoco, fallando com Maria Josina, expondo-lhe o que pretendia; e de harmonia com taes ideias, protestava que no dia seguinte, ou melhor, no primeiro momento opportuno, lhe daria conhecimento das suas inabalaveis resoluções. Mas o dia seguinte chegava, conversavam como de costume, por vezes a sós, e, elle, afinal, não se atrevia a pôr em execução os decididos projectos da vespéra. Quando lhe parecia estar com animo de tirar as coisas a limpo, surgia o Telles da Silveira, ou a esposa, ou qualquer outro estorvo que se diria propositado; porém, voltando a ficar a sós com ella, não lhe dizia nada, e calava-se novamente, resolvido a terminar com aquillo no dia immediato, com mais vagar, em maré mais propicia. E de desculpa em desculpa, para se illudir a si proprio, Fernando ia deixando passar o tempo, sem deslindar o problema que lhe dizia respeito.

Tinha-se já entrado no mez de agosto, findo o qual, conforme o planeado, os Silveiras deveriam retirar para o Porto. Deante de tal conjunctura, Fernan-

do Correia viu-se na urgente necessidade de pôr termo ás suas hesitações, dissipando todas as duvidas; pelo que, uma bella manhã da segunda quinzena d'esse mez, foi á quinta da Pena, a fim de conferenciar a serio com a filha do Silveira.

O acaso principiou por o favorecer, visto que o Telles e a esposa não estavam em casa, pois haviam ido passear, em digressão hygienica, até os limites da quinta, como assiduamente costumavam. Maria Josina e Fernando foram sentar-se no jardim; e ahí, sem mais preambulos, este preveniu-a de que desejava fallar-lhe, perguntando-lhe se estava disposta a escutá-lo.

— Porque não hei-de eu ouvi-lo? — respondeu Maria Josina, se bem que um tanto contrafeita.

E então, Fernando começou a preparar as coisas, de longe, com uma exposição minudenciada, bastante diffusa, entremeada de considerações philosophicas. Depois, entrando no amago da questão, disse-lhe que, verosimilmente, ella não podia ter quaesquer duvidas sobre o affecto que elle lhe consagrava, e, acima de tudo, sobre as intenções que presidiam a tal affecto; que elle, por sua parte, estava convencido de que a ella não deviam desagradar essas intenções; e que, por consequente, o melhor, o mais logico, o mais honroso até, seria liquidarem aquella posição dubia que, com certeza, não podia ser aprazivel a ella, e desde muito o torturava a elle.

— Emfim — concluiu Fernando — as minhas ideias não podiam ser-lhe extranhas, porque já as deve ter

comprehendido ou adivinhado. Mas, pela força das circumstancias, era a mim que me competia exteriorisá-las, e foi essa tarefa que hoje me impuz, para cumprir... Brevemente, dentro de poucos dias, vão retirar-se d'aqui; e, em antes de que isso succeda, eu preciso de ficar a saber qual a nossa situação...

— Mas o facto de partirmos em breve, não o impedirá de ir visitar-nos ao Porto... — atalhou Maria Josina, com intuitos de minorar a escabrosidade do assumpto.

— Seja! — proseguiu Fernando, cada vez mais acorçoado — Mas para que hei-de eu continuar com estas relações, sem ter a esperança de que ellas representam para mim, ou, melhor, para nós, uma coisa positiva, util, real? Já agora, minha senhora, é necessario fallarmos claro, sem rodeios nem entorpecimentos. Eu estimo-a: e estimo-a tanto, que desejo ardentemente fazer de si a minha companheira de sempre, a minha unica esposa... — E fitando Maria Josina, que tinha os olhos pregados no chão, atirou-lhe, de chofre, com esta pergunta:

— Posso contar com a sua anuencia, não é assim? Não irá certamente oppôr-se aos melhores desejos da minha vida?...

Sem replicar, a filha do Silveira como que se immobilizou. As palavras que acabavam de ser pronunciadas cahiram-lhe nos ouvidos, nem que fossem de chumbo derretido. Sentia sobre a cabeça um afogo enorme, que lhe não deixava levantar os olhos para o primeiro homem que a convidava para esposa. Os

membros tremiam-lhe violentamente, como se tivesse sido acometida de um ataque nervoso; e a pouco e pouco, desenvolveu-se dentro de si uma afflicção que parecia suffocá-la, apertando-lhe a garganta, não lhe permitindo que balbuciasse o mais pequeno som.

A principio, Fernando julgou que aquelle silencio traduzia um tacito assentimento á sua proposta; ia para lhe fallar, para a ajudar a exprimir verbalmente as ideias que um pudor natural acaso retivesse, quando observou em Maria Josina qualquer coisa que o fez inquietar. Olhando amorosamente para ella, advertiu que os labios se lhe tornavam lividos, quasi brancos; que o rosto era invadido de uma pallidez symptomatica, conservando apenas uns restos de escassa coloração nas saliencias das faces. Aturdido, perguntou-lhe se estava mal, se as palavras d'elle a tinham indisposto. E como ella, cada vez mais descorada, lhe não respondesse, Fernando correu a buscar uma pouca de agua, com que lhe salpicou a fronte. Estimulada pelo contacto das gottas frias, o organismo de Maria Josina entrou a reagir, recuperando uns lassoos movimentos; a respiração cadenciou-se; e o colorido normal regressou progressivamente á tez esbranquiçada. E pouco depois, tornada senhora de si mesma, a filha do Silveira apressou-se a socegar a attitudo intranquilla de Fernando, declarando-lhe que «estava melhor».

— Tinha sido uma vertigem... nem sabia bem o quê — explicava ella confusamente.

Fernando Correia, muito preocupado, ignorava por completo a que attribuir aquelle deliquio. Sem duvida

que fôra elle quem o provocára, com a natureza das confidencias que fizera. Mas por que motivo se impressionára tanto Maria Josina? E a esta pergunta não sabia elle responder. Por isso, olhando para ella, Fernando sentia uma vontade immensa de a interrogar, para se tranquillisar a si mesmo, para obter a interpretação de tudo. Pensou, portanto, em reatar o fio da conversa; mas, como visse Maria Josina ainda bastante alquebrada, teve receio, teve pena de o fazer.

— Se ella quizesse... poderia explicar-m'o... — cogitava Fernando.

Mas ella não dizia absolutamente nada a tal respeito, e até deixava perceber que ainda se não sentia completamente restabelecida.

Pouco depois, chegavam os Telles, que logo notaram o aspecto desalentado e triste da filha. E como lhe perguntassem se não estava bem, Maria Josina explicou que, de facto, se achára um tanto ou quanto indisposta...

— Será melhor ires descansar um pouco... — lembrou o Telles, cuidando que se tratasse de qualquer anormalidade periodica.

E Maria Josina, lançando mão do alvitre, retirou-se com a mãe, que a foi acompanhar até o quarto.

Como se approximassem as horas de almoço, Fernando annunciou ao Telles que voltava para casa.

— Então não quer almoçar connosco? — disse o Silveira.

Mas Fernando, que se não julgava muito á vontade

depois do que havia succedido, inventou uma desculpa para não acceitar. Em todo caso, antes de sahir, manifestou desejos de saber se a D. Maria Josina estava melhor.

— Deixe que eu vou lá dentro vêr... — retorquiu o Telles.

E d'alli a uns minutos, voltou com a resposta:

— Já está melhor — explicava elle — Aquillo não foi nada... São coisas de mulheres...

No dia immediato, da parte de manhã, Fernando Correia enviou á quinta da Pena um portador, com uma carta para o Telles da Silveira. Queria saber se a filha se encontrava absolutamente livre de cuidados, e participava que, á tarde, antes de jantar, iria informar-se pessoalmente do estado d'ella.

Pelo portador, o Telles mandou uma resposta, explicando que Maria Josina e a mãe haviam seguido para o Porto no primeiro comboio, com probabilidades de só regressarem no outro dia.

Fernando não pôde deixar de extranhar tal viagem, inteiramente inesperada, visto que lhe não tinham alludida a ella no dia anterior; mas depois, repensando, ponderou que, em boa verdade, Maria Josina nem sequer tivera occasião de lhe fallar sobre o assumpto, por causa do que acontecera.

Em virtude da resposta do Telles, Fernando Correia dirigiu-se á quinta no dia seguinte, esperando encontrar alli Maria Josina. Mas o Silveira communicou-lhe que a filha não regressára, e que até recebera uma

carta da esposa, em que esta lhe pedia para elle chegar tambem ao Porto.

— De forma que retira ainda hoje, no ultimo comboio? — inquiriu Fernando.

— Que remedio! — exclamou o Telles.

— Mas será por motivo de qualquer incommodo que as senhoras não vieram?

— Entendo que não... — replicou o Silveira — Mas eu amanhã já lhe escrevo do Porto, e dir-lhe-hei o que houver... se por acaso não viermos todos...

Mal o Telles da Silveira chegou á Avenida da Boa Vista, curou de saber o que se havia passado. A esposa tranquillizou-o: era pouco mais de nada.

Maria Josina pedira-lhe para demorar uns oito dias na cidade, após os quaes voltariam para a provincia. E D. Maria accedêra ao pedido, que, em ultima instancia, ficaria dependente da approvação do marido.

— Antes assim! — observou o Telles — Cuidei que fosse outra coisa!

E tratou de escrever a Fernando Correia, noticiando-lhe a resolução tomada pela mulher e pela filha.

Pelo correio da noite d'esse mesmo dia, e ainda antes de lhe ser entregue a carta do Telles da Silveira, Fernando recebia um sobrescripto, com o carimbo do Porto e com o endereço traçado pela propria mão de Maria Josina. E como que antevendo alguma desagradavel noticia, quedou-se sem o abrir, receoso de adivinhar o que nelle se incluia.

Que novidades lhe trazia aquella carta? Eviden-

temente — pensou — não podia deixar de ser a resposta que tanto ambicionava. E induzido por esta ideia, presumiu que Maria Josina se vergonhára de lhe ter respondido verbalmente, e preferira fazê-lo por escripto. Rasgou, pois, um canto do involucro de papel, a fim de ler as mysteriosas phrases que se encontravam dentro. Mas, repentinamente, uma ideia negra lhe acobardou o gesto:

— E se ella lhe dissesse que não?

Desvairado por esta sinistra lembrança, abriu nervosamente o sobrescripto, como querendo desfazer-se de um pesadello apavorante. E correndo a vista por sobre o papel, deparou com os seguintes dizeres: «Senhor doutor: Peço desculpa de me haver retirado d'ahi tão apressadamente, sem responder ás amaveis perguntas que me dirigiu. Sei que tem razão para não estar contente commigo, mas não imagina o quanto isto me tem custado. Estou porém confiada em que, afinal, tudo se deverá resolver pelo melhor, e que esquecerá qualquer contrariedade de que eu tenha sido a causa involuntaria. Era conveniente não vir aqui antes de receber nova carta minha, ainda que o papá se lembre de o convidar. Sua muito amiga: M. J.»

Rematando a leitura, Fernando permaneceu silencioso, desnorteado, como quem busca a decifração de um intrincado enigma.

— Palavra que não comprehendo nada! — exclamou por fim, depois de uns momentos de reflexão.

E tornou a ler a carta, pausadamente, investigando o alcance de cada uma das palavras. Sem embargo,

quanto mais detidamente a lia, tanto maior era o seu convencimento de que existia ali um mysterio, por ora indecifrável.

Mais tarde, quando recolheu ao quarto, Fernando entreviu uma alluvião de hypotheses, phantasiou e delineou um sem numero de soluções. E entre todas essas conjecturas que o espirito lhe suggeria, só uma lhe não pareceu disparatada, e, por conseguinte, se lhe afigurou a mais razoavel: e vinha a ser que o seu casamento com Maria Josina não era talvez do agrado de D. Maria Telles. Levavam-no a esta conclusão as expressões da carta em que Maria Josina afastava de si a culpa de que resultava a sua perplexidade, e o facto de ella se haver retirado para o Porto, na companhia da mãe. Provavelmente, a filha do Telles havia referido a D. Maria os intentos d'elle, e a esposa do Silveira, discordando d'essas pretensões, teria aconselhado a filha a ausentar-se para o Porto. Devia de ser essa opposição de D. Maria Telles a origem da contrariedade a que alludia Maria Josina, e da qual esta era, logicamente, mera «causa involuntaria». Outro argumento corroborava tal interpretação: Maria Josina prevenia-o para não ir ao Porto, ainda que o pae o convidasse. Por consequencia, a opposição não partia do Telles, que até podia obsequia-lo com um convite, mas sim de D. Maria, que talvez não gostasse de vêr em sua casa o pretendente da filha.

Porém, como esse obstaculo — o da contumacia de D. Maria — lhe parecesse, apezar de tudo, facil de debellar, Fernando aquietou-se finalmente, convicto do

bom exito da sua empreza. Tal difficuldade, segundo cria, havia de desaparecer com o tempo, que é o mais efficaz e comprovado remedio para as obstinações de semelhante natureza.

A verdade, contudo, era que toda esta logica o illudia por completo, visto como illusorias eram tambem as apparencias em que ella se baseava.

VI

Maria Josina ia novamente crislar no soffrimento as nobres qualidades da sua alma de mulher. Pela segunda vez que o amor lhe batia á porta, ella devia experimentar, de um modo talvez mais cruel, os funestos effeitos da sua primeira falta, embora commettida irreflectidamente, e, por consequinte, inculpada-mente. Não obstante, se a aconselhassem a que se detivesse á beira do abysmo, a fim de não esgotar outra vez a taça do infortunio que o destino lhe apresentava, talvez não dispuzesse de coragem para voltar atraz, e quiçá preferiria, como uma allucinada, precipitar-se no hallo de luz brilhante que girava em torno do seu segundo amor.

De verdade, os primeiros affectos que dedicára a Julio de Moraes, haviam sido antes um brinquedo de creança, do que uma aspiração de mulher. Então, ella era ainda uma creatura innocente e simples, que não antevia as responsabilidades dos actos que praticava, e nem sequer lograva attingir o alcance ou a significação d'essas responsabilidades. Confiara-se áquelle ho-

mem, porque fôra o primeiro que lhe apparecêra a provocá-la, abusando da excitação facil dos seus sentimentos, ainda inexperitos. Mas não mais do que isto.

Por taes motivos, quando Maria Josina viu romper-se, de uma forma embora brutal, o devaneio do seu primeiro amor, soffreu bastante, mas não endorou o maximo. Depois de cortadas as relações com Julio de Moraes, e de ter encarado a sangue-frio a situação que este lhe creára, Maria Josina chegou á conclusão de que lhe doía mais o que podia vir a perder, do que aquillo que já havia perdido. Obsediava-a mais a preocupação do futuro do que a arrelia do passado; porque este já lhe não originava saudades: e aquelle apparecia-lhe nebuloso, incerto e sombrio, como um ceu ameaçador de furiosa tempestade.

Um bello dia, principiaram a clarear um pouco as sombras d'esse futuro: foi na occasião em que ella entrou a conhecer Fernando Correia, e a sentir-se como impellida para elle. Insensivelmente, de momento a momento, a affeição primordialmente vaga que experimentára, delineava-se por uma forma precisa, insofismavel.

Nos primeiros tempos, quando viu Fernando no baile do Clube, depois de já o ter visto no salão do theatro, e percebeu que esse homem attentava nella com maneiras emprehendedoras, a filha do Telles da Silveira não logrou refrear a galantaria natural do seu sexo, visto que todo o instincto de mulher acaricia com agrado a ideia de ser admirada, se bem que não acalente lá dentro a intenção de corresponder aos seus

admiradores. Depois, quando se deixou envolver pelos braços d'elle, enquanto volteavam na sala de baile, o corpo allucinado conturbou-lhe o espirito, e fez d'ella, por espaço de alguns minutos, uma creatura extremamente sensitiva. Mas após isso, o seu temperamento soffreu-se, e a existencia continuou a decorrer-lhe calma e tranquilla, como um murmurio suave, no meio da simplicidade do seu viver.

As conversas de Fernando Correia e a assiduidade que elle punha em a frequentar lisonjeavam-na, mas não a enthusiasmavam desordenadamente. A declaração romanesca que elle lhe desvendára, logo pela primeira vez em que apparecêra na quinta, passou a ser considerada por Maria Josina como um natural prolongamento das exaltações nervosas do baile; e como, durante bastante tempo, Fernando lhe não voltou a fallar em identico assumpto, tal incidente quasi se dissipou na memoria d'ella.

Posteriormente, a filha do Telles comprazia se em o ouvir, mas ouvia-o socegradamente, como se fosse a um amigo, como se estivesse a escutar a voz de um outro irmão. E ella não gostava apenas de o ouvir; tinha um prazer latente em o guardar ao pé de si, em saber que podia fitá-lo quando quizesse, apezar de poucas vezes haver tido a coragem de satisfazer esse desejo, e assim mesmo, quasi ás furtadellas, com um vago receio de que os olhos de ambos os dois se topassem.

Quando Fernando não estava á sua beira, ou quando, por acaso, não apparecia na quinta, subju-

gava-a uma tristeza indefinida, uma melancholia arreliadora, que lhe espicava o temperamento e a tornava exigente, insatisfeita.

Um dia chegou a interrogar-se, muito reflectidamente, sobre se, de verdade, amaria aquelle homem. O primeiro rebate de todo o seu ser foi affirmativo, pois que outra coisa não era senão amor aquillo que ella nutria por elle, posto fosse um amor doce, terno, cheio de suavidade e de esperanças. Todavia, esvaciadas as primeiras impressões, espontaneas e tranquillias, Maria Josina ponderou nas difficuldades d'esse amor, nos obstaculos enormes que se lhe oppunham, e se lhe afiguravam insuperaveis, indestructiveis. E, por via d'isso, concluiu tristemente que não podia amar, que estava inhibida de revivescer em si tal sentimento, a não ser que fosse de uma forma meramente ideal e intransmissivel; e então, para não supportar todas as amarguras que lhe trazia essa ideia, imaginava consigo mesmo que os sentidos a illudiam, e que todos os phenomenos despertados nella pela presença de Fernando Correia não eram amor, mas tão sómente os effeitos de uma grande sympathia. E muito resoluta, monologava solitariamente:

—Mas para quê amar? Porventura necessito eu de amar alguém?

E sem responder, buscava uma distracção qualquer, que a libertasse d'aquelles desvarios.

O futuro, porém, devia acorrentá-la a novas provas, experimentando-lhe continuamente as sensações. Quando Fernando lhe fallou pela segunda vez em

amor, e muito positivamente, sem rodeios, lhe manifestou a intenção de unir a sua existencia á d'ella, Maria Josina sentiu como que desabar dentro de si o edificio grandioso, a architectura phantastica do amor chimera, que havia inventado para se consolar intimamente. Verificou então que o amor, por muito ideal que seja, tem de descer um dia á realidade, para que a falta de uso o não extinga, ou a monotonia o não enerve. E essa realidade atormentava-a, offendia-a com uma crueldade pungente, porque se via impossibilitada de casar com Fernando, a quem, aliás, dedicava um verdadeiro affecto impregnado de ternura!

Era demais! O seu physico não podia arcar com tamanho golpe, vibrado de repente, precisamente por aquelle a quem mais amava na vida. E foi por isso que ella desmaiou. Os olhos torvos, os labios resequidos, a cabeça perdida como a de uma louca, Maria Josina não viu, não percebeu, não ouviu mais nada. E só quando sentiu sobre a epiderme as gottas frias de agua com que Fernando a aspergira, é que principiou a ganhar alento, reaquecendo-se a pouco e pouco, á custa de uma energia que acordava.

Mas a ferida ficava em aberto; o problema estava posto com toda a serenidade, e era mister, era urgente resolvê-lo. Para não desperdiçar tempo, lembrou-se de partir immediatamente para o Porto, porque lhe repugnava volver a encontrar-se com Fernando Correia, antes de lhe poder declarar qualquer coisa que o elucidasse ou o desilludisse. E foi então que ella se retirou da provincia, com a mãe, no primeiro comboio

do dia seguinte, invocando um pretexto que foi promptamente acatado por D. Maria Telles. E quando já estava no Porto, tambem lhe não foi difficil descobrir novo pretexto, para alli permanecer, esperancada em que, longe do Correia, poderia encontrar mais depressa a chave do enigma.

Para dar tempo ao tempo, a fim de espagar as difficuldades, enviou a Fernando aquella carta mysteriosa, que este recebeu perplexo, e decifrou a seu modo. E quão grande trabalho não teve ella para escrever aquellas linhas, sob o dominio de uma tortura moral, cujo grau ninguem podia adivinhar! Maria Josina ignorava o que fazer, não via claro, quando fitava o horizonte incerto do amanhã. Aceitar immediatamente a proposta de Fernando, dizer-lhe que sim, declarar-lhe que estava resollida a alliar á d'elle a sua propria vida—de tal não seria ella capaz! Cortar com elle? Mas que desculpa invocar para tal acto? Como justificar o seu proceder, depois de o trazer illudido durante tanto tempo, para afinal o repellir, sem uma razão convincente, sem um argumento que pudesse sustentar-se? E de mais, como é que romperia com elle, se a verdade era que o amava muito, e estava disposta a fazer por elle todos os sacrificios? E Maria Josina inquiria-se desesperadamente, olhando para as paredes, fixando o tecto, como se entre a espessura das mesmas paredes visionasse o gnomo inspirador do bom conselho, a fada que a livrasse d'aquella tortura. E no meio do seu desespero, maldizia se a si mesma, maldizia Julio de Moraes, a occasião fatidica em que o

conhecera, e quasi maldizia o mundo todo, porque todo o mundo parecia rir-se do seu desaire, ou, pelo menos, ficar indifferente perante a sua desgraça...

Com a cabeça entre as mãos, como se quizesse segurar e estrangular dentro do cerebro as ideias descontraídas que nelle cachoavam, o pranto corria-lhe em abundancia pelas faces, silenciosamente, suffocadamente; e ao fim, achou-se mais quieta, capaz de reflectir.

—Não tenho honra! — dizia — Mas isso que importa, se tenho um coração que o ama, se todo o meu corpo estremece ao pensar nelle? Porventura não será isto bastante para eu o merecer?

E recordando-se da sua queda, proseguia, num fremito de enthusiasmo:

—Dir-lhe-hei tudo! Tenho obrigação de lh'o dizer!

Mas logo, arrependida de tal ideia, punha-se a raciocinar em sentido opposto.

—E se elle a desprezasse? Não seria mais prudente occultar a Fernando a falta que commettêra, até para o não magoar, para o não fazer soffrer de um golpe que certamente o affectaria?

Com o cerebro atropellado por tão contrarias ideias, Maria Josina reconheceu a necessidade de desabafar, de conversar com alguém, a quem pudesse, livre de perigo, referir tudo, para obter um parecer. Ella, que havia por completo olvidado os seus deveres religiosos desde que sahira do internato, lembrou-se de Deus, lembrou-se da Virgem de vestes brancas e manto azul que se venerava na capella do collegio, e deante de

cuja imagem outr'ora havia rezado, com um coração tão puro e innocente como a alvura das toalhas de linho que cobriam o altar.

A's vezes, quando estava no collegio, as alumnas sahiam encorporadas, duas a duas, e dirigiam-se á igreja da Trindade, para se confessarem. Em taes occasiões, Maria Josina costumava fazer a confissão a um padre de aspecto sympathico, que tinha uns ligeiros traços de melancholia no rosto, usava grandes oculos e passava por ser homem de talento.

Era o padre Raphael.

Apenas com uns trinta e oito annos de idade, apresentava já dois grandes espaços claros nas fontes, indiciadores d'aquella calvicie prematura que, de ordinario, ataca os homens de aturado labor intellectual. A testa, bastante alta e larga, era atravessada por tres rugas horisontaes, muito direitas, sem interrupções, que raramente se franziam em publico, e que, á certa, denunciavam a opulencia de pensamentos rectilneos, luminosos e profundos.

De verdade, o Padre Raphael estudava muito.

Nas horas vagas do seu ministerio, que eram poucas, umas vezes lia tratados de moral, de dialectica religiosa, a fim de cultivar cada vez mais e persistentemente essa faceta do seu espirito; e outras vezes, como era grandemente apaixonado pelas sciencias naturaes, dedicava-se principalmente ao estudo da Botanica, a que o ligava uma predilecção especial.

Sob o ponto de vista religioso, era inquebrantavel; e sob o aspecto moral, não havia ninguem que pudesse

assacar-lhe o menor defeito. Nem frequentava cafés, nem ia a theatros, porque era de opinião que taes lugares não eram proprios de um padre. E, apesar de ser assim rigoroso comsigo mesmo, para com os outros era extremamente complacente, tolerante, liberal. A's vezes, passeando com os amigos, estes alludiam, na sua presença, a assumptos escabrosos, que vinham casualmente a proposito, embora o fizessem por uma forma cortez, como se estivessem na frente de uma mulher; e o padre, sem parecer incommodar-se com taes conversas, esboçava um sorriso de indulgencia e lá conseguia, a breve trecho, o meio de a palestra mudar de rumo, muito naturalmente, sem se dar por tal.

Os prazeres materiaes estavam-lhe vedados pela religião e pela propria vontade. Uma unica distracção se permittia a miude: era a de fazer um pouco de musica, para o que dispunha de regulares aptidões. E esta vida exemplar de padre, passava-a sem esforço, sem violencias intimas, que nunca se lhe traduziam no rosto sincero.

Muito asseado no trajo modesto que vestia, e rigorosamente cuidadoso da sua pessoa — tal era o sacerdote que havia sido o confessor da filha do Telles da Silveira, no tempo em que esta frequentava o collegio, e de quem ella se lembrou, como sendo o confidente mais proprio para a escutar nas suas afflictivas incertezas.

Levada por este desejo, Maria Josina vestiu-se rapidamente, com uma roupa muito simples de passeio, e sahiu. Para não dar nas vistas, deliberou ir a pé,

explicando á mãe que ia fazer umas compras, relacionadas com os trabalhos de pintura, a que, por vezes, se consagrava.

Ao chegar á Trindade, subiu a escadaria de pedra que dá accesso á igreja, muito impressionada, quasi tanto como uma noiva, que pizasse aquelles degraus, no dia da cerimonia religiosa do casamento. E mal transpoz os humbracs da porta principal, achou-se logo possuida de um effluvio religioso, como não experimentava havia muito. Aquelle silencio reverente e severo, a luz baça que se filtrava pelas altas vidraças, e o cheiro caracteristico do incenso e da cera, tudo isso lhe predispunha a alma para coisas mysteriosas, embebidas de sentimentalismo e piedade.

Um sacristão esguio e macilento, mettido dentro de uma samarra preta, guarnecida na parte superior com uma volta de renda estreita, apagava com lentidão as velas que ainda ardiam sobre um altar, onde se havia talvez acabado de exercer um officio religioso. Maria Josina dirigiu-se-lhe, e perguntou-lhe, muito discretamente, se estaria alli o padre Raphael.

— Deve estar na sacristia — respondeu o serventuário — Se a senhora deseja alguma coisa... eu vou dizer lh'o...

— Pois sim! Faça-me esse favor...

— Não quer dizer quem é, ou o que pretende? — inquiriu o sacristão, muito attencioso.

— Tem razão! — retorquiu ella — Diga-lhe que é uma pessoa que deseja confessar-se o mais brevemente possível...

Entretanto, apenas o servo da igreja se retirou, Maria Josina curvou-se sobre um genuflexorio de veludo carmezim, e alli ficou, alguns momentos, numa postura abstractiva, numa concentração profunda. Ella experimentava um certo prazer em ter voltado ao templo, achava até que rejuvenescia um pouco, remembering-se dos dias do internato, em que, enroupada com o uniforme preto, se ajoelhava alli, no auge de um fervor infantil, quasi meramente imitativo.

Assim que o padre Raphael appareceu, Maria Josina acercou-se d'elle, como a indicar-lhe que fôra ella quem o mandára chamar. E o padre, olhando-a rapidamente, teve a impressão momentanea de que conhecia aquella creatura, da qual guardava uma ideia vaga, porque lhe não era inteiramente extranha.

Estava o mesmo homem, apenas um tudo-nada mais velho, como se averiguava pelo maior embranquecimento dos cabellos na região temporal. Os modos, o gesto, a attitude e até aquella antiga melancolia do rosto — tudo se conservava invariavel naquella austera figura de padre portuguez, que era filho de gente humilde, e passara a juventude repartida entre os estudos, feitos em Braga, e as ferias, gosadas tranquillamente no remanso do eirado de seus paes, ao pé dos cortiços de abelhas que lhe incutiam o espirito de disciplina, e quasi sempre occupado em cultivar pela leitura a sua arguta intelligencia.

Chegando á beira d'elle, Maria Josina disse-lhe, em voz muito baixa, como se fosse a medo, que pretendia ser ouvida de confissão. E o padre, sem dizer

uma palavra, esboçando apenas um aceno affirmativo e ceremonioso, entrou para o confessionario de madeira escura, onde a filha do Telles, por sua vez, genuflectiu, em cima de uma almofada de lã verde, com termos de sincera penitente.

Mais por automatismo, por uma revivescencia de antigos habitos, do que por iniciativa reflectida, Maria Josina persignou-se e benzeu-se, murmurando em seguida as orações do costume, apropriadas ao acto. Depois, com a cabeça encostada ao ralo de ferro fundido, atravez do qual divisava, como numa penumbra, o busto do padre, ella ficou-se uns instantes silenciosa, quasi embarçada, sem saber por onde havia de principiar. Tendo deliberado ouvir a opinião do que fôra seu confessor, a filha do Silveira esquecera-se de reflectionar sobre o assumpto a discutir, estudando a forma de entrar nelle; e por isso, via-se agora um tanto confundida, como desorientada no meio de um vasto deserto.

O padre, porém, habituado já a silencios d'aquella especie, começou por interrogar a penitente sobre o lapso de tempo que decorrera desde a ultima confissão. Maria Josina, ao escutar essa primeira pergunta, sentiu que o rosto se lhe afogueava de vergonha; e timidamente, como quem não deseja ser ouvido, respondeu que havia já muito tempo que se não confessava, . . . «desde que tinha sahido do collegio» . . .

— De que collegio? — indagou o padre, com manifesta intenção de se orientar sobre a personalidade da penitente.

E então a filha do Silveira, mais serena, e até satisfeita por se lhe offerecer occasião de reconstituir uns fragmentos de coisas saudosas, começou a prestar informações, indicando o collegio em que se educára e a epoca em que de lá sahira; que talvez elle se lembrasse d'ella... e d'ahi... podia ser que não, pois que já lá iam muitos mezes... caminho de tres annos...

— Sim, sim... tenho uma ideia... — interrompeu o confessor.

E o padre Raphael, apesar de nessa altura se lembrar perfeitamente de tudo, e de conhecer até o nome dos paes de Maria Josina, guardou para com esta uma natural reserva, como se não a identificasse; e desviando-se do assumpto para que ella o havia conduzido, curou de saber o motivo que tanto tempo a havia arredado d'aquelle tribunal de penitencia.

— Não foi por mal — respondeu ella. — Talvez um pouco de negligencia...

— Compreendendo... — atalhou o padre. — Ainda bem que voltou, e espontaneamente... por sua livre vontade...

E a proposito, padre Raphael perguntou-lhe qual havia sido a razão determinante do seu regresso á pratica d'aquelle acto religioso.

— Um assumpto bastante grave... — explicou ella... — Desejava consultá-lo sobre um grande problema da minha vida...

Abstendo-se de fazer qualquer observação sobre as intenções menos religiosas da ex-collegial, por lhe pa-

recer que seria imprudente entravar os primeiros passos de uma ovelha transviada, o sacerdote abriu-lhe caminho para as confidencias, auxiliando-a nas medidas do possível.

E então, Maria Josina entrou a expôr a sua vida dos ultimos mezes, desde que pela primeira vez tinha conhecido Julio de Moraes.

Quando chegou ao ponto mais critico da sua historia, á entrevista nocturna que fôra a causa occasional da sua queda, calou-se uns segundos, á espera de que a ajudassem.

— E recebeu-o de facto no seu quarto? — aventurou padre Raphael.

— Recebi! — disse ella, rompendo a soluçar.

O padre, muito commovido, acalmou-a logo, murmurando a esmo todas as palavras de conforto que o intellecto lhe suggeria. E com o fim de attenuar o escabroso da narrativa, observou:

— De forma que esse homem abusou infamemente da sua innocencia! E depois?

Depois... fôra o abandono, o esquecimento, as torturas que ella soffreu, a desillusão que se seguiu; após isso, a ida para a provincia, as relações com Fernando Correia, as intenções que este lhe manifestára, as phrases que lhe dirigira. E Maria Josina, para dizer toda a verdade, confessava que se sentia presa a este homem, que lhe dava a honra de a destinar para esposa.

Ella contava tudo isto esmiuçadamente, no meio de pequenas digressões; e o padre ouvia-a attencioso

e paciente, interrompendo-a pouco, apenas o bastante para lhe facilitar a narrativa que ella expunha, com o fito de a não estorvar até o fim. No momento em que Maria Josina declarou que amava Fernando, mas que este ignorava ainda todos aquelles pormenores do seu amor infeliz, padre Raphael passou a mão pela fronte, num destes gestos que revelam um estado de alma inquieto e pezaroso.

—Que hei-de eu fazer? — perguntava ella, com uma expressão de desespero. — Que hei-de eu fazer, meu Deus?!

E padre Raphael, como subitamente illuminado por uma luz sobrenatural, deixando transparecer na serenidade do rosto todos os sentimentos de bondade que o distinguiam, começou a fallar.

Primeiramente, considerou os acontecimentos pelo lado religioso, fazendo vêr á penitente que, se esta se não tivesse afastado da ideia de Deus, e da pratica dos actos que a religião prescreve, com certeza se não haveria extraviado do caminho recto e sereno, que costumavam seguir as almas puras e verdadeiramente christãs. Que ella propria, acorrendo áquelle lugar, depois da cruel experiencia que agora a fazia succumbir ao peso do infortunio, reconhecia implicitamente o mal que praticára, buscando na religião o conforto, que só esta consegue dar ás almas a quem o soffrimento persegue.

Depois, versando mais especialmente o motivo que alli a conduzira, o padre forcejou por levantar o animo abatido de Maria Josina, incutiindo-lhe uma ener-

gia moral que dava margem a todas as esperanças. E desenvolvendo uma theoria muito sua, adequada a taes fins, padre Raphael quiz demonstrar que a prenda mais bella da mulher não estava no elemento meramente material, que o mundo tanto aprecia e exalta, com um criterio subordinado á vulgaridade das paixões interesseiras e egoistas.

—Para as intelligencias superiores—expunha elle—existia na vida feminina um elemento de ordem moral, que valia muito mais do que nenhum outro; era o sentimento altivo da dignidade do espirito, que constitue a essencia da alma feminina, e que só verdadeiramente merecia o nome de honra. D'ella nasciam e nella se fundavam as mais preciosas qualidades que podem adornar uma vida de mulher: o brio, a pureza de character, o espirito de resignação e a altivez attrahente do sexo, o pudor que encanta e a sinceridade de affectos que subjuga e vence. Não podia admittir-se que tudo isto estivesse sujeito a uma circumstancia tão pequena, como é a que resulta de um extravio, muitas vezes involuntario e accidental. E se a penitente possuia num alto grau, como elle acreditava, aquella dignidade feminina, não havia razão para desesperar do futuro, porque, mais tarde ou mais cedo, appareceria alguém que se captivasse d'essas nobres qualidades que a exalçavam, e a ambicionasse, apesar de tudo, para companheira amiga e dedicada.

E padre Raphael, particularisando mais a doutrina que acabava de enunciar, tratou de a applicar ao caso

concreto que Maria Josina expendera, no tocante ás suas relações com Fernando Correia.

— Era possível que esse homem — continuava elle — fosse um d'esses espiritos superiores de que fallára. E, visto que ella o julgava merecedor de ser seu esposo, que lhe contasse abertamente todas as amarguras e todas as alegrias do passado. Era aquella mesma dignidade que assim o exigia, quaesquer que fossem as consequencias, sem que se importasse com os resultados.

Calou-se, como para ver o effeito que as suas palavras tinham produzido no animo da penitente.

— Mas eu não sei se terei coragem para lhe revelar tudo... — objectou Maria Josina.

— E' forçoso que a tenha, porque a verdade impõe-se acima de tudo... A não ser que desista de unir a sua existencia á d'elle... — accrescentou padre Raphael, num tom de voz decidida e franca.

— Prefiro dizer-lh'o! — murmurou submissamente a filha do Telles.

— Pois de certo! — exclamou o padre, como se aca-basse de obter uma victoria. E continuou a animá-la, reforçando as considerações já feitas, mostrando-lhe as vantagens da franqueza, que propugnára.

Logo que a confissão terminou, Maria Josina afastou-se da igreja, com um real contentamento intimo. Parecia-lhe que a confidencia divulgada ao padre Raphael já a absolvía do sinistro que lhe succedera, e que as palavras d'elle quasi a auctorisavam a apresentar-se, com a fronte erguida, deante de qualquer homem.

Encaminhou-se para casa, muito resolvida a encontrar-se com Fernando Correia, a fim de lhe declarar tudo; e esta resolução proporcionava-lhe uma sorte de allivio interior, que a dispunha bem, e lhe arredava da consciencia as antecedentes apprehensões.

VII

Nesse mesmo dia, Maria Josina tratou de escrever a Fernando, dizendo-lhe que necessitava absolutamente de fallar com elle, para uma communicacção importante. Convidava-o a ir ao Porto no dia immediato, sendo possivel; que o esperaria á hora do comboio da tarde, ao cimo da rua Mousinho da Silveira, onde se encontrariam; e que, se elle não pudesse apparecer com tanta urgencia, então lhe mandasse um telegramma, para a posta restante, onde se encarregaria de o procurar.

Quando, no dia seguinte, de manhã, Fernando recebeu esta carta, que interpretou auspiciosamente, deliberou partir sem detença para o Porto, a fim de saciar o desejo em que ardia de se avistar com Maria Josina. Figurou-se-lhe regressar aos tempos academicos, quando tinha de comparecer a uma entrevista, com uma mulher quasi desconhecida, naquelle estado de espirito incerto e duvidoso, mas fertil em esperanças, que mal deixa presagiar o que irá succeder.

Decerto, era a primeira vez em que iriam fallar de

amor, sem rebuço, sem reticencias, sem que alguém pudesse perturbá-los; provavelmente, até discutiriam pormenores relativos ao casamento, ajustando a fórma de pôr em execução os necessarios preliminares, calculando epocas, talvez fixando datas...

E assim, por volta das quatro da tarde, já Fernando Correia descia, muito açodado, o largo fronteiro á estação do Porto, com destino á rua Mousinho da Silveira. Ainda estava longe, e já relanceava os olhos para uma e outra esquina da rua, com a inquietação de descobrir o perfil de Maria Josina; e tão preso tinha a esta o pensamento, que não pôde evitar um encontrão com que presenteou uma senhora bastante nutrida, que passava...

— Parece que não vê bem... — resmungou a dama, desabafando iras.

Afinal, a filha do Telles ainda lá não estava, o que não era para admirar, visto que apenas decorriam uns poucos minutos sobre a hora official da chegada do comboio.

Como, evidentemente, Maria Josina devia vir do lado norte, Fernando olhava continuamente para o largo de S. Bento, e para todo aquelle espaço contiguo, a ver se a lobrigava por entre a multidão. A's vezes, uns vultos femininos, olhados a distancia, assemelhavam-se a ella, durante uns segundos; e então elle sossegava repentinamente o espirito, como se já houvesse conseguido aquillo que tanto ambicionava. Mas os vultos approximavam-se, desenhavam-se melhor, e Fernando verificava desoladamente que se tinha illu-

dido, que ainda não era ella. Estas desillusões produziam nelle uma sensação debilitante. Uma especie de desanimo lhe assaltava os nervos, e o coração dava-lhe umas pancadas surdas, que se diriam preannunciadoras de um mau successo.

Consultando o relógio, Fernando verificou que se encontrava alli desde meia hora, que se lhe afigurara tão demorada. Voltava a fixar o largo que tinha em frente, e apenas divisava creaturas que em nada se relacionavam com Maria Josina e que, por consequencia, lhe eram inteiramente indifferentes. Os ponteiros do relógio, caminhando vagarosamente, marcavam mais cinco minutos, mais sete... mais doze... mais um quarto de hora. Seria possível que ella não viesse? Porquê? E Fernando Correia, architectando calculos sobre a demora, impacientava-se, torturava-se, aborrecia-se, como aquelle que sente desfazerem-se em fumo as illusões que, momentos antes, o enthusiasmassem, repletas de vida e de esperanza. Faltavam poucos minutos para as cinco; e Fernando, num desespero, começou a sentir vergonha de estar alli parado, sujeito aos olhares impertinentes dos transeuntes, que pareciam adivinhar o que lhe succedia, mofando da sua pessoa.

Mas, de repente, percebeu que alguém estacava por detraz de si, como para lhe fallar; e, voltando-se pressuroso, deu de cara com Maria Josina:

— Já aqui está ha muito? — perguntou ella sorrindo.

— Ha algum tempo! — exclamou Fernando, com-

pletamente esquecido do muito que se lhe afigurara esperar.

E Maria Josina principiou a dar explicações: que já alli tinha passado, mas não o vira, e logo suppuzera que ainda não havia chegado o comboio; e por isso, a fim de não ser observada, descera a rua, aproveitando a occasião para effectuar umas pequenas compras...

A seguir, calou-se, como se não tivesse mais nada que dizer. Mas Fernando emendou a conversa. Que resolvera partir immediatamente, após a recepção da carta d'ella, que muito e muito o alegrara. E accrescentava, como para demonstrar um amúo extinto:

— Estes ultimos dias foram, para mim, de uma tristeza indeterminada, de uma duvida mortificante...

Notando que não estavam bem alli, debaixo da inspecção facil dos curiosos que passavam, Fernando propoz para descerem a rua.

— E' talvez melhor! — approvou ella.

E, no tracto, Fernando entrou a dizer banalidades, proferindo phrases muito breves, a proposito dos mais pequenos incidentes, unicamente porque via que Maria Josina lhe não fallava em nada que fosse respeitante ao assumpto que elle queria; e, por isso, sentia uma imperiosa necessidade de dizer coisas, embora fossem despropositadas, porque lhe era penoso um silencio demorado. E, olhando para as pessoas que desfilavam a seu lado, para a calceta da rua, e para as taboletas das casas de commercio, a que nunca tinha prestado attenção, Fernando Correia pensava consigo mesmo:

— Quando chegarmos lá baixo, fallarei na questão, se ella se não atrever a fallar...

Mas, depois, arribando ao jardim do Largo do Infante, elle entendia que o local não era proprio para, á queima roupa, entrar em assumpto assás melindroso. E então criticava-se a si mesmo, por não se ter encaminhado para outro ponto, para um sitio em que houvesse uma certa tranquillidade, como se estivessem a sós...

Porém, tinha de ser. E, irritado, mais irritado ainda do que na occasião em que impacientemente a aguardara ao cimo da rua Mousinho da Silveira, Fernando decidiu-se a acabar com aquelle encantamento, que o prendia a elle, que a prendia a ella, e que, enfim, os enleava a ambos.

— Ha alguma novidade? — perguntou, com certo receio, como se tivesse medo de a ferir.

— Não ha nada! — respondeu ella indifferentemente.

— Mas... como me escreveu a dizer que desejava fazer-me uma communicação importante... — avançou Fernando.

— Ah! — disse Maria Josina, um tanto contrariada.

E logo, após uma pequena interrupção, ajuntou:

— Não era nada... Tinha desejos de o vêr, de lhe fallar...

Depois, mudando apparentemente de ideias, inquiriu:

— Retira ainda hoje?

Fernando respondeu que não; visto que estava no

Porto, só regressaria no outro dia. E, voltando ao assumpto que mais o interessava, proseguiu:

— Como a carta se referia a uma communicação urgente, julguei que tivesse muitas coisas para me contar...

Maria Josina protestou que não.

— E a resposta que me prometteu? — acudiu elle, muito decidido.

— Pego-lhe que me dê tempo... Logo que me seja possível, responderei... — murmurou ella, quasi supplicante.

Fernando Correia não teve coragem para insistir mais. Ao fazer-lhe a pergunta, estava disposto a liquidar alli mesmo o problema, exigindo uma resposta, uma confissão, fosse ella qual fosse. Uma negativa, um estorvo, um contratempo, deviam de ser muito mais supportaveis do que aquella duvida, em que, havia tantos dias, mergulhava o seu espirito. Mas, quando ouviu a voz de Maria Josina, meiga e triste, a implorar um adiamento, toda a energia anterior se diluiu como por encanto, resolvido a obedecer-lhe cegamente, a não fazer senão aquillo que ella quizesse, como se não passasse de um inerte instrumento, ás ordens d'aquella mulher que o allucinava. Por isso, resignou-se de novo a condescender com ella, abdicando da sua propria vontade:

— Pois seja! — exclamou. — Saiba que farei tudo quanto de mim exigir... Estou, desde ha muito, ás suas ordens!

Maria Josina, tranquillizada, agradeceu-lhe aquel-

las mostras de resignação, promettendo enviar-lhe noticias, dentro do mais curto prazo. E, como não soubesse que mais devia dizer-lhe, allegou que não podia demostrar, que já eram horas de voltar para casa.

— Vou acompanhá-la até lá acima... — disse elle.

— Não, não! Podia acontecer que nos vissem...

— Como quizer! — respondeu Fernando, num tom de enfado, a que não podia fugir.

E despediram-se, com maneiras semelhantes ás de duas creaturas que ainda se não comprehendem...

Muito arreliado, quasi arrependido da viagem que fizera, Fernando Correia entrou num restaurante, para jantar. A sala do restaurante estava quasi vazia, e os creados, com os guardanapos de serviço debaixo do braço, ficavam de pé, a olhar para a porta escancarada, á espera dos freguezes. Acommodando-se a uma pequena meza solitaria, Fernando comeu com pouco appetite, devido a não ter alli um amigo com quem palestrassem, com quem se distrahissem. Quando acabou, accendeu, por extravagancia, um charuto claro, e sahiu, com a intenção de ir ao theatro. Assistiu a uma comedia ingleza que se representava no Principe, occupando assim as primeiras horas da noite. E no fim do espectaculo, achou-se indeciso, sem descortinar em que haveria de passar o tempo. Olhando para dentro de si mesmo, sentiu um vacuo enfadonho, um isolamento acabrunhador. Se fosse, naquelle estado, para o hotel, tinha a certeza de que não conseguiria dormir. Por conseguinte, o meio seria divertir-se,

gosar, para esquecer as imprevistas contrariedades d'aquella tarde.

Nesse instante, deslisava perto de si, com passos ligeiros, o busto flexuoso de uma mulher que se voltava...

— Diabo! Se aqui estivesse Arminda! — murmurou, recordando-se da sua criadita de sala. E num gesto peremptorio:

— Vamos lá!

Estugando o passo, avançou na peugada d'aquella creatura feminina, que acabava de passar a seu lado, com o proposito unico de quebrar por um pouco a monotonia do espirito.

Mas, de repente, observou que um outro homem se abeirava da noctivaga, esbarrava com ella, e lhe fallava com ares de habitual familiaridade; e, em seguida, os dois desapareciam após uns requebros que engulharam Fernando, e que o decidiram a recolher, cheio de tédio, ao taciturno quarto do seu hotel.

Por volta das nove da manhã, acordou; e já vestido, metteu-se no primeiro comboio que o levasse a casa, porque, depois de tudo quanto se havia passado, o Porto causava-lhe um intoleravel aborrecimento.

VIII

Maria Josina, reentrando em casa, sentiu uma invencível necessidade de ficar só. Uma lassitude geral lhe subjugava o organismo, como se houvesse passado uma noite mal dormida, ou tivesse regressado de uma grande viagem. Escondendo-se no quarto, e recostando-se á almofada do leito, estendeu-se indolentemente sobre a colcha azul, como se o proprio corpo a importunasse e quizesse vêr-se livre d'elle. O espirito, numa phase de actividade febril, era atravessado por muitas ideias que se succediam ininterruptamente, sem que, porém, qualquer d'ellas tivesse tempo de desabrochar e amadurecer. As sensações, tão fatigadas como os órgãos em que se produziam, iam esmorecendo a pouco e pouco, semelhantes a farrapos de nuvens a sumir-se no horisonte. E, dentro em pouco, achava-se entorpecida por um estado de somnolencia, que transitoriamente a impedia de raciocinar, de se esclarecer, de tomar um partido, de esboçar uma decisão.

Mais tarde, despertando d'aquelle torpor lethargico,

perguntava-se intimamente se acaso teria dormido, procurando saber o que havia feito, desde que se enclausurára no quarto. E, a custo, esforçou-se em reconstituir todas as scenas que se haviam desenrolado durante aquella tarde, sem esquecer a conversação trocada com Fernando Correia. Lembrou-se do insuccesso da entrevista, do pouco que lhe dissera, e do muito que lhe occultára. E, examinando-se com rigor, chegou á conclusão de que tinha procedido covardemente, faltando por completo a todas as resoluções anteriormente projectadas, e, sobretudo, áquella que tão calorosamente adoptara, depois dos conselhos auctorisados de padre Raphael. Mas, logo a seguir, a fim de indulgenciar tal procedimento, monologava comsigo:

— Pois sim! Mas para eu dizer tudo, o sitio não era nada apropriado...

E, batendo nervosamente com o pé direito sobre o tapete, accrescentava:

— Não! Na rua... não pode ser!

Pelo que, Maria Josina entrou a reflectir sobre esta difficuldade. Era evidente que uma rua, e, sobretudo, a rua onde se haviam encontrado, se não amoldava ás necessidades e ás contingencias de uma confissão d'aquella natureza. Para isto, era preciso que estivesse á vontade, perfeitamente á vontade, isenta da mais ligeira preocupação. Era necessario que pudesse revelar tudo, dando margem a todos os sentimentos, tornando possivel o desafogo de todas as maguas que, porventura, sobreviessem.

E a aclaração do problema afigurava-se-lhe cada

vez mais urgente, porque os nervos já não conseguiam supportar por mais tempo a tensão que a manietava; porque, enfim, era necessario dar uma resposta áquelle homem, que tinha sobeja razão para extranhar tão grande demora. D'essa resposta dependia, evidentemente, todo o seu futuro, toda a orientação da sua vida. E, sendo assim, não podia haver obstaculos que a impedissem de fallar, e de expor a Fernando a verdade, e a inteira verdade.

Era, pois, indispensavel combinarem uma nova entrevista, escolhendo o local em que esta deveria effectuar-se. Para tal fim, escreveria outra vez a Fernando, explicando tanto quanto possivel a conveniencia de se encontrarem sós, livres da curiosidade intromettida dos importunos. E determinada a acabar com tudo aquillo, Maria Josina sentou-se á secretaria — a mesma em que tambem escrevera para Julio de Moraes — e começou uma carta que devia chegar ás mãos de Fernando Correia. Áquella hora, ainda este estava e estaria no Porto; mas no dia seguinte, pelo decorrer da manhã, já poderia receber em sua casa as noticias que ella lhe enviasse, e que seguiriam no correio da noite.

Nessa conformidade escreveu, sem que tivesse de empregar um grande esforço, para obter o fim que tinha em vista. Dizia-lhe que, de facto, desejava confiar-lhe qualquer coisa de importancia, que interessava a ambos, e sobretudo a ella; que já lhe quizera fallar a tal respeito naquelle mesmo dia em que redigia aquellas linhas, e poucas horas antes, mas não tivera coragem para o fazer, em virtude da impropriedade

do local; que, por isso, se tornava necessario a escolha de um sitio a proposito, em que pudessem estar á vontade, para que ninguem os incommodasse; e, por ultimo, pedia-lhe para que elle, no dia immediato áquelle em que devia receber a carta, que era um sabbado, voltasse ao Porto, esperando o ella, á mesma hora, no cimo da rua Mousinho da Silveira, ou em qualquer outro ponto que elle designasse, para o que poderia telegraphar-lhe para a posta restante.

Fernando Correia, ao ler esta carta, não pôde reprimir um gesto de enfado, recordando-se do que já lhe acontecera umas vinte e quatro horas antes. Mas depois, meditando demoradamente sobre o convite que agora lhe era transmittido, achou que tudo aquillo era extravagante, inexplicavel. E, passeando de um para outro lado, ao mesmo tempo que batia com a mão direita na frente, procurava adivinhar qual seria a especie de confidencia que ella desejava communicar-lhe com tantas cautelas.

Debalde! Por muitas conjecturas que formulasse, por muitos calculos que a mente lhe suggerisse, Fernando Correia não podia fixar-se em nenhum, de uma forma positiva, terminante!

Pensou em seguir naquella mesma sexta-feira á noite para o Porto, a fim de ali resolver qual devesse ser o local da entrevista. Mas, a final, pouco adiantava com isso. Embarcando no primeiro comboio de sabbado, devia chegar ao Porto pelas dez e meia da manhã; e, das dez e meia até ás quatro, dispunha de

tempo mais que sufficiente para reflectir, e para encontrar o local que ella desejava.

—O local que ella deseja! — dizia consigo mesmo — Mas a verdade é que tambem eu desejo estar a sós com ella, sem ninguem nos ouvir, para — quem sabe? — lhe dar talvez o primeiro beijo!

E os sentimentos de Fernando principiaram a materialisar-se progressivamente, á medida que estudava planos e acarinhava projectos, todos illuminados pela imagem de Maria Josina, que lhe bailava na phantasia. O facto de estar prestes a encontrar-se com ella, num local isolado, conferia-lhe já uns certos direitos, sobre que nunca havia pensado a serio.

Assim como o homem que vae possuir uma mulher pela primeira vez, já de antemão aprecia e saboreia as delicias da futura posse, como se, de facto, esta constituisse uma realidade, assim tambem Fernando Correia imaginava ter já, a seu lado, o corpo de Maria Josina, sentindo-lhe talvez o arfar do peito, contemplando-lhe as pupillas negras, humedecidas... E os sentidos, quasi tresloucados por taes imagens, revoltavam-se e davam signal da sua energia, abrazando-o numa concupiscencia intranquilla, cheia de aspirações corporeas, mas sublimes!

Tão impossivel se lhe havia sempre afigurado uma entrevista em iguaes condições, achava isso tão impraticavel, que nunca tinha pensado a fundo no aspecto voluptuoso do seu amor. E agora que esse impossivel, pela propria iniciativa d'ella, estava em vias de se realisar, a vida parecia reserver-lhe nos vasos san-

guincos, aquccida pelo rebate de sensações violentas.

E só então é que principiou a desenhar na mente, de um modo rigoroso e perfeito, a pessoa physica da filha dos Telles da Silveira. Ainda no dia anterior estivera conversando com Maria Josina, e só agora elle se recordava, com certo calor, dos olhos pretos d'ella, quasi velludosos, e circumdados por uma esclerotica brilhante, muito tersa; das facces um tanto pallidas, cobertas de uma tez fina, que parecia feita de seda; da bocca pequena, com labios sensuaes, que formavam nos cantos umas depressões mysteriosas; dos cabellos fartos, e levantados num grande tufo sobre a cabeça, com duas madeixas encaracoladas sobre as fronte; e, finalmente, do seu busto elegante, soberbo, com os seios pujantes, repletos de vida e de amor...

Depois, orgulhava-se por a sorte lhe ter proporcionado uma tal creatura, como se, na verdade, elle já tivesse sobre ella aquelle direito de posse effectiva e real, que o Codigo Civil ou o acaso legitimam.

Todavia, a realidade, mais forte do que a phantasia, repoz as coisas no seu justo lugar. Fernando Correia comprehendeu que era cedo ainda para cantar victorias, pois que Maria Josina lhe não pertencia, e podia até não vir a pertencer-lhe. E, por isso, o que naquelle momento se tornava imprescindivel, era descobrir um local para a entrevista, de forma que esta se effectuasse na melhor das condições.

Elle conhecia regularmente o Porto; mas, assim de improvisio, e em tão curto espaço de tempo, aquella

diligencia apresentava algumas difficuldades. Lembrou-se de um seu amigo e ex-collega, que morava na rua do Rosario, e era conhecedor de todos os escaninhos da cidade; mas havia já muito tempo que o não procurava, e não lhe pareceu bem recorrer a elle, precisamente para lhe pedir um favor de tal ordem.

Depois de rebuscar e rejeitar muitos planos, Fernando, já desalentado e esmorecido, considerava-se um infeliz, um desprotegido da fortuna avara, que lhe não valia nas horas mais arduas da vida. Mas, subitamente, como inspirado por uma ideia genial, exclamou com enthusiasmo :

— Como eu sou um esquecido ! Porque não ha-de ser na Rua de Camões ?

A rua de Camões a que Fernando Correia alludia era, (graças a uma figura que os rhetoricos inventaram), uma habitação particular em que morava uma senhora quarentona que fôra sua conhecida. Havia uns dois annos que elle tinha precisado de um alojamento transitorio, a fim de se isolar, periodicamente, com uma creatura que tambem não revestia um character definitivo. Foi então que Fernando, com algum vagar, descobriu a casa de D. Philomena, na rua de Camões, onde arrendou uma sala e um quarto, no segundo andar, por dez mil reis mensaes. E como não tivesse regateado o preço que a senhoria exigira, e até lh'o satisfizesse pontualmente, a prestavel senhora, no fim do arrendamento, não pôde deixar de se revelar inteiramente grata ao inquilino, offerecendo-lhe a casa

para quando este quizesse dar-lhe o prazer de uma visita.

Assentou, pois, em ir ter com D. Philomena, julgando ser essa a melhor solução que podia arranjar em circumstancias tão urgentes. O essencial era que a antiga senhoria habitasse ainda no mesmo predio, e que a sala e o quarto se encontrassem, naquella occasião, devolutos. Pelo que, logo após a sua chegada ao Porto, no dia immediato, se encaminhou apressadamente para a rua de Camões.

O predio habitado por D. Philomena era uma construção de dois andares, de apparencia rasoavelmente decente, com cortinados de rendas nas janellas. Fernando puxou pelo cordão, já gorduroso, que sahia do orificio de uma porta com vidros, e que se destinava a fazer soar a campainha do pateo. Pouco depois de a campainha vibrar em oscillações irregulares, ouviu-se lá em cima, no primeiro andar, uma voz de mulher:

— Quem é? — perguntaram.

— Está cá a senhora D. Philomena? — inquiriu elle, por sua vez.

— Que lhe queria? — tornou a voz desconhecida.

— Uma pessoa que deseja fallar-lhe...

— Faça favor de dizer quem é... — insistiram.

— E' o Dr. Correia, que já cá esteve... A senhora D. Philomena bem sabe...

Acto continuo, distinguiram-se passos de alguém que se afastava, e, momentos depois, desengranzava-se

com certo ruído a mola do trinco da porta, que Fernando empurrou.

— Faça o obsequio de subir... — disse a mesma voz de mulher.

E o antigo locatário trepou a escada de dois lanços que levava ao primeiro andar, respirando no ambiente uma frescura sadia, que o impressionou bem. Lá em cima, no pateo, conheceu o timbre da voz de D. Philomena, uma voz muito fina e adocicada:

— Queira fazer o favor de entrar, senhor Doutor!

A respeitável senhora entretinha-se a costurar, com uma peça de roupa branca sobre o regaço, e com uns olhos escarranchados sobre o nariz. Mal avistou o visitante, retirou os olhos, e poz de parte o trabalho, cumprimentando-o com uma grande amabilidade, como se já tivesse saudades de o vêr...

De entrada, a conversa cifrou-se em recriminações da auctoria de D. Philomena, pelo facto de Fernando Correia não ter voltado áquella casa, desde que abandonára o arrendamento; e Fernando, entre lisonjeado e comprometido, tratava de se desculpar, allegando as suas muitas occupações, as suas rarissimas viagens ao Porto...

Depois, D. Philomena passou a expor a sua autobiographia, desde que o Doutor Correia deixára de lá ir. Tinham-na apoquentado uns achaques que a puzeram muito mal. Estivera quasi ás portas da morte. Como elle via, até estava mais magra, muito mais magra... Agora, já não era como d'antes; tudo eram difficuldades. A vida cada vez mais cara; e o Alfredo,

o filho d'ella (um rapaz de quatorze annos), ganhava pouco, muito pouco... Se não fosse o Monte-pio que o marido lhe deixara por unica herança, teria de se ver em afflictivos apuros. A casa tambem rendia pouco. Os locatarios que tivera, posteriores ao Correia, haviam-lhe dado pequeno lucro. Uns achavam a renda cara, e pouco demoravam, retirando-se ao fim de algum tempo; outros eram uns atrevidos, que lhe não convinham a ella, porque, como o doutor Correia sabia, gostava que a respeitassem, respeitando-lhe a casa.

— E nesta occasião, tem algum inquilino? — inquiriu Fernando, enfasiado das queixas lamurientas de D. Philomena.

— Tenho! E' um individuo de meia idade, professor de musica. Está aqui ha um mez, e não parece ruim sujeito. Que a gente, hoje em dia, vê caras e não vê corações, como o outro que diz...

— Assim é! — mumurou Fernando, com um certo ar de contrariedade, que não escapou á perspicacia experimental de D. Philomena.

— Porquê? O senhor doutor desejava arrendar? — perguntou ella, com a expressão penalizada de quem não póde ser agradável.

— Talvez não... mas se estivesse de vago... em todo caso...

— Sempre lhe fazia arranjo... não é isso? — concluiu D. Philomena, com olhos interrogativos.

Fernando Correia fitou a intelligente senhora, sorriu-se, viu que ella correspondeu com um sorriso semelhante, e explicou:

— A bem dizer... bastava-me só por algum tempo...

— Muitos dias? — inquiriu ella.

— Só um dia!

— Ah! — exclamou D. Philomena, que tinha comprehendido tudo. E, com um sincero desejo de poder ser util ao generoso locatario de outros tempos, perguntou-lhe, franzindo o sobr'olho direito.

— E' assim... coisa de muita urgencia?

— Era para hoje mesmo... de tarde. Durante algumas poucas horas... — precisou elle.

— De tarde... talvez não seja difficil!

— Pois é de tarde! — confirmou Fernando — das quatro ás sete, se tanto...

D. Philomena ergueu-se da cadeira pequenina, approximou-se de Fernando, e, passando-lhe a mão sobre o hombro, ajuntou:

— Pois deixe... que tudo se ha de arranjar! O senhor Justino, o professor de musica, só entra de noite... ahi pelas onze horas. Portanto, póde utilizar-se do quarto d'elle.

— Vae ser muito incommodo... — disse Fernando, attenciosamente.

— Ora essa! — retorquiu D. Philomena, repleta de amabilidades. E acrescentou:

— Quanto a roupas... eu porei tudo em condições...

E como Fernando Correia fizesse um gesto duvidoso, ella interrogou:

— Então não é preciso?

— Talvez não... — respondeu elle.

— Ah! E' curioso! — exclamou a previdente senhora, algo admirada.

E então, Fernando explicou, bastante por alto, de que se tratava. Era uma simples entrevista, com o fim de trocar umas impressões, para resolver um assumpto importante. A mulher com quem tinha de fallar não era uma creatura banal. Pelo contrario: era uma senhora distincta, da boa sociedade, e honesta.

— Ah! — repetiu D. Philomena.

E Fernando acenava affirmativamente, a confirmar o que dissera.

— Mas, nesse caso — accrescentou ella — e se for da sua vontade, ponho o meu quarto á sua disposição. Sempre é mais bem arranjadinho, não é verdade?

E como observasse que esta solução era do agrado de Fernando Correia, ajuntou:

— Sim, sim! E' melhor! Até para que ás vezes, por um acaso, não vá apparecer o meu inquilino. Não haveria duvida, que tudo se harmonisaria... mas, pelo sim e pelo não, é preferivel evitar esses percalços...

Combinadas assim as coisas, e depois de mais uns momentos de palestra, Fernando despediu-se de D. Philomena, a qual, por sua parte, necessitava de ficar só, para se azafamar na melhor disposição dos aposentos:

— Então, até logo, minha senhora... — disse elle.

— Até logo, senhor doutor. Quando vier, já sabe...

Podem entrar logo para o meu quarto ; a chave fica na porta . . .

— Muito obrigado !

E, descendo a escada, Fernando dirigiu-se immediatamente á Praça, a fim de almoçar. Terminado o almoço, tratou de empregar o tempo pelas livrarias e pelos cafés. A's tres e meia da tarde encaminhou-se para a Rua Mousinho da Silveira, onde se entreteve a admirar os variados objectos expostos nos mostruarios commerciaes.

Alguns minutos antes das quatro, appareceu Maria Josina, trajando um vestido de lã azul escura, e chapéu da mesma côr, com passamanes de escarlate. Fernando, ao divisá-la, abeirou-se d'ella, cumprimentou-a com ligeira commoção, e rapidamente, para não desperdiçar tempo, convidou-a a seguir-lhe o encalço até á rua de Camões, devendo ella entrar na mesma casa em que elle entrasse.

— Está bem ! — murmurou Maria Josina.

E separaram-se, iniciando elle o trajecto que o levaria a casa de D. Philomena. Por vezes, durante o percurso, Fernando voltava-se e olhava para traz, a certificar se de que ella lhe não perdera a pista ; e, quando a distancia a que Maria Josina se encontrava lhe parecia demasida, retardava propositadamente o passo, harmonisando-o com o d'ella.

Dentro de pouco, estavam na rua de Camões ; e, ao chegar á porta da casa de D. Philomena, Fernando Correia estacou uns instantes, olhou novamente para a rectaguarda, como a indicar que era alli ; e enfiou

para dentro do corredor. Poz-se então á escuta, e ouviu distinctamente, inconfundivelmente, os passos de Maria Josina, bastante ligeiros, algum tanto nervosos, que se approximavam, resoando mais perto. E, de repente, o vulto d'ella surgiu, como um relampago, junto do namorado. Vinha offegante, medrosa, comprometida. Fernando, percebendo-lhe o embaraco, fitou-a amorosamente, e esboçou um gesto, para a tranquilisar.

Logo em seguida, ouvia-se vibrar convulsamente a campainha do interior.

— Quem é? — inquiriram de dentro.

— O doutor Correia — respondeu este.

E, subitamente, a porta abriu-se.

IX

Essa manhã de um sabbado de agosto prophetizava, ainda cedo, um dia de calor secco e ardente. Maria Josina levantou-se mais promptamente que o costume, porque uma coisa qualquer a obrigava a fugir involuntariamente do leito, onde se revirava de um lado para outro, como quem se esforça por continuar um somno incompleto ; até que, por fim, convencida da inutilidade do seu esforço, abriu definitivamente as palpebras meio cerradas, e tratou de se vestir. Sentia a cabeça pesada, como se tivesse curtido uma noite de insomnias, e experimentava a intervallos, no lado direito da testa, uma dôr surda, que apparecia e desaparecia com rapidez.

Tal estado physico não a satisfiz como desejaria, e até a enervou bastantemente. Ao almoço, o appetite escasseava-lhe, pelo que ingeriu uma alimentação deficiente; em contraposição, abrazava-a uma sôde insupportavel, que se diria febril.

Voltando para o seu quarto, estirou-se de novo sobre o leito, a ver se poderia compensar, com uma

hora de descanso, o somno tresnoitado que tivera. Descalçando os sapatos, deitou-se vestida, como estava, com um roupão de um tecido muito leve, côr de rosa chá. Os estores descidos coavam uma luz debil, amarelhada, propicia ao recolhimento e ao repouso. Mas o seu estado nervoso, em vez de diminuir, parecia amplificar-se. Vagas de calôr lhe percorriam o corpo, enfraquecendo-o, e obrigavam-na a movimentos continuos, que lhe não davam a quietação a que aspirava. Não era possível sossegar. Uma transpiração calida e abundante principou a importuná-la; e, irritada contra si mesma, ergueu-se, e sentou-se no leito, percebendo immediatamente que, apesar de tudo, ainda se encontrava melhor deitada, estendida sobre a cama, para onde se atirou outra vez, como uma vencida.

Vinha-lhe insistentemente á ideia a entrevista designada para aquella tarde, e que ella phantasiava ainda como uma possibilidade nebulosa. E, pensando nisso, o cerebro começou a afrouxar em actividade; as palpebras escorregaram lentamente sobre os olhos, como premidas por um grande peso; e pouco depois, sem o querer e sem dar por tal, Maria Josina adormeceu, como já lhe havia acontecido noutra situação identica.

Quando acordou, cerca das duas horas da tarde, achou-se regularmente disposta, e principiou a vestir-se, empregando nessa tarefa um esmero inexcedivel, um cuidado rigorosamente observado.

Depois de vestida, lembrou-se do que tinha a fazer, da missão que naquella mesma tarde devia de execu-

tar. E esta lembrança impressionou-a agitantemente, como se lhe houvessem applicado, assim vestida, um banho de chuva.

— Coragem! — repetia a si mesma.

E inteiriçava-se com ousadia, prompta para tudo, com animo de levar até o fim aquella scena dramatica da sua vida.

— E se eu não tiver forças para lhe confessar tudo? — murmurava ella, com a cabeça apoiada sobre a mão esquerda, e a vista estacada, ao mesmo tempo que mordida com os dentes muito brancos o labio inferior.

— Se não tiver coragem. . .

E, depois de se interromper uns momentos, acrescentou:

— Mas hei-de ter!

Antes de sahir, Maria Josina procurou a mãe, para lhe dizer que tinha de ir á modista, por causa das modificações que esta devia executar nos vestidos que lá estavam.

— Queres que vá contigo, filha? — perguntou D. Maria Telles.

— Não é preciso, mamã; está bastante calor. . . e póde fazer-lhe mal. . .

E as duas mulheres beijaram-se, consoante o costume, com toda a naturalidade, com o maior sangue frio d'este mundo.

No momento em que Maria Josina chegou á rua Mousinho da Silveira, e deu com os olhos em Fernando, sentiu-se bem disposta e satisfeita, como se estivesse alheada do fim que alli a conduzira. Porém, quando

elle lhe falou na casa da rua de Camões, onde deviam encontrar-se, Maria Josina estremeceu de subito, quiçá por um instincto natural. Apesar d'isso, como fôra ella propria quem exigira a entrevista, e quem lhe estabelecera as condições, o caso não encerrava nada de extravagante, nem podia qualificar-se de delictuoso. Até achava bem que Fernando tivesse escolhido uma casa na cidade, de preferencia a qualquer outro ponto isolado, que mais facilmente podia notar-se.

Em vista do que, Maria Josina acolheu de bom grado as indicações de Fernando, resolvida a cumpri-las com escrupulo, como se fossem ordens recebidas. E se, na verdade, se apresentava algo vexada quando transpoz a soleira da casa de D. Philomena, não foi por effeito de qualquer apprehensão má que a perturbasse, mas sim e unicamente pelo receio, aliás justificado, de poder ser vista e conhecida por alguém.

Apenas se abriu a porta de vidros, Fernando principiou a subir a escada, á frente de Maria Josina, que o seguia. Em cima, ao fundo do pateo, a creada indicou áquelle os aposentos de D. Philomena, que eram alli no primeiro andar, e defrontavam com a rua.

Maria Josina, occultando tanto quanto possivel o rosto, entrou adiante, protegida pela escassa luz que havia no corredor. E, quando já estavam ambos dentro, ouviu-se á porta a voz de D. Philomena, que vinha perguntar se careciam de alguma coisa.

— Não é preciso nada, minha senhora... — respondeu Fernando, entre-abrindo um dos batentes...

— Se fôr necessario... é só dizer... Faça de conta que está em sua casa...—insistiu D. Philomena, que se retirou, depois de o hospede lhe haver testemunhado novos agradecimentos.

Os aposentos de D. Philomena compunham-se de uma sala grande com duas portas de sacada voltadas para a rua, e de um quarto ou saleta, que communicava com a primeira, por uma especie de arco abatido, onde se dependurava um largo reposteiro de tecido avermelhado.

Na sala grande existia o principal mobiliario: uma commoda antiga, com ornatos de metal amarello nas gavetas, e coberta de quinquilharias; uma secretária pequena, tambem antiga, de pau preto, com pés torneados, sobre a qual se encontravam caixas de varios tamanhos e feitios, e alguns numeros já atrazados de revistas francezas, que alli haviam sido deixados por um locatario negligente; uma meza rectangular, sobre o escuro, protegida por um pano de linho crú, bordado a côres, em que se viam umas jarras de porcelana branca, com desenhos dourados, mas sem flores. Depois, a cama á franceza, de nogueira, resguardada por uma colcha branca, de algodão; seis cadeiras com assentos de palha; varios quadros pelas paredes; e dois tapetes oblongos no soalho. Na saleta contigua estavam o lavatorio de pedra marmore, e dois guarda-roupas de castanho, sem portas de espelho. Emfim: um amal-gama de mobiliario, que immediatamente denotava uma acquisição longa e trabalhosa, de envolta com os gostos archaicos da sua actual proprietaria.

Logo que Maria Josina se viu dentro de taes aposentos, deixou-se ficar em pé, como se a dominasse um certo medo de se familiarisar com aquelles moveis, de apparencia tão extranha. Mas Fernando, offerecendo-lhe uma cadeira, sobre a qual ella se deixou cahir como esfalfada, predispoz as coisas, iniciando com muita naturalidade uma conversação preambular. E, assim, principiou a contar-lhe o motivo porque tinha escolhido aquelle local, visto como era, de entre muitos, o que lhe parecera mais adequado e seguro. Que a D. Philomena era uma senhora que elle conhecera em tempos, quando estudante, e de quem até havia sido hospede; por isso, estava alli como familia da casa, pois que D. Philomena sempre lhe guardára uma affeição muito especial; e a prova estava em que a boa senhora, que era muito seria, lhe cedera aquelles aposentos, que eram até os do seu uso pessoal, tendo apenas bastado que elle lhe dissesse que precisava de realizar uma entrevista, num logar de confiança, para se resolverem uns assumptos importantes.

Maria Josina ouvia, meio distrahida, estas explicações, sem que lhes ligasse aquella attenção que da sua apparencia era licito deprehender. O em que ella sobretudo pensava, era que tinha vindo alli para fazer umas confidencias de character tão melindroso, que nem atinava com a forma de lhes dar começo.

Mas, depois de um curto silencio, Fernando antecipou-se a pôr o dedo sobre a ferida:

— Então já sei que ante-hontem não quiz dizer-me

nada. Tinha razão! O sitio não era proprio para questões tão graves, como evidentemente são as nossas...

E desfrechou uma risada franca, que Maria Josina acolheu, fixando os olhos no tapete.

— Aqui, porém, não ha quaesquer inconvenientes — proseguiu elle, retomando o serio — ; não ha testemunhas que nos escutem, não ha curiosos que nos perturbem. Teremos tempo de conversar muito, de trocar as nossas impressões e de confessar um ao outro tudo quanto sentirmos cá dentro da alma...

Maria Josina permanecia sem responder, e elle continuava:

— Não é assim, Maria Josina? Não é verdade que hoje havemos de nos desforrar do silencio que tem existido entre nós, ficando completamente declarado o nosso amor, e esclarecendo-se o mais pequeno equivoco?

E a filha do Telles da Silveira, sem proferir uma palavra, enxugava os olhos com um lenço que tirara da bolsa. Fernando, assustado, interrogou-a:

— Mas que é isso? Que significam essas lagrimas que já de outra vez lhe vi chorar? Existe, porventura, alguma difficuldade que seja capaz de impedir que nos amemos? Que importa? Seja qual fôr o obstaculo, havemos de vencer, porque eu, Maria Josina, não penso em mais ninguem, jamais poderei amar a outra mulher senão a si!

E, como ella se não acalmasse, elle implorou:

— Maria Josina! Não chore, porque essas lagrimas são para mim uma fonte de tristeza! Que tolice!

Qual póde ser o motivo que a obrigue a chorar? Evidentemente, uma coisa sem importancia... Por acaso, oppõem-se seus paes ao nosso casamento? Animo! Responda-me, se é minha amiga...

— Não! — murmurou ella lacrimante. — Não se oppõem...

— Então que difficuldade póde haver? Que ha li que possa obstar a que sejamos um do outro? Levanta-se porventura qualquer estorvo, tão forte que nos contrarie? — perguntou Fernando, com modos intimativos.

E Maria Josina, encolhendo-se toda, como se quizesse esconder-se de si mesma, respondeu afinal:

— Ha!

E, seguidamente, entrou a soluçar, tremendo como uma grande creança, sem dizer mais uma palavra, sem exprimir o mais ligeiro pensamento.

Fernando Correia, espantado, boquiaberto, olhava-a com surpresa, sem conseguir adivinhar qual a difficuldade a que ella alludira, qual a sorte de estorvo que entre ambos se interpunha, capaz de originar aquella scena de lagrimas. Movido á piedade, levantou-se da cadeira em que estava, e foi sentar-se mais perto d'ella, pondo-se a acarinhá-la com amor, a fallar-lhe com ternura, para ver se lhe arrancava uma palavra que o elucidasse, que o orientasse, no meio d'aquelle mysterio verdadeiramente feminino. Porém, quanto mais carinhos lhe prodigalisava, tanto mais ella se desfazia em pranto, num pranto abafado que a suffocava, e lhe fazia perder todas as energias. E, então, Fer-

nando principiou a amimá-la mais livremente, aconchegando a si o busto d'ella, e apertando-o depois, com paixão, com nervosismo, entre os seus braços tremulos, cheio de sensações exaltadas.

Maria Josina, aparentemente alheada de si mesma, abandonava se languidamente n'aquelles braços, como o arbusto agoitado pelo vento se encosta á arvore altiva e dominadora. Fernando agarrou no corpo d'ella, que lhe parecia tão leve, e pousou-o docemente sobre os joelhos, cobrindo-lhe os cabellos de beijos ardentes, repetidos. Depois, poz-se a fitá-la com uma suavidade infinda, como se quizesse transfundir nos olhos d'ella toda a sua alma de apaixonado. E Maria Josina, encontrando com os seus aquelles olhos ardentes e endoidados do homem a quem tambem amava perdida, esboçou um sorriso suave que parecia significar, ao mesmo tempo, alegria e assentimento.

Este sorriso acabou de o transtornar por completo ; e, assaltado por um desejo feroz, dominado por um appetite irresistivel, lascivo, repleto de uma sensualidade tanto tempo reprimida, — Fernando prostrou-a sobre o leito branco de D. Philomena, e, alli mesmo, sem que ella desenhasse um simulacro de resistencia, como um desvairado, a conheceu...

Quando tudo estava consummado, Fernando levantou-se com um olhar espantadiço e vago, similhante ao do endemoninhado da «Transfiguração» de Raphael. Ergueu-se lentamente, como se tivesse receio de acordar alguem que dormisse naquelle leito, onde acabava de cevar os seus instinctos de homem.

Comtudo, Maria Josina não dormia. A cabeça occulta entre as mãos, ella sentia sobre o coração um silencio de chumbo, que a terrificava, que lhe punha arrepios friolentos em todo o corpo, e a fazia tremer como um vime, batido pela nortada agreste, em noite gelada de Dezembro.

No meio d'aquelle silencio, Fernando tinha a voz presa, não sabendo o que havia de dizer. Elle quere-ria fugir d'alli para fóra, deixando-a sozinha, para nunca mais lhe apparecer, para nunca mais se volta-rem a fallar. Mas isso era impossivel. Já agora, era preciso levar a peça até ao fim, sorver o amargo até á ultima gotta.

— Maria Josina! — chamou elle com voz sumida. São horas... Está-se talvez a fazer tarde...

Mas ella não se mexia, não dava signal de si, a não ser pelos movimentos respiratorios da caixa tho-racica, que se lhe reflectiam no busto saliente. Um tanto perturbado, com medo de que a tivesse acom-metido qualquer syncope, Fernando abeirou-se d'ella, sentou-se a seu lado, e começou a chamá-la branda-mente, com uma certa affabilidade, que a sugges-tionou:

— Que quere? — respondeu ella, muito de man-sinho.

— Estás incommodada? Não estás bem?

— Não... Não tenho nada... — murmurou.

— Então levanta-te! São horas! — insistiu Fer-nando.

Maria Josina ergueu-se como a custo, vagarosa

mente, e sentou-se na cama, com uma expressão de triste incerteza no rosto. Fernando permanecia immovel, junto d'ella, acabrunhado, e apertando a cabeça entre as mãos, numa attitude de reflexão profunda.

— Que tem? — perguntou a filha do Telles, já pezarosa de o ver naquelle estado.

— Tambem não tenho nada!... — respondeu Fernando, seccamente, com uma accentuação malevola.

Então Maria Josina, ferida pela rispidez da phrase, mordeu os beiços, numa irritação que não pôde reprimir; e, resolvida a pôr as coisas nos seus devidos termos, considerando-se beliscada na propria honra, exactamente por aquelle a quem desejaria confiar a sua defesa, encarou em Fernando com altivez, quasi provocantemente:

— E' curioso, não é assim? — perguntou ella, com dolorosa energia.

— Não sei o quê... — volveu Fernando, meio aturdido pelo desdem flagrante da interrogação.

— Sei eu! — exclamou a filha do Silveira—E' curioso que uma mulher, como eu, tenha vindo a esta casa... para afinal se entregar a um homem que a procurava para casar... Depois do que acaba de acontecer, talvez o senhor esteja inclinado a suppor de mim aquillo que jamais alguem suppoz. Pois se assim o julga, engana-se redondamente!

E, com muita calma, proseguiu:

— Vim hoje aqui, meu bom amigo — permitta-me ao menos que lhe dê este nome — por uma questão de honra! Ha cêrca de dois annos, que um homem qual-

quer, um homem que hoje não representa absolutamente nada para mim, abusou da minha innocencia, pela primeira e unica vez. Eu era ainda uma creança, inexperiente, desconhecedora das traições da vida; nessa occasião, não via outro amor senão aquelle que me seduziu, aproveitando-se da minha ingenuidade para conseguir os seus intentos. Depois... esquecemo-nos por completo. Não nos tornamos a ver. Esse homem desapareceu da minha ideia... assim como decerto eu desapareci da memoria d'elle. A triste recordação da minha desgraça fez com que eu resolvesse não me importar mais com outro homem, que poderia fazer-me soffrer tanto ou mais do que o primeiro. Desisti de amar...

E, enxugando os olhos, continuou, com melancolica serenidade:

— Mas, um dia, veio-me o aborrecimento, uma especie de saudade, um mal estar, causados por aquella condemnação perpetua, que eu me tinha imposto a mim mesmo, de viver sempre só, sem amar mais ninguem... Reagi! E, pensando que tudo não estaria ainda perdido, decidi-me a abandonar aquella solidão em que me concentrára, e a viver um pouco mais para fóra de mim... Foi então que conheci um segundo homem... Depois de o conhecer, assaltou-me novamente o receio de ser infeliz, e desejei intimamente afastar-me d'elle. Impossivel! A minha alma, o meu corpo, todo o meu ser tendiam para elle, com uma força que me não deixava resistir. Soffri immenso: e, torturada, atormentada por mil apprehensões, fui ouvir a opinião de uma alma

grande que, ao que parece, pretendeu consolar-me. Ensinou-me que, acima da virgindade do corpo, estava a dignidade do espirito; e que, se eu conservava esta, podia julgar-me compensada pela falta da primeira. Que havia homens que estimavam sobretudo aquella dignidade moral. E, por isso, aconselhou-me a que revelasse todos os segredos do meu passado áquelle que pela segunda vez dizia amar-me, e que aguardasse serenamente a sua decisão. Mas eu não tive coragem para executar esse conselho. A minha bocca não se atrevia a abrir-se, para contar a outrem uma coisa que a mim propria me envergonhava...

E, cheia de energia, Maria Josina accrescentou:

— E então... resolvi entregar-me a esse homem, sem resistência, sem defesa, para que elle ficasse a conhecer-me... Entendi que tambem havia honra em eu mostrar assim, ao segundo homem a quem amava, a deshonra que outro, antes d'elle, me tinha infligido. E foi por isso que eu vim aqui... a esta casa... sózinha... quasi com a certeza de que lhe ia pertencer... porque esse homem era o senhor... Agora... sinto-me tranquilla, por o ter desenganado; por lhe ter respondido ás dolorosas perguntas e propostas que me fazia; emfim, por ter cumprido o dever de lhe denunciar a minha falta, jogando, talvez covardemente, aquella dignidade moral que tanto me exaltaram...

— Mas que infelicidade a minha! — murmurou Fernando, a meia voz...

— Infelicidade... porquê? Porventura, não sou

eu a infeliz? Não tenho eu sido a victima, no meio de todos estes acontecimentos? — replicou ella excitada.

— A victima! — exclamou Fernando, num desalento torturante—E eu, que havia tanto tempo sonhava com uma companheira digna do meu amor, encontro-te a ti... depois de haveres pertencido a outro! Ah! Como são as mulheres!

E, furioso de ciume, cobriu a phrase por uma risada escarninha, gelada, desprezadora.

— Mas quê? — redarguiu Maria Josina, num accesso de raiva — Se entende que lhe não sirvo, que não sou digna do seu amor, como acabou de dizer... o remedio é bem simples! Cada um de nós continuará o seu caminho, como se não tivéssemos tido este desvio que aqui nos trouxe... Ficam-nos ainda esses direitos! Pois seja assim!

E levantando-se com sincera resolução, concluiu:

— Vamos embora! E' urgente separarmo-nos... o mais depressa possível!

Fernando, numa postura meditativa, não esboçava um gesto, não pronunciava uma só palavra. Com os dedos enterrados nos cabellos desfeitos, parecia estranho a tudo quanto se passava. E Maria Josina, sem o fixar, principiou a aviar-se, compondo os vestidos, ageitando o penteado ao espelho, e, por fim, collocando o chapéu; depois, abrindo a pequena saca de mão, tirou della um estojo de celluloide branca, e acariciou as faces com a pluma de arminho do pó de arroz; e, quando já estava prompta, sentindo-se indignada pelo mutismo d'aquelle homem que apparen-

tava não ter coragem para levantar a cabeça, repetiu :

— Vamos ! São horas ! Pelo menos, queira fazer o favor de me acompanhar até á porta, se é que tenciona demorar aqui mais tempo . . .

Fernando Correia, silenciosamente, levantou-se. Arranjando-se, poz o chapéu e tomou a bengala. Mas, reparando no desalinho do leito, tratou de concertar a roupa, para que dêsse a impressão de que ninguém se havia utilizado d'elle . . .

Entretanto, Maria Josina, perto de uma vidraça, olhava, atravez do rendilhado dos estores, para as casas fronteiras, meio encobertas pelas folhas dos platanos . . .

E, no fim, sem dizerem mais qualquer coisa, desceram a escada. Junto á porta da rua, Fernando alvitrou :

— E' melhor ires adiante !

— Pois sim ! — respondeu ella, sem o fitar.

E quando Maria Josina já ia para sahir, elle travou-lhe de um braço, obrigando-a a voltar-se. Os olhares de ambos entrechocaram-se de novo, exprimindo uma linguagem identica áquella em que, pela primeira vez, se tinham encontrado na provincia, quando fôra o baile do Clube . . . Purpureando se, ella baixou rapidamente os olhos, como humilhada em frente d'aquelle homem que a tinha possuido ; e elle, cingindo-a pela cintura, num movimento espontaneo, como se tivesse receio de que ella lhe fugisse, depoz sobre

os seus labios vermelhos um beijo voluptuoso, cheio de paixão e delicia.

Em seguida ao que, se apartaram, num fremito de amor, sem trocarem entre si qualquer outra palavra...

X

Só depois de Maria Josina se haver retirado, é que Fernando Correia se recordou de que ainda tinha de ir apresentar os seus agradecimentos á prestavel senhora que lhe cedera os proprios aposentos. D. Philomena ignorava que a creatura com quem Fernando devia fallar, já tivesse sahido.

— Sahiu agora mesmo — explicou elle.

— E então? — inquiriu naturalmente D. Philomena.

Fernando deu aos hombros, indicando que não havia acontecido nada que merecesse referencia.

— Correu bem, não é verdade? E' o que se quer... — concluiu ella, percebendo que não devia insistir.

Após alguns momentos de palestra, Fernando entrou no capitulo das despedidas; e, mostrando-se novamente reconhecido, depoz, com toda a polidez, uma nota de dez mil reis entre as mãos de D. Philomena, que, com fingido desinteresse, protestava que não era preciso nada, pois tinha immenso prazer em lhe ser agradavel. E, guardando a nota na algibeira, repetia :

— E' quando o senhor doutor quizer... Já sabe que estou sempre ás ordens...

Fernando, muito penhorado, apertou amigavelmente a mão ossuda de D. Philomena, e sahiu. Mal se viu na rua, em contacto com a vida real, começou a aperceber-se verdadeiramente de tudo quanto lhe acontecera. E na sua imaginação estabelecia-se, com nitidez, um flagrante contraste. De um lado, a figura insinuante de Maria Josina, graciosa, educada, altiva, adoravel como mulher, ideal para companheira e esposa. De outro lado, o seu corpo gentil, mas já profanado por um homem que a havia possuido em primeira mão, que a tinha estreitado entre os seus braços, como elle ainda pouco antes fizera, e que, com certeza, lhe havia cobrido as faces de beijos quentes, apaixonados, delirantes, como são os primeiros beijos que se dão numa mulher, quando ella pertence a um homem pela primeira vez...

E, ao pensar nisto, Fernando sentia-se como endoiçar, vencido por uma magua immensa, roído por um ciume que o escaldava e lhe fazia revolver o sangue em todo o corpo, excitado por uma colera intransigente. E, sem murmurar uma palavra, mordía os dentes com um desespero medonho, como para attenuar os effeitos de uma grande dôr physica, intoleravel. A's vezes, como um perdido, zigiguezagueava na rua, atravessando de um para outro passeio, á tôa, sem reflectir, sem ter a noção do que fazia. E censurava-se a si proprio, por haver sido ludibriado nas suas

illusões, por ter acreditado, durante muito tempo, que aquella mulher era digna de vir a ser sua esposa.

Desanimado, tirava conclusões extremamente ousadas sobre as mulheres, avaliando-as todas pela mesma feira, observando-as pelo mesmo prisma; e, sem consciencia exacta do que dizia, rosnava, por entre os dentes, imprecações immoraes, verdadeiramente anarchicas, proprias de um desilludido. Depois, querendo dominar-se, conhecendo que estava sob a influencia de um accesso de exaltação indiscutivel, aconselhava-se intimamente sossego, tranquillidade.

— Vamos a pensar como deve ser, a examinar serenamente a situação... — dizia.

E então, ponderando as coisas sob um aspecto diverso, assentou finalmente em que até podia felicitar-se, por a filha do Telles da Silveira ter já pertencido a outro homem, e não estar nas condições de servir para sua propria esposa.

— Tanto melhor! — exclamava — Não me casei! Posso continuar a vida que tenho tido até aqui, sem preocupações nem canseiras, divertindo-me conforme entender, sem estar sujeito á fiscalisação de quem quer que seja...

E a seu modo, regosijava-se de que o acaso lhe tivesse deparado uma mulher sem honra, pela primeira vez em que estivera decidido a casar-se...

— Será minha amante! — proseguia elle — Uma amante esplendida... como nunca poderia encontrar melhor...!

E, ardendo em lascivia, afigurava-se-lhe que a ti-

nha outra vez nos braços, no meio de uma onda de voluptua, de sensualidade sublimada. . .

De sorte que, como derradeira conclusão de todos aquelles devaneios, Fernando repetia comsigo mesmo, numa accentuação de triumpho:

— Será minha amante!

Ao dizer isto, assomava á Praça, onde acabava de chegar, sem se recordar de qualquer outro ponto intermediario. Como fossem horas de jantar, entrou no restaurante, pois sentia necessidade de refazer energias gastas. E quando sahiu, continuou a raciocinar sobre a «sua emprêza», como já lhe chamava.

A ideia de Maria Josina vir a ser sua amante tornava-se cada vez mais agradável, e constituia, por assim dizer, o fulcro de toda aquella aventura. De conformidade com tal projecto, o ciúme violento que o assediara, se não tinha desaparecido de todo, estava pelo menos muito attenuado.

— Para amante servia. . . — pensava elle, contemporisador.

E cheio de audacia, como todo o homem que conhece bem o terreno que percorre, deliberou ir visitar, no dia immediato, os Telles da Silveira, á Avenida da Boa Vista. Com esse plano adormeceu, almejando que a manhã reapparecesse, para o executar. Porém, ao levantar-se, tal resolução pareceu-lhe, á primeira vista, disparatada e inoportuna. Mas, pouco depois, reflectindo melhor, chegava a conclusão contraria. Os Telles da Silveira não tinham motivo para extranhar a visita, embora inesperada, visto que já eram decor-

ridos bastantes dias desde que se haviam retirado da provincia, sem se tornarem a ver. Maria Josina, posto que desprevenida, teria o bom senso de se não denunciar. E, por causa d'ella, era até absolutamente necessario que elle fosse a casa do Silveira.

A forma como se tinham separado na vespera havia sido tão exquisita, que não seria desvantajoso extinguir a desagradavel impressão que poderia ter ficado de tal despedida. E, a fim de se defrontar com ella, Fernando estudava antecipadamente a maneira de proceder, a attitude a tomar. Seria de uma amabilidade extrema, não ligando importancia ao pormenor que tanto o preocupára no acto da posse. Fazendo assim, conseguiria, evidentemente, que ella lhe concedesse tantas entrevistas quantas elle quizesse; e, com o decurso do tempo, Maria Josina seria, sem o querer, aquillo que elle desejava que ella fosse: uma amante obediente, meiga, e, ainda por cima, agradecida...

Por tudo isto, assentou em que era mister ir a casa de Maria Josina. E foi. Os Silveiras acolheram-no com requintes de amabilidade, talqualmente como na provincia, embora com mais um pouco de cerimonia, talvez por causa da luxuosa decoração do palacete em que viviam.

Maria Josina, quando viu apparecer Fernando em sua casa, experimentou uma commoção forte, receando que elle fosse capaz de se trahir, ou pelo aspecto ou pela linguagem, instigado pelos ciumes revelados no dia anterior. Mas a breve trecho se desilludiu, porque Fernando apparentava a maior serenidade, manifes-

tando até um certo contentamento. Este modo de proceder surpreendeu-a e deixou-a indecisa, sobresaltada, por ignorar os verdadeiros motivos d'aquella transformação. Dar-se-hia o caso que Fernando houvesse reflectido, e se resolvesse, apesar de tudo, a casar com ella? E esta ideia, posto que duvidosa, insuflou-lhe um tenue sentimento de esperança, fazendo-a sonhar dias melhores, architectando venturas que decerto jamais havia desfructado.

Na realidade, ella tinha pertencido a dois homens. Mas essa circumstancia nem sequer lhe descobrira a felicidade material, não a tinha posto ao corrente dos segredos que phantasiava, mas que ainda desconhecia. A entrega que fizera do seu corpo, apenas em dois momentos da sua vida, fôra tão rapida, tão passageira, tão nervosa e tão infeliz, que não lhe dera margem a saborear qualquer prazer, quaesquer alegrias, como deviam de ser as que ella idealisava, quando gosadas tranquillamente, no remanso de um lar.

Mas afinal, em boa verdade, Maria Josina não sabia ao certo qual a ideia de Fernando, qual a natureza dos seus projectos; e então ficava silenciosa, scismadora, interrogando o futuro, querendo adivinhar os destinos que a sorte lhe reservava. Nesse mesmo dia tiveram ensejo de se fallar, e de mutuamente conhecerem as impressões que os occupavam. Foi no jardim, naquelle mesmo jardim onde tambem estivera Julio de Moraes, do qual ella agora já nem se lembrava... tanta era a força do pensamento que a impellia para Fernando Correia. Começaram por phrases triviaes,

muito curtas, a que ella respondia quasi exclusivamente com monossylabos. Mas Fernando ardia em desejos de tocar no ponto essencial da questão:

— Então... quando nos tornamos a vêr? — perguntou elle, com um sentido reservado...

— Quando quizer... Como sabe, a nossa casa está ás suas ordens... — respondeu ella, fingindo não o ter percebido.

— Não... não é isso. Quando é que nos voltamos a encontrar... como hontem? — explicou Fernando.

Offendida pela brutalidade da pergunta, Maria Josina córou profundamente, e, em seguida, endireitou o busto, num gesto de obstinada rebeldia; e após um silencio, que a pouco e pouco se tornava insupportavel, respondeu altivamente:

— Como hontem... nunca mais!

Estas palavras foram como uma bofetada que attingiu Fernando Correia em plenas faces.

Repentinamente, elle interpretou o que significava aquella resposta, proferida de maneira tão orgulhosa e independente; percebeu que aquillo constituia, da parte de Maria Josina, a vontade muito decidida e muito energica de se recusar a ser sua amante. Por consequente, todos os seus planos cahiam pela base, desbaratados pela simples phrase de uma mulher que lhe tinha pertencido... que se lhe havia entregado!

Suprema ironia! Quando elle, por assim dizer, a não desejava ardentemente, tinha-a usufruido, sem difficuldade, sem trabalho, sem lucta; e agora, que com vehemencia ambicionava renovar o acto da posse

(o que, aliás, lhe parecera bem fácil), via que ella se revoltava contra essa pretensão, firmemente resolvida a não lh'a satisfazer !

E perante aquella recusa formal, Fernando voltava a phantasiá-la deante si, tal como na vespera, estreitando-a entre os braços, sentindo-lhe o arquejar do peito, beijando-lhe soffregamente os olhos humedecidos, louco de amor e de felicidade ; e, naquelle momento, em que ella estava tão perto de si, não podia saciar o desejo fervente que o roia e que o extenuava... num supplicio igual ao de Tântalo, mergulhado em agua e morrendo á sêde.

Desesperado, quasi furioso, sem contudo exteriorisar esses sentimentos que o deviam humilhar aos olhos d'ella, Fernando engulia em secco, parecendo-lhe que as palavras lhe ficavam entaladas na garganta. Por fim, com grande esforço, sempre ousou perguntar-lhe :

— Mas porquê ?

E esperou, confiado em que, com uma troca de explicações, lograria obter d'ella a promessa de aquiescer aos seus desejos. Mas ella, com a mesma serenidade, com a mesma altivez, redarguiu pausadamente, com palavras frias e decisivas :

— Porque sim !

E, depois de uns segundos, concluiu, quasi formalizada :

— Se me quere fazer um grande favor... não fallemos mais nisso !

Ouvindo esta replica, Fernando sentiu que todas

as suas energias de homem lhe fraquejavam. Já tinha vontade de prolongar o dialogo, entrando em minudencias, implorando explicações. E se, por acaso, ella viesse a dizer-lhe terminantemente e claramente que não queria ser sua amante, talvez elle se acobardasse a ponto de se rojar aos pés d'ella, disposto a tudo quanto ella ordenasse, contanto que volvesse a pertencer-lhe...

Mas o seu brio de homem, ou melhor, a sua vaidade irritada, pôde, naquelle momento, resistir á violencia do desejo. E por isso, luctando contra si proprio, absteve-se de pronunciar qualquer outra palavra, concentrando-se num mutismo que se diria feroz.

Afinal, averiguando que aquella situação se tornava compromettedora, certamente desairosa para o seu temperamento, mudou de assumpto, e declarou que ia retirar-se.

— Então não fica para jantar connosco?—inquiriu Maria Josina, com uma tal ou qual affabilidade.

— Não posso! — terminou elle seccamente.

E despedindo-se, Fernando Correia sahiu d'aquella casa, depois de ter explicado aos Telles da Silveira que devia aviar uns negocios muito urgentes, que o impossibilitavam de demorar.

XI

Maria Josina, perante a sahida imprevista de Fernando Correia, comprehendeu logo que este se retirava irritado, por causa da altivez com que ella lhe respondera. Mas como já estava decidida a abrir definitivamente um caminho na vida, não quiz retroceder, e assistiu impassivelmente á despedida.

O seu temperamento feminino enrijecera-se, mercê da influencia de um orgulho muito vivo, ao pensar que aquelle homem a desejava para amante, e comtudo a desprezava para esposa. Por isso, resolvera manter-se firme e inabalavel, quanto ao procedimento delineado para com Fernando. E tal procedimento era perfeitamente logico. Ella havia-se-lhe entregado, não por um delirio de paixão, mas unicamente porque tinha querido que elle se assenhoreasse bem de todos os segredos da sua vida passada, a fim de a considerar depois mais digna do seu amor. Mas, infelizmente, Fernando não a havia comprehendido, por isso que, mostrando a intenção de a conservar como amante, dava a perceber que interpretava o acto da entrega como uma pura leviandade.

Isto revoltava-a e indispunha-a contra o segundo homem a quem amára, e que, apesar de tudo, ainda amava. E reflectindo bem sobre todas as circumstancias d'aquelles dois dias, Maria Josina chegou á conclusão de que, na realidade, o segundo amor se frustrara exactamente como o primeiro.

Esta — pensava ella — era a ultima das illusões que se desfazia como um sonho, e que lhe não dava vontade de se aventurar a qualquer outra. Emfim, estava condemnada! O Padre Raphael, fallando-lhe numa outra virgindade differente da que ella havia perdido, denotava bem que não conhecia os homens nem o mundo, e que só via este, deformado pela luz muito diaphana da sua consciencia tranquilla. Finalmente, ella tinha de optar: ou determinar-se a ficar toda a vida num isolamento cruel, ou então ser aquillo que Fernando desejava que ella fosse, comprando a occultas uns pedaços de amor!

Viver só! Não poder gostar, como tantas outras, as delicias de um affecto cheio de ternura, não poder sentir atravez do corpo as vibrações fortes de um amor sinceramente compartilhado!

Ser amante de um homem! Isto seria admissivel, se, ao menos, ella lograsse viver permanentemente ao lado d'elle, vendo-o a todo o momento, respirando juntos a mesma atmosphaera inebriante, sem difficuldades que a inhibissem de realisar o seu sonho, sem estorvos que a afastassem da felicidade de um amor calmo.

Mas não! Pela força das circumstancias, Maria

Josina teria de ser uma amante escondida, encontrando-se raras vezes com Fernando, sujeita a toda a especie de receios, frequentando, como no dia anterior, casas que não conhecia! E esta ideia repugnava-lhe, desconjunctava-a intimamente. Por tal motivo, indecisa, sem calcular o que devia fazer, lembrou-se de ir procurar de novo ao Padre Raphael, a vêr se este seria capaz de a libertar d'aquelle pesadello, solucionando-lhe a difficuldade de tão duro problema. Mas, naquella occasião, já era tarde, era impossivel encontrá-lo, e por isso viu se obrigada a esperar pelo dia seguinte, a fim de dar cumprimento a esse novo desejo que lhe acabava de nascer.

Em todo o caso, a simples ideia de que Padre Raphael poderia talvez fazer qualquer cousa por ella, tranquillizou-a bastante. Havendo soffrido successivamente tantas desillusões, Maria Josina semelhava-se áquellas desgraçadas creaturas, que já se satisfazem apenas com o pensamento de que é mister demorar algum tempo para que lhes bata á porta nova desillusão. E confiando, assim, no desconhecido, a filha do Telles conseguiu passar razoavelmente a noite, e retemperar, num somno tranquillo, as forças physicas que a excitação de uma fina sensibilidade lhe fizera perder.

Por sua parte, Fernando Correia, depois de apresentar as despedidas aos Telles da Silveira, como não tivesse mais nada que o obrigasse a permanecer no Porto, voltou para casa. O contratempo que lhe havia succedido arreliára-o intensamente, alterára-lhe

os nervos, e originára-lhe uma irritante dôr de cabeça. Elle sentia a necessidade de estar só, na sua aldeia, no meio d'aquelles pinheiracs tão seus conhecidos, isolando-se, para poder decidir-se a orientar-se.

Nesse mesmo dia á noite foi passear sozinho por uma estrada fóra, com a esperança de descortinar uma resolução. Nos primeiros momentos, encontrava-se de tal maneira excitado, que se vingava em fumar cigarros successivos, quasi sem intervallos. Desejava abstrahir-se, para reflectir, mas tinha o espirito tão embaraçado, que nem sabia por onde começar. Venia-o a indecisão que empolga os individuos cheios de trabalho, mas dotados de uma vontade pouco tenaz. E só muito lentamente, é que aquella perplexidade inerte foi desaparecendo, como uma bruma que os raios do sol a pouco e pouco afugentassem.

Lembrou-se de Maria Josina, a quem agora amava doidamente, perdidamente. Naquella hora solitaria, Fernando daria tudo, se a pudesse ter alli a seu lado, conversando com ella, ouvindo-lhe a voz meiga e encantadora. Depois, como se isto fosse uma realidade, elle murmurava comsigo mesmo coisas apaixonadas, para ella escutar. A phantasia aquecia-se-lhe a ponto de reproduzir fielmente a imagem della, trazendo-lhe á memoria coisas que lhe diziam respeito, e, sobretudo, os instantes solemnes da posse; e taes imagens, correndo á doida, multiplicavam-se e desdobravam-se em pormenores voluptuosos e tentadores, fazendo-lhe ver uma epiderme alva como o leite, que renascia mystériosamente por entre tufos de rendas e topes de fitas...

Era forçoso que Maria Josina lhe pertencesse outra vez, que ella fosse d'elle, para sempre! E para a obter, Fernando estava decidido a tudo, absolutamente, incondicionalmente. Seria preciso casar com ella? Pois casaria! E, em boa verdade, por que motivo não havia elle de a esposar? Pelo singelo facto de ella ter entregado a virgindade a outro? Mas isso, pensando bem, era uma bagatella, um incidente sem importancia, visto que, não obstante, ambos se amavam loucamente, delirantemente.

E, repensando melhor no que acabava de discorrer, Fernando não pôde deixar de se mostrar surprehendido, comparando as suas ideias presentes com aquellas que sempre tivera a respeito de mulheres... Elle, que sempre fôra um ciumento, e a quem em todo o tempo repugnara a ideia de casar com uma mulher que já tivesse pertencido a outro, desprezava momentaneamente as velhas theorias, e estava deliberado a calcar aos pés todo esse passado, unindo-se maritalmente á filha do Telles da Silveira!

E para, de certo modo, explicar a si proprio tal contradicção entre o passado e o presente, Fernando perfilhava ainda, em these, a doutrina que sempre sustentara, com a unica differença de que admittia, em alguns casos, uma ou outra excepção. E essa excepção dava-se precisamente com Maria Josina, a quem Fernando excluia da alçada rigorista do seu systema psychologico:

—Ella não é como as outras!—dizia consigo mesmo—Uma mulher como ella, ainda que tenha

pertencido a outro, guarda sempre qualquer coisa de novo, de mysterioso e de attrahente... que a faz amar !

E para justificar cabalmente este raciocinio, Fernando Correia assentava em que Maria Josina não tinha perdido senão uma parcella muito diminuta da sua virgindade, visto que apenas uma vez cahira nas mãos do primeiro homem que d'ella abusou. De certo, não era possivel que ella tivesse ficado completamente privada de uma coisa tão preciosa, por uma forma tão rapida, tão intranquilla, tão alvoroçada. O homem que a desvirgiuzára nem sequer tivera tempo de lhe respirar o perfume, de deixar nella as impressões do seu corpo. Igualmente havia succedido comsigo, que, apesar de a ter desfructado uma vez, era como se tal facto nunca se tivesse dado, tamanho era o desejo que sentia de a possuir novamente, numa posse sossegada e pacifica, que servisse para fundamentar o direito de lhe chamar sua.

E assim, de illação em illação, de raciocinio em raciocinio, Fernando Correia modificava successivamente a sua rigidez doutrinal em questões de virgindade, fazendo correcções e interpretando sentimentos, admittindo uma hermeneutica nova. E quando, já bastante tarde, se resolveu a apagar a luz do quarto de dormir, embalava-o a esperança de regressar o mais brevemente possivel ao Porto, para cuidar do seu casamento com D. Maria Josina Telles da Silveira.

Pela manhã, ao despertar, Fernando verificou que o somno lhe não transtornara a decisão com que

adormecera. Cada vez mais se lhe apresentava, como ponto assente e indiscutível, a sua ligação com Maria Josina. E por conseguinte, era mister restabelecer, sem perda de tempo, a harmonia entre ambos, até para que qualquer demora não vingasse crear, no coração d'ella, sentimentos adversos ao novo sonho da sua já agora imprescindível felicidade. Lembrou-se, pois, de partir immediatamente, a fim de prevenir Maria Josina da determinação que tomara, pedindo-lhe, ao mesmo tempo, desculpa do anterior procedimento que para com ella tivera. Mas, por outro lado, seria conveniente adoptar certas providencias, em antes de lhe dar conhecimento da sua resolução definitiva. Não queria isso dizer que houvesse circumstancias — fossem ellas quaes fossem — capazes de alterar os seus projectos; muito ao contrario, Fernando desejava mostrar que a sua deliberação representava uma coisa certa, infallível, isenta das mais insignificantes duvidas. E assim, quando lhe participasse que estava resolvido a desposá-la, queria simultaneamente noticiar-lhe que já tinha incumbido alguém de proceder á indispensavel cerimonia de a pedir em casamento, de pleno accordo com sua mãe D. Emilia Correia.

Nesta ordem de ideias, resolveu adiar a viagem ao Porto; mas, para que Maria Josina sustasse qualquer medida que pudesse contrariar os seus planos, escreveu-lhe algumas linhas, bastante ternas, nas quaes dizia, em resumo, que necessitava immensamente de conversar muito com ella, para interesse de ambos (e sublinhava esta expressão)—o que faria dentro de

tres ou quatro dias. Após isto, ficou mais tranquillo, como um homem que acaba de fechar um excellente e lucrativo negocio, depois de afastar varios competidores, aliás problematicos. Para Fernando, porém, naquelle estado de espirito em que se encontrava, os concorrentes á mão de Maria Josina afiguravam-se-lhe innumeros, eram de uma existencia mathematicamente certa. Ora a carta que escrevera devia pô-la de sobre-aviso, desviando-a de qualquer ideia que por acaso se destinasse a favorecer os hypotheticos rivacs.

Por isso, depois de estampillar o sobrescripto, Fernando Correia esfregou as mãos de contente, num gesto de verdadeira creancice, improprio do seu saber e da educação do seu espirito.

Mas a verdade é que nem os mais doutos, nem os mais fortes, nem os mais sensatos escapam, em determinadas occasiões, á influencia da eterna loucura humana.

XII

D. Emilia Correia, apesar da senectude precocce que se seguira ao trespasse do marido, conservava toda a lucidez de um espirito penetrante e naturalmente intelligente, e era uma destas creaturas que do pouco deduzem o muito, adivinhando, com o seu coração de mulheres e de mães, os sentimentos dos filhos, mal esboçados nas raras palavras que elles proferem.

Como, em materia de amor, a bocca falla principalmente das coisas de que o coração se satura, Fernando, em conversas com a mãe, alludia bastantes vezes á familia dos Telles da Silveira, e nomeadamente a Maria Josina. E por tal forma se havia, que D. Emilia percebeu, dentro de pouco, que aquella filha dos Silveiras exercia não diminuta preponderancia no animo de Fernando. Um dia em que este se referia, em termos bastantes lisonjeiros, a Maria Josina, a perspicaz senhora não pôde deixar de lhe dizer, com accentuada intenção:

— Mas parece que tu estimas bastante essa filha dos Telles da Silveira . . .

E sorria discretamente, como para attenuar o quer que fosse que a sua observação tivesse de ousado.

Fernando, levemente surprehendido, não encontrou uma phrase prompta e terminante com que respondesse a sua mãe; e, no meio de uma desorientação natural, apenas conseguiu murmurar estas palavras, mais ou menos contradictorias:

— Não, mamã! Eu estimo-a, é verdade... mas isso não quiere dizer nada...

— Bem sei!—respondeu a mãe—E até acho louvavel que a estimes, se é certo que ella possui todas essas boas qualidades que lhe attribues...

E D. Emilia soube imprimir um propositado relêvo á segunda parte da sua resposta. Depois, a conversa deslisou suavemente, vagarosamente, por iniciativa de Fernando, que evidentemente procurava afastar-se do assumpto. Mas D. Emilia, embora respeitando e comprehendendo a melindrosidade timida da questão, ficou desde logo a conjecturar que Fernando estava mais que captivado pelas qualidades de Maria Josina, por isso que o suppôz verdadeiramente enamorado d'ella.

Após este incidente, D. Emilia e Fernando fallaram mais algumas vezes nos Telles da Silveira, mas sempre de passagem, e sem tocar nos pontos delicados que haviam transparecido da primeira conversação. A bondosa senhora, que conhecia bem o character do filho, confiava neste, entregando ao seu criterio a resolução do problema. Não a atemorizava a ideia de um futuro casamento, porque tinha a certeza de que

Fernando, quando mais tarde ou mais cedo constituisse familia, havia de continuar a dedicar-lhe todo o respeito e todo o amor que sempre lhe consagrara. E se a filha dos Silveiras era a creatura que Fernando idealisava para esposa, D. Emilia recebê-la-hia em sua casa, de braços abertos, como se acolhesse uma parcella d'aquelle a quem mais amava no mundo.

Vice-versa, Fernando Correia presumia que da parte de sua mãe se não devia desenhar o mais pequeno signal de reluctancia, no dia em que elle lhe annunciasse o objectivo das suas intenções. E por isso, depois de escrever a Maria Josina aquella carta, que lhe fôra dictada pela ansia de activar muito rapidamente o seu consorcio com ella, Fernando tratou immediatamente de buscar ensejo para fallar com a mãe, a fim de lhe revelar os designios que, mais do que nunca, o preoccupavam. No fim do almoço, acompanhou-a até o quintal, sentando-se ambos perto de um tanque de pedra, onde a agua cahia continuamente, numa cadencia monotona e invariavel.

Conversaram primeiro de coisas muito serias: a administração da casa, as pensões dos caseiros, os rendimentos das quintas. Depois, Fernando alludiu á viagem que fizera ao Porto, na vespera, explicando que tinha estado em casa dos Telles da Silveira; e, a proposito, asseverou que estes viviam num predio magnifico; «bem se via que deviam de ser muito ricos...»

— Isso não quiere dizer nada... — objectou D. Emilia.

— Não quiere dizer nada? — inquiriu Fernando, que

não tinha percebido bem o sentido das palavras que sua mãe oppuzera.

— Sim! Podem viver num grande predio e não serem ricos... esclareceu D. Emilia.

E então, Fernando desceu á exposição de muitos pormenores, citando factos, historiando coisas passadas, tudo relativo á familia dos Silveiras, e á prospera casa commercial de que o Telles ainda era socio commanditario; e, no fim, tirava a conclusão de quanto havia relatado, demonstrando á mãe, sem sombra de duvida, que incontestavelmente os Silveiras eram possuidores de uma excellente fortuna.

— Afinal nós, graças a Deus, não precisamos da riqueza d'elles... — ajuntou D. Emilia.

— Bem sei, minha mãe... Mas é porque eu queria dizer-lhe outra coisa...

E como elle se calasse, visivelmente embaraçado, D. Emilia atalhou:

— Tambem já sei! E' escusado dizeres mais. Queres casar-te com a filha...

Como Fernando não respondesse, D. Emilia continuou:

— Eu já o tinha adivinhado... ha muito tempo! Já havia muito que eu sabia, meu filho, que tu estavas apaixonado por ella, apesar de m'o não haveres declarado logo... Vejo que agora chegou o momento de se realisarem os teus desejos... Que Deus te abençoe, Fernando! Eu, que não tenho ninguem no mundo a quem queira metade do que te quero a ti, tambem te

abenção do fundo d'alma, esperando que te amem tanto como eu amei a teu pae...

E ao acabar estas palavras, a voz de D. Emilia embargava-se-lhe na garganta, enquanto as lagrimas lhe deslisavam pelas faces.

— Minha mãe! — murmurou Fernando, commovido.

— Não te afflijas! — disse ella. — Não choro de tristeza, e, por isso, creio eu que choro de alegria... Do que tenho pena, é de já não chegar a ver os meus netos...

— Que ideia, minha mãe! Pois então porque não ha-de ver?

— Oh! estou velha! Olha para os meus cabellos brancos, que são propriamente os de uma avó! E, quando a gente chega a este ponto, ha pouco a esperar das coisas da terra. Mas deixemo-nos de tristezas, e vamos ao que importa. Para quando projectas o teu casamento?

— Se fôsse da vontade de minha mãe, eu desejaria que elle se effectuasse o mais brevemente possivel...

— E' quando tu quizeres, Fernando!

E então elle expoz os seus projectos, entrando a desfiar minudencias. Feitos os calculos, talvez d'alli a um mez pudesse realisar-se a cerimonia. Seria o senhor Ignacio quem iria pedir a mão da noiva, visto que era intimo amigo dos Telles da Silveira. E já que a mãe concordava com tudo, elle encarregar-se-hia de lhe fallar, para ver se o negociante teria possibilidade de ir ao Porto no dia immediato.

De accordo com tudo isto, por volta das duas horas da tarde, Fernando Correia entrou no estabelecimento do senhor Ignacio, a fim de lhe dar conta do seu intento. O negociante, que pouco antes havia acabado a refeição principal, estava ainda á meza, a lêr os jornaes. Por tal motivo, recebeu o visitante na sala de jantar — uma sala modesta e simples, com muitas janellas envidraçadas, pelas quaes se avistava, no horizonte, uma paisagem caracterisadamente minhoto, com chaminés a fumar por entre os vinhedos já amarellecidos, e divisando-se, num segundo plano, os perfis dos cerros visinhos, onde por vezes, num ou noutro recorte, se adivinhava nebulosamente uma nesga longinqua de mar.

Fernando sentou-se em uma cadeira de verga, manufactura regional, sobre cujo espaldar, figurava, em grossos caracteres, a inscripção: « Ignacio Coelho ».

Depois de feitos os cumprimentos, alheios a qualquer preocupação ceremoniosa, o senhor Ignacio inquiriu de Fernando qual o motivo da visita que alli o levára:

— Então, senhor doutor: que é que o traz por cá... por esta casa?

E Fernando, sem grandes rodeios, principiou a expor o fim d'aquella visita, fallando na filha do Telles da Silveira, e revelando as suas intenções de casar com ella — revelações que o senhor Ignacio acolhia sorridente, com mostras de sincero comprazimento. E quando Fernando Correia lhe disse que o havia escolhido, como amigo, para elle pedir aos Silveiras a mão

de Maria Josina, o negociante sentiu-se envaidecer progressivamente, porque jamais algum dos seus conterrâneos o havia incumbido de tão alta missão. Esta deferencia dispunha-o magnificamente para com Fernando; e o senhor Ignacio, em tal conjuntura, considerava-se já um intimo amigo d'aquelle a quem, até então, apenas o ligavam umas indefinidas relações de patricios que se vêem frequentemente.

E approvando, com indiscutivel sinceridade, o consorcio de Fernando com a filha do Silveira, o negociante dizia:

— Bravo! Muito bem! Não podia acertar melhor!

E, como homem entendido, accrescentava:

— A mim já me tinha querido parecer que o doutor não casava com outra pequena. E' mulher de uma canna! Olá se é! Alli ha de tudo, amigo doutor! Ha de tudo!

E, descrevendo com o braço direito um arco de circulo, no qual envolvia a villa inteira, exclamava, com os olhos arregalados:

— Olhe que por ahi não ha coisa que se lhe assemelhe! Ha lá mulher que chegue áquella? As que a gente vê são o que o doutor sabe: umas delambidas, que só sabem estar á janella! Gastam um dinheirão em roupas, e nem sequer sabem vestir-se! Emfim, escolheu admiravelmente! Dou-lhe os meus sinceros parabens!...

Fernando, bastante impressionado, não pelo que o senhor Ignacio dissera, mas, sobretudo, pelo que elle quizera dizer, agradecia com umas inclinações de ca-

beça, que o commerciante tomou por applausos, e que o incitaram a proseguir :

— Mas é assim mesmo ! Eu cá não tenho papas na lingua. Bem sabe como eu sou ; o que tenho a dizer, não o mando dizer por ninguem ! O doutor vae ter uma mulher á altura ! E já não era sem tempo ! Um homem nunca deve casar velho. Essas coisas, a fazerem-se, é quanto antes !

— Isso é verdade ! — disse Fernando, que só desejava que tudo se arranjasse com a maxima velocidade.

— Pois, meu amigo : eu, como sabe, não sou para ceremonias ; mas o Telles da Silveira tambem já me conhece, e, por isso, não é preciso que eu use de muitas ceremonias com elle. A meu ver, o essencial nestas questões é que os noivos gostem um do outro. Tudo o mais são cantigas ! A rapariga gosta do senhor, não é verdade ? Pois nesse caso, faça de conta que já está casado . . .

E batendo com a mão no hombro de Fernando, repetia :

— Sim senhor ! Muito bem ! Quando o doutor quiser, é só avisar . . .

Então, Fernando aproveitou a occasião para dizer que havia certa urgencia em se effectivar o casamento, pretextando uns negocios de administração da casa.

— Coisas, coisas . . . eu faço ideia ! — respondeu o negociante — Seja lá o que fôr ! O meu amigo não tem mais do que me dizer quando é que eu devo ir fallar

com os Telles da Silveira... e é negocio arrumado. Que mais quere?

— Nesse caso... se o senhor Ignacio pudesse ir ao Porto depois de amanhã... — insinuou Fernando.

— Porque não? Está combinado. Irei depois de amanhã — disse affectuosamente o senhor Ignacio Coelho.

E, nesta conformidade, os dois amigos assentaram em ir juntos ao Porto, até para que Fernando realizasse no mesmo dia a sua entrada official em casa dos Telles da Silveira.

Despedindo-se do negociante, e reentrando em casa, Fernando relatou a D. Emilia o accordo estabelecido com o senhor Ignacio; e, pouco depois, encerrou-se no seu escriptorio, com a ideia de escrever a Maria Josina. Indubitavelmente, elle tinha muitas coisas para lhe dizer, e principalmente uma que valia por todas ellas: a noticia do seu casamento. Mas conviria dar-lhe conhecimento de tal deliberação, assim por escripto, sem a predispor de outra forma? Não seria melhor e mais conveniente dizer-lhe tudo de viva voz, pessoalmente, a fim de afastar qualquer má impressão que, porventura, pudesse ainda existir? Sem duvida. E, por consequente, o mais acertado seria ir ter com ella, antes de o senhor Ignacio se desempenhar da missão de que ficára incumbido.

Impellido por estas considerações, Fernando dispoz-se a seguir para o Porto no ultimo comboio da tarde, pois era possivel que ainda chegasse a tempo de conversar com Maria Josina no mesmo dia.

Assim o fez. E logo que desembarcou na estação do Porto, entrou para um trem que o conduziu á Avenida da Boavista. Perto da residencia do Telles da Silveira, apeou-se da carruagem, e despediu o cocheiro, quedando-se algum tempo em frente do palacete, sem se resolver a approximar-se d'elle. Entrementes, aconteceu de sahir uma creada dos Silveiras, que já era sua conhecida; e, abeirando-se d'ella, e interrogando-a, Fernando veio a saber que o Telles estava ainda fóra, e que em casa apenas se encontravam D. Maria Telles e a filha. Perguntou á creada, se lhe podia fazer o favor de entregar um bilhete á senhora D. Maria Josina, mas só a ella — accentuou Fernando, ao mesmo tempo que préviamente agradecia a resposta, com duas moedas de prata de cinco tostões.

— O que V. Ex.^a quizer... — disse a rapariga, que não parecia ser tola.

Em virtude do que, Fernando tirou do bolso um cartão de visita, no qual escreveu muito á pressa algumas palavras, e que depois entregou á portadora, fechado num sobrescripto.

— Eu espero a resposta alli... — explicou elle, indicando o passeio fronteiro.

Rapidamente, a creada sumiu-se, com manifesta boa vontade de cumprir o encargo que lhe fôra confiado; e, dentro de uns quinze minutos, reappareceu com a resposta — um pequeno involtorio azul, sem endereço.

Fernando abriu-o febrilmente, e leu o conteudo,

que o deixou inquestionavelmente satisfeito. E, voltando-se para a creada, ajuntou:

—Diga á senhora que sim.

Em seguida, após o desaparecimento da portadora, Fernando enfiou por uma rua transversal da Avenida, e esperou em frente de uma pequena porta de ferro, que dava serventia para o jardim dos Telles da Silveira. Cahia já o lusco fusco. Ao fim de algum tempo, julgou ouvir um ruido que o impressionou: a porta abria-se discretamente, e assomava lá, com visível reserva, um vulto de mulher. Era Maria Josina. Ao approximar-se d'ella, Fernando sentia uma vaga perturbação que não sabia explicar. Parecia-lhe ser a primeira vez que ia fallar com aquella mulher que, aliás, já lhe tinha pertencido. Evendo-o assim deante de si, com todo o aspect' de um inimigo que deseja reconciliar-se, Maria Josina convidou-o a entrar para o jardim, dizendo-lhe que alli dentro podiam estar mais á vontade.

Uma vez ao pé d'ella, deixando se penetrar e subjugar pelo brilho dos seus olhos avelludados, Fernando cobrou animo e apertou-a loucamente contra o peito.

— Maria Josina, minha Maria Josina, como eu te amo! — murmurou elle.

E ella, enternecida por tão doces caricias, não fazia o minimo esforço para se desprender dos braços d'elle. No fim dos primeiros momentos de commoção, em que ambos se convenceram de que já viviam um para o outro, Fernando deu-lhe parte da resolução que tomára, decidida e inabalavel: casar com ella.

E, logo a seguir, os olhos da filha do Silveira embaciaram-se de algumas lagrimas, tão transparentes e crystallinas, que nem se viam a deslizar pelas faces. O coração trasbordava-lhe de felicidade, estava ebrio de alegria.

Vencera! E fitando o amante, envolveu-o num d'estes olhares que só as mulheres muito amorosas sabem exhibir, e que significam o abandono completo de todo o ser.

Depois, Fernando passou a relatar-lhe tudo: que d'alli a dois dias viria o senhor Ignacio pedi-la em casamento; que sua mãe tambem já estava senhora de taes propositos; e que o enlace podia realisar-se, o mais tardar, dentro de um mez.

Entretanto, as sombras da noite tornavam-se a pouco e pouco mais densas, e Maria Josina não queria que, por acaso, viessem a notar em casa a sua falta. A prudencia aconselhava-a a retirar-se. E, separando-se, os dois amantes trocaram um beijo reconfortante e solemne: o beijo do seu consorcio espiritual.

A' face da natureza já podiam considerar-se casados. Os homens é que inventaram outras difficuldades que, por certo, nada aproveitam á felicidade d'aquelles que se amam. Que lhes preste!

XIII

Depois de o senhor Ignacio haver cumprido a delicada e honrosa missão de que Fernando Correia o incumbira, os jornaes do Porto, nas suas curiosas secções a respeito das vicissitudes do que se convencionou chamar «a vida elegante», noticiavam ao publico em geral, que o «bemquisto negociante senhor Ignacio José Coelho pedira em casamento, para o senhor Dr. Fernando Correia, a mão da Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Josina Telles da Silveira, prendada e distincta filha do abastado capitalista senhor Antonio Telles da Silveira».

Os preparativos para a cerimonia, que devia effectuar-se o mais brevemente possivel, conforme os anhelos das principaes partes interessadas, começaram immediatamente, com a lufa-lufa que é peculiar a taes acontecimentos.

Entretanto, a noticia, levada pelos diarios, entrava a correr mundo, com aquella rapidez e barateza que o famoso descobridor da imprensa jamais tivera sonhado. Uma das muitas creaturas que, por casuali-

dade, leu a participação, foi aquelle João Lucio dos Santos, companheiro e amigo de Julio de Moraes, que então estava a gosar uns dias de férias no Porto, em casa da sua antiga patroa da rua do Almada.

Como tinha o habito de se deitar bastante tarde, João Lucio acordava regularmente por volta das onze horas, quando o não despertassem mais cedo. A essa hora, a patroa entrava no quarto que lhe servia de habitação, a fim de lhe entregar, como de costume, o jornal, porque João Lucio experimentava um certo prazer em ler as novidades do dia, estirado na cama, de abdomen para o ar.

No dia em que o jornal publicou a noticia do pedido de casamento da filha do Telles da Silveira, os olhos de João Lucio detiveram-se casualmente sobre ella, e esbogalharam-se desmesuradamente, ao mesmo tempo que as maxillas se lhe escancaravam em proporções não vulgares. E, deixando cahir o jornal sobre a coberta de algodão, exclamou:

— Diabo! Mas esta é aquella que foi amante do Julio! Como arranjará ella a intrujar o marido?

E desferiu uma gargalhada traçoceira, escarnecedora.

Sua patroa, D. Estephania, appareceu seguidamente á porta do quarto, a perguntar-lhe se elle a tinha chamado, e se desejava alguma coisa.

— Não é nada! — respondeu João Lucio — Era eu que estava aqui a lêr uma noticia, pela qual se prova que as mulheres são as creaturas mais felizes deste mundo...

— Porquê? — interrogou D. Estephania com sáfia curiosidade.

— Porque encontram sempre quem as queira... Trata-se de uma sujeita que foi amante de um meu companheiro, e que agora vae casar com outro... — explicou elle.

— Ah! cuidei que fosse outra coisa! — concluiu a patroa, retirando-se, por entender que o assumpto lhe não offerecia interesse.

Mas João Lucio, ficando só, começou a pensar na antiga aventura do seu amigo Julio de Moraes. Havia talvez mais de um anno que com elle não voltara a fallar a proposito da filha do Telles da Silveira; e, por conseguinte, era muito natural que Julio ignorasse a historia dos novos amores de Maria Josina. E mais para dar pasto á curiosidade do velho amigo, do que para o tornar sabedor de um facto que o pudesse interessar, João Lucio deliberou escrever-lhe, a contar o que acabava de lêr. Succedeu, porém, que, depois de se levantar e vestir, foi tratar do almoço, e não mais se recordou de Julio de Moraes, nem da que havia sido sua amante.

Passados alguns dias, João Lucio tornou a deparar com segunda noticia referente á filha do Silveira, vindo então a saber que o «auspicioso enlace» se realisaria no proximo sabbado, na Igreja da Trindade.

— Co'a breca, que não escrevi ao Julio! — ponderou elle.

E accrescentou:

— Vou-lhe escrever hoje mesmo, porque elle de-certo não tem nenhum conhecimento d'isto...

Julio de Moraes estava desfruindo as ferias na sua casa do Douro, alheio a tudo quanto se passava pelo Porto. Com effeito, não tinha lido as noticias res-peitantes ao casamento de Maria Josina, pois costumava percorrer muito por alto os jornaes, limitando-se quasi sempre ás novidades da capital.

Por isso, constituiu para si uma verdadeira surpresa a carta que recebeu de João Lucio, e que lhe foi ter ás mãos, precisamente na occasião em que estava sentado á meza, no principio do jantar.

Como conhecesse a lettra do involucro, abriu-o despreoccupadamente, na supposição de que se tratava de uma missiva sem importancia. Mas deparando, logo nas primeiras linhas, com o nome «Telles da Silveira», devorou com rapidez todo o contendo do escripto, que teve o dom de o pôr em um declarado estado de nervosismo. A seguir, cahiu numa apathia sorumbática, esquecendo-se momentaneamente de tudo quanto se passava em volta de si. Tinha a impressão de que o sangue se lhe escoava do organismo, como uma pessoa a quem tivessem abrido uma arteria. Por todo o corpo lhe corria uma sensação de vagaroso desfazimento, parecendo-lhe que as cellulas se desagregavam umas das outras.

Com os olhos pregados no intempestivo escripto, foi chamado á realidade da vida pelo retinir especial dos talheres, no instante em que as demais pessoas de familia se serviam do primeiro prato. E, por uma

transição mysteriosa, ao pensar que havia alguém, alli perto de si, que poderia notar o desfalecimento que o empolgára, Julio de Moraes sentiu que o sangue lhe alimentava novamente os vasos sanguineos, recomendo uma circulação que se interrompera.

Esta alteração physiologica foi tão rapida, que lhe provocou um mal estar inquietante. As faces afogueavam-se progressivamente, os olhos injectavam-se, e as veias dos temporaes latejavam-lhe com energia; e estes symptomas amedrontaram-no, porque o seu espirito receava o acommettimento de uma congestão cerebral. Tranzido de medo com tal ideia, levantou-se da meza, sem dizer nada, e dirigiu-se para o quarto, a fim de respirar o ar puro que vinha dos montados circumvizinhos. E, cheio de apprehensões sinistras, Julio passava a mão pela testa, como para conter dentro d'ella uma onda que avançava, e que elle queria obrigar a parar.

Uns instantes depois, a serenidade voltava-lhe a pouco e pouco. O ar fresco que respirava, e, sobretudo, a distracção benefica do espirito, ao contemplar as oliveiras verde-escuras que se espalhavam em frente da janella, fizeram com que se acalmasse.

Mas, de fóra do quarto, alguém nesse momento chamava por elle, prevenindo-o de que a comida estava na meza, a arrefecer. E Julio, sem explicar o motivo por que se vira obrigado a interromper o jantar, limitou-se a responder, com modos desabridos, «que deixassem lá estar a comida, que ia já...»

O que ellê, sobretudo, desejava, era que o deixas-

sem sózinho, entregue a um isolamento vivificante. E, então, com os cotovellos apoiados sobre o peitoril da janella, a cabeça entre as mãos, e os olhos fitos no indefinido, entrou a scismar.

Porque razão o affligira tanto a noticia que acabava de receber? Que lhe importava o facto de a filha do Telles da Silveira ter de se desposar d'alli a dois dias, «já no proximo sabbado» — como participava João Lucio?

Nem elle o sabia dizer. Ha coisas que, affectando violentamente o organismo, não podem contudo explicar-se de repente, sem uma vagarosa introspecção, sem um exame consciencioso e reflectido. Os effeitos physiologicos que experimentára, e que haviam sido produzidos pela noticia do casamento de Maria Josina, eram exactamente semelhantes aos de um incommodo vulgar, causado por um inesperado mal estar physico. Porém, os effeitos psychologicos eram tão diversos, que não era possivel fixá-los de repente, por uma só vez, com a mesma facilidade com que uma chapa photographica retém simultaneamente a imagem de todos os objectos que a impressionam.

Que a nova do casamento de Maria Josina o molestára interiormente — sobre isso não restava a menor duvida. Chegára a enraivecê-lo, e a fazê-lo córar de vergonha. Mas porquê? Desejaria elle, porventura, que a filha do Silveira deixasse de effectuar o casamento, apesar de ter sido relegada por elle como um objecto inutil?

Talvez. Aquelle consorcio com um homem que

Julio não conhecia, com outro que não era elle, causava-lhe o mais profundo desgosto, a maior das contrariedades. Só agora, por um retrocesso mental que fazia ao passado, é que Julio apreciava o quanto pôde valer uma mulher que um dia se abandonou.

Desde que criminosamente rompera com a filha do Telles da Silveira, Julio de Moraes não procurára tornar a vê-la, e nem sequer o picára a curiosidade de rebuscar noticias que lhe dissessem respeito. A aventura tivera para elle o character frivolo de uma ligação banal, sem consequencias de maior. Quando ás vezes, muito raramente, se lembrava do «caso», a sua sensibilidade satisfeita não reagia, porque Maria Josina lhe apparecia sempre ao espirito, tal como a conhecera, com um ar de ingenuidade infantil, que não era proprio para fomentar ou reaccender desejos apagados.

A camaradagem com João Lucio tinha creado naquelle homem um typo de libertino, que só se comprazia em aventuras extremamente galantes, nas quaes deviam figurar mulheres de uma moralidade muito doentia, e de uma apparencia desalinhada. E Maria Josina não era nada d'isso.

Aconteceu, porém, que, um dia, passando pelo Porto, Julio de Moraes lobrigou ao longe um individuo que lhe pareceu ser o Telles da Silveira, acompanhado de uma senhora de esbelta estatura. Affirmando-se bem, Julio cuidou ver na companheira do Telles aquella que, uns mezes antes, fôra sua amante. E quando averiguou, sem rasto de duvida, que não era outra

senão ella propria, Julio de Moraes, ao observá-la assim, elegante e tentadora, muito mais desenvolvida do que nos tempos em que a conhecera —quasi se arrependeu do disparate que fizera, sentindo-se arreliado por não descobrir um meio de reatar as suas relações com Maria Josina. Voltar, porém, atraz, depois do que se tinha passado, era quasi um impossivel. E, por isso, como homem que nada póde esperar do irremediavel, desistiu resignadamente de qualquer intento naquelle sentido, e, a breve trecho, olvidou por completo o incidente.

Mas a carta de João Lucio, noticiando-lhe o proximo casamento de Maria Josina, fez despertar em si uma sensualidade adormecida, e um ciume desesperador. E, enquanto fitava a paisagem sombria que se desenrolava no horizonte, Julio de Moraes arrepe-lava-se todo, acrimoniando-se por não ter recommçado as suas relações com os Silveiras, e, sobretudo, com Maria Josina, naquelle dia em que por acaso os encontrára no Porto.

De repente, veio-lhe á mente uma ideia salvadora. Quedou-se algum tempo a cogitar sobre ella, como se pezassem os prós e os contras de um arrojado plano.

— Pois seja! — disse afinal. E, com gesto decidido, accrescentou, monologando comsigo mesmo:

— Veremos o que isso dará!

E, lembrando-se de que ainda não tinha jantado, desceu á sala, para terminar a refeição interrompida.

XIV

No dia seguinte, pela manhã, Julio de Moraes aguardava, na estação da Regoa, o primeiro comboio que se dirigia ao Porto. Quando se accommodou dentro de um compartimento de primeira classe, acantou-se a um lado, e alli ficou, mergulhado em profunda reflexão.

O dia, tristonho e nublado, concorria para lhe abeberar a alma numa atmosphera de vaporosa tristeza, que se lhe traduzia no aspecto taciturno. A's vezes, para se distrahir, Julio olhava, pela janella, para as arvores contiguas ao talude da linha ferrea, que lhe davam a illusão de fugirem como desesperadas e espavoridas, com os seus longos braços distendidos, a ramalharem ao vento.

A viagem proseguia monotona e lenta, apenas entrecortada pelo ruido, que se ouvia nas paragens das estações, do abrir e fechar das portinholas.

Ao desembarcar no Porto, Julio enveredou logo para a rua do Almada, e entrou acceleradamente na casa em que residia João Lucio dos Santos. No cimo

da escada do segundo andar, bateu palmas, para chamar alguém: e uns instantes depois, apparecia D. Estephania, a quem Julio perguntou abruptamente por João Lucio.

— O senhor João Lucio não está! — respondeu a encorpada senhora, cujos seios esboroados lhe cahiam como alforges sobre a cintura disforme, livre de espartilho.

Perante uma tal resposta, Julio ficou desapontado, surpreso; e, como D. Estephania lhe notasse a contrariedade, accrescentou:

— O senhor deseja muito fallar com elle?

— Desejo, minha senhora...

— Pois elle deve estar alli numa casa vizinha. Deixe que eu vou mandá-lo chamar...

E, indicando ao visitante uma pequena saleta, a patroa de João Lucio retirou-se, para executar o que promettera.

De facto, João Lucio não tardou muito a apparecer; e, ao encontrarem-se, os dois amigos cahiram nos braços de um e de outro, com demonstrações de sincera intimidade.

— Oh! meu velho! que é que te trouxe por cá? — perguntou Lucio — Eu escrevi-te ante-hontem! Não recebeste a carta?

— Recebi — confirmou Julio.

— E então?

— Então... olha! Vim exactamente por causa d'isso...

— Ha novidade? — inquiriu João Lucio, com manifesto espanto.

— Trata-se de uma coisa muito simples... — respondeu Julio. — Quero, por todos os meios, impedir o casamento da filha do Telles da Silveira. Ah! tens!

— Homem! Se isso é, como dizes, muito simples, não ha motivo para te incommodares...

— Simples... é força de expressão... Porque, a verdade é que não sei como hei-de conseguir o que desejo...

— Isso é outro fallar! — disse João Lucio, coçando o reverso da orelha esquerda. — Mas, emfim, vamos lá a vêr... E' melhor irmos para o meu quarto, que estaremos mais á vontade. Anda d'ahi!

Uma vez dentro dos seus aposentos, João Lucio offereceu uma cadeira ao amigo, sentou-se elle proprio sobre a colcha da cama, e iniciou a conversa:

— Mas como, demonio! é que tu pretendes obstar ao casamento da filha do Silveira, se, como creio, nunca mais fallaste para ella, depois d'aquella scena? Que interesse buscas tu com isso, ou, por outra, que fim queres tu obter?

— O meu fim é o seguinte: impedir o casamento projectado, porque desejo eu casar com ella! — explicou Julio.

— Por essa é que eu não esperava! — objectou o outro. — Pois então não tencionavas casar com a tua prima?

— Em tempos... fiz essas tenções. Mas agora, meu caro, permite-me que ponhamos isso de parte...

Em tudo e por tudo... prefiro Maria Josina... — replicou Julio muito decidido.

— Basta! Não é preciso mais! Queres casar com a filha do Silveira, e está dito! O peor é que não percebo muito bem como é que hoje, na vespera do annuciado casamento, se poderá descobrir um meio de o escangalhar... Palavra... que não attingo o teu plano... visto que já deves ter algum...

— Tenho! — asseverou Julio — E o plano é de facil comprehensão. Como sabes, cheguei a ter com a filha do Silveira uma intimidade que te não occultei...

— Sim... adeante...

— Ora tu deves calcular que o individuo que vae casar com ella desconhece, por certo, tal accidente...

— Compreendo: a rapariga é capaz de querer impingir-lhe a honestidade toda...

— Exactamente! E, sendo assim, tudo está em enganar o sujeito. Procuro-o, fallo com elle, e digo-lhe, cara a cara: «Essa mulher com quem o senhor intenta casar, já me pertenceu; fui eu quem obtive d'ella aquillo que o senhor já não póde obter. Portanto, querem illudi-lo, e certamente a sua dignidade não consentirá... etc... etc...»

— Ora adeus! — exclamou João Lucio — Mas isso é uma redonda tolice!

— Porquê? — objectou ansiosamente Julio de Moraes.

— Porque, em primeiro lugar, o cavalheiro, provavelmente, não te acreditaria; e, em segundo lugar, é tambem possivel que a rapariga lhe tenha contado os

antercedentes. Ora, em qualquer das hypotheses... lá se vae o teu plano pela agua abaixo...

— Pois bem! Se assim fôr, armarei um escandalo, e o homem ou ella... hão-de retroceder...

— Tu estás doido, Julio! Tu não estás bom!—observou João Lucio, admirado da attitude do seu amigo.

— Qual doido nem meio doido!—respondeu Julio, um tanto irritado — Venho procurar-te, e tu, em vez de me auxiliares, desanimas-me. Quem te garante a ti que o meu plano não dá resultado? Quem?

— Está bem, homem! Não te exaltes, que não vale a pena! Eu fiz-te umas reflexões, que naturalmente me acudiram. Mas isso não quer dizer que me opponha absolutamente ao que projectas fazer. Que sejas feliz... é o que eu estimo. E no que te puder ser util... já sabes que estou ás tuas ordens...

— Nesse caso, quero que me prestes todos os esclarecimentos: quem é o noivo, e onde mora. O resto fica por minha conta.

— Espera! — respondeu João Lucio, rebuscando sobre a meza—Aqui está o jornal onde li a noticia, e é tudo quando sei... O noivo é um tal Dr. Correia. Mas lê isso... e já ficas a saber tanto como eu...

E Julio de Moraes, tomando o jornal, leu avidamente a noticia que João Lucio lhe indicou.

— Mas afinal... não sei onde é que hei-de encontrar este homem!—exclamou Julio, verdadeiramente contrariado.

— Ah! Lá isso é verdade! Amanhã, encontrá-lo-hias facilmente, ao entrar para a igreja... Mas hoje...

— Pois hoje é que eu tenho de fallar com elle! — replicou Julio, com excessiva rispidez.

João Lucio ficou uns instantes meditativo, á procura de uma solução. E, por fim, com ar victorioso, expoz um parecer:

— Escuta! Creio que tenho uma ideia! Manda-se um portador a casa do Telles da Silveira, a perguntar se lá está o tal doutor Correia. Não estando, é natural que digam onde é que elle se encontra. E depois... procederás como entenderes.

— Não dizes mal... — obtemperou Julio — Vem d'ahi commigo, e ajudar-me-has no que fôr preciso...

— Vamos lá! — respondeu João Lucio, pegando do chapéu.

E, immediatamente, os dois amigos sahiram, encaminhando-se para a Avenida da Boavista. Durante o tracto, entraram a discutir o assumpto, convencendo-se que fosse o proprio João Lucio quem pessoalmente dêsse execução ao plano que suggerira.

Perto da residencia dos Silveiras, João Lucio separou-se do amigo, a fim de se desempenhar do encargo que voluntariamente tomára, enquanto Julio passeava nervosamente a certa distancia.

Uma creada acudiu ao toque da campainha. João Lucio interrogou-a:

— Faça favor de me dizer se cá estará o snr. Dr. Correia...?

— Está, sim, senhor!

— Queira dizer-lhe que está aqui uma pessoa que deseja conversar com elle...

— Não pôde dizer quem é? — inquiriu a creada.

— E' um sujeito que elle não conhece, mas que tem muito interesse em lhe fallar. Diga-lhe que é questão de um momento. Apenas duas palavras...

A creada retirou-se. E João Lucio, um tanto apprehensivo, estudava rapidamente a forma de se sahir, o melhor possivel, d'aquella situação algo embaraçosa.

— Ora adeus! o que tenho a dizer-lhe é bem facil! — murmurou consigo mesmo, ao mesmo tempo que contemplava os metaes muito reluzentos das portas e os vasos com plantas, que ornamentavam o atrio.

Pouco depois, ouviu o ruido de uma porta interior; e, num instante, appareceu junto de si um individuo de figura sympathica, com maneiras muito distinctas.

— E' V. Ex.^a quem deseja fallar-me? — inquiriu o recém-chegado.

— O snr. Dr. Correia? — perguntou por sua vez João Lucio.

— Eu mesmo! — confirmou aquelle. E, ceremoniosamente, acrescentou: — Se quere, tenha a bondade de entrar...

João Lucio, sensivelmente penhorado pela gentileza do convite, esboçou um grande gesto, e respondeu:

— Agradeço a V. Ex.^a, mas o que tenho a dizer-lhe é tão pouco que o digo mesmo aqui.

E, muito sereno, proseguiu:

— Até não sou eu quem propriamente lhe deseja fallar; mas ha uma pessoa que, apesar de o não conhecer, tem o maximo empenho em avistar-se hoje

com V. Ex.^a, e que foi quem me pediu para eu vir saber se V. Ex.^a estaria nesta casa. Essa pessoa é um meu amigo, que pretende conversar com V. Ex.^a a respeito de uns negocios quaesquer, e, se não veio aqui pessoalmente, foi por não ter a certeza de o encontrar. Se o senhor doutor quizer fazer-lhe a fineza de o attender, poderia marcar-lhe uma entrevista para hoje, em qualquer parte onde seja mais conveniente. Eu encarregar-me-hei de lhe transmittir a resposta.

— Não sei de que se trata... — respondeu Fernando Correia — mas, visto que esse seu amigo deseja fallar-me com urgencia, poderá procurar-me dentro de duas horas.

E, sendo-lhe perguntado se a entrevista seria mesmo alli, em casa dos Silveiras, Fernando hesitou um momento, e respondeu:

— Não!

E indicou o hotel em que estava hospedado.

Como João Lucio permanecesse silencioso, Fernando Correia, muito correcto, inquiriu:

— Deseja mais alguma coisa?

— Mais nada. Muito obrigado! Queira V. Ex.^a desculpar.

— Pois então, se me dá licença...

E, attenciosamente, com um ligeiro cumprimento de cabeça, Fernando Correia despediu-se de João Lucio, que se curvou, por sua vez, muito reconhecido, e que incontinentemente foi ter com o seu amigo Julio de Moraes.

Ao chegar perto d'este, declarou-lhe sorridente:

—Dito e feito! Hoje mesmo podes estar com o homem...

—Fallaste com elle? — perguntou Julio.

—Em propria pessoa... que, por signal, não é nada desagradavel.

E João Lucio referiu então a Julio a scena que acabava de se desenrolar, no atrio do palacete do Telles da Silveira.

XV

Quando Fernando Correia recolheu ao Hotel, em que ia passar a ultima noite de solteiro, já nem sequer se lembrava do individuo que o havia procurado em casa dos Silveiras, a sollicitar-lhe uma entrevista. E só no momento em que um creado lhe foi dar parte de que estava alli um sujeito que perguntava por elle, é que Fernando se recordou d'aquelle incidente, a que, de verdade, não attribuiria a mais pequena importancia.

— Diz que é um individuo a quem V. Ex.^a prometteu fallar aqui no Hotel... — explicou o creado, numa postura reverenciosa.

— Mande entrar para o salão, que eu irei em seguida... — redarguiu Fernando.

E como tencionava ainda sair um pouco, e visto que se não tratava, á evidencia, de uma visita de cerimonia, Fernando Correia, para não ter de voltar ao quarto, tomou o chapéu, a bengala e as luvas, dirigindo-se logo para o salão.

Julio de Moraes, ao avistar aquelle individuo que

entrava, e o fitava de frente, presumiu logo a verdadeira identidade de Fernando Correia; e, pondo-se em pé, saudou-o com grande cortezia.

— Foi V. Ex.^a quem me fez procurar hoje em casa do senhor Telles da Silveira, por intermedio de um seu amigo? — perguntou Fernando, correspondendo simultaneamente ao cumprimento.

— Exactamente. . . — murmurou Julio.

— Estou ás suas ordens! — replicou Fernando.

E, na boa disposição em que estava de attender o desconhecido, talvez influenciado pela magnifica apresentação d'este, sentou-se numa poltrona da sala do Hotel, indicando ao visitante o sofá contiguo.

Julio de Moraes sentia-se um tanto nervoso; mas, animado a sahir da conjunctura em que por sua propria vontade se metterá, e disposto a ir até o fim, iniciou o dialogo:

— Antes de mais nada — disse elle — eu teria obrigação de declinar o meu nome, pois que V. Ex.^a até poderia ter-se recusado a receber-me, sem que eu previamente cumprisse essa formalidade, de cuja falta lhe peço desculpa. . .

Fernando delineou um gesto, e Julio de Moraes continuou:

— Mas a verdade é que tal formalidade não era precisa para o assumpto que desejava tratar com V. Ex.^a. Basta que V. Ex.^a esteja disposto a ouvir-me, com a maxima serenidade possivel, porque brevemente comprehenderá tudo. . .

— Não estará o senhor equivocado? Será de facto

commigo que pretende tratar d'esse tal assumpto, para o qual alludiu, creio eu, á minha serenidade? — observou Fernando, extranhando tão longo e mysterioso exordio.

— E' precisamente com V. Ex.^a, senhor dr. Fernando Correia! — asseverou Julio.

Fernando não pôde conter novo gesto, indicador de uma certa impaciencia. Por seu turno, o exquisito interlocutor proseguia:

— E se eu alludi a serenidade, é porque o caso de que lhe venho fallar reveste uma tal ou qual importancia, visto que diz respeito a negocios muito particulares... meus e de V. Ex.^a...

— Não comprehendo nada! Espero que me ponha immediatamente ao corrente do assumpto... insistiu Fernando.

— Immediatamente, senhor dr.! Para coisas como estas, o melhor é fallar sem grandes rodeios. E como aqui, nesta sala, se não encontra ninguem, creio que poderemos conversar sem inconvenientes... — disse Julio, relanceando a vista em redor.

Fernando Correia, naquelle momento, julgou ter na sua frente um espirito desequilibrado. Mas esta ideia não se coadunava com a circumstancia de aquella entrevista haver sido pedida por outro individuo que, positivamente, não era um doido.

Por isso, limitou-se a dizer, com o semblante inquieto:

— Queira fazer o favor de explicar-se, porque

está a fazer-me suppor que se trata de alguma coisa grave...

— Grave, não!—contestou Julio de Moraes, a fim de desfazer as más impressões resultantes do seu estirado preambulo—Trata-se do casamento de V. Ex.^a com a senhora D. Maria Josina, filha do Snr. Antonio Telles da Silveira...

Fernando, ao ouvir esta phrase que o desorientou por completo, respondeu com visivel irritação:

—Mas não vejo que interesse póde ligar V. Ex.^a a esse acto da minha vida...

E Julio, comprehendendo que já se não podia deter, entrou decididamente no assumpto:

—Vou explicar-lh'o, senhor Dr. Correia. Soube, por acaso, que o casamento de V. Ex.^a devia realisar-se amanhã. Ora, em antes de elle se effectuar, eu julguei do meu dever vir dar a V. Ex.^a uma explicação, baseado num direito de que não quero abdicar. Esse direito—acrescentou pausadamente—ao qual o cavalheirismo de V. Ex.^a se não opporá, desde que conheça os verdadeiros fundamentos d'elle, é a minha... como direi?... a minha preferencia á mão da snr.^a D. Maria Josina...

Fernando Correia, immensamente contrariado e aborrecido, esteve quasi a ponto de se levantar para não dar mais ouvidos a um homem que não conhecia, e que agora, mais do que nunca, mostrava não estar no exercicio normal das suas faculdades mentaes. Contudo, mordido por uma curiosidade crescente, ansioso por conhecer as revelações, quiçá interessantes, que lhe

iam ser feitas, resolveu-se a não despedir o interlocutor, sem ficar inteirado de tudo quanto este lhe poderia relatar. Apesar d'isso, com o fim de manter aparentemente a propria dignidade, observou com certa ironia :

— Acho extranho que o senhor venha tratar essas coisas commigo! Parece que seria melhor ter procurado expor as suas razões á snr.^a D. Maria Josina Telles da Silveira...

Julio, attingindo o alcance d'estas palavras, não se desconcertou:

— Não é de todo descabida essa observação, snr. Dr. Correia. Mas, dadas as circumstancias que acompanham o nosso caso, era com V. Ex.^a que eu deveria fallar...

Tal resposta, que não tinha nada de tola, conseguiu perturbar um pouco a attitudo de Fernando que não deixou de fazer uma pergunta ao desconhecido:

— Provavelmente... o senhor quiere dizer que já cortejou a snr.^a D. Maria Josina, antes de eu a conhecer. E' nisso que baseia o direito a que alludiu?

Julio de Moraes quedou-se, durante uns segundos, silencioso, buscando em si proprio coragem para proseguir. Depois, fitando bem o seu adversario, continuou brandamente, com o proposito de o não irritar:

— Mais do que isso, senhor doutor Correia! muito mais do que isso, pois que, se assim não fosse, não lhe fallaria em direitos... Não só cortejei essa senhora, como tambem...

— Como também... — interrompeu Fernando, numa entoação furiosa.

— Tranquillisc-se, senhor doutor... Eu já suspeitava que V. Ex.^a ignorava tudo... Por certo que não exige que eu lhe diga o resto... — murmurou Julio.

Neste momento, Fernando ergueu-se precipitadamente da poltrona; e, com as pernas a tremer, num accesso de raiva, que por pouco o não fazia espumar, recuou alguns passos, como a fera que prepara o salto para atacar a preza, dominado pelo instinto brutal de se atirar áquelle homem, que alli viera para o insultar no mais delicado dos seus sentimentos.

Mas a porta do salão estava aberta de par em par; alli fóra, muito perto, ouvia-se o rumor de outros hospedes que fallavam e riam, e no vestibulo encontravam-se, como de costume, os creados agaloados que iam presenciar tudo. O escandalo, a publicidade d'aquella scena bem nojenta, iam com certeza prejudicá-lo, envergonhá-lo. Conteve-se. E, com os labios tremulos, distinguindo quasi o ranger irado da sua dentadura branca, murmurou com voz abafada:

— O que o senhor acaba de me dizer, é uma infamia sem nome! E se não acontecesse de estarmos aqui na sala de um hotel, creia que levaria uma resposta condigna...

— Perdão! V. Ex.^a precipita-se! — acudiu Julio de Moraes, com o intuito de guiar as coisas por bom caminho — Eu não vim aqui para o offender, mas apenas para o pôr ao corrente de uma situação que

V. Ex.^a ignorava; e tanto assim, que estou prompto a fornecer-lhe todas as provas. Não! O que eu disse não é uma infamia! E' a pura expressão da verdade!

Um pouco mais calmo, num d'estes estados de falsa tranquillidade que se succedem ás grandes excitações nervosas, Fernando Correia sentia cada vez mais constranger-se-lhe o peito, como se estivessem a arroxá-lo com uma corda. Sem forças para sahir d'alli para fóra, amordaçado por uma suprema dôr moral que o extenuava, deixou-se novamente cahir sobre a poltrona, com a cabeça entre as mãos.

E vendo-o prostrado, aproveitando cobardemente a fraqueza momentanea do seu rival, Julio de Moraes deu-se pressa em continuar:

— Não! Eu não queria offendê-lo, snr. Dr. Correia... Eu queria apenas expôr-lhe a verdade, toda a verdade! E se esta é, neste momento, dolorosa para V. Ex.^a, acredite que mais dolorosa seria ainda, se eu o não viesse prevenir. Somos dois homens; e, como taes, devemos entendermo-nos. E' possivel, é até muito provavel, que V. Ex.^a dedique á senhora D. Maria Josina um affecto profundo, porisso que a destinava para companheira de toda a sua vida. Mas eu devo ter por ella uma affeição muito maior, porque traz grandes raizes do passado, porque tenho sobre ella direitos que V. Ex.^a ainda não tem... E esse passado, eu estou disposto a redimi-lo, sanando tudo, fazendo reviver um fogo que não póde estar extinto... Pelo que lhe toca, V. Ex.^a é digno de outra mulher... de outra... que lhe possa dar aquillo de

que esta é incapaz. Procedendo assim... ficaremos ambos de bem com a nossa consciencia, e, sobretudo, — o que ainda é talvez mais importante — com a nossa sensibilidade de homens...

Calou-se. Não sabia que mais haveria de dizer. E, olhando para Fernando Correia, que continuava immovel, Julio de Moraes teve um estremecimento de alegria, porque lhe pareceu que aquella attitude silenciosa era a annuencia ás suas palavras, o triumpho do seu plano.

Volvidos, porém, uns momentos, Fernando ergueu a cabeça, encarou em Julio de Moraes, e, muito quebrantado, como se fallasse a um amigo, principiou a responder-lhe:

— Muito obrigado! Compreendo que o senhor, vindo aqui procurar-me, trazia a melhor das intenções: elucidar-me. Estou elucidado. Mas devo dizer-lhe que já o estava, em antes de o senhor apparecer aqui. Essa mulher, cujo nome até quero omitir, por causa do muito respeito que lhe consagro, revelou-me mais e melhor do que tudo quanto o senhor acaba de me declarar. Fez mais do que isso! Offerceu-me toda a sua vida, chorando, no meu regaço, lagrimas que o senhor era incapaz de comprehender...

E, levantando-se, continuou com certa energia:

— Mas a verdade é que eu não preciso de lhe dar satisfações dos meus actos! Entre mim e essa senhora de quem fallou... o senhor não passa de um intruso, que mais uma vez tentou perturbar a felicidade dos outros... A sua intervenção foi inutil... As suas

observações foram descabidas... Depois do seu covarde procedimento, essa mulher, a quem se referiu, e que amanhã será minha esposa, continuará a desprezá-lo como o tem desprezado até hoje, como se despreza o gatuno que nos rouba a bolsa mas nos deixa ficar muito mais e melhor do que a bolsa; como se despreza o bandido, que nos quer aggreirir á navalha, mas que apenas consegue cortar ao de leve a roupa... Enfim, o desprezo d'ella será o seu castigo; e o que eu neste momento sinto por si... é a minha resposta...

E num gesto altivo, sem dizer mais uma palavra, sem esboçar a sombra de um cumprimento, Fernando Correia virou as costas a Julio de Moraes, deixando-o meio atordoado na sala do Hotel.

Cá fóra, no pateo da entrada, e muito repousado em uma cadeira de espaldar de couro, João Lucio aguardava o amigo, extranhando já a demora da conferencia.

Quando Julio chegou ao pé d'elle, com a cara afogueada, como se lh'a tivessem cortado a chicote, murmurou apenas:

— Vamos!

E sahiram.

Na rua, aparentemente distrahidos pelo movimento dos electricos e dos transeuntes, que marchavam sobre os passeios, em frente ás vitrinas illuminadas, os dois parceiros caminharão algum tempo silenciosos, como se nada de importante se houvesse passado. Até que em fim, ardendo em curiosidade, João Lucio arriscou uma pergunta.

— Então... que arranjaste?

Ao que Julio de Moraes, entre desesperado e confuso, respondeu com uma obscenidade.

— Eu bem t'o dizia...—ponderou João Lucio, flegmaticamente...—Eu bem t'o dizia!

E, no dia seguinte, pela manhã cedo, logo no primeiro comboio, Julio de Moraes regressava á sua terra do Douro, deixando o Porto, como se o envenenasse a atmospherá que alli respirava.

*

Poucas horas depois, na igreja da Trindade, Padre Raphael, intensamente commovido, abençoava do intimo d'alma o consorcio de Maria Josina e Fernando Correia, convencido de que tal acto era um dos mais felizes de toda a sua vida religiosa.

Ao entardecer, os noivos seguiram para a provincia, na companhia de D. Emilia Correia e do senhor Ignacio José Coelho.

E quando, á noite, dentro das paredes côr de rosa da camara nupcial, Fernando Correia contemplava Maria Josina, parecia-lhe que nunca ella fôra tão linda a seus olhos, e que jamais homem algum possuirá tão completa e profundamente uma existencia de mulher...

Barcellos, 12 de Janeiro de 1918.

ERRATAS

Pag. 77, l. 22, onde se lê: conhecimento que, leia-se: conhecimento de que.

Pag. 144, l. 19, onde se lê: conseguiu apenas esboçar, leia-se: conseguiu esboçar.

Outras que escaparam, em virtude de o auctor não ter feito a revisão das provas de folha, serão corrigidas pelo indulgente leitor.



biblioteca
municipal
barcelos



4915

Horra de mulher